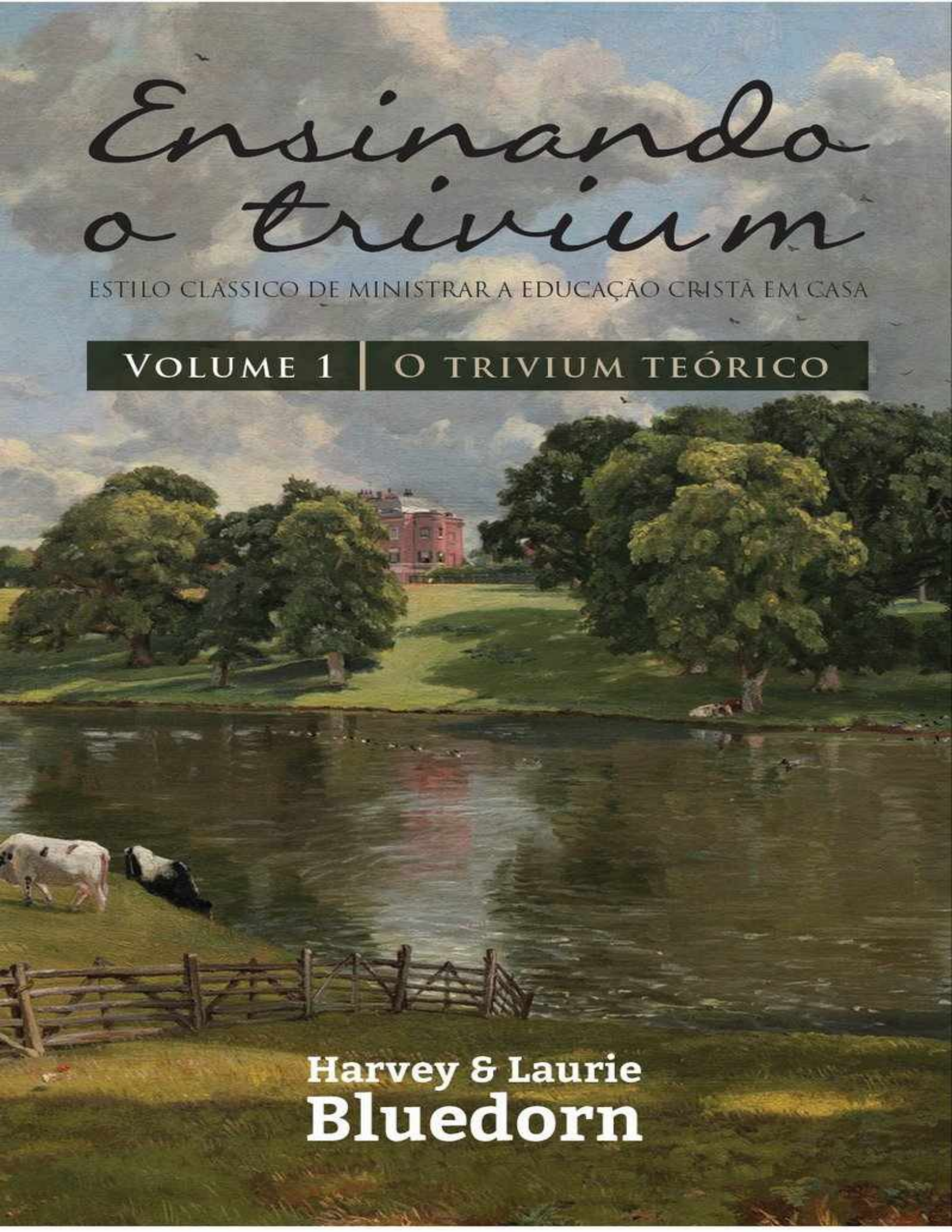
Ensinando o trivium

ESTILO CLÁSSICO DE MINISTRAR A EDUCAÇÃO CRISTÃ EM CASA

VOLUME 1 | O TRIVIUM TEÓRICO

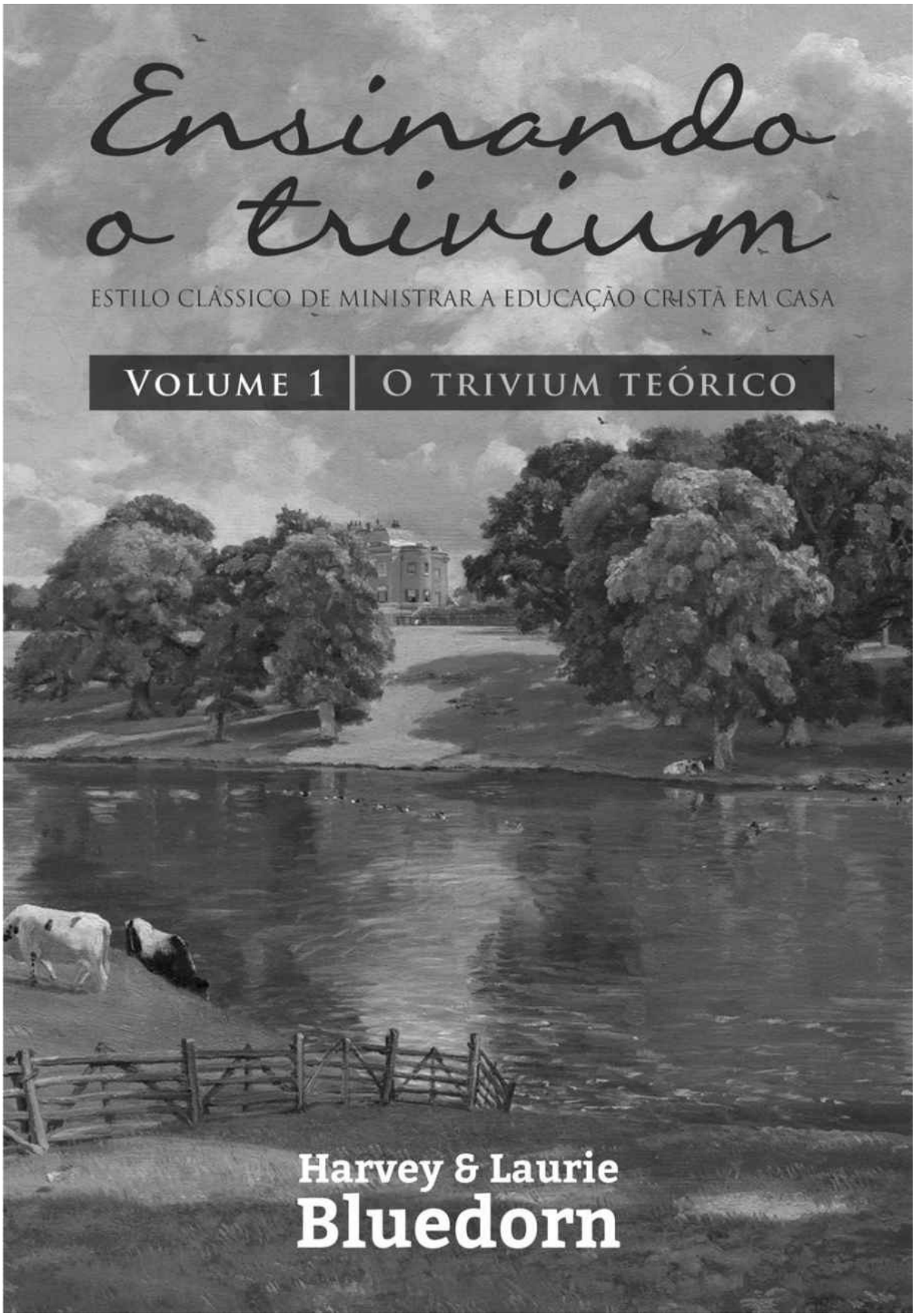


Harvey & Laurie
Bluedorn

Ensinando o trivium

ESTILO CLÁSSICO DE MINISTRAR A EDUCAÇÃO CRISTÃ EM CASA

VOLUME 1 | O TRIVIUM TEÓRICO



Harvey & Laurie
Bluedorn


SOLA SCRIPTURA • SOLA GRATIA • SOLA FIDE • SOLUS CHRISTUS • SOLI DEO GLORIA •

Ensinando o trivium

ESTILO CLÁSSICO DE MINISTRAR A EDUCAÇÃO CRISTÃ EM CASA

VOLUME 1 | O TRIVIUM TEÓRICO

Harvey & Laurie Bluedorn

EDITORA MONERGISMO
BRASÍLIA, DF

Copyright © 2001, de Harvey and Laurie Bluedorn
Publicado originalmente em inglês sob o título
Teaching the Trivium
pela Crossway Books – um ministério de publicações Good News Publishers
Wheaton, Illinois, 60187, EUA

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por

EDITORA MONERGISMO
Centro Empresarial Parque Brasília, Sala 23 SE
Brasília, DF, Brasil – CEP 70.610-410
www.editoramonergismo.com.br

1ª edição, 2016

Tradução: *William Bottazzini*
Revisão: *Rogério Portella, Leonardo Galdino e Felipe Sabino de Araújo Neto*
Capa: *Márcio Santana Sobrinho*
Projeto gráfico: *Marcos R. N. Jundurian*
Adaptação para e-book: *Felipe Marques*

PROIBIDA A REPRODUÇÃO POR QUAISQUER MEIOS,
SALVO EM BREVES CITAÇÕES, COM INDICAÇÃO DA FONTE.

Todas as citações bíblicas foram extraídas da
Versão *Almeida Revista e Atualizada* (ARA), salvo indicação em contrário.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bluedorn, Harvey; Bluedorn Laurie

Ensinando o trivium; Estilo clássico de ministrar a educação cristã em casa / Harvey Bluedorn e Laurie Bluedorn, tradução William Bottazzini – Brasília, DF: Editora Monergismo, 2016.

Recurso eletrônico (ePub)

Título original: *Teaching the Trivium; Christian Homeschooling in a Classical Style*

ISBN 978-85-69980-19-3

1. Educação clássica. 2. Educação – cristianismo. 3. Educação em casa – aspectos religiosos – cristianismo. I. Título.

CDD: 248

Sumário

Prefácio dos autores

1. A transformação da educação clássica: uma visão bíblica do ensino doméstico
   - SAINDO DO MODELO
   - QUE É EDUCAÇÃO CLÁSSICA?
     - Humanismo clássico
     - Um modelo e um método clássicos
     - Limites cristãos aos usos clássicos
     - Que queremos dizer com "clássico"
   - TRANSFORMAÇÃO DE DENTRO PARA FORA
     - Os passos da transformação
     - A opinião das Escrituras sobre a educação clássica grega
     - Características do modelo bíblico de educação
       1. Toda educação verdadeira deve começar com a Revelação divina.
       2. Somente à família, no lar, é dada jurisdição sobre a educação dos filhos
       3. A educação deve preparar integralmente as crianças para a vida adulta
       4. O objetivo final da educação é a santidade – a separação para Deus, para seu serviço
     - Por que seguir o modelo e o método clássicos?
   - NÃO TENTE ISTO EM CASA
   - A ORGANIZAÇÃO DESTE LIVRO

2. Quem deveria controlar a educação: os pais ou o Estado?
   - INTRODUÇÃO
     - O primeiro e grande mandamento
     - O mandamento todo
   - EXPOSIÇÃO DE DEUTERONÔMIO 6.4-9
     - O mandamento da unidade
     - O mandamento da educação
     - O método de educação
   - AS IMPLICAÇÕES DO MANDAMENTO PARA A FAMÍLIA
   - AS IMPLICAÇÕES MAIS AMPLAS DO MANDAMENTO
   - RESUMO E CONCLUSÃO

3. Pais cristãos devem preferir a escola regular?
   - INTRODUÇÃO
     - A ordem bíblica

Por que não a escola clássica?
DEZ PROBLEMAS COM AS ESCOLAS REGULARES
1. Escolas regulares criam vínculos que podem facilmente se sobrepor e opor aos vínculos de autoridade e afeição.
2. Escolas regulares podem criar uma atmosfera de rivalidade ímpia em vez de desafio piedoso.
3. As escolas regulares criam um intercâmbio cultural fora do controle dos pais, estabelecendo valores que podem entrar em conflito com os dos pais
4. As escolas regulares podem ser academicamente inferiores em muitos casos apenas por causa da ineficiência no ensino de material idêntico à multiplicidade de crianças em diferentes níveis de aprendizado
5. A separação por idade das escolas regulares encoraja a formação de grupos como forma adequada de se posicionar na sociedade
6. A mistura de sexos nas escolas regulares pode criar situações inapropriadas
7. O tempo na escola e fora de casa, outras atividades depois da escola e fora de casa e tarefas trazidas para casa da escola: tudo isso leva a ordem e o comprometimento para a escola ao mesmo tempo em que afasta os filhos da família
8. Há um contraste inerente entre 1) o modelo de discipulado por meio do tutor e 2) o modelo de ensino da sala de aula
9. Quando a aprendizagem é separada de forma artificial da vida real, muitas coisas ficam sem ser aprendidas, criando um vácuo de coisas que precisam ser aprendidas pelo exemplo cotidiano
10. Recursos são consumidos de modo imprudente
Os problemas com as escolas regulares — conclusão
AS VANTAGENS DO ENSINO DOMÉSTICO
ALGUMAS PERGUNTAS
Os pais podem lidar com a educação clássica?
Por quanto tempo praticar o ensino doméstico?
Nosso filho não quer aprender por meio do ensino doméstico
E quanto às emergências?
E o filho único?
RESUMO E CONCLUSÃO
ALGUMAS PALAVRAS FINAIS

4. Que é o trivium?
INTRODUÇÃO
O TRIVIUM CLÁSSICO
O TRIVIUM APLICADO
O modelo do trivium do desenvolvimento educacional infantil
O método do trivium para o ensino das matérias
O TRIVIUM DA ESCRITURA
Analogia entre o trivium e uma construção: fundação, estrutura e uso
Analogia do trivium com computadores: entrada de dados, processamento, saída de

dados
O desenvolvimento do conhecimento, do entendimento e da sabedoria
A terminologia do trivium
A EDUCAÇÃO MODERNA É DEFICIENTE
Harvard, 1643
Três observações sobre a educação moderna
1. Trivialidades, não o trivium
2. Interrupção do processo de aprendizado
3. Educação regressiva
A educação baseada no trivium versus a educação baseada no resultado
TODO O TRIVIUM EM UMA CÁPSULA
O quadro geral
O primeiro nível do conhecimento (ou etapa da gramática)
O nível do conhecimento (ou etapa da gramática)
O nível do entendimento (ou etapa lógica)
O nível de sabedoria (ou etapa retórica)
O nível final de conclusão (ou etapa)
Resumo
PERGUNTA
Como uma vítima da escola pública pode consertar as coisas?

5. Ensino de línguas
UM ARGUMENTO PARA O ENSINO DE LÍNGUAS CLÁSSICAS
Por que estudar outras línguas?
Os cristãos devem fazer algumas considerações importantes
Mais argumentos para o estudo do grego
Mais argumentos para o estudo do hebraico
Mais argumentos para o estudo do latim
Pontuações do SAT para alunos que estudam idiomas
PRINCÍPIOS PARA O APRENDIZADO DE IDIOMAS
Que línguas estudar?
Sendo uma só língua, então o grego
Se duas línguas, então latim e grego
Se três línguas, então que tal latim, grego e hebraico?
Níveis de proficiência
Por onde devemos começar?
O CAMINHO GERAL DOS ESTUDOS
Nível um: foco na habilidade léxica — o aprendizado dos aspectos e dos sons da língua
Introdução aos alfabetos antigos
Alfabeto latino e letras correspondentes do inglês
Alfabeto grego e letras correspondentes
Continuação
Alfabeto hebraico e letras correspondentes do inglês

Continuação
Letras semelhantes do hebraico
Texto hebraico com pontos e sem pontos
Além do alfabeto
Interlinear Latim-Português
Interlinear Grego-Português
Interlinear Heraico-Português
Texto Intercolunar ou Interfoliado Latim-Português
Texto Intercolunar ou Interfoliado Grego-Português
Texto Intercolunar ou Interfoliado Hebraico-Português
Estudos de Vocabulário
Nível dois: foco na habilidade gramática — o aprendizado da gramática e da sintaxe da língua
Comparação entre gramáticas
Paradigma de um Substantivo Latino
1. Método tradicional ou dedutivo
Gramática Tradicional ou Dedutiva, Paradigma de um Substantivo Latino
2. O método natural ou indutivo
Gramática Natural ou Indutiva, Parágrafo Latino
3. O método interativo programado
Gramática Interativa Programada, Gramática Grega
Algumas dicas e auxílios
1. Alfabeto e fonética
2. Leitura nessa língua
3. Caderno de idiomas
4. Cartões de vocabulário
5. Leitura e memorização
6. Ritmo do aluno
7. Gramática de referência
8. Prática, repetição e trabalho duro: o clássico
Nível três: foco na fluência — aprender a traduzir e a interpretar a língua

6. Ensino de lógica
O ARGUMENTO PARA O ENSINO DA LÓGICA
Que é lógica?
Palavras, frases e significados
Por que é importante estudar lógica?
Polilogismo
Lógica e moral
Lógica e amoralidade
O poder espiritual da lógica
Qual é nossa responsabilidade?
Para que serve a lógica?
A rejeição da lógica leva à rejeição de Deus
PRINCÍPIOS DO APRENDIZADO DE LÓGICA
Definição e descrição da lógica

Lógica formal
Lógica informal
1. Classificação
2. Definição
3. Argumento
4. Resolução de problemas
5. Falácias lógicas formais
1) Argumento contra o homem (argumentum ad hominem)
2) Falácia da generalização apressada (indutiva)
3) Falácia do falso dilema
4) Falácia da causa falsa (Post hoc ergo propter hoc — literalmente, depois disso, então por causa disso)
5) Falácia do equívoco
6) Falácia da bagatela
7) Falácia da petição de princípio (Petitio principii)
8) Falácia da composição ou divisão
9) Falácia da pergunta oculta
10) Falácia do desvio de atenção
11) Apelo à piedade (Argumentum ad misericordiam)
12) "Prova" pela falha em encontrar evidência contrária.
6. Técnicas de propaganda
7. Métodos de manipulação
OBSERVAÇÕES GERAIS PARA O APRENDIZADO DE LÓGICA
Materiais de lógica
Orgulho, sarcasmo, cinismo e lógica
Cadernos de lógica
Estudar lógica em conjunto
Antes dos 13 anos — foco nas habilidades com a lógica elementar
Aos 13 anos e depois
Roteiro geral de estudo
Currículo de três etapas
Primeira etapa: por volta dos 13 anos — foco na lógica informal
Segunda etapa: por volta dos 15 anos ou depois — foco na prática da lógica.
Terceira etapa: por volta dos 16 anos ou depois — foco nos detalhes mais sutis da lógica.
ALGUMAS PERGUNTAS

7. Ensino de retórica
ARGUMENTO PARA O ENSINO DE RETÓRICA
PRINCÍPIOS PARA O APRENDIZADO DE RETÓRICA
Definição e descrição da retórica
As cinco partes da retórica clássica
Algumas observações gerais para o aprendizado da retórica
1. O desabrochar precoce
2. O desabrochar posterior
3. Preparação dos futuros alunos de retórica.
4. Aprendizado de retórica pela prática

5. O trabalho duro trará rendimento no final.
6. Princípios bíblicos da retórica
7. Chamado à comunicação
8. Estabelecimento de padrões elevados de gramática e lógica
9. Padrões para a retórica
10. Meninos e meninas
Curso geral de estudos
Antes dos 10 anos — foco no vocabulário
Dos 10 aos 12 anos — foco na ortografia e na gramática
Dos 13 aos 15 anos — foco na redação, argumentação e discurso.
Dos 16 aos 18 anos — foco na pesquisa e no debate
UMA PALAVRA SOBRE O POLITICAMENTE CORRETO

8. Princípios para o estudo da literatura
INTRODUÇÃO
Princípios culturais
Valores culturais
Objetivos culturais
Como devemos lidar com outras culturas?
PAULO EM ATENAS
Lições de Paulo em Atenas
QUE SÃO OS CLÁSSICOS?
COMO CLASSIFICAR A LITERATURA
Quatro categorias de literatura
A ESCOLHA DO QUE LER
Queimar ou não queimar?
Dez princípios para a escolha do que ler
1. Faça o que é agradável ao Senhor
2. Não siga o mundo
3. Não permita que o mundo o siga
4. O dia só tem 24 horas
5. Mais velho não significa necessariamente melhor
6. É proveitoso?
7. Isto promove bons hábitos?
8. Esta leitura beneficiará minha educação?
9. Este material tem valor duradouro?
10. Na dúvida, deixe de lado
Onde demarcar o limite
Idades apropriadas
Ler de forma crítica
PERGUNTAS
1. Os homens piedosos na Bíblia não buscavam a sabedoria do mundo?
Exemplos ou exceção?
O exemplo de Paulo
2. Não precisamos ser instruídos em relação à cultura?

Resposta cultural
Literatura e história
Conhecimento cultural
Mitologias, antigas e modernas
3. Como devemos lidar com a literatura clássica?
Saqueadores de artes perdidas
1. Uso da Nova Aliança
2. Uso prático
3. Uso apologético
4. Uso educacional
4. Como podemos manter a separação adequada?
Como permanecer puros?

9. Aplicação dos princípios para o estudo da literatura histórica
TRÊS PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS PARA O ESTUDO DA HISTÓRIA
1. Nível do conhecimento: "A história se repete".
2. Nível do entendimento: "O passado é a chave para o futuro".
3. Nível de sabedoria: "Quem não estuda a história está condenado a repeti-la".
INTRODUÇÃO PARA O ESTUDO DA HISTÓRIA
GUIA PARA AVALIAÇÃO DE DOCUMENTOS HISTÓRICOS
O valor das fontes primárias
Que é fonte primária?
Que é importante na fonte primária?
Que é uma fonte secundária?
Parcialidade, interpretações e outras distorções
Critérios para uma avaliação crítica das fontes
Mais de um ponto de vista
Falácias históricas
UM MODELO PARA COMBINAR HISTÓRIA E LITERATURA: GRÉCIA ANTIGA E CIVILIZAÇÕES CONTEMPORÂNEAS

10. Diferentes métodos e abordagens na educação domiciliar à luz do trivium.
INTRODUÇÃO
O MÉTODO ESCOPO E SEQUÊNCIA
O MÉTODO HABITUAL "CHARLOTTE MASON"
O MÉTODO DE "UNSCHOOLING" AMBIENTAL
A ABORDAGEM EM UNIDADES DE ESTUDO
A ABORDAGEM CLÁSSICA FORMAL
A ABORDAGEM DOS PRINCÍPIOS
PRIMEIROS ESTUDOS formais versus não formais
Pesquise, e encontrarás
Uma base moral para os estudos
Contra indulgências
Exercitando o cérebro

A solução de cabeça pra baixo
Encher baldes versus acender fogueiras
O ideal e o real
Não traga a sala de aula para casa
Resumo
CADA MÉTODO E ABORDAGEM TEM O SEU LUGAR
A MATRIZ DO TRIVIUM
Incorporando abordagens variadas no trivium aplicado

Prefácio dos autores

Quando nós nos casamos, em 1973, o termo "ensino doméstico" ainda não havia sido cunhado. Não obstante, o Senhor colocou em nossa consciência nessa época o comprometimento de educar em casa os filhos que ele nos desse. O Senhor nos abençoou com nosso primeiro filho em 1975. Em 1980, nós o ensinamos a ler e, daí em diante, educamos em casa os cinco filhos com os quais o Senhor nos abençoou.

Em 1989, fomos chamados por uma convenção de ensino doméstico de Iowa a dar um seminário sobre o ensino de latim, grego e lógica. Já demos seminários em 44 estados. Nunca teríamos escolhido esse papel por nós mesmos. Outros nos chamaram a isso.

Em 1993, demos início a uma pequena revista chamada *Teaching the Trivium* [*Ensinando o trivium*], que nos obrigou a pôr no papel algo do que havíamos aprendido — e estávamos aprendendo. Depois de uma experiência ampla e variada no ensino doméstico, na aplicação de um modelo e de um método clássicos para a educação, em falar e escrever, concluímos que era finalmente o momento apropriado para juntarmos de modo ordenado as coisas que havíamos aprendido. Na primavera de 2000, publicamos uma série de oito livretos chamada *The Teaching the Trivium Booklet Series* [*Série de livretos o ensino do trivium*]. Pela providência do Senhor, transformamos e expandimos os livretos em um livro completo.

Sujeitamos tudo o que escrevemos à crítica. Partes deste livro passaram por doze anos de correção. Solicitamos sua crítica posterior para o melhoramento de quaisquer edições subsequentes. Pedimos ao Senhor que faça uso de nossos esforços, apesar das falhas.

Neste livro, estabelecemos o fundamento espiritual e filosófico e o programa prático para o ensino doméstico cristão em estilo clássico. Não

conseguimos preencher todos os detalhes para satisfazer cada situação. Em vez disso, apresentamos nossos princípios e sugestões, e o guiamos a outras fontes. Nossa ênfase consiste em apresentar o quadro geral e encorajar a prática. Que o Senhor se digne a usar esta obra para promover seu reino.

O projeto gráfico do livro foi feito por Nathaniel Bluedorn. A pintura a óleo na capa[1] e as ilustrações nos títulos dos capítulos foram feitas por Johannah Bluedorn. Este livro nunca teria sido finalizado sem a ajuda de nossos filhos.

— Harvey & Laurie Bluedorn
Abril de 2001

1 Referência à capa original, da edição inglesa. [N. do R.]

Capítulo Um



A transformação da educação clássica: uma visão bíblica do ensino doméstico

E não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus
— Romanos 12.2

SAINDO DO MODELO

Você já passou pela frustração de tentar fazer com que as coisas se encaixem e elas não se ajustam? Algo tem a forma errada — ou o tamanho, ou a cor — de modo que as partes simplesmente não combinam. Foi o que descobrimos quando tentamos adaptar o ensino doméstico ao modelo de sala de aula e harmonizar a educação clássica tradicional com o cristianismo bíblico. As coisas não se encaixam. Algo deve ser mudado. Este livro é uma tentativa de fazer tal mudança.

Nosso Senhor narra uma parábola na qual ele trata de modo específico dessas questões. Ele começa com uma história sobre roupas velhas e remendos novos.

> Também lhes disse uma parábola: Ninguém tira um pedaço de veste nova e o põe em veste velha; pois rasgará a nova, e o remendo da nova não se ajustará à velha (Lc 5.36).

A taxa de encolhimento é diferente para vários tecidos e também há diferença entre um tecido novo e sujo e um tecido velho, porém já lavado. Dessas observações, extraímos o princípio de que não podemos apenas remendar duas coisas de naturezas ou tecidos distintos. Se o fizermos, as coisas podem parecer estar bem no início, mas quando a roupa remendada sair da lavagem, veremos que o problema, na verdade, ficou pior. A roupa velha está mais rasgada que antes, e o remendo novo não combina com ela. É verdade que nosso Senhor estava explicando que as coisas do Evangelho não podiam ser remendos para as coisas da Lei, mas esse princípio se aplica também a outras coisas. A parábola descreve de forma exata o que descobrimos quando tentamos aplicar o ensino doméstico segundo o modelo de sala de aula. As coisas se desfizeram na lavagem. Nos capítulos 2 e 3 vamos apresentar os motivos para as duas coisas não combinarem.

Nosso Senhor continua a parábola com uma história sobre vinho novo e odres velhos.

> E ninguém põe vinho novo em odres velhos, pois o vinho novo romperá os odres; entornar-se-á o vinho, e os odres se estragarão. Pelo contrário, vinho novo deve ser posto em odres novos [e ambos se conservam] (Lucas 5.37-38).

Quando o vinho fresco é conservado em odres frescos, os odres se dilatam. Todavia, tendo os odres se dilatado uma vez, a capacidade de dilatação se perde. Enchê-los com vinho fresco só os faz se dilatarem até o rompimento. Dessas observações, extraímos o princípio de que não podemos pôr coisas espirituais novas e vivas em recipientes carnais velhos e mortos que não vão se dilatar. Se o tentarmos, acabaremos perdendo o novo e o velho. Mas se pusermos o que é velho de lado e colocarmos as coisas novas em recipientes novos, preservamos os dois. É evidente que nosso Senhor estava explicando como as coisas espirituais da Nova Aliança não poderiam ser contidas na administração da Antiga Aliança, mas o princípio também é compatível com outras situações. Descobrimos que, quando tentamos colocar o cristianismo bíblico no recipiente carnal, velho e morto, da educação clássica e da academia grega, esta estoura e aquele se espalha.

Nosso Senhor conclui a parábola com uma palavra sobre gostos novos e velhos.

> E ninguém, tendo bebido o vinho velho, prefere o novo; porque diz: O velho é excelente (Lucas 5.39).

Se você está satisfeito com algo, você se torna relutante em mudar para outra coisa. Isso acontece! Jesus estava, evidentemente, se referindo ao fato de que quem havia passado a vida inteira sob a Lei de Moisés estava relutante em abraçar a Lei de Cristo. Há algo bom na predisposição para o conservadorismo. Ela evita que façamos mudanças temerárias e preserva a continuidade. Mas quando a situação exige de fato uma mudança, o conservadorismo se torna um obstáculo de difícil superação. Os conservadores têm, na verdade, medo do desconhecido. Eles lhe darão uma lista enorme com os motivos para não mudar. Isso subverterá as coisas. Sim.

Será necessário um novo trabalho. Sim. Seremos forçados a repensar as coisas. Sim. Logo, você precisará de um argumento para tudo. Bem, todo este livro é um argumento. Estamos tentando escrever um novo estatuto para a educação clássica. Comecemos com algumas definições.

QUE É EDUCAÇÃO CLÁSSICA?

Humanismo clássico

A "educação clássica" consiste em ler Homero e Platão, ou César e Cícero? Há alguns que declaram que a leitura desses autores antigos e clássicos é a própria essência da educação que poderia ser chamada *clássica*. Mas acreditamos que o nome mais apropriado para isso seria "educação clássica *humanista*". O humanista, no sentido clássico, é alguém que estuda as chamadas "humanidades", sobretudo a literatura clássica greco-romana.

O Renascimento — o ressurgimento da educação (1350-1650) — dizia respeito ao reaparecimento da filosofia e da cultura humanista das antigas Grécia e Roma. Não havia nada cristão nessa filosofia e cultura antigas. Se nós definíssemos *clássico* por esse padrão humanista, não poderíamos evitar a influência de sua filosofia e cultura. Com efeito, a ênfase desenfreada e desequilibrada na literatura greco-romana nos levaria a todos os lugares, exceto a Cristo. Portanto, queremos ser identificados com a educação clássica humanista?

Um modelo e um método clássicos

Definimos a "educação clássica" de modo mais estrito. Buscamos e aplicamos o modelo e o método clássicos da educação — o *trivium* (o capítulo 4 explica o modelo e o método do *trivium*). Em outras palavras, conseguimos nos adequar à moldura clássica — ao estilo clássico, mas temos somente interesses incidentais nos antigos materiais clássicos — a literatura humanista. Não queremos aprender línguas, lógica e retórica para que possamos ler de verdade *Homero* e *Virgílio*, pensar como *Aristóteles* e *Sêneca* e falar como *Demóstenes e Cícero*. Queremos aprender línguas, lógica e retórica para que possamos realmente *ler, pensar* e *falar* — ponto! Queremos obter essas ferramentas úteis. Mas não queremos usá-las da mesma forma que os antigos gregos e romanos. Eles as usavam para servir a tudo, exceto ao

verdadeiro Deus vivo. Nós queremos usá-las para não servir nada além do verdadeiro Deus vivo.

"Clássico" é o termo que as pessoas aplicam a esse tipo de educação e dissemos antes que nós conseguimos nos adequar a esse estilo clássico. Queremos deixar claro, contudo, que a razão de termos conseguido nos adequar ao estilo greco-romano se deve ao fato de que nós, cristãos, o tínhamos antes deles. Não, não estamos fazendo um anacronismo. O fato é que eles roubaram nossas ferramentas e as usaram para seus próprios propósitos pagãos. Estamos apenas retomando o que é nosso por direito. Conforme o acompanhamento do debate ao longo deste livro, você entenderá o que queremos dizer.

Limites cristãos aos usos clássicos

Visto que somos cristãos, queremos ser cuidadosos quanto a perseguir objetivos não cristãos. Na verdade, objetivos não cristãos são objetivos anticristãos. Não há terreno neutro entre o cristão e não cristão, como se ambos os lados pudessem estar de acordo em relação a certas coisas. Não negamos que algumas áreas parecem neutras na superfície para o sujeito de mente preguiçosa que não observa as coisas com mais profundidade. Há muitas coisas que se fossem, de certa forma, consideradas em si mesmas, poderiam ser utilizadas de forma cristã ou não cristã. Mas isso é tudo: elas nunca estão sozinhas, sempre são utilizadas de certa forma. Tudo o que não confessa Jesus Cristo como Senhor necessariamente o nega, ainda que não diga nada. Ou melhor, o faz de modo especial se não disser nada.

> E todo espírito que não confessa a Jesus não procede de Deus; pelo contrário, este é o espírito do anticristo (1 João 4.3).
>
> Porque muitos enganadores têm saído pelo mundo fora, os quais não confessam Jesus Cristo vindo em carne; assim é o enganador e o anticristo (2 João 1.7).
>
> Quem não é por mim é contra mim; e quem comigo não ajunta espalha (Mateus 12.30).

O não cristão se aproveita do cristão manipulando-o para pensar que certas coisas são neutras. Todos os territórios que os cristãos reconhecem como neutro são concedidos ao demônio como um parque de diversões para que possa praticar seu delito oculto. Somos os proprietários legítimos do mundo.

> … tudo é vosso […] seja a vida, seja a morte, sejam as coisas presentes, sejam as futuras, tudo é vosso, e vós, de Cristo, e Cristo, de Deus (1 Coríntios 3.21-23).

> O vencedor herdará estas coisas, e eu lhe serei seu Deus, e ele será meu filho (Apocalipse 21.7).

Aqui está a questão: devemos reivindicar o território para nosso Senhor. Precisamos tomá-lo de volta, limpá-lo e devolvê-lo ao uso legítimo a serviço do nosso Senhor. Antes que possamos usar algo — incluindo-se os autores clássicos — devemos fazê-lo passar pelo crivo crítico das Escrituras. As Escrituras contêm todo o necessário para testarmos a utilidade de algo.

Que queremos dizer com "clássico"

Optamos por limitar nosso significado de *clássico* para incluir apenas *o que é de boa forma e de valor duradouro* (clássico), *e o que está em conformidade com o padrão bíblico dentro de uma visão de mundo bíblica* (cristã). Temos de peneirar com cuidado tudo o que é clássico em sentido *humanista* com a peneira das Escrituras e a tudo o que passar por essa peneira devemos dar um novo significado dentro da visão de mundo bíblica. Por conseguinte, quando dizemos *clássico* não estamos nos referindo a toda a cultura e literatura dos tempos antigos e medievais, ou a da época do Renascimento e da Reforma, ou mesmo a do Período Colonial e do início dos EUA. Nossa ênfase é colocada — em todas essas culturas e épocas — no que é resgatável para Cristo. Não queremos batizar essas culturas, no todo ou em partes, e chamá-las "cristãs". Queremos vasculhar o cascalho e guardar só o que puder se conformar à obediência a Cristo e, assim, tornar-se útil para o reino. E há coisas que

podem tornar-se úteis. Seguimos o modelo *clássico* e o método *clássico*, mas não somos obrigados a seguir os antigos materiais *clássicos*. Vamos rever essas mesmas questões ao longo deste livro.

TRANSFORMAÇÃO DE DENTRO PARA FORA

Este mundo não está na ordem correta. As coisas estão fora do lugar. Elas são usadas para propósitos errados; são avaliadas por razões erradas. É nossa tarefa, como cristãos, pôr as coisas de volta na ordem devida, começando com nossa própria mente.

> E não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus (Romanos 12.2).

Encontramos essa pressão de nos conformarmos com o mundo vindo de todas as direções. Devemos nos permitir ser transformados pela renovação das estruturas da nossa mente, fazendo com que elas se conformem com a mente de Deus, conforme a revelação das Escrituras. Quando organizarmos nossa mente segundo os padrões divinos, veremos o mundo de modo diferente e seremos capazes de discernir a vontade de Deus para cada área da vida: o que é bom em princípio diante de Deus, o que é aceitável e o que está completamente formado em propósito para seus objetivos.

Uma vez que enxerguemos as coisas da perspectiva de Deus — da visão de mundo divina —, podemos começar a tirar sentido do mundo e de seus caminhos. Aí podemos discernir a desordem e pôr as coisas de volta no lugar a que pertenciam, dar-lhes o valor justo e usá-las de acordo com os propósitos corretos.

Todas as verdadeiras transformações começam no interior e progridem para fora. A primeira transformação é a regeneração — nela o homem interior é renovado à imagem de Cristo.

> E vos renoveis no espírito do vosso entendimento, e vos revistais do novo homem, criado segundo Deus, em justiça e retidão procedentes da verdade (Efésios 4.23-24).

> E vos revestistes do novo homem que se refaz para o pleno conhecimento, segundo a imagem daquele que o criou (Colossenses 3.10).

A imagem de Deus está na verdade, na santidade e na justiça. Todo homem tem a imagem em um sentido formal — ele é feito com a capacidade de agir em verdade, em santidade e em justiça, mas o único meio verdadeiro para fazer essas coisas é estar voltado para Deus. O homem natural, decaído, perdeu a polaridade que sempre aponta para Deus. Ele apontará para todas as direções, exceto para Deus. A mente carnal é inimiga de Deus. A direção de sua natureza está completamente distorcida ou depravada, de modo que ele distorce a verdade, a santidade e a justiça em milhares de outras coisas que não acertam o alvo. Por vezes, o homem decaído segue com clareza pelo sentido oposto, mas o tipo mais perigoso de distorção é o que mais se parece com a coisa real. Ser quase verdadeiro, quase santo e quase justo é a pior das perversões. A mente carnal bem desenvolvida está totalmente formada na inimizade com Deus, seja de forma grosseira ou sutil. Não estamos falando das falhas dos santos ao tentar viver segundo os padrões de Deus. Aí há uma falha na força, não na direção. De fato, eles procuram a Deus — sua bússola aponta para o norte —, mas sua natureza carnal e decaída aponta para outro caminho e perverte seu curso (Romanos 7.14-25). Nossa tarefa é superar os cananeus que estão na própria natureza carnal decaída.

Conforme somos transformados por dentro, começamos a transformar as coisas por fora. Em primeiro lugar, nosso comportamento é transformado. Depois, o ambiente imediato é trazido à ordem. A seguir, a família. Na sequência, a vizinhança social. Em seguida, a comunidade. Depois, as instituições da comunidade — comércio, igreja e governo civil. O potencial para a verdadeira mudança da cultura está com quem renova e transforma a família, pois a família é o instrumento que Deus escolheu para transformar a cultura. Só por meio da transformação da família, a sociedade pode ser reestruturada para estar de acordo com a ordem cristã e com o governo da lei de Deus.

Os passos da transformação

Quais são os passos da transformação? As Escrituras descrevem a transformação dos homens das trevas para a luz. Podemos tomar isso como modelo para a transformação de outras coisas do serviço das trevas para o da luz.

1. Retire um item de seus contornos sombrios e exponha-o à luz da verdade de Deus.
2. Separe o precioso do vil e inspire nele vida nova, o Espírito de Cristo.
3. Liberte-o colocando-o a serviço legítimo na ordem correta das coisas sob Deus.

Esses três passos são, na verdade, princípios para resgatar qualquer coisa para Cristo.

A opinião das Escrituras sobre a educação clássica grega

Que nos dizem as Escrituras acerca da educação clássica secular? Reunamos alguns comentários de Paulo que podem lançar luz sobre o assunto. Consideremos as suas palavras diante do douto tribunal de Atenas. Após descrever como os homens em geral — e os atenienses em particular — haviam ignorado e rebaixado a Deus, e desonrado a si mesmos, Paulo rejeita tudo isso com estas palavras:

> Ora, não levou Deus em conta os tempos da ignorância; agora, porém, notifica aos homens que todos, em toda parte, se arrependam (Atos 17.30).

Na mente de muitos, Atenas é a mãe do que há de melhor no mundo em matéria de educação — tanto antiga quanto moderna. No entanto, Paulo rejeita isso tudo como "ignorância" e diz que Deus "não levou em conta". Literalmente, Deus "deixou passar", de forma bastante semelhante ao homem que "deixa passar" quando há outro cuja presença lhe é ofensiva, ignorando-o completamente e agindo como se o ofensor não merecesse existir. O Criador de todas as coisas tem toda a razão de se ofender com o comportamento dos

atenienses e dos outros pagãos. Paulo enfatiza sua colocação declarando que agora Deus ordena que esses homens se arrependam "da ignorância". Atenas foi o ápice da cultura humana, mas Deus declarou que a humanidade, por muito tempo, seguiu pelo caminho errado, um caminho de mão única, e ordena que os homens redirecionem seu pensamento de forma completa e absoluta. Assim, para dizer em uma palavra, toda a cultura e educação antigas, incluindo-se o ponto culminante do ensino antigo, é "ignorância".

O apóstolo Paulo fez alguns outros comentários sobre esse assunto aos santos que viviam nos grandes centros de ensino do mundo antigo. O primeiro comentário de Paulo sobre a educação grega foi feito aos coríntios, que viviam em outro centro de ensino:

> Visto como, na sabedoria de Deus, o mundo não o conheceu por sua própria sabedoria, aprouve a Deus salvar os que creem pela loucura da pregação (1 Coríntios 1.21).

Paulo contrasta a sabedoria do mundo com a fé cristã. Foi por causa de sua sabedoria carnal que o mundo não conheceu Deus. Sua educação era o agente que causava aquela grande ignorância, pois eram educados sem referência a Deus.

> O perverso, na sua soberba, não investiga; que não há Deus são todas as suas cogitações (Salmos 10.4).

Não pode haver educação verdadeira sem referência a Deus. A educação deve ter um propósito. Se o propósito não tem Deus em vista, logo a educação é ateia, e por fim produzirá resultados ateus. O objetivo da educação não é servir a si mesma, à comunidade, aos negócios, à igreja ou ao Estado, mas a Deus. A educação que não serve a Deus é vazia, e esse vazio será preenchido por outros deuses, a quem servirá. Desenvolver capacidades para o serviço, mas omitir Aquele a quem se deve servir, significa criar um monstro.

A educação estatal moderna faz o que fazia a educação antiga: ensina sem referência a Deus. Por isso ela gera ignorância.

O apóstolo Paulo tinha mais o que dizer aos romanos sobre essa ignorância profunda:

> A ira de Deus se revela do céu contra toda impiedade e perversão dos homens que detêm a verdade pela injustiça; porquanto o que de Deus se pode conhecer é manifesto entre eles, porque Deus lhes manifestou. Porque os atributos invisíveis de Deus, assim o seu eterno poder, como também a sua própria divindade, claramente se reconhecem, desde o princípio do mundo, sendo percebidos por meio das coisas que foram criadas. Tais homens são, por isso, indesculpáveis; porquanto, tendo conhecimento de Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças; antes, se tornaram nulos em seus próprios raciocínios, obscurecendo-se-lhes o coração insensato. Inculcando-se por sábios, tornaram-se loucos e mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível, bem como de aves, quadrúpedes e répteis. [...] pois eles mudaram a verdade de Deus em mentira, adorando e servindo a criatura em lugar do Criador, o qual é bendito eternamente. Amém! […]
>
> E, por haverem desprezado o conhecimento de Deus, o próprio Deus os entregou a uma disposição mental reprovável, para praticarem coisas inconvenientes (Romanos 1.18-23, 25, 28).

Como se pode ver, Deus não está feliz com a ignorância indesculpável que se apresenta com orgulho como sabedoria, ao passo que transforma a verdade divina em mentira e adora a criatura em lugar de quem a criou, invertendo, com isso, toda a ordem da criação. Como não lhes aprouve ter conhecimento de Deus, ele os entregou à mentalidade reprovada — literalmente, a mente que não passa no teste e, portanto, é sem valor, como o refugo e a escória são removidos quando o metal é purificado. Deus diz que o tipo de sabedoria que possuíam não tem valor.

Veremos mais um parecer de Paulo em relação à educação clássica. Desta vez, ele foi dado aos santos de Éfeso, o último dos três grandes centros de ensino da Grécia antiga.

> Isto, portanto, digo e no Senhor testifico que não mais andeis como também andam os gentios, na vaidade dos seus próprios pensamentos, obscurecidos de entendimento, alheios à vida de Deus por causa da ignorância em que vivem, pela dureza do seu coração (Efésios 4.17,18).

A mente deles estava cheia de vaidade, não de sabedoria; seu entendimento era obscuro, não iluminado; e sobejava ignorância, não conhecimento. Isso os tornou completamente estranhos à vida espiritual procedente de Deus, e tudo se devia à dureza do coração deles. Paulo é cuidadoso em contrastar isso com a educação cristã.

> Mas não foi assim que aprendestes a Cristo, se é que, de fato, o tendes ouvido e nele fostes instruídos, segundo é a verdade em Jesus, no sentido de que, quanto ao trato passado, vos despojeis do velho homem, que se corrompe segundo as concupiscências do engano, e vos renoveis no espírito do vosso entendimento, e vos revistais do novo homem, criado segundo Deus, em justiça e retidão procedentes da verdade (Efésios 4.20-24).

A mente pagã — que carecia de sabedoria, entendimento e conhecimento — é contrastada com a mente espiritual renovada, ensinada na verdade cristã e, assim, restaurada na *sabedoria* para agir com justiça, no *entendimento* para discernir a verdade e no *conhecimento* para observar a santidade.

> Por esta razão, também nós, desde o dia em que o ouvimos, não cessamos de orar por vós e de pedir que transbordeis de pleno conhecimento da sua vontade, em toda a sabedoria e entendimento espiritual (Colossenses 1.9).

A educação moderna, que proíbe qualquer referência a Deus na sala de aula, compete com a educação antiga no ceticismo que cria na mente das crianças. Nada pode ser conhecido e compreendido de modo correto, e de verdade, sem referência a Deus.

> O temor do SENHOR é o princípio do saber, mas os loucos desprezam a sabedoria e o ensino (Provérbios 1.7).

> O temor do SENHOR é o princípio da sabedoria, e o conhecimento do Santo é prudência (Provérbios 9.10).

Grande parte da educação moderna é ensinada da perspectiva da filosofia do naturalismo, que começa com o pressuposto de que todas as coisas devem ser explicadas apenas nos termos dos fenômenos naturais observáveis. Essa filosofia deveria ser chamada antissobrenatural, por ter sido formulada exatamente para excluir o sobrenatural e o Deus da Bíblia antes de qualquer coisa. Isso é ignorância estudada. É ceticismo puro.

Características do modelo bíblico de educação

Se quisermos transformar a educação para Cristo, precisaremos renovar a mente com as características do modelo bíblico de educação.

1. Toda educação verdadeira deve começar com a Revelação divina.

As Escrituras são suficientes para educar-nos em todas as áreas necessárias da vida.

> Quanto amo a tua lei! É a minha meditação, todo o dia! Os teus mandamentos me fazem mais sábio que os meus inimigos; porque, aqueles, eu os tenho sempre comigo. Compreendo mais do que todos os meus mestres, porque medito nos teus testemunhos. Sou mais prudente que os idosos, porque guardo os teus preceitos. De todo mau caminho desvio os pés, para observar a tua palavra. Não me aparto dos teus juízos, pois tu me ensinas. Quão doces são as tuas palavras ao meu paladar! Mais que o mel à minha boca. Por meio dos teus preceitos, consigo entendimento; por isso, detesto todo caminho de falsidade (Salmos 119.97-104).

> ...desde a infância, sabes as sagradas letras, que podem tornar-te sábio para a salvação pela fé em Cristo Jesus. Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra (2 Timóteo 3.15-17).

Este é o nosso primeiro pressuposto. A Palavra de Deus nos apresenta o modo correto de ver o mundo e nos guia quanto a viver no mundo real. Ela

nos mostra a ordem correta das coisas, define o papel das relações, nos dá o verdadeiro pressuposto que estabelece o conhecimento, transmite os santos valores que guiam o entendimento e assenta os objetivos justos que nos conduzem no caminho da sabedoria. Portanto, o conhecimento das Escrituras é de suma importância. A educação que nem sempre concede espaço para as Escrituras, que nem sempre faz desse espaço o primeiro, não está à altura do padrão.

John Wycliffe escreveu:

> "Não há sutileza na gramática, na lógica, nem em qualquer outra ciência que se possa recordar que não seja encontrada em grau mais excelente nas Escrituras".

Pode-se ensinar tudo a partir da Palavra de Deus. Ela estabelece a autoridade da educação. As Escrituras devem ser o fundamento de todos os estudos, o guia para todos os estudos e o teste final para todos os estudos. Dele, por ele e para ele são todas as coisas. A Palavra de Deus contém, em forma de semente, todo o necessário para educar o homem de forma completa: todos os verdadeiros princípios, todos os valores dignos, todos os objetivos corretos. Qualquer outro ensino deve ser posto em conformidade com a Palavra de Deus. Muitas pessoas se recusam a aceitar que tudo deve se curvar diante da Palavra de Deus. Isso mostra como as opiniões do mundo lhes oprimiram a mente e quão pequeno é o papel que permitiram às Escrituras desempenhar em sua vida. A Palavra de Deus fala, sim, a qualquer situação. Precisamos apenas ouvir. O aprendizado experiencial não é absoluto. O estudo dos fenômenos naturais deve ser uma ferramenta, nunca um mestre. O método humanista consiste em extrair respostas do homem e da natureza sem referência a Deus. O homem é a medida de todas as coisas, como dizem. O método bíblico consiste em extrair as respostas de Deus por meio de sua Palavra — Deus é a medida de todas as coisas. Devemos acreditar em Deus, em sua Palavra, e sermos céticos em relação à palavra do homem.

2. Somente à família, no lar, é dada jurisdição sobre a educação dos filhos

> Ponde, pois, estas minhas palavras no vosso coração e na vossa alma; atai-as por sinal na vossa mão, para que estejam por frontal entre os olhos. Ensinai-as a vossos filhos, falando delas assentados em vossa casa, e andando pelo caminho, e deitando-vos, e levantando-vos (Deuteronômio 11.18,19. Compare com 4.9,10, 6.4-9 e Gênesis 18.9).
>
> E vós, pais, não provoqueis à ira vossos filhos, mas criai-os na disciplina e na admoestação do Senhor (Efésios 6.4).

As Escrituras são explícitas quanto à jurisdição exclusiva da família na educação. A educação é jurisdição do pai, conduzida pelo pai e pela mãe, e por quem mais os dois escolherem empregar para atingir objetivos específicos. Os sacerdotes, e mais tarde as sinagogas, deviam educar principalmente os homens, que, por sua vez, educariam suas famílias. Trataremos mais sobre isso nos capítulos 2 e 3.

3. A educação deve preparar integralmente as crianças para a vida adulta

> Ensina a criança no caminho em que deve andar, e, ainda quando for velho, não se desviará dele (Provérbios 22.6).
>
> Porque eu o escolhi para que ordene a seus filhos e a sua casa depois dele, a fim de que guardem o caminho do SENHOR e pratiquem a justiça e o juízo (Gênesis 18.19a).
>
> Quanto aos homens idosos, que sejam temperantes, respeitáveis, sensatos, sadios na fé, no amor e na constância. Quanto às mulheres idosas, semelhantemente, que sejam sérias em seu proceder, não caluniadoras, não escravizadas a muito vinho; sejam mestras do bem, a fim de instruírem as jovens recém-casadas a amarem ao marido e a seus filhos, a serem sensatas, honestas, boas donas de casa, bondosas, sujeitas ao marido, para que a palavra de Deus não seja difamada. Quanto aos moços, de igual modo, exorta-os para que, em todas as coisas, sejam criteriosos (Tito 2.2-6).
>
> Quero, portanto, que as viúvas mais novas se casem, criem filhos, sejam boas donas de casa e não dêem ao adversário ocasião favorável de maledicência (1 Timóteo 5.14).
>
> ...pelo seu divino poder, nos têm sido doadas todas as coisas que conduzem à vida e à piedade, pelo conhecimento completo daquele que nos chamou para a sua própria glória e virtude (2 Pedro 1.3).

Há mais coisas para a vida que as rotuláveis como "educação acadêmica". Com efeito, toda a educação deve preparar os alunos para a vida adulta, a vida madura. A educação deve envolver todas as questões da vida adulta — onde você se senta, anda, deita e levanta. Não estamos interessados em reviver as civilizações grega e romana no modelo acadêmico. A verdadeira educação estabelecerá a cultura baseada na Palavra divina, de acordo com a ordem e a estrutura de Deus, dirigida pela lei e pela política de Deus.

4. O objetivo final da educação é a santidade – a separação para Deus, para seu serviço

> Ser-me-eis santos, porque eu, o SENHOR, sou santo e separei-vos dos povos, para serdes meus (Levítico 20.26).
>
> Porquanto Deus não nos chamou para a impureza, e sim para a santificação (1 Tessalonicenses 4.7).
>
> Pelo contrário, segundo é santo aquele que vos chamou, tornai-vos santos também vós mesmos em todo o vosso procedimento, porque escrito está: Sede santos, porque eu sou santo (1 Pedro 1.15-16).

Toda a educação é, em essência, religiosa. Quanto mais cedo percebermos isso, melhor. Pelas coisas que aprendemos e pela maneira que as aprendemos, estaremos separados para uma coisa ou para outra. A educação verdadeiramente bíblica ensinará como distinguir o bem do mal, a verdade da mentira, o certo do errado, o santo do profano.

> Para fazerdes diferença entre o santo e o profano e entre o imundo e o limpo (Levítico 10.10).
>
> A meu povo ensinarão a distinguir entre o santo e o profano e o farão discernir entre o imundo e o limpo (Ezequiel 44.23).
>
> Mas o alimento sólido é para os adultos, para aqueles que, pela prática, têm as suas faculdades exercitadas para discernir não somente o bem, mas também o mal (Hebreus 5.14).

As Escrituras exigem que mantenhamos a separação do mundo e de seus caminhos.

> Bem-aventurado o homem que não anda no conselho dos ímpios, não se detém no caminho dos pecadores, nem se assenta na roda dos escarnecedores (Salmos 1.1).
>
> Não entres na vereda dos perversos, nem sigas pelo caminho dos maus. Evita-o; não passes por ele; desvia-te dele e passa de largo (Provérbios 4.14-15).
>
> Não vos ponhais em jugo desigual com os incrédulos; porquanto que sociedade pode haver entre a justiça e a iniquidade? Ou que comunhão, da luz com as trevas? Que harmonia, entre Cristo e o Maligno? Ou que união, do crente com o incrédulo? Que ligação há entre o santuário de Deus e os ídolos? Porque nós somos santuário do Deus vivente, como ele próprio disse: Habitarei e andarei entre eles; serei o seu Deus, e eles serão o meu povo. Por isso, retirai-vos do meio deles, separai-vos, diz o Senhor; não toqueis em coisas impuras; e eu vos receberei, serei vosso Pai, e vós sereis para mim filhos e filhas, diz o Senhor Todo-Poderoso. Tendo, pois, ó amados, tais promessas, purifiquemo-nos de toda impureza, tanto da carne como do espírito, aperfeiçoando a nossa santidade no temor de Deus (2 Coríntios 6.14-7.1).

Devemos trabalhar para manter a linha de demarcação. Não devemos acalentar a ideia de que há uma ponte das trevas para a luz, a menos que tenha havido uma transformação completa,

> para lhes abrires os olhos e os converteres das trevas para a luz e da potestade de Satanás para Deus... (Atos 26.18a).

Tudo o que se encontra no mundo e que se imagina luz é, na verdade, trevas.

> Portanto, caso a luz que em ti há sejam trevas, que grandes trevas serão! (Mateus 6.23).
>
> Repara, pois, que a luz que há em ti não sejam trevas (Lucas 11.35).
>
> Inculcando-se por sábios, tornaram-se loucos (Romanos 1.22).

Não podemos caminhar por essa luz imaginada, que o mundo alega ter. Apesar do que alegam, sem uma transformação, não pode haver nenhuma luz neles.

> À lei e ao testemunho! Se eles não falarem desta maneira, jamais verão a alva (Isaías 8.20).

Logo, todas as coisas devem ser expostas à luz.

> A revelação das tuas palavras esclarece e dá entendimento aos simples (Salmos 119.130).

Quando nos convertemos "das trevas para a luz, da autoridade de Satanás para Deus", abandonamos o mundo pecaminoso da imaginação e entramos no mundo real. Antes que possamos usar as coisas no mundo real, devemos, em primeiro lugar, trazê-las para nosso mundo, enquadrá-las na realidade, redimi-las e purificá-las, torná-las prestativas para nosso Senhor. Não devemos nunca ser tolos o bastante para pensar que essas coisas têm alguma luz para nos dar enquanto permanecem no mundo da escuridão. Podemos recolher da sombria cultura pagã muitas coisas que nos servirão como ferramentas úteis, mas só nos servirão depois de terem sido transformadas.

> ... se apartares o precioso do vil, serás a minha boca (Jeremias 15.19).

Antes que possamos falar por Deus, devemos separar o que é precioso — o que tem valor resgatável — do que é vil — cuja corrupção está além da redenção.

Por que seguir o modelo e o método clássicos?

1. *Atividades acadêmicas*. Alguns pais sem dúvida escolhem o modelo clássico de ensino porque são atraídos pelo sucesso acadêmico. Eles querem que os filhos alcancem objetivos acadêmicos elevados em línguas clássicas, em lógica e nas habilidades de comunicação. Querem que estudem materiais de

altíssimo nível. Talvez alguns deles sejam motivados por algum tipo de esnobismo acadêmico, mas grande parte é motivada pelo desejo sincero de ver os filhos desafiados e se sobressaírem para a glória de Deus.

2. *Resultados*. O *trivium* clássico — gramática, lógica e retórica — é um meio muito eficiente de preparo para servir a Deus no mundo. Pelo domínio das ferramentas básicas de aprendizagem, o método clássico cria estudantes autodidatas capazes de progredir e dominar qualquer área de aprendizado por conta própria. Quaisquer que sejam os objetivos, a abordagem clássica assenta as mais amplas e sólidas bases para alcançá-los.

3. *Metodologia*. A melhor razão para escolher o estilo clássico de ensino é simplesmente porque ele é, na verdade, o modelo bíblico transcrito para a realidade. E daí que os pagãos o roubaram? Apenas o tomamos de volta, polimos e empregamos para nosso próprio uso. O estilo clássico tem sido bem-sucedido há milênios por estar de acordo com a natureza criada das coisas. Ele funciona bem porque se coaduna com a realidade. Se alguma vez aprendemos algo, nós o aprendemos pelo método do *trivium*, estejamos conscientes disso ou não. Mas é sempre melhor saber o que estamos fazendo, e neste livro explicamos e aplicamos o modelo e o método do *trivium* para a educação clássica.

NÃO TENTE ISTO EM CASA

Se você tentar assemelhar o ensino doméstico ao da sala de aula de uma escola — usando o mesmo ritmo de estudo, o mesmo objetivo e sequência, os mesmos currículos, o mesmo formato de sala de aula, os mesmos métodos de ensino —, você provavelmente se deixará vencer por esse fardo e desistirá. E você estará certo: esse tipo de ensino não cabe no ensino doméstico. Raros são os pais que têm tempo e talentos para suportar esse fardo. Isso testará de verdade seu comprometimento com o ensino doméstico. A grande vantagem de instruir os filhos em casa é que muito do que acontece em uma sala de aula se torna completamente desnecessário.

Queremos lhe mostrar que você pode ensinar em casa no estilo clássico. Nosso propósito neste livro é transmitir ao leitor algo do que aprendemos em nossos muitos anos de ensino doméstico. Cometemos muitos erros, de modo que neste livro combinamos o que nós fizemos e o que nós faríamos se pudéssemos fazê-lo de novo. Procuramos aplicar de forma coerente a verdade cristã — a filosofia bíblica — à família em geral e à educação em particular.

Nós, educadores domésticos, estamos criando uma geração de crianças educadas sob medida: nada de modelos de fábrica aqui. Queremos continuar desse modo. O objetivo acadêmico do ensino doméstico não é ensinar muitas coisas com um nível excelente, mas instruir as coisas mais importantes com um nível excelente. Há espaço para abordagens diferentes no amplo modelo clássico, e não temos receio de incorporá-las onde se encaixarem e forem úteis.

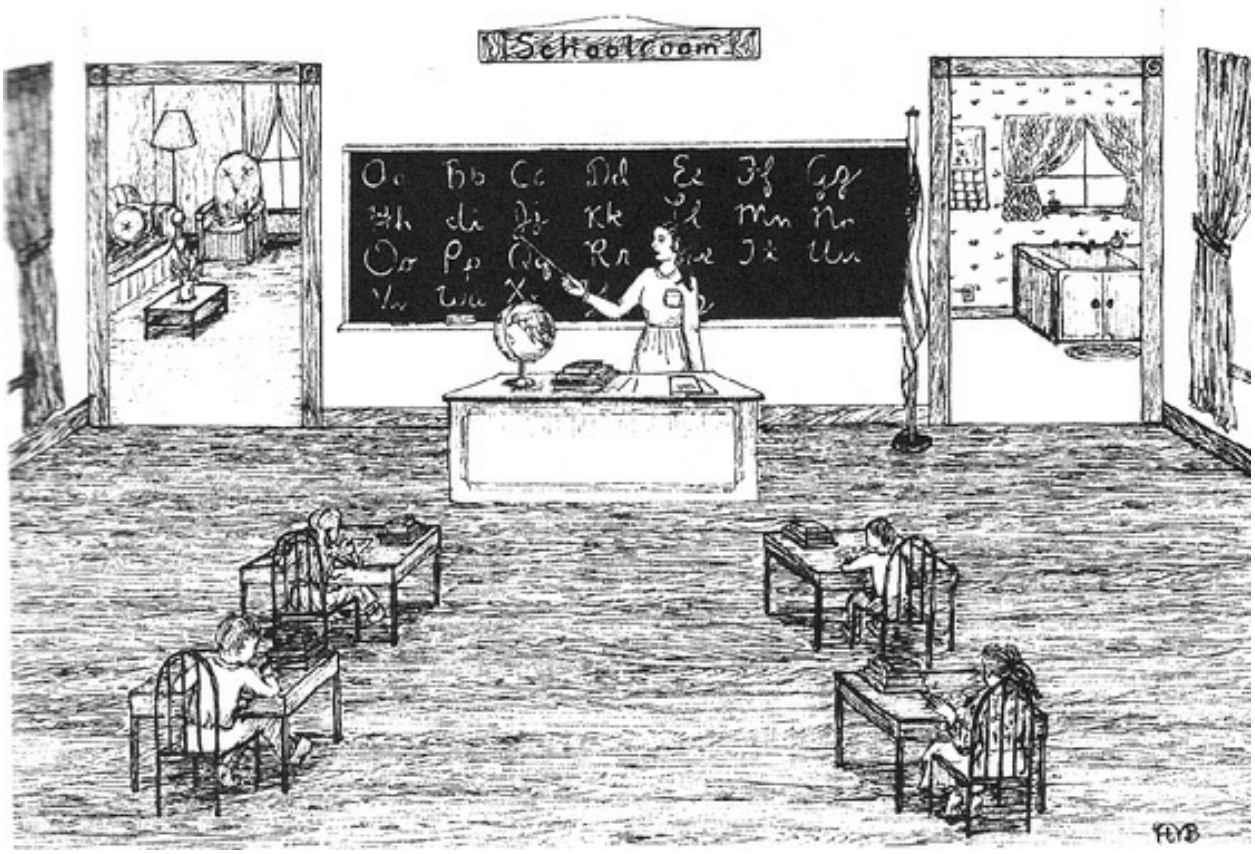


FIGURA 1A, ESCOLA EM CASA

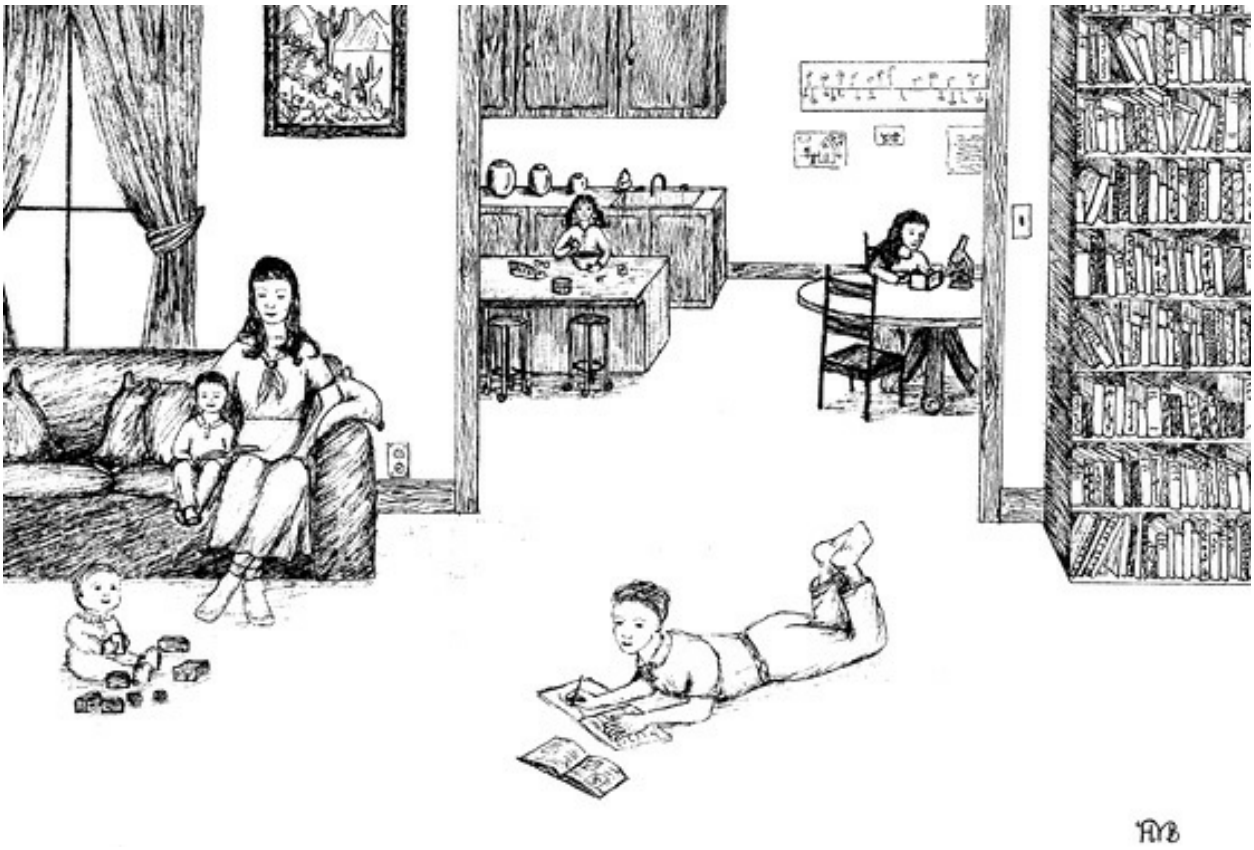


FIGURA 1B, ENSINO DOMÉSTICO

A ORGANIZAÇÃO DESTE LIVRO

Reunimos este livro do modo que cremos ser o mais útil. Os capítulos 1 a 10 formam um argumento em defesa do estilo clássico de educação com base em princípios bíblicos. Os capítulos 11 a 16 aplicam esses princípios de um modo prático e viável. O Apêndice 1 contém vários artigos sobre educação que ampliam questões específicas, tratadas em vários capítulos. O Apêndice 2 lista currículos e recursos e contém o índice de referência do livro.[1]

1 Nesta edição brasileira os capítulos 11 a 16, bem como todos os apêndices, encontram-se no volume 2. Tenha isso em mente nas referências posteriores a esses trechos. Vide *Ensinando o trivium: o trivium prático* (Brasília: Monergismo, 2017). [N. do R.]

Capítulo Dois



Quem deveria controlar a educação: os pais ou o Estado?

Dai, pois, a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus
— Lucas 20.25

INTRODUÇÃO

Todos os dias pais cristãos enviam os filhos para serem educados em escolas controladas pelo Estado. A maior parte deles faz ouvidos moucos para outras opções educacionais. Poderíamos examinar as muitas razões pelas quais podem preferir a educação socializada para seus filhos (custo, tempo, pressão social, normas culturais, programas escolares, credenciais etc.). Já ouvimos todas. Poderíamos examinar as razões, mas não o faremos. Em vez disso, neste capítulo, apresentaremos o argumento bíblico para mostrar que a educação socializada não poderia sequer ser considerada opção para a educação de nossos filhos.

O primeiro e grande mandamento

Quando um dos escribas perguntou a Jesus sobre o principal mandamento, Jesus respondeu:

> O principal é: Ouve, ó Israel, o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor! Amarás, pois, o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu entendimento e de toda a tua força (Marcos 12.29-30).

Jesus o chamou de "o grande e primeiro mandamento" (Mateus 22.38). É o primeiro em posição e importância. É grande porque, em princípio, abrange todos os outros mandamentos. Jesus citou o primeiro trecho de uma passagem muito maior das Escrituras. Quando o israelita ouvia as palavras "Ouve, ó Israel", ele as reconhecia de imediato como referência a todo o *Shemá*, a única passagem da Lei de Deus que todo israelita memorizava antes dos cinco anos de idade e que repetia várias vezes ao longo do dia.

> Ouve, Israel, o SENHOR, nosso Deus, é o único SENHOR. Amarás, pois, o SENHOR, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de toda a tua força. Estas palavras que, hoje, te ordeno estarão no teu coração; tu as inculcarás a teus filhos, e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e ao deitar-te, e ao levantar-te. Também as atarás como sinal na tua mão, e te serão por frontal entre os olhos. E as escreverás nos umbrais de tua casa e nas tuas portas (Deuteronômio 6.4-9).

Portanto, o primeiro e grande mandamento requer 1) a confissão de que o Senhor é único, 2) o amor ao Senhor de todo o nosso ser — de todo o nosso coração, de toda a nossa alma e de todas as nossas forças. Mas não acaba aqui. Ele também requer 3) a guarda dos mandamentos do Senhor no coração e 4) o ensino a nossos filhos. Em outras palavras, toda a nossa vida deve ser preenchida com:

1) Confessar o Senhor;

2) Amá-lo;

3) Memorizar sua Palavra;

4) Ensinar a Palavra a nossos filhos.

Nas palavras do *Pulpit Commentary* [*O comentário do púlpito*]:

> *A verdade e a piedade* [devem] *ser perpetuadas pelo ensino em casa*. Neste parágrafo, o velho legislador [Moisés] [...] mostra a provisão feita por Deus na estrutura da sociedade para a manutenção e perpetuação da verdade e da piedade. [...] Eis uma organização especial, divinamente designada, para conservar e perpetuar ambas.
>
> 1. Aqui o lar é considerado o centro em que as forças de conservação da verdade e da piedade devem ser conservadas. Que princípio profundo Moisés indica aqui, isto é: a nação será boa ou ruim de acordo com a vida no lar! [...] — a pátria se conformará à forma dos lares!
>
> 2. No lar, nosso Deus espera que a ele sejam apresentados seu caráter, tom e influência pelos pais. [...]
>
> 3. [Essa verdade] deve estar no coração dos pais, de tal modo que possa transbordar de forma diferente dali como rios de água viva. [...]
>
> 4. Por diversos meios, os pais devem ver o espírito do filho desde cedo saturado com as verdades de Deus. [...] A verdade divina deve estar diante dele, dia e noite, dentro e fora. Quem lhe deu a vida e que mais o ama deve moldar sua jovem vida para Deus. [...]
>
> — Rev. C. Clemance, *Pulpit Commentary*, in loc., sem data (século XIX)

O mandamento todo

Mas dirão alguns: "Jesus citou só uma parte do mandamento. O resto é coisa do Antigo Testamento". Discordamos com veemência. Na antiga terra de Israel, a vocalização da primeira ou das primeiras palavras — "Ouve, ó Israel" — começava a recitação da passagem inteira pela congregação — não só aos sábados, mas muitas vezes todos os dias. Os hebreus amarravam a passagem toda (Deuteronômio 6.4-9) a si mesmos como um dos "filactérios" (cf. Êxodo 13.9.16; Mateus 23.5). Para o hebreu, era impossível desconectar os versículos 4 e 5 do contexto. Toda a passagem permanecia uma unidade contínua e indivisível. Jesus, ao citar as primeiras palavras, intencionava evocar a passagem toda na memória dos ouvintes. Para que não entremos em uma longa discussão teológica, é suficiente dizer que, seja a passagem do "Antigo Testamento" ou não, os princípios por ela ensinados têm aplicação universal.

EXPOSIÇÃO DE DEUTERONÔMIO 6.4-9

O que segue é uma breve exposição do primeiro e grande mandamento, enfatizando sua importância para o ensino doméstico.

O mandamento da unidade

> [6.4] Ouve, Israel, o SENHOR, nosso Deus, é o único SENHOR.

Os hebreus chamam a passagem de *Shemá*, a primeira palavra hebraica da confissão, traduzida por "ouve". Os hebreus também a chamam "a confissão de Deus". O texto não diz que Javé é o único Deus. Isso está pressuposto. A palavra "um" (*'ehad*) significa uma unidade composta por mais de um, em contraste com outra palavra (*yahid*) que significa um único. O texto diz: "Yahweh, nosso Elohim, Yahweh é unido". Ele implicitamente declara que o Senhor nosso Deus não é uma única pessoa, mas é uma unidade eterna do ser, existente por si mesma e indivisível. (Compare o mesmo uso da palavra para *um* em Gênesis 2.24, Êxodo 26.6.11, Ezequiel 37.16-19.) Alguns comentaristas hebreus concluíram, a partir dessa passagem, que a Divindade era uma trindade de pessoas. Jesus disse: "*Eu-eu mesmo e o Pai somos um em essência*". (João 10.30, literal) A terceira pessoa da triunidade é o Espírito Santo (Mateus 28.19). O Pai, o Verbo ou Filho, e o Espírito Santo são Um em essência, Yahweh (1 João 5.7)

> [6.5] Amarás, pois, o SENHOR, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de toda a tua força.

O Senhor nosso Deus é o principal objeto do direcionamento de toda a energia do nosso ser. Como adoramos uma unidade na Trindade, também devemos constituir uma unidade interna. Devemos amar e adorar 1) de todo o nosso coração; 2) de toda a nossa alma; 3) de toda as nossas forças. Mas o que exatamente significam essas três coisas?

1) *De todo o nosso coração* não significa "com ímpeto emocional". O mundo associou essas noções ao coração, mas os hebreus não o entendiam assim. Para o hebreu, o *coração*, em geral, se referia a todas as faculdades da vida interior do homem: o intelecto, a emoção e a vontade. Ele se referia em especial à *mente*, que fornece a energia para toda a vida mental, de forma muito semelhante ao coração físico, que fornece a energia para toda a vida física. O intelecto, a emoção e a volição devem estar totalmente unidos na devoção indivisa ao Senhor.

2) *De toda a nossa alma* se refere à nossa autoconsciência e personalidade — quem somos —, a parte da nossa essência que nos distingue de outros indivíduos.

3) *De todas as nossas forças* deve se referir a todas as nossas fontes de energia. Devemos pôr tudo o que temos no amor ao Senhor.

> Nosso desejo deve estar direcionado a ele; nosso deleite, nele; nossa dependência dele; e a ele devemos ser inteiramente devotados (Matthew Henry, *Commentary*, 1706).

O apóstolo Paulo pode estar se referindo a esse mandamento quando declara:

> Ora, o intuito da presente admoestação visa ao amor que procede de coração puro, e de consciência boa, e de fé sem hipocrisia (1 Timóteo 1.5).

Em outras palavras, o objetivo *do grande* mandamento é o amor procedente do coração totalmente puro; a alma ou consciência inteiramente boa; e a fé repleta de força.

Sempre que essa passagem é citada nos evangelhos, acrescenta-se "a mente" [ou "o entendimento"] à lista, sem qualquer explicação ou objeção. A mente é a faculdade primordial que controla ou guia todas as outras partes do homem. Considera-se, portanto, que ela esteja por trás de todas as partes. E ela é usada por nosso Senhor segundo a figura de linguagem conhecida como

pleonasmo: a fim de elucidar ou enfatizar um pensamento, ele é repetido ou expressado de forma mais completa com palavras diferentes.

> [...] Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento (Mateus 22.37).
>
> Amarás, pois, o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu entendimento e de toda a tua força. [...] e [...] amar a Deus de todo o coração e de todo o entendimento e de toda a força (Marcos 12.30,33).
>
> Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todas as tuas forças e de todo o teu entendimento (Lucas 10.27).

O apóstolo Paulo disse isso de modo diferente:

> Rogo-vos, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus, que apresenteis o vosso corpo por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional. E não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus (Romanos 12.1-2).
>
> [6.6] E estas palavras que, hoje, te ordeno, estarão no teu coração.

As palavras do *Shemá* — Deus é uma unidade — e as palavras do mandamento — amar a Deus de todo o nosso ser — devem estar "no coração", o que significa "em nossa mente" segundo a expressão hebraica (Marcos 12.33). Elas devem ser inscritas com solenidade em nossa memória e, principalmente, em nossa consciência, para que nossos pensamentos, meditações e conversas estejam repletos do conhecimento de Deus.

O mandamento da educação

> [6.7*a*] Tu as inculcarás a teus filhos.

A expressão traduzida por "inculcar" significa "afiar por meio do atrito repetido". A imagem é a do ato de atritar contra uma pedra afiada e tornar a

afiar sempre que a lâmina ficar cega, para que permaneça afiada sempre. Devemos inculcar o *Shemá* a nossos filhos e o mandamento de amar a Deus. No entanto, o mandamento de amar a Deus engloba todos os mandamentos divinos. Jesus disse que o segundo mandamento, amar ao próximo, estava implícito no primeiro mandamento, amar a Deus, e "destes dois mandamentos dependem toda a lei e os profetas" (Mateus 22.40). Ele também disse que se nós o amarmos, guardaremos seus mandamentos (João 14.15). É-nos ordenado educar nossos filhos na disciplina e na admoestação do Senhor (Efésios 6.4), e que os deixemos afiados, preparados e versados na aplicação da Palavra de Deus a todas as áreas da vida. Isso não é opcional. *Nossos filhos devem estar bem afiados nos mandamentos de Deus, agudos e precisos ao aplicá-los.*

Isso exige que nós, pais, também sejamos afiados, preparados e versados nos mandamentos de Deus. O pupilo não está acima do mestre. Pais e filhos se beneficiam do mandamento. Afiar os filhos também nos manterá afiados. *Nossos filhos são indispensáveis para o nosso crescimento espiritual.*

Muitos cristãos interromperam essas bênçãos ao delegar a terceiros o dever de pais de educar os próprios filhos. Segundo a Bíblia, o lar deve ser o centro da educação. Educar é função da família que foi ordenada por Deus. A ninguém mais é dada a responsabilidade de educar nossos filhos. Ela não é dada ao governo ou à igreja, mas à família. *É preciso uma família, não uma cidade, para educar a criança.*

É evidente que há modos apropriados para que outros ajudem os pais no processo. Não o negamos. Queremos apenas enfatizar que o trabalho de educar os filhos é a essência da família. Quando os pais são colocados na posição de observadores, a família fica bastante prejudicada. Retira-se dos pais e dos filhos uma imensa porção do processo ordenado por Deus para o crescimento espiritual. Quando continuamos por esse caminho — separar os filhos dos pais —, rompemos os tendões e ligamentos da nossa cultura. As famílias se desfazem porque as dividimos. Precisamos ensinar nossos filhos

para o nosso bem. Nossos filhos precisam ser ensinados por nós *para o bem deles*. O caminho para destruir a família é separar os filhos dos pais. E o caminho para separar os filhos dos pais é retirar da família a autoridade na educação.

O teólogo presbiteriano Robert L. Dabney escreveu há 125 anos:

> O ensinamento da Bíblia e o da ética política sensata consiste na educação dos filhos como algo pertencente à esfera da família e que seja dever dos pais... Ora, de que maneira o Estado […] pode se justificar na intromissão e revolucionar essa ordem? (*Discussions*, Vol. IV. Secular, 1876, p.194).

No entanto, qualquer que seja a desculpa apresentada e independentemente de como outras pessoas possam ter contribuído para o aumento do problema, a questão principal é que os pais recuaram da responsabilidade ordenada por Deus de educar os próprios filhos. As escolas se tornaram orfanatos cheios de crianças abandonadas pelos próprios pais em sentido educacional. Os filhos não se encontram mais no coração dos pais.

O fracasso da família corresponde de forma direta ao crescimento da educação controlada pelo governo. Isso se deve ao fato de Deus pretender que os pais fossem os educadores principais, e de que ele nunca desejou que o governo fosse educador. Sob o governo de Deus, a educação jamais esteve sob a jurisdição do governo.

> A teoria de que as crianças da comunidade são de responsabilidade da comunidade é pagã; deriva-se da Esparta pagã e da República pagã de Platão e está ligada, por sequência lógica e regular, [...] à dissolução do laço conjugal (*Discussions* de Robert L. Dabney, Vol. IV, Secular, 1876, p.194).

Em outras palavras, a educação controlada pelo Estado acaba por destruir o vínculo matrimonial, separando os filhos dos pais e dissolvendo a ordem e autoridade delegada por Deus à família. Na nova ordem, visto que o Estado educador toma o lugar da família natural educadora, o casamento e a legitimidade perdem importância. Agora colhemos em nossa cultura os frutos

de diversas gerações de incredulidade na ordem revelada por Deus para a educação. A melhor maneira de ajudar a família não é passar por cima dos limites jurisdicionais ordenados por Deus e realizar o trabalho da família no lugar dela, e sim sair do caminho da família e deixá-la retomar a função ordenada por Deus: educar os filhos com os quais Deus a abençoou.

O método de educação

> [6;7*b*] E delas falarás.

Isto significa caracterizar o ensino diligente de nossos filhos: *e delas falarás*. A repetição é parte importante do ato de inscrever as palavras na memória, mas o mandamento não está limitado à recitação decorada das palavras dos mandamentos divinos. Nós devemos também meditar verbalmente em seu significado, suas implicações e suas aplicações a todas as variadas situações, circunstâncias e acontecimentos da vida. Falamos de modo livre e fluente do que se encontra no coração. Se a palavra de Deus for nosso grande interesse, ela será refletida na conversação diária.

> O homem bom do bom tesouro do coração tira o bem, e o mau do mau tesouro tira o mal; porque a boca fala do que está cheio o coração (Lucas 6.45).

> Os lábios do justo apascentam a muitos, mas, por falta de senso, morrem os tolos (Provérbios 10.21).

Uma amostra dessa instrução é apresentada alguns versículos adiante:

> Quando teu filho, no futuro, te perguntar [...], então dirás a teu filho (Deuteronômio 6.20,21).

Nossa instrução deve ser caracterizada por conversações livres e fluentes que convidam nossos filhos à investigação aberta.

> [6.7*c*] Sentado em tua casa, e andando pelo caminho.

Os hebreus se sentavam juntos na hora das refeições, do lazer, do descanso e das visitações, da instrução e do trabalho leve. Isso implica que cada família deveria fazer essas coisas em conjunto, caso contrário, eliminavam as oportunidades de obedecer ao mandamento. O meio de transporte hebraico era, sobretudo, a caminhada. A hora da viagem com frequência consistia em um período de lazer que propiciava muito tempo para a discussão das coisas de Deus. Não devemos alterar nosso estilo de vida religioso quando nos encontramos fora do lar. "Sentado" e "andando" são expressões simbólicas que abrangem todas as atividades das horas de vigília. As famílias devem fazer as coisas em conjunto o dia todo. Os pais devem usar esses momentos como oportunidades para relacionar as suas atividades à atividade única de amar a Deus por meio da guarda dos mandamentos. Quantos lares lançam fora essas oportunidades devido à busca desordenada por divertimentos — esportes, televisão, filmes e compras? Quantos pais liberam seus filhos para que busquem os próprios interesses sozinhos, longe da família? Sim, deve-se encontrar o equilíbrio, mas o equilíbrio deve sempre estar a favor da família. Note que o texto não diz: "Quando tu te assentares em teu templo de adoração e em tua sinagoga ou escola". Essas coisas não estavam necessariamente excluídas, mas de modo algum consistiam no foco, como se fossem o local onde preferencialmente fizéssemos essas coisas.

[6.7*d*] Ao deitar-te, e ao levantar-te.

O dia hebraico começava ao entardecer. (Compare com Gênesis 1.5: "*Houve tarde e manhã, o primeiro dia.*") O Senhor devia ser lembrado no entardecer — quando um dia terminava e outro começava; e na manhã, a metade do dia de 24 horas. A família hebraica separava um tempo toda noite e toda manhã para a oração e a instrução nas coisas do Senhor. O início, a metade e o final do dia pertenciam ao Senhor. As últimas quatro frases — *sentado em casa, andando pelo caminho, ao deitar-se e ao levantar-te* — nos ensinam que devemos aproveitar cada oportunidade ao longo do dia para

ensinar os mandamentos do Senhor. Não devemos nos deixar dominar por diversões, precisamos meditar a respeito da Palavra de Deus. A vida familiar dos pais e dos filhos deve ser completamente preenchida pelo conhecimento do Senhor. O lar deve ser o centro educacional. *São necessários os pais para ensinar a criança*. (Cole isso no para-choque do seu carro!)

[6.8] Também as atarás como sinal na tua mão, e te serão por frontal entre os olhos.

A mão era símbolo do serviço ativo; os olhos e a fronte eram símbolos da orientação e da consciência. O mandamento deve ser como um barbante amarrado nos dedos que constantemente nos lembra da dedicação constante de nossos atos e pensamentos a Deus. É um costume universal em todas as culturas, quando não se pode confiar na mente para se lembrar de algo, a colocação de um objeto no local em que se possa, no habitual transcorrer do dia, ser percebido e que funcionará como lembrete contínuo: "Amarre um barbante em volta do dedo para que você não se esqueça". Alguns hebreus tomaram essas palavras de modo tão literal que colocavam faixas na fronte e na mão com a inscrição das palavras de Deuteronômio 6.4-9 e 11.13-21.

[6.9] E as escreverás nos umbrais de tua casa e nas tuas portas.

Enquanto as outras religiões adornavam as propriedades com símbolos idolátricos, os hebreus inscreviam nelas a Palavra do Senhor. Eles seriam um povo erudito em sentido bíblico. A Palavra de Deus devia ser afixada em todos os lugares pelos quais alguém pudesse entrar na propriedade ou dela sair. As Escrituras não eram obtidas com tanta facilidade em tempos passados porque os escritos eram feitos a mão, não impressos. Assim os hebreus escreviam suas lições nos locais pelos quais todas as pessoas da casa passavam todos os dias. Os hebreus fixavam um rolo de pergaminho com o texto de Deuteronômio 6.4-9 nos umbrais e nas portas das casas. Infelizmente se tornou um hábito enrolar o pergaminho antes de sua fixação, e todos os dias eles o tocavam ou beijavam como se fosse um amuleto protetor, mas não o

liam! Que vantagem há nisso em relação às pessoas hoje que carregam a Bíblia consigo para todo lugar, mas nunca a leem nem a explanam para seus filhos? Ou em relação aos missionários que ensinam outras famílias a guardar os mandamentos divinos, mas colocam a própria família em internatos? A preponderância do simbolismo sobre a substância é a fórmula moderna da hipocrisia.

Resumindo: devemos fazer uso de quaisquer meios possíveis para conhecermos melhor a Palavra de Deus, para que ela nos esteja disponível quando for necessária, útil e proveitosa, o que se dá o tempo todo. Nunca devemos sentir vergonha do Senhor e de sua Palavra, mas devemos exibir a Palavra de maneira aberta e corajosa.

> Filho meu, guarda as minhas palavras e conserva dentro de ti os meus mandamentos. Guarda os meus mandamentos e vive; e a minha lei, como a menina dos teus olhos. Ata-os aos dedos, escreve-os na tábua do teu coração (Provérbios 7.1-3).

Se alguém nos menosprezar por usarmos a Bíblia por todo o currículo escolar, devemos corrigi-lo com o primeiro e grande mandamento. Isso contrasta de forma grave das escolas controladas pelo governo, em que Deus não deve ser mencionado — ao menos não com reverência — o dia todo. Assim, um dia de aula se torna uma lição diária de *ateísmo prático*, que surte um efeito sutil e insidioso — e, não obstante, cumulativo e desastroso — sobre todos nós. Desse modo, nossa cultura perdeu o conhecimento de Deus e, por causa disso, sofremos em todas as áreas da vida.

AS IMPLICAÇÕES DO MANDAMENTO PARA A FAMÍLIA

O primeiro e grande mandamento requer dos pais que ensinem aos filhos a verdade da Palavra divina. Pais e filhos se beneficiam muito do mandamento. Nosso próprio conhecimento e compreensão da verdade aumentam quando a comunicamos aos filhos. O apreço dos filhos por nós, pais, bem como a confiança em nós, aumenta quando recebem nossa instrução. Alguns podem objetar, dizendo que o melhor é deixar a tarefa para os "profissionais". Deus não pensava assim quando nos deu o mandamento. Ele criou um sólido quadro profissional de sacerdotes e levitas. Alguns deles foram designados para o cumprimento da tarefa de ensinar aos pais. No entanto, Deus não confiou a tarefa de educar os *filhos* a esses professores profissionais, mas aos *pais*. Por meio da convivência cotidiana, as famílias podem partilhar informações por meio de gerações de modo que nenhum professor contratado é capaz, para não dizer autorizado a fazer. (Os educadores socialistas reconhecem esse princípio e agora estão reformando as escolas de ensino fundamental, transformando-as, em suas palavras, "na nova família".) Quando o trabalho de instrução é tirado da família, pais e filhos são enganados e a família toda sofre.

> Ora, por que abandonar em mãos estranhas a tarefa que está de tal modo sob sua supervisão, que Deus e a natureza — bem como o seu cuidado — parecem de modo uníssono ter delegado a você? (*Tiriconium; or, A Review of Schools* de William Cowper, 1785).

O mandamento também foi outorgado para garantir a pureza e a perpetuidade da fé. A religião da verdade — passada com fidelidade de geração a geração por múltiplas famílias dedicadas — será mais pura e menos aberta a espalhar a corrupção que a religião passada por um pequeno grupo de "profissionais" interessados em si mesmos. Será mera coincidência que o declínio da devoção familiar verdadeira é inversamente proporcional ao

surgimento da educação religiosa profissional? A melhor maneira de ajudar a família é sair do caminho dela e deixá-la fazer o trabalho para o qual Deus a designou. A educação é função da família ordenada por Deus. Quem somos nós para inutilizar o mandamento divino a fim de manter nossa tradição (Mateus 15.6; Marcos 7.9)? São necessários pais e avós piedosos para ensinar e capacitar a criança piedosa.

> Dou graças a Deus [...] pela recordação que guardo de tua fé sem fingimento, a mesma que, primeiramente, habitou em tua avó Lóide e em tua mãe Eunice [...]. Tu, porém, permanece naquilo que aprendeste e de que foste inteirado, sabendo de quem o aprendeste e que, desde a infância, sabes as sagradas letras, que podem tornar-te sábio para a salvação pela fé em Cristo Jesus (2 Timóteo 1.3,5; 3.14-15).

AS IMPLICAÇÕES MAIS AMPLAS DO MANDAMENTO

Nossa cultura está sendo manipulada para adorar o Estado. Vemos o Estado como um deus, com o direito de controlar tudo que quiser. O Estado está sendo dotado com poderes para controlar o destino dos recursos humanos, o poder de predestinar. Nossa cultura nos ensina a pensar no Estado como detentor do direito natural de controlar a educação das crianças para o bem da sociedade, afinal, o Estado democrático é a personificação da sociedade. Nossa cultura nos ensina que o Estado detém o *compelling interest*[1] no que tange à sua sobrevivência e êxito. Daí a razão de o Estado exercer o controle sobre as crianças: elas são o futuro. Embora essa doutrina raramente seja exposta em termos tão explícitos, ela é, no entanto, a declaração implícita de quase todos os programas estatais. O Estado busca saber tudo a nosso respeito. Ele procura estar em todos os lugares de nossa vida. O Estado deseja controlar tudo na sociedade. *O Estado é a encarnação do deus do humanismo*. O homem, por meio do Estado, se tornou a medida de todas as coisas. A promessa do tentador no jardim do Éden, por fim, se cumpriu no Estado socialista. O homem é um deus que determina por si mesmo o bem e o mal, medindo todas as coisas por seus padrões inventados, afastado dos padrões revelados por Deus.

Há só uma maneira de derrotar o Estado socialista. Não é com o aparato político e os votos. Não é com petições e protestos. É com uma educação piedosa e controlada pelos pais dos próprios filhos. O socialismo destrói o laço natural entre pais e filhos: esta é uma parte necessária da agenda socialista. A menos que esses laços sejam rompidos, o Estado não terá poder para controlar o futuro. A educação controlada pelos pais frustra esse propósito. Daí o Estado socialista ter trabalhado com tanto afinco para transformar o vínculo paterno em um fardo e induzir os pais ao desejo de cortar esse vínculo sempre que possível.

Do ponto de vista prático, o ensino doméstico é mal visto pelo Estado socialista, pois fortalece o laço entre pais e filhos que controla o futuro. A família é o inimigo público número um do socialismo, e praticar o cristianismo bíblico é um crime de lesa-majestade contra o Estado.

Não foi o Estado que gerou nossos filhos e os deu a nós; não podemos confiar nele para instruí-los e nem devemos deixar que ele os tome de nós.

> Herança do SENHOR são os filhos; o fruto do ventre, seu galardão (Salmos 127.3).

Os filhos não se encontram sob a autoridade, proteção e tutela do Estado ou da igreja, mas dos pais. Os pais são responsáveis diante de Deus pelo modo com que seus filhos são criados. Exceto em circunstâncias atípicas ou inevitáveis, nós, os pais, responderemos a Deus por quem educa nossos filhos e pelo modo com que são educados. Deus não colocará maior culpa por quaisquer falhas no governo ou na igreja, mas nos pais.

> Filhos, obedecei a vossos pais no Senhor, pois isto é justo. [...] E vós, pais, [...] criai-os na disciplina e na admoestação do Senhor (Efésios 6.1,4).

Em 1973, quando éramos recém-casados, minha esposa e eu concordamos na época que jamais enviaríamos nossos filhos para escolas controladas pelo governo. Nossa promessa não era uma reação à condição da educação socializada. Nesse tempo, as escolas do governo não eram nem de perto tão abertamente perigosas como hoje. Nosso comprometimento com a educação controlada e dirigida pelos pais começou quando fizemos um voto de casamento de educar nossos filhos no temor do Senhor. Nossa promessa na época era filosófica. Só nós, pais, temos a autoridade sob Deus e a responsabilidade diante dele, de educar os filhos no conhecimento e no temor do Senhor.

Daí em diante desenvolvemos muitas outras razões para o ensino doméstico, mas todas permanecem subordinadas à primeira. Sabemos que certas pessoas não gostam quando falamos contra a educação controlada pelo

governo. Mas nossa oposição à educação pública não se relaciona com a qualidade acadêmica da educação, por pior que ela seja; nem com a irreligiosidade do currículo, embora seja também uma consideração importante; nem com os perigos da sala de aula, outra consideração muito importante. Tudo isso consiste apenas nas consequências morais inevitáveis do erro fundamental: agir de modo contrário à ordem divina ao retirar dos pais o controle da educação e outorgá-lo a outrem, como o Estado e a igreja.

> *A tarefa permanece com os pais*. Essa é a doutrina protestante, a doutrina da Bíblia. Nem o Estado nem a igreja devem usurpá-la; no entanto, as duas instituições devem iluminar, encorajar e assistir os pais nessa tarefa inalienável (*Discussions*, Robert L. Dabney, Vol IV. Secular, 1876, p.223).

Embora haja muitas outras razões práticas para o afastamento do sistema educacional controlado pelo governo, todas elas são subservientes a esta:

> Estou certo — tanto quanto da minha pertença ao reino de Cristo — de que o sistema de educação nacional amplo e centralizado, separado da religião, como o proposto agora, mostrar-se-á o mais abominável aparato já visto pelo mundo arrendado ao pecado para a propagação do ceticismo anticristão e ateu, da ética antissocial e niilista — no âmbito individual, social e político (Alexander A. Hodge, teólogo de Princeton, por volta de 1869).

> Surdo ao mais sensível pedido da natureza,
> Não o deixarias à deriva na marítima correnteza
> Nem dirias — "Vá" — sabendo que no caminho
> Há areia movediça e de víboras um ninho;
> Assim, só governado por este preceito régio
> Da natural piedade, não o envies ao colégio.
>
> (*Tiriconium*; *or, A Review of Schools* de William Cowper, 1785.)

Objeção: Os pais devem colocar os filhos em escolas do governo como "sal" para o sistema.

Resposta: Isso se refere a Mateus 5.13, que diz: "Vós sois o sal da terra". Mas o versículo prossegue, dizendo: "Mas se o sal se tornar insípido, com que

se há de restaurar-lhe o sabor? Para nada mais presta, senão para ser lançado fora, e ser pisado pelos homens". O que se segue é uma pequena aula de história da química.

Se tentássemos eliminar o gosto do sal de cozinha comum, o sal seria dissolvido e removido de forma completa; nada mais restaria. Isso se deve ao fato de que o sal de cozinha de hoje é formado por cristais puros do composto químico que chamamos cloreto de sódio. No entanto, o "sal" da Terra do Israel bíblico não era composto por cloreto de sódio puro. Nele havia cloreto de sódio e outros compostos e impurezas. De fato, era possível eliminar o cloreto de sódio do sal antigo, o que removeria o gosto salgado, mas ainda assim haveria um "resíduo" substancial. Ainda pareceria "sal", mas careceria do gosto salgado ou "sabor". Esse "sal" lavado perdia todas as propriedades benéficas: preservar a comida, fertilizar o solo, limpar feridas, aumentar o sabor e, sobretudo, manter a vida. Tendo sido removido o cloreto de sódio, o "sal" não valia mais que um punhado de areia. Na verdade, era areia. Os homens pavimentavam as vias literalmente com essa areia. Por isso Jesus disse: "Para nada mais presta, senão para ser lançado fora, e ser pisado pelos homens".

Ora, a questão verdadeira é: "Nossos filhos agirão como sal na escola controlada pelo governo para mantê-la, preservá-la, fertilizá-la, limpá-la e dar sabor a ela; ou a escola controlada pelo governo eliminará o sabor e a utilidade de nossos filhos para torná-los sal inútil?". Quem está eliminando — ou ensinando — quem na escola controlada pelo governo? Os educadores socialistas podem não ser sempre eficientes em ensinar habilidades acadêmicas, mas são muito habilidosos e eficientes em transmitir, de maneiras sempre tão sutis, a visão de mundo humanista. O pai da educação socialista moderna é John Dewey. Dewey era um humanista dedicado e autor do primeiro manifesto humanista. Os humanistas declaram abertamente seu intento. Eles pretendem salgar nossos filhos com a filosofia do humanismo.

Charles F. Potter, um humanista importante, escreveu na revista *Humanist* [*Humanista*] (1930):

> A educação é, assim, o aliado mais importante do humanismo e toda escola pública americana é humanista. Que pode fazer a escola dominical teísta, visto que se reúne uma hora por semana e ensina uma fração das crianças, para conter a maré do programa de cinco dias de ensino humanista?

Outro humanista importante, John Dunphy, escreveu na *Humanist Magazine* [*Revista Humanista*] (jan/fev 1983):

> Estou convencido de que a batalha pelo futuro da humanidade deve ser travada e vencida na sala de aula da escola pública por professores que percebam de forma correta seu papel de proselitismo da nova fé: a religião da humanidade. [...] Os professores devem incorporar a mesma dedicação altruísta dos pregadores fundamentalistas mais fanáticos, pois serão outro tipo de pregadores, utilizando, porém, a sala de aula em vez do púlpito. [...] A sala de aula deverá se tornar — e o fará — a arena do conflito entre o velho e o novo: o corpo em putrefação do cristianismo, com todas as suas misérias e males adjacentes, e a nova fé do humanismo.

Nossos filhos não vêm com sal. A tarefa que nos foi dada por Deus enquanto pais é enchê-los com sal. Chamamos esse processo de educação.

> Ensina a criança no caminho em que deve andar [ou seja, encha-o com sal], e, ainda quando for velho, não se desviará dele (Provérbios 22.6).

> E vós, pais, não provoqueis os vossos filhos à ira, mas criai-os na disciplina e na admoestação do Senhor (Efésios 6.4).

A passagem diz em sentido literal: "Nutri-os na correção e no conselho do Senhor". Em outras palavras, não os provoque à ira, mas à justiça. Quando nutrimos nossos filhos, agimos como o sal neles: preservamos sua integridade, fertilizamos sua mente, limpamos seu caminhar e lhes damos o sabor particularmente cristão da vida.

Nossos filhos estão preparados para entrar na batalha contra o gigante filisteu da educação humanista? Davi testou a si mesmo em primeiro lugar

com uma funda diante de leões e ursos antes de lançar-se contra o gigante Golias. Nossos filhos testaram a si mesmos com as armas da guerra cristã? (Romanos 13.12; 2 Coríntios 10.4,5; Efésios 6.10-18). Só depois do amadurecimento de nossos filhos e de terem sido provados na correção e no conselho do Senhor é que poderemos enviá-los para a batalha contra os filisteus humanistas. No entanto, se enviamos nossos filhos para que sejam discipulados pelo sistema humanista, podemos esperar que qualquer sal que transmitamos a eles seja continuamente removido pela corrente constante do humanismo poluído. O sal em breve perderá o sabor e não será útil para mais nada. Não causa estranheza que os cristãos sejam lançados fora e pisados pelos homens. Se tivéssemos algum sal, os inimigos tentariam nos matar. Em vez disso, apenas pisam sobre nós.

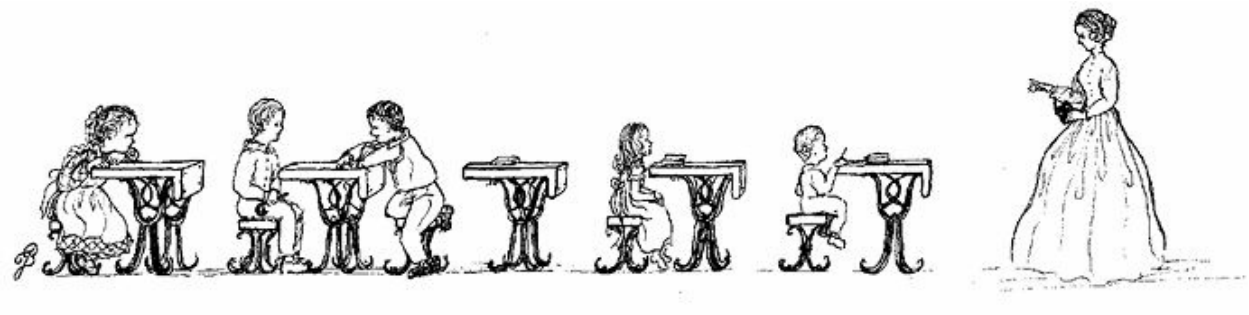
Um século de cristãos enviando os filhos para escolas controladas pelo governo eliminou a salinidade do cristianismo, de modo que agora temos uma geração de cristãos que nem sequer sabe o que é cultura cristã. Agora lutamos para levantar pais cristãos que sejam "o sal da terra" ao salgar os filhos no temor do Senhor.

RESUMO E CONCLUSÃO

Assim, por que os pais cristãos devem controlar a educação de seus filhos? De forma resumida, os pais devem controlar a educação dos filhos por se tratar de sua responsabilidade diante de Deus. Não é responsabilidade do Estado, da igreja, economia, nem sociedade em geral. Embora haja muitas razões práticas para o afastamento do sistema educacional do governo, elas estão subordinadas à questão da responsabilidade e do controle.

1 Este termo jurídico — que pode ser entendido como *interesse imperativo* ou *interesse coercivo* — designa o interesse predominante por parte do Estado que pode se sobrepor, em certos casos específicos, aos direitos fundamentais. [N. do T.]

Capítulo Três



Pais cristãos devem preferir a escola regular?

E vós, pais, não provoqueis os vossos filhos à ira, mas criai-os na disciplina e na admoestação do Senhor
— Efésios 6.4

Que governe bem a própria casa, criando os filhos sob disciplina, com todo o respeito
— 1 Timóteo 3.4

INTRODUÇÃO

Cada vez mais pais cristãos optam pela retomada de certo controle da educação dos próprios filhos. Muitos pais consideram que a opção principal — ou preferida — seja enviar os filhos para escolas particulares. Neste capítulo, vamos explorar os problemas dessa opção.

A ordem bíblica

Como explicamos no Capítulo 2, a ordem bíblica é que os pais controlem e guiem o processo de educação dos filhos. Alguns podem argumentar que as escolas regulares podem ser controladas e dirigidas pelos pais. Talvez. Mas não no mesmo sentido, modo ou nível do ensino doméstico.

No ensino doméstico, os pais estão diretamente envolvidos no processo. Nas aulas particulares os pais abrem mão de parte do controle e da direção, mas os concedem apenas a um professor de confiança, dentro de um limite, que tem responsabilidade direta diante dos pais. Estes, por sua vez, podem interferir de modo direto no processo, pelo qual determinam o que seja necessário fazer. Como isso pode ser comparado com uma escola regular? Os pais podem escolher uma escola regular com cuidado e consciência; a administração da escola pode incluir alguns pais; os pais podem até mesmo exercer alguma influência nas contratações de professores e no currículo usado. E, com certeza, os pais podem exercer o poder de veto final ao deixar a escola, retirar os filhos dali e matriculá-los em outro lugar. No entanto, o controle exercido pelos pais em uma escola regular está, a vários passos, distante do controle direto sobre a educação dos filhos. Interpõem-se entre pais e filhos diversos níveis de intermediários em todas as direções, barreiras isolantes de muitos tipos e interesses conflitantes de várias grandezas. Tais coisas são um requisito funcional em qualquer escola regular gerida de forma eficiente. Elas estão inevitavelmente incluídas no pacote. São os "males necessários" do processo de ensino dividido em graus e não podem ser evitados.

Muitas vezes os adultos recorrem a aulas particulares para ter o ensino acadêmico especializado. Este pode ser o emprego muito eficiente de professores especializados. Os adultos podem lidar com o processo. Mas seria um erro de grandes proporções supor que o ensino acadêmico das crianças ao longo dos anos de ensino médio deva ser tratado da mesma maneira que na educação adulta. O processo que está em vigor nesses anos é muito diferente. Façamos uma analogia com o computador: os adultos devem estar com todo o seu sistema operacional e software básico funcionando com correção. No entanto, as crianças ainda estão recebendo a programação elementar. Os erros de formatação serão abundantes se nós só incluirmos dados brutos, meras teorias, antes que a programação esteja completa. Há muito mais coisas envolvidas além de meras teorias. Poucas vezes as teorias tocam no ensino especializado que requer o professor especializado.

> E vós, pais, não provoqueis os vossos filhos à ira, mas criai-os na disciplina e na admoestação *do* Senhor (Efésios 6.4).
>
> Pais, não *irriteis* [provocar *tanto*] os vossos filhos, para que não fiquem desanimados (Colossenses 3.21).

Os vocábulos gregos para *provocar* [παροργίζετε, *parorgizete*] e *irritar* [ἐρεθίζετε, *erethizete*] expressam a ideia de empurrar a criança muito longe, para além de sua capacidade, a ponto da ira justificável e do desespero. (Um exemplo exagerado disso na literatura inglesa seria o jovem Paul Dombey, personagem de Charles Dickens, cuja educação foi de matar, literalmente.) Os pais devem educar seus filhos até a maturidade completa, não os impelir a chegar a ela. O processo é diferente com cada criança, o que requer um excelente microgerenciamento. As criancinhas não podem ser tratadas como pequenos adultos. Não podemos apenas colocá-las em uma esteira acadêmica e esperar que surjam na outra ponta como máquinas bem ajustadas. A fábrica é um modelo de manipulação eficiente de muitos objetos inanimados para reproduzir produtos idênticos. A natureza frágil dos filhos é tamanha que

demanda cuidados sob medida, que não sejam tratados como modelos industriais produzidos em massa de forma idêntica.

Além dessas considerações bíblicas, algumas razões para não matricular os filhos em escolas controladas pelo Estado se aplicam — em diversos níveis — a todas as escolas regulares em geral, às controladas pelo Estado ou por entidades privadas.

Por que não a escola clássica?

A pergunta se coloca a alguns pais: "Por que não mandar nossos filhos para a escola regular clássica?". Não nos opomos, em princípio ou teoria, à existência de professores particulares para nenhuma matéria proveitosa. Em muitas circunstâncias, deve-se preferir o professor particular sob a direção dos pais. Em situações emergenciais, devem ser permitidas outras possibilidades para a satisfação de necessidades críticas. Mas um professor particular à frente de um aluno ou de um pequeno grupo de alunos não é o mesmo que uma sala de aula, em especial a turma composta de famílias e sexos mistos; muito menos uma turma grande de pares separados segundo a idade. Não acreditamos que se deva preferir a sala de aula aos pais ou ao professor especial.

Sabemos que agora nos encontramos em uma área controversa. Para início de conversa, devemos dizer que não julgamos outros cristãos por suas decisões. Eles são responsáveis diante de Deus e devem compreender melhor as próprias circunstâncias e a direção à qual o Senhor os está guiando. No processo de santificação, pode haver muitas medidas parciais que, em sentido ideal, parecem estar deslocadas, mas em sentido prático são, contudo, necessárias. Suponha que nós moremos em Nova York. Podemos ter começado nossa viagem de Los Angeles para nossa casa. Ora, se você nos encontrar em Chicago, não seja tão rápido em emitir juízo. Chicago pode ser só uma parada no caminho para casa. Só nos mostre a direção certa e nos ajude a progredir de alguma maneira na viagem.

DEZ PROBLEMAS COM AS ESCOLAS REGULARES

Listamos abaixo alguns problemas duradouros nas escolas regulares de período integral com turmas grandes de alunos de ambos os sexos e separados de acordo com a idade. (À medida que suscitamos a controvérsia, muitas pessoas que recebem o ensino doméstico despertaram para o fato de que esses problemas também se aplicam a escolas dominicais, grupos de jovens e situações similares com pessoas de ambos os sexos e separadas por idade.)

1. Escolas regulares criam vínculos que podem facilmente se sobrepor e opor aos vínculos de autoridade e afeição.

Por exemplo:

O vínculo entre o professor e o aluno pode enfraquecer o vínculo entre os pais e a criança.

O vínculo entre a escola e o aluno pode enfraquecer o vínculo entre a família e a criança.

O vínculo dos alunos entre si pode enfraquecer o vínculo entre os irmãos.

O vínculo entre os pais e a escola pode enfraquecer o vínculo entre o pai e a mãe.

Há um potencial enorme para a alienação das linhas apropriadas de afeições e para a geração de linhas inapropriadas de afeições. De acordo com Deus, a autoridade dos pais consiste no fundamento da instrução. O respeito à autoridade dos pais fica solapado, diluído e destruído quando, na mente das crianças, outras autoridades são exaltadas acima deles. As crianças entendem quem exerce autoridade sobre elas? A confiança fica abalada quando se confunde a autoridade.

Em 1985 estávamos envolvidos na tentativa de fundar uma escola particular. Apesar do trabalho árduo de montar a escola, organizar os

horários e decidir o currículo, um problema persistia: nenhum aluno. Os esforços para suscitar interesse suficiente pela escola fracassaram. Nossos filhos teriam, sem dúvida, frequentado a escola. Em vez disso, recuamos e continuamos buscando o ensino doméstico. Na época ficamos bastante decepcionados. Não entendíamos, como entendemos agora, o valor real do ensino doméstico.

A maior parte das crianças que frequenta a escola regular — particular ou pública, cristã ou secular, clássica ou moderna — é atraída pelos colegas. As crianças se ligam aos colegas e se afastam dos pais. A autoridade dos pais fica abalada de modo súbito e talvez nada intencional, porém de forma quase inevitável. Em *The socialization trap* [*A armadilha da socialização*], Rick Boyer destaca: "A socialização do grupo quebra as relações familiares [...] separa os filhos dos irmãos e dos pais por causa de compromissos de tempo, interesses e vínculos emocionais". Sem dúvida e em certa medida a criança ainda ama a mãe e o pai. Mas o coração, as afeições, as atenções e a própria vida da criança ficam atados aos colegas. Os pais perdem o coração dos filhos.

Se você tivesse nos perguntado em 1980 porque educávamos nossos filhos em casa, teríamos respondido a respeito do desejo de que nossos filhos recebessem boa educação. Queríamos que aprendessem latim e grego. Hoje, diríamos que ensinamos em casa por não querermos que nossos filhos fiquem socialmente vinculados a seus coetâneos. Desejamos manter o coração de nossos filhos onde deve estar: com os pais e a família até a hora do casamento e da saída de casa. Nós, pais, precisamos da santificação proveniente do ensino de nossos filhos e eles precisam do mesmo em relação a nós. Assim, ainda que não lhes pudéssemos ensinar latim e grego, nós os educaríamos em casa.

2. Escolas regulares podem criar uma atmosfera de rivalidade ímpia em vez de desafio piedoso.

Quando coetâneos são reunidos no contexto que envolve classificação, o resultado natural é a comparação — não ao padrão absoluto, mas uns aos outros, gerando competição segundo a carne e a rivalidade.

Citamos aqui uma passagem que parece ilustrar essa questão. Durante a Guerra Civil dos EUA, Augusta Jane Evans escreveu o livro *Marcaria; or, altars of sacrifice* [*Marcaria, ou altares de sacrifícios*]. Evans foi educada pela mãe em casa. Ela estudou latim e grego, e era bem versada nos clássicos. A principal personagem do livro é Irene, uma bela e doce sulista de 15 anos que foi mandada a uma prestigiosa escola de Nova York.

> Do mesmo modo que ervas daninhas, altas e tirânicas, e grama intonsa e rançosa se apoderam de ramos delgados, puros e odoríferos, encontrados em uma encosta, e os esmagam, também as falhas do caráter de Irene se fortaleceram com rapidez e se desenvolveram na nova atmosfera em que ela se encontrava. Todo o estímulo acalentador da cama quentinha pareciam aplicar-se a eles e seus impulsos mais nobres corriam o risco iminente de ser subjugados de forma total [...] e as associações que circundavam Irene foram calculadas com precisão para lhe destruir a pureza nativa e o altruísmo de sua essência. A escola ocupava uma instalação vasta, moderna, e para lá os alunos eram enviados de todas as partes dos Estados Unidos. Quanto às vantagens educacionais, a instituição era impecável; os professores eram considerados imbatíveis nos diversos departamentos; todo o cuidado foi tomado para o ensino completo. Mas que Babel reinava do lado de fora da sala de aula! Cento e quarenta garotas passavam o recreio em inveja, ridículo, malícia e detração. O esquadrão das medíocres se unia em ódio implacável contra aquelas às quais a natureza havia modelado na beleza; as indolentes e obtusas sempre alertas para vituperar os esforços exitosos das superiores; as que se vestiam com simplicidade devido à inópia dos pais alimentam seu descontentamento cravando os olhos com franca inveja na rica indumentária das queridinhas da fortuna; e as favorecidas sorriam com desdém das desventuradas, emplumando-se com riqueza, beleza, intelecto, conforme o caso; ficando mais arrogantes e insuportáveis a cada dia. Um ambiente deplorável para a alma vicejante e imaculada; causa surpresa que pais verdadeiramente carinhosos, ansiosos em promover o aperfeiçoamento das filhas em todos os aspectos, se apressem em colocá-las onde vapores venenosos as envolvem e circundam. Os diretores dessas instituições são indubitavelmente escrupulosos e se esforçam para cumprir com fidelidade o dever que lhes cabe, mas os males da natureza humana são obstinados, difíceis de dominar mesmo com os auspícios mais favoráveis; e quando a

> massa de almas inexperientes é conduzida a um local fechado, para que se entretenha à custa de outrem, sem dúvida o que se segue é o mal (Augusta Jane Evans, *Marcaria; or, altars of sacrifice*).

Objeção: Eu passei pela escola e deu certo.

Resposta: Ao menos você pensa assim. Quando nos comparamos com nós mesmos, não parecemos tão maus, não é verdade? Pelos padrões do mundo, podemos parecer bons e nossa família pode parecer ótima. Comparados com o século anterior, podemos parecer um pouco pálidos. Mas precisamos ser medidos pelo padrão absoluto da Palavra de Deus. Por esse padrão, tememos que pareçamos mais com Ló em Sodoma. Os inconscientes não têm consciência de sua inconsciência.

3. As escolas regulares criam um intercâmbio cultural fora do controle dos pais, estabelecendo valores que podem entrar em conflito com os dos pais

O ambiente artificial da escola se torna o cadinho dos valores culturais de vários alunos, professores e administradores. No ambiente adulto da igreja, isso poder ser um desafio bem-vindo e apropriado. Mas no ambiente infantil da escola, isso pode minar a autoridade dos pais e da família.

Objeção: As crianças precisam aprender a lidar com o mundo real.

Resposta: Os adultos precisam aprender a viver com justiça no mundo real. As crianças não têm maturidade para responder de forma adequada às sofisticadas pressões culturais. É tarefa dos pais instruí-las e testá-las em situações controladas, e não só polvilhar sobre elas meia dúzia de conselhos e em seguida mergulhá-las no mundo adverso. Se ensinássemos natação deste modo, a maior parte dos alunos se afogaria.

4. As escolas regulares podem ser academicamente inferiores em muitos casos apenas por causa da ineficiência no ensino de material idêntico à multiplicidade de crianças em diferentes níveis de aprendizado

O ensino regular tem efeitos inevitáveis em longo prazo: simplificar o currículo, reduzir o método ao mínimo e baixar a qualidade dos resultados.

Assim, devem ser introduzidos programas especializados. Isso também pode acontecer no ensino doméstico, mas não como resultado de uma debilidade inerente à instituição familiar em si, e sim como resultado da indolência pessoal ou da imitação da sala de aula em lugar do ensino pessoal.

Objeção: Escolas regulares de modelo clássico podem propiciar o ensino mais competente e profissional que qualquer pai ou mãe.

Resposta:

1) É raro encontrar uma escola repleta de professores competentes. Competentes ou não, formados em programas de treinamento de professores, foram impregnados dos métodos mais modernos sobre psicologia da educação. Observamos que ex-professores de escolas regulares são os profissionais com mais dificuldade para se ajustar ao ensino doméstico; eles próprios o admitem. O que lhes foi ensinado não se coaduna com a realidade.
2) Esses professores seriam mais eficientes como professores particulares.
3) A eficiência de professores competentes no ambiente de sala de aula se aplica melhor à educação de adultos que de crianças. Um doutor em Física faz pouco para melhorar a física elementar; com efeito, ele pode involuntariamente ser um obstáculo para muitos alunos.
4) Não há grande diferença entre pais ensinarem física elementar aos filhos com o uso de materiais preparados por profissionais competentes e o mesmo ensino ser ministrado diretamente por esse profissional. Mas, se você quisesse ensinar mecânica quântica avançada, a conversa seria outra.
5) Os pais que cumpriram sua sentença de 12 anos em escolas do governo — ensino fundamental e médio — podem remediar sua consequente educação faltosa ensinando as matérias clássicas aos

próprios filhos. Mandar os filhos para a escola não ajuda em nada a remediar o problema. O ensino doméstico é para os pais também!

6) Quando se toma uma decisão somente com base em valores acadêmicos, a atividade acadêmica se torna a maior autoridade, o que abala o respeito aos pais e sua autoridade.

7) Ainda que a objeção fosse verdadeira em linhas gerais, não seria uma justificativa. Se todas as coisas fossem iguais, o oferecimento do ensino mais competente e profissional consistiria em um critério válido; mesmo assim, só depois de várias outras questões terem sido sanadas. Este, sem dúvida, não é o critério principal sobre o qual se deve decidir a questão.

5. A separação por idade das escolas regulares encoraja a formação de grupos como forma adequada de se posicionar na sociedade

Isso cria um padrão único artificial e impraticável nos segmentos de idade, ao mesmo tempo em que divide famílias e gerações. Não recomendamos nenhuma socialização em grupo para crianças. Isso desenvolve o tipo errado de apetite — o apetite de estar cercado pelos membros do grupo, afastando-se da presença de adultos, ao mesmo tempo em que cria um vácuo cultural de relações baseadas na integração de diversas idades. Essa é muitas vezes a fórmula da estupidez.

> Com colegas e filhos de colegas, as suas relações fazem alvorecer o esplendor de suas futuras estações (de *Triconium; or, A Review of Schools* de William Couper, 1785).

A sala de aula separada por idade tem origem na filosofia evolucionista e socialista, e termina em uma cultura juvenil artificial que é exaltada por ter rompido com a tradição cultural. (Leia *Critique of Modern Youth Ministry* de Cristopher Schlect.)

Objeção: As crianças na escola interagem com outras de diferentes idades no parquinho, no ônibus e em outras atividades: muito mais que crianças no

ensino doméstico.

Resposta: É exatamente aí que os problemas começam: em primeiro lugar, a seleção e a rotulação, seguidas pela interação. A seleção cria um adesivo sociológico baseado na divisão dos grupos por idade e a interação testa (e muitas vezes aumenta) a qualidade do adesivo que as separa. Quanto maiores as salas, mais exagerado se torna o problema. Precisamos de mais laços familiares e menos de laços de grupos.

6. A mistura de sexos nas escolas regulares pode criar situações inapropriadas

Meninos e meninas de diferentes famílias devem se misturar apenas em ambientes controlados, sob a autoridade total dos pais. Ponto final. (Quanto a isso, as reuniões de meninos e meninos ou de meninas e meninas devem, da mesma forma, ser assim controladas, embora por razões um pouco distintas.) As meninas não têm o direito de desenvolver relações independentes com outros meninos, e os meninos não têm o direito de desenvolver relações independentes com outras meninas. Eles só podem desenvolvê-las com nosso conhecimento, parecer e consentimento. (O mesmo vale para as relações entre meninas e meninas ou entre meninos e meninos, embora, mais uma vez, por razões diversas.) O que chamamos "coeducação" é um solo fértil para a desintegração cultural decorrente da destruição da autoridade paterna. Ela criou o contexto que sustenta a mentalidade do "ficar" que é culturalmente idolátrica e emocionalmente propícia à fornicação, prevalente em nossa sociedade. (Leia *The Pattern of Courtship* [*O padrão da corte*] de Natali Miller.)

7. O tempo na escola e fora de casa, outras atividades depois da escola e fora de casa e tarefas trazidas para casa da escola: tudo isso leva a ordem e o comprometimento para a escola ao mesmo tempo em que afasta os filhos da família

Grande parte da vida consiste em manter horários. Por isso, ser obrigado a usar os horários de outra pessoa é uma imposição enorme. Toda a vida familiar é feita para se moldar aos horários diários, semanais, mensais e

anuais de uma instituição de fora. A escola se torna o centro da vida, substituindo o lar. As crianças crescem com o senso de fidelidade voltado com mais força para a instituição educacional que para os próprios consanguíneos.

Objeção: O ensino doméstico perturba a casa, de modo que devemos escolher a rota para a escola regular.

Resposta: Isso é como dizer: "Abrigar vacas perturba o curral". Talvez sim, se você não usar o curral para o que foi projetado. Nossos conceitos de "lar" e "família" foram tão alterados pela cultura artificial criada pela educação socializada que nos esquecemos dos verdadeiros propósitos da família. O problema real é que o conceito cultural moderno de "lar" e "família" são perturbadores para a função familiar legítima e bíblica do ensino doméstico, não o contrário. Não estamos tratando de escolas particulares e professores particulares quando falamos nisso. Cada pai pode estabelecer a função de cada coisa em relação à vocação, às condições e circunstâncias de sua família. Mas cada família é uma família de ensino doméstico, perceba isso ou não, goste disso ou não, importe-se pouco ou muito com isso. Portanto, deixe que as vacas se dirijam ao curral e pare de achar que o que ocorre por causa disso é "perturbação". "Oh, bagunça e incômodo!" Desculpe-nos, mas este é o mundo real. A próxima coisa que ouviremos é que filhos perturbam o casamento. Oh, espere, a cultura já ensina isso.

8. Há um contraste inerente entre 1) o modelo de discipulado por meio do tutor e 2) o modelo de ensino da sala de aula

O primeiro é o modelo compactuado e orgânico. O segundo é o modelo fabril e artificial. O primeiro começa com pessoas no ambiente comum e natural e segue o padrão de crescimento orgânico, de adaptação e de desenvolvimento. O segundo começa com pessoas separadas de todas as relações comuns e segue o padrão de conformidade imposta, eficiência e produtividade. Encaremos os fatos sem complicações: a mais excelente sala de

aula será a que mais se parecer com o lar, e o pior ensino doméstico será o que mais se parecer com uma sala de aula. Como chamamos as reações dos pequeninos tolhidos com frieza de suas relações naturais e institucionalizados em uma idade precoce e tenra? Os psicólogos as chamam *transtornos de ansiedade* ou *síndrome da separação juvenil*. Educadores as chamam creche. Os adultos podem se adaptar com facilidade a professores e salas de aula. Mas esperar esse comportamento de crianças é antinatural e cruel. Isso deveria ser considerado uma necessidade apenas em emergências.

Objeção: A escola particular é só o suplemento da educação oferecida pelos pais.

Resposta: Vejamos se temos as redefinições corretas: professores em período integral são pais *suplementares*. Colegas de sala em período integral são irmãos *suplementares*. Escola em período integral é a família *suplementar*. Ainda que todo o resto seja igual ao ensino doméstico (embora não o seja), nós pensamos que você está certo, exceto por uma coisa: podemos comer um alimento e tomar suplementos alimentares para aumentar o valor nutricional. Se o valor nutricional do alimento decai, a quantidade de suplementos sobe. Em que momento os suplementos se tornam o alimento e o alimento se torna o suplemento? Deixaremos que você julgue a questão.

9. Quando a aprendizagem é separada de forma artificial da vida real, muitas coisas ficam sem ser aprendidas, criando um vácuo de coisas que precisam ser aprendidas pelo exemplo cotidiano

Pais e filhos precisam aprender tais coisas, mas nem pais nem filhos podem aprendê-las como devem quando se encontram separados o dia todo, e quando juntos, suas atividades se centram precipuamente em preparar a criança para as atividades separadas na escola. (Aliás, isso não fomenta a cultura centrada na criança em vez da cultura centrada na família? Sem dúvida. Tentamos contrabalancear isso. Por que temos de fazê-lo?). Pobre do aluno que cresce achando que a vida deveria ser idêntica à que ele conhece na sala de aula. A vida consiste em cozinhar e lavar, cuidar de bebês e de

crianças, alimentar animais e cuidar do jardim, fazer compras e em mandar recados, visitar doentes e idosos. Nessas atividades se aprendem lições de todo ausentes do ambiente escolar.

A cultura se perde de uma geração a outra. A perda, no primeiro momento, é relativamente pequena. As crianças vão à escola com alguma disciplina e respeito à autoridade, com algumas noções de perspectiva e proporção com a vida, alguma cortesia e etiqueta, alguma educação e consideração, alguma moral e senso de pudor etc. Mas as perdas aumentam de modo exponencial e também se acumulam com o passar do tempo, até que a cultura atinge um grau de degeneração em que todos os valores decaem, o senso de direção se perde e culturas concorrentes tomam o controle. É neste ponto em que nos encontramos nos Estados Unidos hoje. Talvez já o tenhamos ultrapassado. Sim, acreditamos já ter ultrapassado esse ponto.

A razão para o cativeiro de Israel na Babilônia foi, em última instância, atribuída por Deus ao fracasso dos pais em passar a instrução aos filhos.

> Tendo Moisés falado todas estas palavras a todo o Israel, disse-lhes: Aplicai o coração a todas as palavras que, hoje, testifico entre vós, para que ordeneis a vossos filhos que cuidem de cumprir todas as palavras desta lei. Porque esta palavra não é para vós outros coisa vã; antes, é a vossa vida; e, por esta mesma palavra, prolongareis os dias na terra à qual, passando o Jordão, ides para a possuir (Deuteronômio 32.45-47).

Passar a instrução da lei aos filhos prolongaria os dias deles na terra. Isso era parte do primeiro e grande mandamento de amar o Senhor Deus de todo o coração e de ensinar aos filhos os mandamentos divinos com diligência. Foi exatamente aí que eles falharam — o que os levou, inevitavelmente, ao cativeiro.

Depois do cativeiro na Babilônia, pelo fato de muitos ensinamentos terem se perdido, os pais não tinham o que passar para os filhos. A geração posterior ao cativeiro babilônico jamais ouvira as palavras da lei. Assim,

encontramos no livro de Neemias a cena dramática da renovação da festa das Cabanas que exigia a releitura da lei para o povo todo.

> Todo o povo se ajuntou como um só homem, na praça diante da porta das águas [...] Esdras, o sacerdote, trouxe a lei perante a congregação [...] E leu no livro [...] Esdras, o escriba, estava num púlpito de madeira [...] Esdras abriu o livro à vista de todo o povo, porque estava acima dele; abrindo-o ele, todo o povo se pôs em pé. Esdras bendisse ao SENHOR, o grande Deus; e todo o povo respondeu: Amém! Amém! E, levantando as mãos; inclinaram-se e adoraram o SENHOR, com o rosto em terra [...] Leram no livro, na Lei de Deus, claramente, dando explicações, de maneira que entendessem o que se lia. Neemias, que era o governador, e Esdras, sacerdote e escriba, e os levitas que ensinavam todo o povo lhe disseram: Este dia é consagrado ao SENHOR, vosso Deus, pelo que não pranteeis, nem choreis. Porque todo o povo chorava, ouvindo as palavras da Lei (Neemias 8.1-6,8,9).

A sinagoga foi instituída depois do exílio, não para substituir a instrução da família dada pelo pai, mas para ajudar os pais a aprender a lei de modo que pudessem, assim, instruir a própria família na Lei. A sinagoga era principalmente para os pais.

Não recuperaremos nossa herança enquanto estivermos contentes em seguir o exemplo da academia grega na educação. Tampouco estamos advogando uma espécie de cultura *amish*, estrita, que se afasta da educação formal além do nono ano do Ensino Fundamental e que recua do conhecimento de qualquer coisa fora da Bíblia ou das coisas práticas da vida. A liberdade da nova aliança nos livra da vida infantil e regulada nos mínimos detalhes. No entanto, ela exige a tomada exata dos mesmos princípios outrora aplicados de modo infantil em Israel, e sua aplicação agora de forma madura e responsável em relação às circunstâncias novas e diferentes. Os modos podem mudar, mas os princípios permanecem os mesmos. Nossa cultura perdeu o princípio fundamental da instrução dada pelos pais à criança. O mundo dos negócios, religioso, político e educacional evitam a cultura e trabalham contra ela, e, de muitas formas, a descartam: ela não se encaixa na agenda desses mundos. A família *é* a cultura, e a instrução dada pelos pais aos

filhos é o meio ordenado por Deus de passar a cultura ao longo das gerações. Nós interrompemos essa ordem por nossa conta e risco. Naturalmente, há certa tensão entre os caminhos do mundo e os de Deus. Render-se ao mundo não é a solução. Render-se a Deus, sim.

Objeção: Os filhos precisam crescer algum dia, não é verdade? Você não está agindo no mundo real. Você está tentando resguardar seus filhos.

Resposta: Esse é exatamente nosso argumento. O chamado "mundo real" não é *real* segundo os padrões divinos. Os filhos precisam crescer no mundo real de Deus, não no mundo fantasioso do homem. O mundo real de Deus exige que os pais resguardem seus filhos e os protejam do ambiente enquanto crescem. Adão e Eva foram as únicas pessoas que já nasceram adultas.

10. Recursos são consumidos de modo imprudente

Do ponto de vista dos pais, obtém-se a alto preço a educação na escola regular. Diferentemente das escolas particulares, o ensino doméstico não custa de 1 a 3 mil dólares por aluno (ou ainda mais). Sem dúvida você pode gastar essa quantia se o desejar, mas, no fim, acumularia um tesouro de recursos de causar inveja a qualquer escola particular.

Do ponto de vista do aluno, o tempo na escola regular é consumido a baixo preço. Tirando-se o tempo do transporte, da administração, interrupção e reorganização, o tempo real de ensino e aprendizagem na mais eficiente das escolas regulares não pode ser mais que metade — mais provavelmente, um terço — do tempo transcorrido entre o momento em que a criança sai de casa em direção à escola e a volta para casa. Em muitas escolas públicas, esse tempo está bem abaixo de um quarto do total do tempo transcorrido. As seis horas exigidas na escola regular se convertem em talvez duas ou três horas de ensino doméstico. No ensino doméstico, há a disposição de um tempo de melhor qualidade e é necessário um período muito menor para prosseguir com os estudos, o que permite um intervalo maior para outras atividades importantes, como visitar um asilo ou preparar uma comida

especial para o pai. Embora, em certos aspectos, se possa considerar que o sistema de sala de aula proporciona o uso mais eficiente do tempo do professor (ensinar uma matéria a muitos alunos ao mesmo tempo), ele não proporciona o uso mais eficiente do tempo do aluno, em especial no nível juvenil.

A família que pratica o ensino doméstico tem mais liberdade de tempo e movimento para atividades familiares especiais como pesquisa acadêmica, ensino especializado, ensino religioso a outras pessoas, viagens mais longas ou até mesmo emergências familiares. Essas oportunidades diminuem muito quando a família está presa aos horários da escola regular.

Os problemas com as escolas regulares — conclusão

Reduzimos de forma deliberada nossa de lista problemas da escola regular a dez itens. Ao deixar a lista breve, objetivamos despertar os pais para algumas questões reais relativas à cultura que podem tê-los tornado apáticos. Deixamos de fora questões como saúde e segurança, conformidade e uniformidade, linhas de comunicação, conflitos acadêmicos, comportamento, disciplina, e assim por diante.

Em resumo, o efeito em longo prazo das escolas regulares é tirar o filho dos pais e entregá-lo a si mesmo, aos colegas, professores, à escola e cultura neutra em relação à família. Isso conduz de forma necessária à transformação cultural inadequada e desordenada. A transformação adequada e ordenada da cultura advém do ensino de adultos na igreja e em outros lugares, os quais, por sua vez, ensinam os filhos em casa. A escola regular de hoje é em sentido fundamental a usurpação dos traços próprios da autoridade. Entendemos plenamente que essa não é a intenção expressa ou implícita de quem funda e financia escolas particulares ou atua nelas. Mas não se discutem as boas intenções. O que se discute é se o fim é bom e se os meios são legais e corretos. Talvez o sejam em uma emergência. No entanto, dizemos que a natureza da emergência cultural presente nos aparta de qualquer separação

institucional dos filhos em relação aos pais. Não deveríamos ter adotado essas instituições como prática regular. (Só o motivo dessa ação já consiste em uma grande discussão. Toda violação de jurisdição, se passa despercebida e não é detida na raiz, continuará a desenvolver-se e adquirirá autoridade própria até, por fim, suplantar a jurisdição original.) Não deveríamos ter obrigado os pequenos a aprender usando o método educacional para adultos. Devemos ajudar os pais a fazer seu trabalho, não facilitar sua negligência.

AS VANTAGENS DO ENSINO DOMÉSTICO

> A educação no lar conta com muito mais potencial que a da escola, de modo que a quantia *módica* de ensino que o sistema "escolar comum" pode oferecer às massas é de todo trivial e impotente [...] (*Discussions* [*Discussões*] de Robert L. Dabney, vol. IV, Secular, 1876, p. 197).

São muitos e diversas as pessoas que louvam o ensino doméstico. Suas vantagens foram tratadas por vários autores. Escrevemos em outro lugar sobre as *Sete inegáveis verdades do ensino doméstico*.

1. O ensino doméstico não é um método educacional alternativo. Estivemos aqui primeiro e estamos aqui há mais tempo.
2. Todos os pais praticam o ensino doméstico, embora alguns o façam em medida maior que os outros.
3. Os pais são responsáveis diante de Deus pela educação dos filhos.
4. O ensino doméstico produz de longe os melhores resultados nos estudos.
5. O ensino doméstico produz de longe a melhor socialização.
6. O ensino doméstico produz de longe os melhores valores.
7. O ensino doméstico é de longe o melhor para pais e filhos.

Acreditamos que as bênçãos de Deus hoje estejam sobre grande parte do movimento atual de ensino doméstico por ser o que mais se conforma com a ordem divina para as famílias — seu meio escolhido para restabelecer os fundamentos de Deus na cultura e na sociedade.

ALGUMAS PERGUNTAS

Os pais podem lidar com a educação clássica?

Pergunta: Os pais podem realmente lidar com a educação clássica? A melhor opção não seria uma boa escola clássica cristã?

Resposta: A atitude de alguns pais praticantes do ensino doméstico é: "Não podemos trabalhar com a abordagem clássica. Precisamos deixar isso para os especialistas". Sem querer, eles deixam escapar um dos muitos argumentos a favor do ensino doméstico: o ensino particular é muito mais eficiente que o ensino em sala de aula. Há algo na educação clássica que elimina o argumento? Nada. O ensino doméstico clássico não é prático? Na verdade, ele é prático.

No passado, o ensino particular de matérias clássicas era comum. Alguns pais perguntam se podem ser professores competentes pelo fato de terem pouca ou nenhuma experiência no ensino de matérias como grego, latim, lógica ou literatura clássica. No entanto, existem hoje muitos materiais disponíveis sobre essas matérias fáceis de usar, de fácil compreensão e autoexplicativos. Qualquer pai ou mãe com pouco ou nenhum costume de ensinar a educação clássica pode, de fato, ser um professor competente com uma quantidade razoável de esforço — barreira que já ultrapassada quando entrou nas fileiras do ensino doméstico. Nenhum grau especial é necessário, exceto o de Ph.D. (Doctor of Parenthood, isto é, Doutor em Paternidade).

Ademais, se nós, pais, valorizamos a educação clássica para nossos filhos, por que não a valorizamos para nós mesmos também? Só porque *não* aprendemos essas coisas na juventude não significa que *não devamos* aprendê-las agora, nem que *não possamos* aprendê-las na medida em que as ensinamos aos filhos. Nunca aprendemos algo tão bem como no momento em que nós mesmos precisamos ensiná-lo. Que bênção ter filhos para ensinar essas coisas! Nós, graduados da educação governamental do século XX, fomos

privados de muitas coisas. Precisamos ensiná-las a nossos filhos para o nosso próprio bem!

Por quanto tempo praticar o ensino doméstico?

Pergunta: Por quanto tempo você planeja praticar o ensino doméstico?

Resposta: Deus deu aos pais a jurisdição sobre a educação dos filhos. Se recearmos falhar na tarefa de educá-los por nós mesmos, devemos buscar a ajuda do Senhor e ele poderá nos levar a utilizar a ajuda de outros. Infelizmente não temos muitos parentes que possam ou que queiram ajudar. Não obstante, não podemos esperar que a ajuda do Senhor venha de fora de sua ordem e que seja contrária a seus mandamentos. Admitimos que estes tempos são tempos de emergência que podem justificar medidas emergenciais. Mas afirmamos que a natureza da emergência é tal que milita *em direção* ao ensino doméstico e não em sentido *contrário*. Esperamos ajudar nossos filhos a praticar o ensino doméstico com os filhos deles. E esperamos, da mesma forma, ajudar outros adeptos do ensino doméstico. Acreditamos que nunca pararemos de exercer o ensino doméstico. Por que deveríamos parar?

Nosso filho não quer aprender por meio do ensino doméstico

Pergunta: Nosso filho quer ir para a escola. Por que devemos continuar com o ensino doméstico? Temos o receio de perdê-lo se não permitirmos que ele resolva tudo a seu modo.

Resposta: Isso é uma questão de autoridade e não tem nada que ver com a questão de saber qual o melhor modelo de ensino.

Os filhos não sabem o que é o melhor para si, por isso Deus os colocou sob a guarda dos pais. Por vezes, os adolescentes pensam saber tudo. Aí se encontra toda a evidência necessária para provar a ignorância deles. Quem sabe um pouco às vezes está em situação pior que quem não sabe nada.

Eis o tipo de decisões que o adolescente de 13 anos pode tomar: Você quer ler *A família do Robinson suíço* ou *Ben Hur*? Você prefere fazer um trabalho sobre Benjamin Franklin ou sobre Patrick Henry? Que você quer memorizar primeiro, a Epístola aos Romanos ou aos Hebreus? Contudo, decisões que impliquem grandes mudanças na vida e na família, como mandar o filho para a escola, devem ser tomadas pelos pais, sem levar em consideração as "necessidades" momentâneas do filho. Como desejávamos que nossos pais tomassem algumas boas decisões por nós quando estávamos no colegial em vez de passar a bola para nós, guiados pelo *sábio* conselho do orientador pedagógico! (Nós não sabíamos o que era o melhor para nós, e os orientadores pedagógicos que tínhamos no ensino médio sabiam ainda menos...) Deus abençoe os pais prudentes que exigem que os filhos façam o que não querem fazer. ("Algum dia ficarei feliz por terem *exigido* que eu aprendesse latim".)

Os pais não precisam apoiar outro programa fora da casa, seja a escola dominical, o grupo de jovens ou um semi-internato particular. Precisamos de verdade de ministérios para os pais, para ajudá-los a criar e educar os filhos em casa. Em outras palavras, precisamos de ministérios que realmente ajudem os pais a realizar seus deveres outorgados por Deus. Que conceito! Ademais, precisamos de exemplos que os pais possam seguir quanto à administração do lar e instrução da família. Podemos pular, por um momento, algumas das reuniões da mãe que aplica o ensino doméstico e os dias de enriquecimento para o aluno de ensino doméstico a fim de que nos concentremos na restauração da paternidade no vocabulário cultural.

Também é verdade que:

> Quem anda com os sábios será sábio, mas o companheiro dos insensatos se tornará mau (Provérbios 13.20).

Também é verdade que:

As más companhias corrompem os bons costumes (1 Coríntios 15.33).

Também é verdade que:

...um pouco de fermento leveda toda a massa (1 Coríntios 5.6; Gálatas 5.9).

Claro que o Senhor pode proteger nossos filhos se caírem na toca de um leão ou em uma fornalha ardente. O Senhor pode, algum dia, lançá-los em circunstâncias exatamente assim, pela obediência deles à Palavra, para testar, purificar e lhes fortalecer a fé. Mas se nós mesmos lançarmos nossos filhos nessas circunstâncias, não haverá razão para esperar que o Senhor os livre. O Senhor pode livrá-los, mas não por ter prometido fazê-lo: Ele jamais prometeu nada desse tipo. Se ele os livrar, isso se deverá unicamente ao fato de ele escolheu demonstrar sua misericórdia, e isso para nossa humilhação.

... Não tentarás o Senhor teu Deus (Mateus 4.7).

Você deve fazer o que é certo e deixar o resultado com Deus. Se você for obrigado a deixar que seu filho tome decisões por conta própria, o coração de seu filho já estará perdido, não é mesmo?

[...] mas a criança entregue a si mesma vem a envergonhar a sua mãe (Provérbios 29.15).

E quanto às emergências?

Pergunta: Temos uma emergência em nossa família (doença longa, cuidado de um dos avós, gravidez etc.) que vai exigir muito do meu tempo. Receio que eu não tenha tempo suficiente para me preparar com adequação para ensinar meus filhos. No entanto, eu não quero colocar nenhum deles na escola regular, e ao mesmo tempo não quero que tenham menos que o necessário em sua educação. Minha primeira reação é matriculá-los em uma escola. Como decidir?

Resposta: A melhor maneira de tomar decisões é se basear em princípios, valores e objetivos estabelecidos de antemão. Muitos deles foram estabelecidos ao longo do tempo, embora isso não ocorra muitas vezes de modo deliberado; raramente eles se encontram escritos de forma efetiva em algum lugar. Na situação como a descrita, o melhor é refletir com cuidado e escrever a respeito dos princípios, valores e objetivos aplicáveis à situação.

Imagine que seu objetivo mais elevado seja: "Meus filhos obterão o diploma de ensino médio". Esse desejo será realizado na escola, pública ou particular, ou no ensino doméstico. Restrições de ordem financeira ou de tempo podem fazê-lo optar por enviar os filhos à escola pública. Restrições apenas de tempo podem fazê-lo optar por enviar os filhos à escola particular. Você pode usar o ensino doméstico se não houver nenhuma restrição.

Suponha que seu valor mais elevado seja: "Meus filhos terão o melhor currículo, custe o que custar". Você pode realizá-lo na escola particular ou no ensino doméstico. Restrições de tempo podem fazê-lo optar pela matrícula dos filhos em uma boa escola clássica particular.

Talvez seu princípio mais elevado seja: "Meus filhos ficarão ligados à família, não aos colegas". Visto que Deus lhe concedeu a responsabilidade sobre a educação de seus filhos, você os educará no ensino doméstico, independentemente das restrições de ordem financeira ou de tempo. Sendo este um de seus princípios, sua decisão a favor do ensino doméstico será firme e, apesar das circunstâncias, você resolverá os problemas relativos aos detalhes relacionados ao currículo.

Os princípios têm prioridade sobre os valores, e os valores sobre os objetivos. Precisamos deixar de ser guiados por objetivos (baseados em resultados) e nos guiarmos por princípios (baseados em normas morais). Podemos ter um objetivo de aparência muito digna, mas nenhum fim justifica o uso de quaisquer meios necessários para alcançá-lo. As normas morais justificam os meios, os meios justificam os fins. Quando a cadeia áurea de

normas morais, meios e fins (princípios, valores e objetivos) é forjada, só os propósitos superiores no plano de Deus podem fazê-los falhar.

Assim, quando confrontado com uma situação de emergência, como um dos avós doente e idoso, ou a gravidez de nove meses, após a determinação de seus princípios, valores e objetivos, você apenas se preparará como puder, ensinará o que for capaz e deixará os resultados com Deus. Talvez o Senhor deseje que seus filhos aprendam algumas habilidades especiais, como ajudar no cuidado com os doentes e idosos, ou ajudar a mãe a ministrar o ensino doméstico no sofá da sala. Estas também são lições valiosas, valiosas o suficiente para que interrompam o currículo regular.

E o filho único?

Pergunta: Como pais de um único filho, estamos interessados em respostas boas e sólidas para os argumentos sobre a socialização que temos de enfrentar, sobretudo de familiares e amigos: "Ele precisa aprender a brincar com outras crianças; a ser paciente com os outros que não entendem as coisas de forma tão rápida; a tolerar quem vem de experiências muito diferentes; a interagir com crianças com limitações sociais ou físicas; a levantar a mão e esperar ser chamado; a ouvir com paciência a resposta dos outros; a entender que nem sempre é a vez dele".

Resposta: Parece que um psicólogo social, com muito tempo livre e o sentimento de que precisa justificar sua existência ou o orçamento da pesquisa esteve por aí na cultura promovendo ideias tolas que fazem sua filosofia parecer importante. O que é necessário para que se aprenda a se relacionar e interagir de forma correta com as outras pessoas? Outras pessoas. Assim, se você tiver algumas outras pessoas a seu redor, você tem provavelmente todo o necessário para alcançar o que quer. Uma criança e seus pais totalizam três pessoas. Que mais é preciso? Haverá muitas outras oportunidades para você se relacionar e interagir com outras pessoas. Na verdade, haverá muitíssimas oportunidades. Você precisará até limitá-las,

embora possa desejar planejar algumas delas. A única coisa que realmente falta a seu filho único é irmãos e irmãs. Responda: você tem um irmão ou irmã que acredita nas mesmas coisas que você, que pratica o ensino doméstico, vive por perto e tem a família em ordem, de modo que vocês possam passar um dia juntos de vez em quando e que seu filho único possa, de certa forma, adotar os primos como meios-irmãos? Se você não tem um irmão ou uma irmã de sangue com quem pode fazer isso, que tal um irmão ou uma irmã no Senhor? Lembre-se: de acordo com a providência soberana do Senhor, ele decidiu fazer de seu filho um filho único. Ele tem um propósito único nisso. O Senhor quer que você aprenda algo diferente com ele. Em relação a aprender a brincar com outras crianças, ser paciente com outros, tolerar os diferentes, interagir com quem tem limitações, esperar com paciência a oportunidade para falar, ouvir a resposta dos outros, que há de mais nisso? Pense apenas em todas as pessoas no mundo que precisam aprender a se dar bem com o filho único, o primogênito, o caçula ou o filho do meio! Sem contar as famílias desajustadas, predominantes na cultura atual: divórcios múltiplos, casamentos múltiplos etc. Hoje em dia ser filho único não é nem de perto tão excepcional quanto ser um filho entre doze. Como uma criança se ajusta com 11 irmãos? Bem, na verdade, todos nós somos únicos de uma forma ou de outra. Portanto, como todos sobreviveram? Esse é o tipo de pensamento paranoico promovido por psicólogos sociais. Não há nada com que se preocupar. Deus está no controle. Siga apenas seu direcionamento e você estará no caminho certo. Ele conhece as necessidades de seu filho mais do que você. Lembre-se: seu filho pertence a ele antes de ser seu! Você só o mantém sob sua supervisão temporária.

RESUMO E CONCLUSÃO

Então por que os pais cristãos optam por oferecer o ensino doméstico aos filhos?

Obviamente, os pais preferem ensinar os filhos em casa em vez mandá-los para a escola particular por várias razões. Pode não haver uma escola particular satisfatória nos limites financeiros e distância geográfica da família. Na verdade, o ensino doméstico tem que ver com a escola particular que não podemos obter. Ele poderia, com efeito, ser considerado um tipo de escola exclusiva em que cada aluno recebe um programa especial e um professor particular dedicado. Os alunos progridem no ambiente assim. Muitos pais são atraídos ao ensino doméstico por razões sociais, alguns por razões acadêmicas. Mas cada vez mais os pais escolhem o ensino doméstico apenas pelo fato de desejarem seguir princípios, valores e objetivos bíblicos para a educação; o modelo do ensino doméstico é o que se adapta melhor a eles.

De acordo com o modelo bíblico para a educação, os pais devem controlar a educação de seus filhos e se envolver com ela de forma direta. Diante de Deus, nem o Estado nem a igreja tem qualquer jurisdição nesse assunto.

O ensino particular e as aulas especializadas podem ser adaptados com proveito ao controle direto e envolvimento dos pais. Entretanto, a escola regular — controlada pelo Estado ou por entidades privadas — dá um passo mais adiante ao criar uma microcultura artificial de separação etária, integração de sexos, reorientação de compromissos pessoais e de tempo, alteração de valores culturais e acadêmicos, pressões de grupo e rivalidade ímpia. A sala de aula usurpa as linhas próprias da autoridade dos pais.

Os socialistas promovem a escola regular como a encarnação de seu modelo de transformação cultural, enfraquecendo os laços familiares, separando os filhos dos pais e transformando culturalmente as crianças em recursos humanos para o Estado. Os cristãos devem parar de imitar a cultura socialista. Devemos começar a transformar a cultura pela aplicação do

modelo bíblico. Devemos parar de conformar nossos pensamentos aos padrões e preceitos do mundo. Em vez disso, devemos deixar que nossa mente seja transformada para provarmos quão boa, aceitável e perfeita é vontade de Deus (Romanos 12.12).

A cultura em que vivemos está em ruínas por conta dos ideais não bíblicos. Eles não prevalecerão por si sós. Portanto, por que tantos cristãos ainda sentem certa obrigação cultural de ampará-los? Não precisamos reparar, reformar ou reconstruir nossa cultura.

> Não sabeis que um pouco de fermento leveda a massa toda? Lançai fora o velho fermento, para que sejais nova massa, como sois, de fato, sem fermento (1 Coríntios 5.6-7).

Precisamos remover a influência corruptora de nossa cultura e reconstruir a família desde o fundamento, não no modelo da cultura decaída, mas no modelo bíblico concorde com a ordem divina. Precisamos reconstruir a cultura bíblica desde o fundamento, uma nova massa sem fermento.

O modelo educacional "clássico" — o *trivium* — surge como o modelo bíblico inscrito na própria natureza das coisas. Embora os pagãos o tenham roubado e utilizado para sustentar a cultura clássica, não há nada essencialmente pagão no modelo em si. Retirado do contexto pagão e reinserido na realidade, o cristianismo genuíno, servirá bem aos pais cristãos que desejarem transmitir cultura à própria família para desenvolver a cultura distintamente bíblica e cristã. (Para aprender como o imperador Juliano tentou extirpar o cristianismo com a proibição do ensino do *trivium*, veja o Apêndice 1, Artigo 12, "Educação baseada em resultados *versus* educação baseada no *trivium*".)

ALGUMAS PALAVRAS FINAIS

Na providência divina, as escolas particulares serviram como base de lançamento intermediária para muitos dos materiais que fizeram o ensino doméstico sair mais tarde do chão, subir e entrar em órbita. Mas agora que o ensino doméstico está crescendo, acreditamos que é hora de as escolas regulares decrescerem.

> Também lhes disse uma parábola: Ninguém tira um pedaço de veste nova e o põe em veste velha; pois rasgará a nova, e o remendo da nova não se ajustará à velha. E ninguém põe vinho novo em odres velhos, pois o vinho novo romperá os odres; entornar-se-á o vinho, e os odres se estragarão. Pelo contrário, vinho novo deve ser posto em odres novos [e ambos se conservam]. E ninguém, tendo bebido o vinho velho, prefere o novo; porque diz: O velho é excelente (Lucas 5.36-39).

Quem cresceu no mundo que não conheceu nada melhor que a escola regular, tende a pensar que as salas de aula devem ser melhores. Quando os praticantes do ensino doméstico vivenciam um "esgotamento", de modo geral devido ao fato de terem tentado costurar o novo remendo do ensino doméstico na velha e conhecida veste da escola regular. Eles tentaram "trazer a escola para casa". Muitos pais se atêm à concepção ridícula da necessidade de ensinar os filhos, de modo que eles sejam sobrecarregados com várias atividades e estudos redundantes ou desnecessários. O ensino doméstico e as escolas regulares são, em diversos aspectos, dois mundos muitos diferentes.

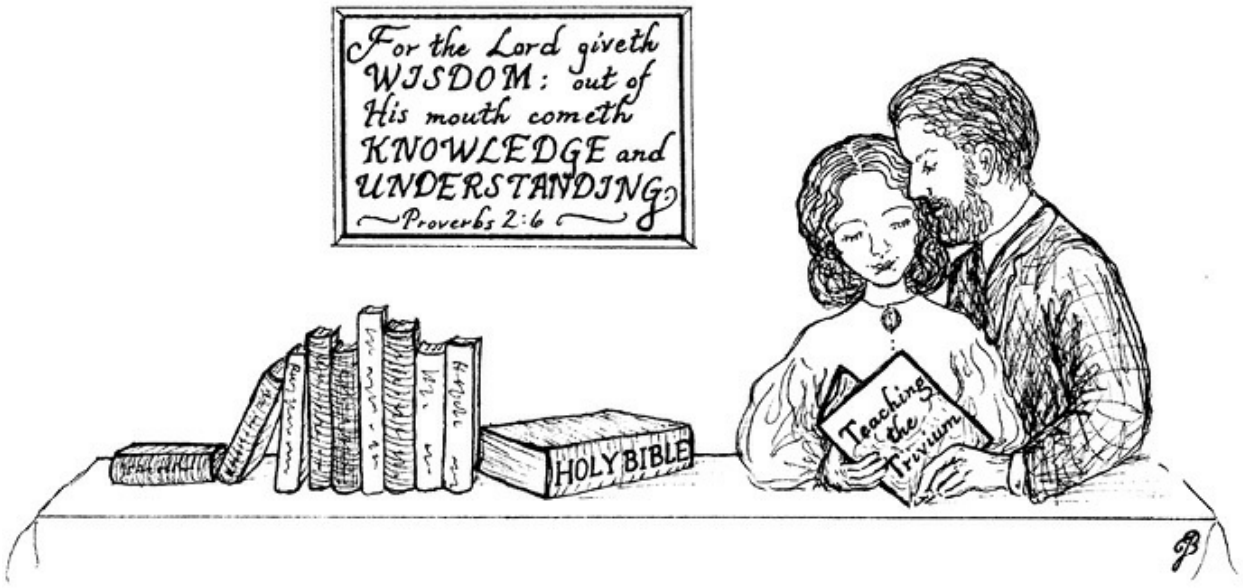
É hora de colocar o vinho novo em odres novos (Lucas 5.38). Não devemos trazer a escola para casa. Isso é apenas um obstáculo a ser superado. Por fim, quando nossos filhos enfrentarem algumas situações em sala de aula, eles se adaptarão de forma rápida e fácil. As crianças de escolas regulares sentem dificuldade, de modo geral, para a adaptação a cenários de ensino doméstico disciplinado. Com exceções que provam a regra, as escolas regulares criam certa dependência que, às vezes, é muito difícil de superar.

Talvez sejam necessários três anos ou mais para que um aluno de escola regular se adapte ao ensino doméstico.

Talvez você pense que nossos argumentos são exagerados. Deixaremos que você julgue. Estamos convencidos de que cada pai e mãe devem preferir o ensino doméstico. Compreendemos perfeitamente a dificuldade prática de aspirar a um ideal dentro de uma cultura que exclui a vida familiar normal em seu programa.

O lar deve sempre ser considerado o centro e o cenário normais e comuns para a educação infantil, e quem honrar a ordem de Deus receberá a benção. Não se atende o futuro da educação piedosa por meio da centralização do processo, mas pela diversificação. Não esperamos que as escolas regulares desapareçam em grande escala por nossa recomendação. Sugerimos sua reestruturação completa para se tornarem um recurso para os pais cristãos. O corpo docente poderia ser bastante reduzido e convertido em um tipo de *instituto de pesquisa* que produzisse materiais para os pais que praticam o ensino doméstico, a fim de fornecer algumas aulas especializadas de meio período para os pais, e serviços de ensino especializados quando uma ajuda especial for necessária. Esse seria o uso muito eficiente dos talentos na estrutura bíblica da educação.

Capítulo Quatro



Que é o trivium?

Porque o SENHOR dá a sabedoria, e da sua
boca vem a inteligência e o entendimento
— Provérbios 2.6

INTRODUÇÃO

Depois de deixar de lado a montanha da filosofia educacional, remover as corrupções e incrustações acumuladas ao longo do tempo e peneirar todo o cascalho antigo no crivo crítico das Escrituras, reduzimos nossos achados a algumas pepitas e pedras preciosas de sabedoria educacional. Refinados e moldados no fogo da providência divina, talhados e polidos pela luz da Palavra de Deus, esses achados são transformados em moeda valiosa e em joias raras de princípios para a educação. Neste capítulo, começaremos a partilhar com você algumas dessas ferramentas entesouradas para o ensino — conhecidas como *trivium*. Explicaremos o modelo e o método clássicos da educação, e mostraremos como a educação moderna não está à altura dos padrões clássicos.

O TRIVIUM CLÁSSICO

Trivium é uma palavra latina que significa "intersecção entre três vias". As escolas antigas e as medievais estruturavam seu currículo em três vias de aprendizado por meio de três matérias formais:

1. A primeira matéria ensinada era a *gramática*. Por meio da gramática, o aluno aprendia o domínio dos elementos da língua (normalmente o grego ou o latim). O ensino da gramática dava ao aluno a habilidade de entender. Ele aprendia a receber conhecimento de forma precisa.
2. A segunda matéria ensinada chamava-se *lógica* (ou *dialética*). Por meio da lógica, um aluno aprendia a dominar declarações, definições, argumentos e falácias. O ensino da lógica proporcionava ao aluno a habilidade de raciocinar. Ele aprendia a analisar e compreender de forma crítica.
3. A terceira matéria ensinada chamava-se *retórica*. Por meio da retórica, o aluno aprendia o domínio do discurso criativo e persuasivo. O ensino da retórica dava ao aluno a habilidade de se comunicar. Ele aprendia a se expressar de maneira sábia e efetiva e a praticar o que havia aprendido.

Estas três matérias — gramática, lógica e retórica — constituíam o *trivium* formal no sentido *clássico*.

O TRIVIUM APLICADO

Na Universidade de Oxford, em 1947, Dorothy Sayers apresentou um trabalho intitulado *As ferramentas perdidas do aprendizado*. (Seu trabalho está reimpresso no Apêndice 1, Artigo 1.) Só uma geração mais tarde, seu trabalho deu novo ânimo ao método clássico do aprendizado. Ainda que não veneremos Sayers — e jamais deixaremos de peneirar todas as coisas com o crivo das Escrituras — reconhecemos, no entanto, algumas de suas observações valiosas.

No trabalho, Sayers lamentou a incapacidade de educar dos educadores modernos. Ela fez as seguintes observações:

1. Os alunos aprendem mais matérias, mas sabem menos de tudo;
2. Eles não conseguem separar o fato da opinião ou a plausibilidade da prova;
3. São incapazes de tratar um argumento de forma direta ou de manter um argumento sem introduzir material irrelevante;
4. Não definem os termos e são incapazes de entender os sentidos diferentes nos quais um termo pode ser usado;
5. Falam a língua com sintaxe imprecisa;
6. Não conseguem aprender uma nova matéria sozinhos;
7. Não estabelecem conexões entre as diferentes matérias.

Em outras palavras, o milagre da educação moderna deixou a cultura intelectualmente impotente. Perdemos as ferramentas para pensar e aprender por conta própria.

Sayers propôs uma solução para o problema. Ela sugeriu o retorno ao que havia funcionado no passado. Falando de maneira específica, ela aplicava as três matérias do *trivium* medieval formal — gramática, lógica e retórica — como modelo ou filosofia educacional e método ou técnica de ensino. Nós o chamamos *trivium aplicado*.

O modelo do trivium do desenvolvimento educacional infantil

Em primeiro lugar, Sayers aplicou o *trivium* às etapas progressivas do desenvolvimento educacional das crianças. Ela observou que toda criança passa por três estágios de desenvolvimento:

1. O estágio gramatical: a criança absorve informações factuais como uma esponja;
2. O estágio lógico: a criança é mais questionadora e analítica;
3. O estágio retórico: a criança é mais criativa e expressiva.

Nós o chamamos *Modelo do trivium para o desenvolvimento educacional infantil.* Sayers descrevia assim as diferentes etapas:

O estágio gramatical: "No estágio do papagaio o aprendizado decorrente da decoração é fácil e, em geral, agradável; o raciocínio é difícil e, em geral, pouco apreciado. Nessa idade, a criança memoriza de pronto a forma e aparência dos objetos; gosta de recitar. [...] diverte-se em entoar rimas e com os ruídos e brados de polissílabos ininteligíveis; alegra-se com o mero acúmulo de coisas".

O estágio lógico: "A idade do atrevimento, segue-se à anterior (e, naturalmente, sobrepõe-se a ela em certa medida), é muito conhecida de quem lida com crianças: é caracterizada pela contradição, pelo retruque, pelo gosto de 'surpreender' (em especial os mais velhos) e pela proposição de enigmas (de preferência os que contêm alguma pegadinha grosseira)".

O estágio retórico: "A idade poética é popularmente conhecida como a idade 'difícil'. Ela é egocêntrica; anseia por expressar-se; prefere se especializar em ser mal compreendida; é inquieta e busca alcançar a independência; e, com boa sorte e orientação, começa a mostrar alguma criatividade, um impulso em direção à síntese do que já se sabe e um zelo deliberado em saber e se dedicar a fazer uma coisa em detrimento das demais".

O método do trivium para o ensino das matérias

Sayers também aplicou o *trivium* às fases do desenvolvimento de cada matéria em particular. Todas as matérias passam por três fases de desenvolvimento:

1. Toda matéria tem gramática própria, ou o conhecimento dos fatos básicos e das regras fundamentais — em outras palavras, de todas as partes individuais.
2. Toda matéria tem lógica própria, ou entendimento das relações entre estes fatos e as regras — em outras palavras, como todas as partes se encaixam.
3. Toda matéria tem retórica própria, ou a sabedoria para expressar verbalmente e aplicar de modo prático o que se sabe e compreende — em outras palavras, como fazer bom uso de tudo isso.

Nós o chamamos *Método do* trivium *para o ensino das matérias.* O aluno deve aprender cada matéria ao progredir por três fases:

Primeiramente, a gramática da matéria — os fatos — *quem, quê, onde* e *quando*.

Em segundo lugar, a lógica da matéria — a teoria — *por quê*.

Em terceiro lugar, a retórica da matéria — a prática — *como*.

Aqui estão alguns exemplos. Comecemos pela matemática:

1. A *gramática* da matemática inclui o aprendizado do sistema numérico arábico, a memorização dos fatos matemáticos da adição, subtração, multiplicação e divisão, o aprendizado dos sistemas métricos — distâncias, pesos e medidas.
2. A *lógica* da matemática procede de coisas como problemas em forma de histórias até provas de álgebra ou teoremas geométricos.
3. A *retórica* da matemática consistiria na aplicação da matemática à pesquisa, contabilidade, engenharia ou astronomia.

Observemos agora a língua nacional:

1. O estágio da *gramática* a fonética, o vocabulário e a ortografia.
2. O estágio da *lógica* é o que chamamos *gramática formal*: as partes do discurso, a construção de frases e a sintaxe adequada.
3. O estágio da *retórica* inclui a construção de parágrafos, o desenvolvimento do texto, redação e falar em público.

Por fim, vejamos a história:

1. A parte narrativa da história, que inclui nomes, lugares e datas consiste na *gramática* da história.
2. O estudo e a pesquisa para determinar as razões dos acontecimentos como guerras, migrações ou invenções representa a *lógica* da história.
3. A aplicação da pesquisa histórica e das conclusões às perspectivas políticas, econômicas, religiosas ou científicas é a *retórica* da história.

O TRIVIUM DA ESCRITURA

O *trivium formal* em sentido clássico (as três matérias: gramática, lógica, retórica) é um método antigo de educação muito bem-sucedido há milênios. Os medievais não inventaram o *trivium*. Eles o receberam dos romanos, que o haviam obtido dos gregos. Mas estes não foram os primeiros a utilizá-lo. Os hebreus reconheciam esses princípios em seu ensino. Então, qual é a fonte verdadeira do *trivium*?

Acreditamos que o *trivium* clássico esteja enraizado na natureza criada. Muitas ideias dos tempos antigos são, na verdade, fragmentos de verdades antigas procedentes de Deus. Por exemplo, mais de trezentas culturas do mundo todo relatam uma inundação mundial. Embora as histórias tenham origem pagã, quem pode duvidar de que muitas delas foram legadas do relato original apresentado por Noé e sua família? Não obstante, não acreditamos no Dilúvio por causa desses relatos. Acreditamos no Dilúvio por causa das Escrituras. O mesmo se dá com o *trivium*.

O processo de aprender ocorre de forma natural de acordo com a sequência do progresso de três etapas:

1. A primeira etapa consiste em acumular informações. Chamamos isso *conhecimento*.
2. A segunda etapa consiste em compreender as relações entre as informações. Chamamos isso *entendimento*.
3. A terceira etapa consiste em colocar em prática e expressar o que sabemos e entendemos. Chamamos isso *sabedoria*.

O *conhecimento* das informações corresponde de modo direto ao *estágio da gramática* do *trivium*. O *entendimento* das relações corresponde ao *estágio da lógica.* A *sabedoria* em aplicar o que sabemos e entendemos, e ela corresponde ao *estágio da retórica*.

Encontraremos esse refrão: *conhecimento, entendimento* e *sabedoria* entrelaçado em toda a Escritura, e de modo especial no livro dos Provérbios. Por exemplo:

> Porque o SENHOR dá a sabedoria; da sua boca procedem o conhecimento e o entendimento (Provérbios 2.6 – ARIB).

> O SENHOR pela sabedoria fundou a terra; pelo entendimento estabeleceu o céu. Pelo seu conhecimento se fendem os abismos, e as nuvens destilam o orvalho (Provérbios 3.19-20 – ARIB).

A sabedoria de Deus é criativa, cria a terra (Gênesis 1.1); seu entendimento é poderoso, divide as águas em oceanos abaixo e céus acima (Gênesis 1.6-8), e seu conhecimento é detalhado, move fontes por todos os lados da terra e faz chover por todos os lados do céu.

> Com a sabedoria se edifica a casa, e com o entendimento ela se estabelece; e pelo conhecimento se encherão as câmaras de todas as riquezas preciosas e deleitáveis (Provérbios 24.3-4 – ARIB).

A *sabedoria* prática do construtor realiza a edificação da casa. O *entendimento* dos princípios de construção estabelece a integridade dela. O *conhecimento* das particularidades preenche a casa com belos materiais.

Nosso Criador inseriu a estrutura fundamental do *trivium* na nossa natureza. Chegamos ao *conhecimento* das coisas no mundo natural por meio dos *sentidos*. Chegamos ao *entendimento* dessas coisas com a *mente*. Colocamos nosso entendimento *sabiamente em prática* mediante nossos músculos.

Apresentaremos aqui apenas uma breve introdução ao *trivium* nas Escrituras. (Para saber mais a respeito do *trivium* nas Escrituras, veja o Apêndice 1, Artigo 2.)

Analogia entre o trivium e uma construção: fundação, estrutura e uso

Embora o conhecimento, o entendimento e a sabedoria possam ser estudados como conceitos separados, eles não são isolados um do outro. Ao contrário, florescem juntos e um se sustenta no outro (por isso raramente os encontramos nas Escrituras em uma ordem simples do tipo um, dois, três). Vejamos a relação existente entre eles.

1. O conhecimento (gramática ou fatos) é a base. Sem adquirir em primeiro lugar o conhecimento, não se pode seguir em frente e construir sobre o entendimento.

> Aplica o teu coração à instrução, e os teus ouvidos às palavras do conhecimento (Provérbios 23.12 – ARIB).

2. Depois de estabelecida a base do conhecimento, pode-se começar a construir sobre o entendimento (ou seja, lógica ou teoria). No entanto, à medida que se constrói sobre o entendimento, também se cria a necessidade e o desejo de mais conhecimento.

> O coração do inteligente busca o conhecimento... (Provérbios 15.14 – ARIB).

3. Depois da base e da estrutura do entendimento, pode-se seguir em frente em direção ao uso prático do que foi construído — a sabedoria (ou seja, retórica ou prática). Mas isso cria a necessidade e o desejo de ainda mais conhecimento e entendimento.

> Eu, a sabedoria, habito com a prudência [entendimento], e possuo o conhecimento e a discrição (Provérbios 8.12 – ARIB).

> O coração do entendido adquire conhecimento; e o ouvido dos sábios busca conhecimento (Provérbios 18.15 – ARIB).

Analogia entre o Trivium e um Edifício

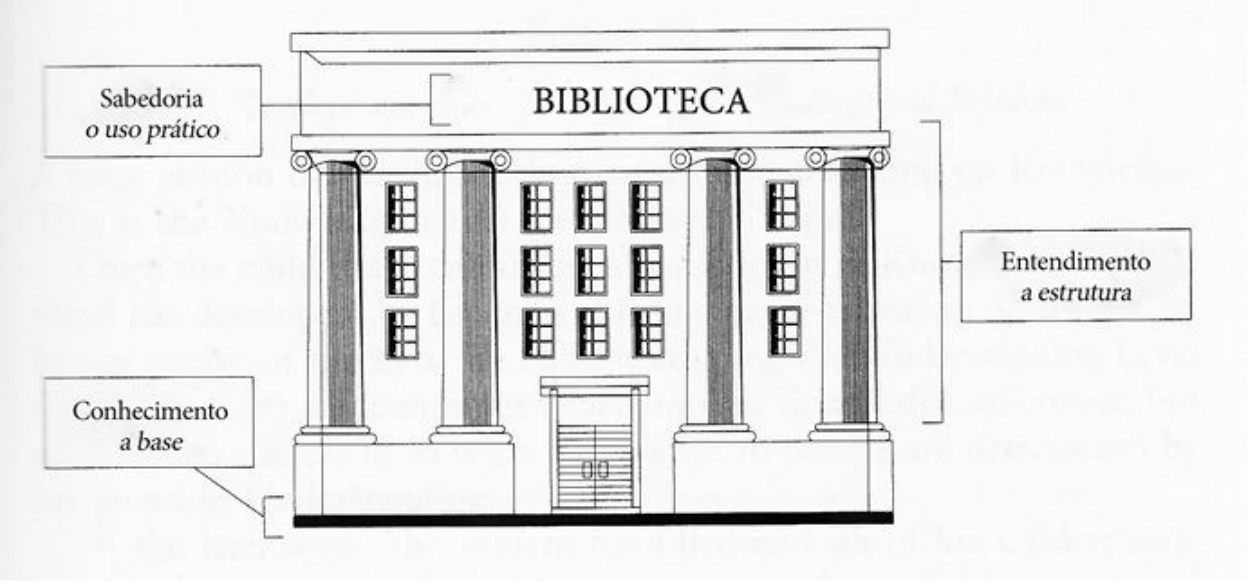


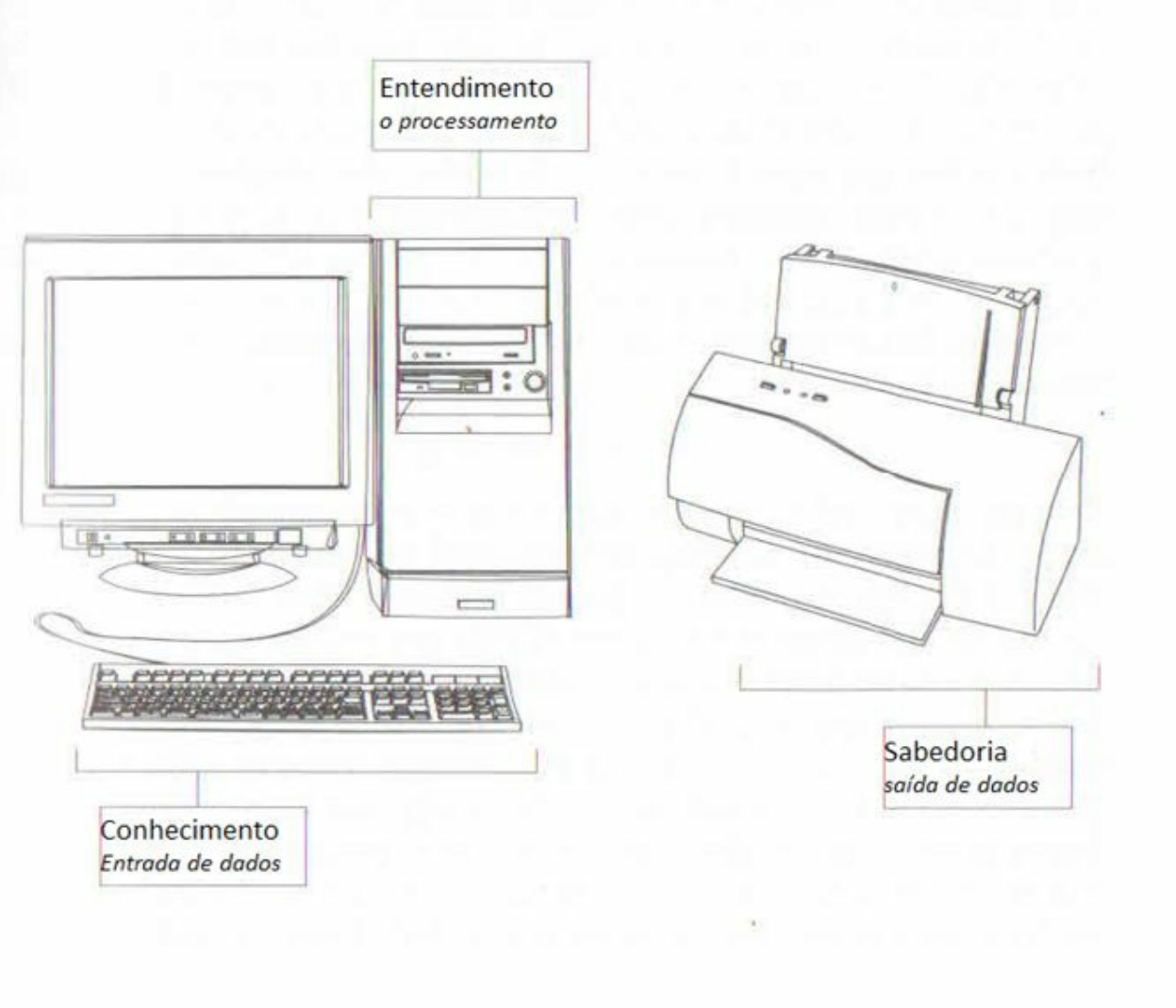
FIGURA 4A

Analogia do trivium com computadores:
entrada de dados, processamento, saída de dados

A comparação com computadores pode ajudar a explicar a ideia: o *conhecimento* equivale à *entrada de dados.* O *entendimento*, ao *processamento*. A *sabedoria* equivale à saída de *dados*.

1. *O conhecimento demanda a entrada de dados.* O nível de conhecimento, ou da entrada de dados, emprega os dispositivos para sua aquisição — leitura, audição e experiências com os sentidos — para *incluir* os dados ou a informação.
2. *O entendimento demanda o processamento.* O nível de entendimento, ou do processamento, utiliza o processador central da mente para dissecar, comparar, discutir e debater os dados com as relações da descoberta.
3. *A sabedoria demanda a saída de dados.* O nível de sabedoria, ou da saída de dados, volta-se para o uso prático e a expressão do material por meio de nossos dispositivos de saída de dados — com a *impressão* mediante a representação, produção e criação com a voz,

as mãos, os pés etc. Aplicamos todos os dados introduzidos e todas as relações processadas de modo criativo, significativo e prático.



Analogia do trivium com o computador

O desenvolvimento do conhecimento, do entendimento e da sabedoria

Grande parte dos primeiros anos da criança é usada na absorção de conhecimento. Esse é o nível do conhecimento (ou fase da gramática).

Uma vez que a criança tenha acumulado uma quantidade razoável de conhecimento, e sua mente se tenha desenvolvido, ela se torna ávida e capaz de raciocinar sobre as coisas. Assim, por volta dos 12 ou 13 anos, a criança entra no nível do entendimento (ou fase lógica). Sem dúvida ela continua a

acumular conhecimento, mas a maior parte de suas escolhas — como o tipo de conhecimento que deseja obter — é determinada pelo entendimento crescente.

No fim da adolescência, o aluno terá preenchido seu entendimento de modo tão suficiente, que se tornará ávido e capaz de se expressar de modo criativo e eficiente. Esse é o nível da sabedoria (ou fase retórica). Para alimentar o desejo de se expressar, ele precisa de mais conhecimento e de ainda mais entendimento.

Não estamos falando aqui de uma filosofia educacional completamente nova e diferente. Toda a educação, desde o passado mais remoto até este século, foi construída em cima dessas três vias de aprendizado. Nós o chamamos "currículo de seis mil anos". Esse é apenas o progresso natural do aprendizado. Deus nos fez assim, e, por mais que tente, ninguém pode aperfeiçoar seu método. Todas as pessoas que aprenderam algo, valeram-se necessariamente do progresso do *trivium*, saibam disso ou não. No entanto, é melhor saber o que se faz, e esta é a razão da existência deste livro.

(Para dar uma olhada histórica no *trivium*, veja o Apêndice 1, Artigos 1 a 7.)

A terminologia do trivium

Dorothy Sayers foi a pioneira na tentativa de cunhar uma terminologia para designar os níveis (ou etapas) do aprendizado. Ela sugeriu *papagaio, atrevido* e *poético*. Sua terminologia nunca se popularizou. Pelo fato de Dorothy Sayers ter aplicado, por analogia, as três matérias clássicas e formais — gramática, lógica e retórica — aos três níveis de desenvolvimento, quem experimentou sua aplicação apenas se apropriou — provavelmente por descuido — dos mesmos termos para designar os três níveis de desenvolvimento. De volta a 1989, sugerimos que os termos *conhecimento*, *entendimento* e *sabedoria* serviriam melhor para descrever os três níveis de desenvolvimento. Bem, estes também nunca se popularizaram. Assim, para

evitar confusão com outras pessoas que escreveram sobre a matéria, tentaremos trabalhar com as duas terminologias, embora prefiramos conhecimento, entendimento e sabedoria.

A EDUCAÇÃO MODERNA É DEFICIENTE

Harvard, 1643

Em 1643, as primeiras exigências para a admissão em uma faculdade nos EUA foram estabelecidas em Harvard, como se segue:

> Quando o estudante for capaz de entender Cícero, ou semelhante autor clássico, de improviso e de criar e falar de verdade em latim — em verso s em prosa, [...] e de declinar com perfeição os paradigmas dos substantivos e verbos da língua grega; então, e não antes disso, poderá ser admitido na faculdade.

Hoje poucos graduados de Harvard poderiam se tornar calouros naquela época. De modo geral, os alunos entravam em Harvard por volta dos 16 anos e se graduavam por volta dos 18 ou 19 anos. Estas eram as exigências acadêmicas para a graduação:

Primeiro ano: lógica, física, discussões, grego, hebraico, retórica.

Segundo ano: ética, política, discussões, grego, hebraico, retórica.

Terceiro ano: aritmética, geometria, astronomia, natureza das plantas, história, grego, redação, hebraico, retórica.

Não se exigia latim. A língua deveria ser aprendida antes da faculdade. Muitos dos livros da faculdade eram escritos em latim.

Três observações sobre a educação moderna

Tendo conhecido o *trivium* clássico, torna-se nítido — para quem enxerga — que os problemas da educação moderna são sistêmicos.

1. Trivialidades, não o trivium

Nossa primeira observação é que a educação moderna se especializa em coisas de pouca importância. Ela busca trivialidades, não o *trivium*. A verdadeira educação não deve se assemelhar ao preenchimento de um balde vazio. Deve ser como o acendimento de uma fogueira. Infelizmente, a

educação moderna tenta encher um balde. Ela cria uma enciclopédia de doze volumes do tipo "escopo e sequência" sobre o que as crianças aprendem, um volume para cada ano escolar. Em seguida, espera-se que todas as crianças estejam na mesma página da enciclopédia ao mesmo tempo. Se o balde da criança não estiver cheio no nível prescrito, isso se dá por algum tipo de deficiência de aprendizado.

Nosso desacordo não se concentra na abordagem "escopo e sequência", mas sim no método fabril de educação com que se aplica a abordagem escopo e sequência. Os burocratas da educação reduziram a educação à memorização sincronizada de uma enciclopédia inteira de conhecimentos, como em uma esteira rolante educacional. Mas sabemos que duas crianças não se desenvolvem exatamente na mesma velocidade e nas mesmas áreas. Algumas estarão adiantadas, outras atrasadas, e em ambos os casos se perderá o que está na esteira. Como resultado, sempre haverá crianças que deixam passar algumas páginas, outras que deixam passar alguns capítulos e outras ainda que deixam passar livros inteiros. Não raro, os educadores tentam eliminar o problema reduzindo a velocidade da esteira, retirando alguns conteúdos da enciclopédia. Como resultado, as crianças adiantadas se entediam e as crianças mais atrasadas deixam de absorver ainda mais coisas. (Esses educadores consideraram Thomas Edison ineducável.) O problema não é da enciclopédia, e sim da esteira.

A educação moderna ensina um grande número de matérias, mas não ensina as crianças a dominar as habilidades de 1) compreender, 2) raciocinar e 3) comunicar-se (ou seja, o *trivium*) — com as quais as pessoas podem dominar qualquer matéria por conta própria. Já a educação clássica se concentrava em sentido primário no aprendizado das três habilidades do *trivium*, enquanto praticava as habilidades do *trivium* em várias "matérias". O aluno de hoje recebe muitas matérias mastigadas, mas nunca é ensinado a aprender. O aluno antigo aprendia no início a aprender, depois aplicava a habilidade de aprender a muitas coisas.

O aluno que domina o *trivium* pode ensinar qualquer coisa a si mesmo. Todavia, muitos alunos das escolas modernas precisam receber tudo mastigado. O *trivium* é uma forma de autodidatismo que dura a vida toda. A educação moderna é um aprendizado árduo que dura a vida toda, ou poderíamos dizer, um aprendizado servil que dura a vida toda.

2. Interrupção do processo de aprendizado

Nossa segunda observação é que a educação moderna interrompe o progresso natural do aprendizado.

As crianças são naturalmente curiosas. São aprendizes por excelência. Elas ensinam a si mesmas a falar um idioma complexo nos primeiros anos de vida: a língua local! Na verdade, há uma forte evidência de que o ouvido de uma criança é treinado para discernir os sons da língua nativa enquanto ainda está na barriga da mãe. (Mas não queremos que os burocratas da educação saibam disso, senão provavelmente teremos, em breve, a terapia da fala pré-natal!)

É preciso muita educação moderna para sufocar a habilidade natural da criança para aprender. Se a criança aprende algo, ela o faz pelo progresso natural do *trivium* em relação ao aprendizado, não importando o que possamos tentar impor ao processo de aprendizado. Mas se interrompermos o progresso natural do *trivium* para o aprendizado, criaremos uma deficiência nessa área. A educação moderna faz exatamente isso: cria deficiências no aprendizado ao omitir partes desse processo.

Para começo de conversa, a educação formal começa muito cedo. As crianças precisam ser mais treinadas que ensinadas. Quando se tira a criança do ambiente natural da própria casa, de junto dos pais, e ela é colocada em uma instituição formal, nós a treinamos para considerar colegas, professores e o poder do Estado como autoridades sobre sua vida, ao mesmo tempo em que se mina a autoridade dos pais. A socialização precoce é muito importante para os educadores socialistas da atualidade. Trata-se de um treinamento social antifamiliar. Por mais de meio século, psicólogos sociais e educadores

afirmam o dever de "enfraquecer a família" — com estas palavras — para que possam realizar os objetivos socialistas em relação a nossos filhos.

As habilidades de raciocínio (entendimento ou lógica) das crianças não estão muito desenvolvidas e as suas habilidades criativas (sabedoria ou retórica) ainda se encontram no nível mais baixo. Sem dúvida as crianças são capazes de certo raciocínio e podem ser bastante criativas, mas em grande parte ainda estão bem baixo, no *nível de conhecimento* básico, até a idade de 12 ou 13 anos. Elas precisam mais de treinamento que ensino. Esse é o momento de estabelecer a base apropriada para a educação futura. Contudo, na educação moderna, o tempo é desperdiçado. Quando deveríamos preencher a mente dos filhos com fatos úteis e lhes treinar o espírito na autodisciplina, os educadores, em vez disso, estimulam em excesso os sentidos das crianças com todos os tipos de coisas de que não precisam saber ou com as quais são muito jovens para lidar. (Alguns dos materiais sobre educação sexual aos quais as crianças são expostas nas escolas socializadas constituem um abuso infantil da pior espécie. Destroem a inocência da criança e violam sua pureza infantil. Essas questões não surgem normalmente na mente da criança.)

Quando a criança chega à pré-adolescência, ela se encontra no *nível de entendimento,* e entra na fase da lógica ou do raciocínio. Ela precisa desenvolver o aparato crítico para o pensamento. Todavia, na educação moderna, o estágio lógico do aprendizado é desprezado pelo que chamam "pensamento programado", segundo o qual certas compreensões são impostas ao pensamento da criança sem o conhecimento factual e sem treinar a mente para raciocinar de modo adequado sobre elas.

Referimo-nos, em parte, ao modo pelo qual as crianças sofrem lavagem cerebral para que aceitem a ideologia politicamente correta: socialismo, ambientalismo, feminismo, multiculturalismo etc. O ensino da evolução é outro bom exemplo. A evolução não passa de mitologia disfarçada de ciência. O sucesso da teoria da evolução é a prova de que pessoas inteligentes podem

ser levadas a acreditar em qualquer coisa! As crianças não são ensinadas a avaliar de forma lógica os pressupostos encontrados por trás da ideologia politicamente correta ou do ensino evolucionário. Em vez disso, essas coisas são tratadas como se fossem revelações infalíveis que diretamente transmitidas pelos deuses da correção política. Isso é um abandono mental e constitui um abuso do intelecto infantil.

Muitos alunos ficam frustrados, entediados e esgotados porque não lhes é permitido pensar. Eles não só não são treinados para raciocinar; eles são, na verdade, treinados a não pensar. Se você pedir a um produto da educação moderna para avaliar algo para você — talvez um filme — ele poderá lhe repassar suas percepções sensoriais, mas não espere que ele vá muito além do nível sensorial. ("Cara, tipo, esse filme era tipo, saca, muito da hora") Peça para ele fazer uma análise do enredo (se houver um) ou para dizer se o filme tentou defender algum ponto de vista ou passar alguma lição (todos os filmes fazem isso). A mente dele rangerá e ficará paralisada. ("Ah! Que é isso, cara? Tipo, é só um filme...") Ele não possui o aparato crítico para avaliar intelectualmente o que os seus sentidos recebem. Ele não é capaz de discernir o bem do mal; apenas percepções sensoriais agradáveis e desagradáveis. Não causa surpresa que os produtos da educação moderna sejam influenciados com tanta facilidade pela propaganda na mídia. Seu desenvolvimento intelectual não chega à maturidade de forma adequada. Muitos deles jamais irão além do nível infantil.

Os filmes da série *Star Wars* [*Guerra nas Estrelas*] são um bom exemplo disso. Enquanto o público absorve o entretenimento, sua mente atrofiada e cheia de mingau é impregnada com as sementes do dualismo panteísta da Nova Era: a igualdade entre a divindade da Luz e a das Trevas. O lado obscuro da Força fala por meio da personagem de Darth Vader e questiona: "Quais são as suas ordens, meu senhor?". O lado da luz da Força se pronuncia por meio de Obi-Wan Kenobi e diz: "Se você me matar agora, eu me tornarei

mais poderoso do que você sequer poderia imaginar". Evolução e reencarnação também estão entrelaçadas ao longo de todo o filme.

Quando são ensinadas às crianças as chamadas "habilidades para pensar", ensinam-se na verdade "inabilidades para pensar"; ou seja, elas são programadas para pensar de certa maneira. Embora a programação possa envolver uma forma superficial de raciocínio, ela não está, no entanto, baseada na lógica. Ao contrário, ela se baseia na emoção. Você pode ter ouvido a respeito do "método analítico". Nós o chamamos "lógica preguiçosa".

Você deve entender que, a menos que raciocinemos a partir das proposições das Escrituras, todo o nosso raciocínio cairá, no fim, em contradições lógicas. Vamos tratar a respeito disso um pouco mais adiante. Por ora, queremos lhe dar alguns exemplos.

As crianças podem ser programadas com a lógica preguiçosa para "dizer não às drogas" por muitas razões, como saúde física e psicológica etc. Entretanto, visto que sua motivação para não usar drogas não se baseia no raciocínio claro proveniente da moral absoluta, elas estão preparadas, na verdade, para dizer "sim às drogas" quando ocorrer o cruzamento propício de circunstâncias. Ao treinar a criança para "dizer não às drogas" por razões erradas e inadequadas, nós estamos, na verdade, estabelecendo uma base frágil e defeituosa. Quando o vento e a chuva de fortes pressões emocionais baterem contra esta casa construída na areia, a base desmoronará por não estar fixada na lógica sólida.

Eis outro exemplo. Caso seu filho estude a mecânica das bicicletas, você se surpreenderia ao encontrá-lo na garagem algum dia com a bicicleta em pedaços? Claro que não! Se sua filha recebe aulas de culinária, você se admiraria ao encontrá-la na cozinha um dia experimentando uma nova receita por conta própria? Claro que não! É isso que você esperaria. Você ficaria decepcionado se ela não o fizesse! No entanto, as crianças que não aprendem valores morais absolutos nem a raciocinar a partir de valores

morais absolutos são colocadas na sala dos principiantes e têm aulas de drogas, sexo e morte. Oh, que surpresa! Essas crianças voltam para casa drogadas e enfermas, grávidas e pervertidas, mórbidas e suicidas. O surpreendente de verdade é que nenhuma delas volte para casa no estado normal!

Quando os alunos chegam ao fim da adolescência, eles alcançam o *nível de sabedoria*. Devem aprender a expressar as coisas de modo criativo e eficiente e colocá-las em prática. No entanto, os educadores modernos encorajam a autoexpressão das crianças desde a pré-escola, mas sem exercitá-las na autodisciplina. Depois de uma dúzia de anos ou mais de abuso mental, imposto por burocratas da educação, muitos jovens à beira da fase adulta apenas expressam suas frustrações com esse sistema abusivo de modo indisciplinado e destrutivo.

Em outras palavras, as escolas do governo fazem todas as crianças passar por seu maquinário de processamento de carne mental e, a menos que algo interrompa o processo, as crianças sairão com bobagens do mesmo tipo.

Já a educação clássica se conforma com a própria natureza do desenvolvimento mental. A educação em qualquer matéria se desenvolve naturalmente ao longo de três etapas:

1) Domínio dos fatos.

2) Domínio de suas relações.

3) Domínio de seus usos e aplicações.

Devemos superar todas as imposições defeituosas dessas desastrosas teorias modernas — impostas às crianças como experimentos de psicólogos sociais, sem qualquer análise crítica honesta — e devemos voltar ao progresso natural do aprendizado que funcionou por milênios.

3. Educação regressiva

Nossa terceira observação: a educação moderna não é *progressiva*. Ela é *regressiva*. Não se move *para frente*, e sim *para trás*.

Se treinarmos a criança nas disciplinas que a equipam para o autodidatismo, nós lhe abriremos todas as portas. Os primeiros e maiores mestres em qualquer disciplina de aprendizado eram todos autodidatas. Não havia ninguém à frente deles para ensiná-los! Para ir além dos limites dos professores, os alunos devem receber as ferramentas do autodidatismo que os habilitarão a progredir e a se tornarem criativos por si mesmos. A educação baseada no *trivium* é a única educação verdadeiramente "progressiva" porque só ela fornece aos alunos as ferramentas básicas do autoaprendizado, capaz de garantir o progresso.

A educação baseada no trivium versus a educação baseada no resultado

Todas essas características da educação moderna que — dá mais importância às coisas sem importância, interrompe o progresso natural do aprendizado, é regressiva, não progressiva — podem, na melhor das hipóteses, apenas inibir o processo natural de aprendizado. Mas na pior das hipóteses, elas criam sérias deficiências de aprendizado.

Um modo eficiente de explicar algo é contrastá-lo com seu oposto. O oposto do *trivium* é o desenvolvimento moderno chamado *educação baseada no resultado*, nele os alunos aprendem a atuar ou a produzir de maneira determinada, independentemente da compreensão dos princípios fundamentais. Explicaremos com um exemplo.

Imagine que vamos ensinar um aluno a tocar a *Sonata ao luar*, de Beethoven, no piano pelo método educacional baseado no resultado. Vamos chamá-lo método da "música toda". Sentaremos o aluno junto ao piano e começaremos com a *Sonata ao luar*. Nós lhe diremos onde colocar os dedos e o conduziremos, por repetição mecânica, através da peça. Para iniciar, dividiremos a peça em porções menores e mais simples. Apresentaremos alguns cartões do tipo "veja e toque" com trechos da sonata. Por fim, ele

aprenderá a tocar a *Sonata ao luar*. E receberá o certificado de conhecimento mais rapidamente do que se houvéssemos ensinado a ele pelo método do *trivium*.

E se ele quiser aprender a tocar outra música? Aqui se tornam perceptíveis as diferenças entre os dois métodos. Na educação baseada no resultado, será preciso que o aluno venha até nós para ser ensinado. "Nós somos os mestres de cerimônias; o aluno executa as tarefas". Ele será dependente dos instrutores em relação a tudo que aprender.

Sem dúvida alguns alunos aprenderão de ouvido e compreenderão a técnica depois de algumas músicas, como há alguns alunos que entendem algo do código fonético e das regras de ortografia e gramática por conta própria. No entanto, a maior parte dos alunos não o entenderá por conta própria.

Esse é o método de educação baseada no resultado. Obtêm-se belos resultados e de modo mais rápido! Mas eles são superficiais e não duram muito tempo. Contudo, o mais importante é que a educação baseada no resultado cria aleijados intelectuais sempre dependentes do sistema educacional em relação ao aprendizado. Por que isso? Porque os alunos nunca dominam o básico! Dominam apenas os resultados. A criatividade fica tremendamente sufocada, os alunos nunca recebem as ferramentas para criar algo por conta própria.

Agora digamos que ensinaremos o aluno a tocar a *Sonata ao luar* pelo método *trivium*. Em primeiro lugar, vamos lhe ensinar a ler partituras. Esse é o nível do conhecimento (ou etapa da gramática). Depois lhe ensinaremos a dedilhar de maneira adequada. Esse é o nível do entendimento (ou etapa lógica). A seguir, vamos ensinar a correta técnica e expressão. Esse é o nível da sabedoria (ou etapa retórica). Depois de ter dominado os três níveis, poderemos começar a trabalhar na *Sonata ao luar*.

Usando o método do *trivium*, levará mais tempo para aprender a peça que pelo método da educação baseada no resultado. No entanto, vejamos os benefícios em longo termo. E se ele quiser aprender outra música? Disporá de todas as ferramentas básicas, logo poderá ensinar a si próprio! Ele não precisará mais do instrutor. Na verdade, poderá compor as próprias músicas, pois dominou as artes do piano que o *liberaram* do professor, de modo que poderá aprender sozinho.

Por isso a gramática, a lógica e a retórica são chamadas "artes *liberais*". Elas são as artes que *liberam*! Este livro trata das artes liberais. Quantos se formaram nas chamadas "escolas de artes liberais" sem nunca ter aprendido as "artes liberais"? Muitos!

A verdadeira educação em artes liberais significa obter o domínio das habilidades que nos liberam dos professores, de modo que possamos aprender sozinhos. As artes liberais foram projetadas para nos liberar de nossos supervisores. A educação baseada no resultado é projetada para nos acorrentar às nossas tarefas. Que você terá: autodidatismo para a vida toda ou aprendizado de tarefas para a vida toda? Dignidade ou labuta? Liberdade ou servidão? "Oi. Sou educador do Estado socialista e estou aqui para ajudá-lo".

Caso tenhamos aprendido a ler e a escrever pelo método "veja e diga" ou "idioma inteiro", aprendemos o "resultado": memorizamos a "aparência" das palavras em vez de dominar os conceitos básicos, como o código fonético e as regras de ortografia. Que tipo de vocabulário podemos desenvolver com essa deficiência?

Durante décadas, a educação se baseou nos resultados no departamento de línguas. Agora que as pessoas são incapazes de ler e escrever, os engenheiros sociais podem implementar a educação baseada no resultado em todos os outros departamentos com pouca resistência. Na verdade, com tanto analfabetismo funcional, esse tipo de educação se tornou uma necessidade prática.

Se nós aprendêssemos em primeiro lugar o código fonético, depois as regras de ortografia e de gramática e, por fim, estilo e redação, aí sim aprenderíamos de verdade o "idioma todo". Mas se começamos pelo fim — com o "idioma todo" — não se surpreenda se acabarmos sem saber o começo.

Mesmos os três erres são uma versão elementar do *trivium*: leitura é a gramática, aritmética é a lógica e escrita é a retórica.

TODO O TRIVIUM EM UMA CÁPSULA

Tudo que você leu sobre o *trivium* neste capítulo *e mais* está sintetizado no restante desta seção. Se você ainda não o entendeu, terá, portanto, mais uma chance. E se você o entendeu bem, aqui há, portanto, mais para aprender.

O *trivium formal* no sentido *clássico* é gramática, lógica e retórica. Ele se reflete em termos bíblicos como conhecimento, entendimento e sabedoria.

Cada criança passa por três níveis de desenvolvimento, e cada matéria têm três níveis de desenvolvimento, e os três níveis (ou etapas) correspondem ao *trivium* formal e ao *trivium* bíblico.

Descreveremos os três níveis do ponto de vista do desenvolvimento de cada criança em particular, mas tenha em mente que isso também se aplica ao desenvolvimento de cada matéria ensinada em particular, e o desenvolvimento de cada matéria não está necessariamente vinculado à idade.

O quadro geral

Aqui está o quadro geral: o homem tem três capacidades mentais.

Uma para juntar informações — *conhecimento.*

A segunda para organizar as informações em ordem lógica — *entendimento*.

A terceira para aplicar as informações e o ordenamento — *sabedoria*.

O primeiro nível do conhecimento (ou etapa da gramática)

Essas três capacidades são interdependentes, mas há, no entanto, uma ordem lógica e de desenvolvimento entre elas. Todas elas já estão em desenvolvimento na criança antes do nascimento. Ela sempre aprende fatos, conta os fatos para outras pessoas e usa os fatos e as narrativas de modo prático.

O nível do conhecimento (ou etapa da gramática)

Nos primeiros anos da criança, enquanto as três capacidades se desenvolvem, a capacidade de conhecer passa pelo maior crescimento. Por volta dos 9 ou 10 anos, as partes do desenvolvimento alcançaram o estado de maturidade em que a *lâmpada continua acesa* e a capacidade de conhecer dá um grande salto — avança muito — em direção ao período intenso em que a capacidade e a habilidade para os estudos acadêmicos formais de materiais relacionados ao conhecimento são as mais proveitosas.

Quando a criança se encontra nesse nível, nós lhe ensinamos a habilidade de compreender — receber informações de modo preciso — para juntar os fatos. O conhecimento é partilhado por meio de narrativas e demonstrações. Ele passa pelos sentidos. Nós desenvolvemos um vocabulário de fatos e regras. Nesse nível, não precisamos separar as matérias. Podemos combinar 1) língua com literatura e belas artes, 2) matemática com ciências naturais, e 3) história com geografia e estudos sociais. O objetivo é desenvolver a competência nas ferramentas de pesquisa: leitura, audição, escrita, observação e mensuração.

O nível do entendimento (ou etapa lógica)

O período intenso de conhecimento dura cerca de três anos, e quando acaba, o conhecimento, sem dúvida, continua a crescer e a se desenvolver, mas a capacidade de entender — desenvolvida ao mesmo tempo — emerge com a primeira posição na corrida. Com uma ampla base de conhecimento estabelecida e com as partes de desenvolvimento do entendimento atingindo certo nível de maturidade, outra lâmpada se acende, e a capacidade de entender dá um grande salto — avança muito — em direção ao período intenso em que a capacidade e a habilidade para estudos acadêmicos formais de materiais relacionados com o entendimento são as mais proveitosas.

Quando o aluno se encontra nesse nível, nós lhe ensinamos a habilidade do raciocínio — a questionar de forma crítica, analisar, avaliar e discernir causas, motivos, propósitos, objetivos e efeitos — para investigar a teoria. O

entendimento é partilhado por meio de treinamentos, correções e instrução. Desenvolvemos um vocabulário de relações, ordem e abstrações. O ensino se tornará mais sequencial e sistemático, separando os diferentes ramos do aprendizado. O objetivo é desenvolver a competência nas ferramentas da investigação: análise, comparação e contraste.

O nível de sabedoria (ou etapa retórica)

O período intenso de entendimento dura cerca de três anos, e quando ele acaba, o entendimento continua a crescer e a se desenvolver, mas a capacidade da sabedoria — que se desenvolveu ao mesmo tempo — emerge ao ocupar o primeiro lugar na corrida. Quando se estabelece uma base ampla de conhecimento e entendimento, e as partes do desenvolvimento da sabedoria atingem certo nível de maturidade, a terceira lâmpada se acende, e a capacidade da sabedoria dá um grande salto — avança muito — em direção ao período intenso em que a capacidade e a habilidade para os estudos acadêmicos formais de materiais relacionados com a sabedoria são as mais proveitosas.

Quando o aluno se encontra nesse nível, nós lhe ensinamos a habilidade do julgamento prudente e da expressão eficiente — por meio da comunicação e aplicação prática. A sabedoria é partilhada pelo encorajamento da iniciativa individual e inovação, elaboração de perguntas e condução de discussões. Desenvolvemos um vocabulário de ideias e valores filosóficos. Começamos a recombinar o conhecimento e as habilidades de disciplinas separadas. Buscamos a aplicação dos princípios, valores e objetivos.

O período intenso da sabedoria dura cerca de dois ou três anos, e quando acaba, a sabedoria continua a crescer e a se desenvolver, e as três capacidades — conhecimento, entendimento e sabedoria — desenvolvidas ao mesmo tempo, emergem como um conjunto de ferramentas desenvolvido de forma plena.

O nível final de conclusão (ou etapa)

Durante um ou dois anos, a capacidade moral da consciência — desenvolvida ao mesmo tempo em que as outras, é trazida à plena compreensão, de modo que a capacidade da responsabilidade deverá estar plenamente desenvolvida pelo encerramento da completude da idade bíblica de 20 anos. Certamente, todas as capacidades continuarão a se desenvolver, e as ferramentas básicas, que serão usadas por toda a vida, deverão estar desenvolvidas por volta desse período.

Resumo

Em suma, as capacidades do conhecimento, do entendimento e da sabedoria não são pequenos compartimentos organizados com portas seladas. Ao contrário, todos se desenvolvem ao mesmo tempo desde o comecinho, mas cada um passa por períodos sucessivos de intenso desenvolvimento, até que se emparelham e trabalham juntos em harmonia.

Para resumir tudo em uma só frase: em primeiro lugar instruímos a criança no conhecimento ou gramática; em seguida, conduzimos a criança no entendimento ou lógica; e, por fim, desafiamos a criança na sabedoria ou retórica.

PERGUNTA

Como uma vítima da escola pública pode consertar as coisas?

Pergunta: Como uma vítima da escola pública pode se preparar e preparar os filhos para esse tipo de ensino doméstico?

Resposta: A barreira posta à sua frente consiste em você mesmo. Será preciso que você supere seus maus hábitos e deficiências. Agradeça a Deus pelo fato de ele lhe ter dado filhos como desculpa para aprender todas as coisas necessárias. Nós podemos lhe oferecer algumas sugestões pelas quais começar:

1. *Livre-se do hábito do entretenimento*. Desligue a televisão. Não será possível desenvolver a mente de um viciado em televisão. Um vídeo educativo de vez em quando pode ser proveitoso, mas estabeleça regras e discipline-se. Atenha-se às regras e normas.
2. *Comece a ler*. Se você não gosta de ler, então comece a aprender a gostar de leitura. Além de ler para si mesmo, comece a ler em voz alta para seus filhos. Não mantenha só a leitura do tipo: "Dez minutos antes de ir para cama, vamos ler *O gato do chapéu*", mas a do tipo "Esta semana vamos ler a versão completa de *A ilha do tesouro*" — para seu filho de 6 anos de idade!
3. *Peça ao Senhor que lhe dê uma mente investigadora*. Pesquise, com os filhos, o mundo à sua volta. Pesquise em todas as bibliotecas de sua região e descubra as características especiais de cada uma delas. Vá aos espetáculos dos artistas que vierem à sua cidade. Descubra o que puder sobre os homens que estão pavimentando a rua na frente da sua casa. Faça perguntas e aprenda com os especialistas.
4. *Construa o vocabulário*. Não fale com seus filhos usando uma linguagem infantil. Jogue fora a mentalidade de série escolar. Teste o nível de entendimento dos filhos de modo contínuo. Leia livros para

eles que estejam um grau acima do que você acredita ser o nível deles. Encoraje-os a escutar conversas entre adultos.

5. *Tenha discussões com seus filhos*. Discuta com seus filhos, não no sentido de briga, mas no sentido de debate. Fazê-los ponderar com cuidado será um ótimo exercício para fazer você mesmo ponderar com cuidado.
6. *Assegure-se de que seus filhos lhe obedeçam*. O ato de obedecer na primeira vez promove a boa disciplina interna nas crianças, traz ordem para a casa e torna o aprendizado mais fácil. As crianças devem manter o desenvolvimento dessa disciplina dentro de si mesmas antes de estarem academicamente preparadas. Você encontrará as próprias fraquezas e desenvolverá a autodisciplina enquanto trabalha para desenvolver essa disciplina interna nos filhos. A disciplina será um desastre se você não se dominar.
7. *Estabeleça a adoração em família*. Isso não consiste apenas em uma coisa boa que você acrescenta conforme a conveniência. A adoração em família deve ser a pedra angular do dia — de manhã e de noite, estabelecendo a ordem do dia todo — e da vida toda. Não espere a presença do Senhor em sua família se você não convidar, pedir a presença dele com regularidade em sua família.

A parte prática deste livro — do Capítulo 11 ao 16 — está repleta de sugestões mais detalhadas. Lembre-se: o ensino doméstico é para os pais. Ao ensinar seus filhos, você aprenderá tanto ou mais que eles e de um modo melhor, de uma maneira que você não aprendeu na escola.

Do Capítulo 5 ao 7 são apresentados argumentos para o ensino respectivo de línguas, lógica e retórica — as três matérias formais que constituem o *trivium* clássico. Na sequência de cada argumento, há uma breve introdução ao ensino da matéria. O Capítulo 8 trata de literatura, o Capítulo 9 de história, e o Capítulo 10 de diferentes abordagens do ensino doméstico.

Capítulo Cinco



Ensino de línguas

... Sabes o grego?
— Atos 21.37

UM ARGUMENTO PARA O ENSINO DE LÍNGUAS CLÁSSICAS

Toda matéria tem *gramática* própria — seus elementos básicos e regras fundamentais. Há a gramática da matemática, geografia, história etc. Contudo, a gramática mais básica é a da própria língua nativa, pois ela nos fornece os tijolos com os quais construímos o entendimento de todas as outras matérias. O fracasso no domínio das competências da língua nativa prejudicará a habilidade de aprender qualquer outra matéria.

Se quiséssemos derrubar o sistema educacional de um país todo, por onde começaríamos? Pelo departamento de línguas. Se nós introduzíssemos um programa de leitura *baseado no resultado*, poderíamos bloquear a habilidade de aprender dos alunos jovens. Por exemplo, se em vez de ensinar às crianças a fonética do idioma, nós lhes ensinássemos a reconhecer as palavras como glifos — "palavras em imagens" — conseguiríamos reduzir bastante seu vocabulário. O vocabulário é o primeiro sinal de inteligência. Depois de limitar o vocabulário e a inteligência e, ao longo de duas ou três gerações, podar o resto da inteligência cultural sobrevivente, poderíamos, por fim, reduzir a cultura a um ponto em que seria possível introduzir a educação baseada no resultado em todas as outras matérias e reduzir o aprendizado ao mínimo funcional (ou disfuncional). O resultado seria o suicídio cultural. Será que isso já foi tentado?

Todo o conhecimento e a cultura são transmitidos por meio da língua. Nada pode transmitir as habilidades linguísticas de modo mais efetivo que a família. Tendo o Estado usurpado o papel da família na educação, as competências linguísticas básicas decaíram. Isso se deu porque a família não mais as transmite. Escolas de segundo grau, e até mesmo faculdades, estão formando muitos alunos incapazes de ler e escrever. Enquanto isso continuar, tudo que nossa cultura poderá fazer é se desintegrar. Por fim, ela será

controlada pela cultura concorrente. Esperamos que a cultura concorrente seja a cultura do ensino doméstico cristão.

Por que estudar outras línguas?

Acredito que todos os leitores deste capítulo estão convencidos da necessidade fundamental da boa competência em nossa língua. Mas e o estudo de outros idiomas?

Todos os europeus vivem muito próximos de pessoas que falam outro idioma. Eles precisam saber outras línguas apenas para negociar. Nós, nos EUA, estamos em grande parte isolados disso. Temos alguns francófonos ao norte de nós em Quebec (Canadá), e alguns hispanófonos ao sul (no México), mas isso tem um significado limitado, embora crescente, para a maior parte de nós.

O inglês é o idioma nativo de 350 milhões de pessoas no mundo e o segundo idioma de outros 700 milhões. Portanto, mais de um bilhão de pessoas no mundo falam inglês. Nós, americanos, fomos poupados da necessidade de aprender um segundo idioma. Então, por que aprender outra língua?

Se estivéssemos interessados em estudar as culturas do passado, poderíamos ser levados a aprender línguas antigas, como o grego clássico ou o latim; ou línguas europeias, como o francês e o alemão.

Se nossos interesses se focassem mais no contemporâneo e no prático, poderíamos aprender uma língua estrangeira para nos dedicar a ela nos negócios, no lazer, na correspondência, na pesquisa, no trabalho missionário ou apenas para manter a ligação com nossa herança étnica.

As escolas socializadas do Estado dão ênfase às línguas como parte da *educação global multicultural*, a fim de "criar a melhor apreciação da vida em outros ambientes culturais e linguísticos" (citado em *Minimum Standards for Ohio Elementary Schools* [*Padrões mínimos para as escolas fundamentais de Ohio*], 1970). Você sem dúvida reconhece que essa frase foi escrita em uma

língua estrangeira. Trata-se do "obscurês", falado apenas por burocratas. Em tradução livre, significa que estão preparando os alunos para a mentalidade globalista, a tendência de toda a educação socializada.

Os cristãos devem fazer algumas considerações importantes

O mundo tem uma série de critérios para determinar a escolha de idiomas. Os cristãos, no entanto, receberam a ordem de não entrar nos moldes do mundo.

> E não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente [...] (Romanos 12.2).

Como pais cristãos, somos chamados por Deus a desenvolver uma cultura distintamente bíblica e cristã — transformada — para a família, igreja e comunidade. A cultura está inserida no idioma. Quando a cultura muda, altera-se o idioma, e quando o idioma muda, a cultura é modificada. Os dois estão inextricavelmente unidos.

A influência do idioma pode ser sutil, mas é poderosa. Para mudar a cultura com êxito, devemos mudar a língua — devemos mudar as palavras usadas pelas pessoas e os significados atribuídos a elas. Isso alterará a forma com que as pessoas pensam e no que elas pensam e, acima de tudo, em que elas *não* pensam.

Exatamente isso é feito conosco na cultura. Neste momento somos ensinados a falar uma versão da língua politicamente correta, não sexista, multicultural. Em breve teremos uma cultura socialista, castrada e totalmente desorientada.

Deus inscreveu e inseriu toda a cultura claramente bíblica e cristã na língua das Escrituras. Portanto, o estudo das Escrituras nas línguas originais é parte essencial e indispensável do desenvolvimento da cultura genuína e distintamente cristã. Visto que a Palavra de Deus deve permanecer a base de

toda a cultura cristã, o programa cristão de idiomas deve dar ênfase às línguas bíblicas.

Ora, não estamos sugerindo que devemos nos desfazer por completo de todas as Bíblias em nosso idioma e de todos os manuais auxiliares, e estudar apenas nas línguas originais. Todavia, nossa sugestão consiste em no fato de os cristãos se tornarem intelectualmente atrofiados. Nos tempos do Antigo Testamento os hebreus falavam hebraico. E nos tempos do Novo Testamento, todo o "mundo mediterrâneo" falava grego. Os primeiros cristãos conheciam e estudavam as Escrituras escritas em grego e na língua materna. Contudo, à medida que o conhecimento das línguas bíblicas diminuía entre as pessoas comuns, as trevas invadiam a cristandade professa. Os cristãos tornaram-se cada vez mais dependentes dos religiosos profissionais, e esses profissionais tornaram-se cada vez menos responsáveis em relação ao povo. Os dois maiores períodos de difusão do Evangelho foram no século I e no século XVI. Na época dos apóstolos (30-70), o mundo todo conhecia e falava a língua grega devido à conquista do mundo mediterrânico por Alexandre, o Grande (c. 330 a.C.). Quando Constantinopla, a capital do Império Bizantino, caiu (em 1453), eruditos gregos fugiram com seus manuscritos para a Europa Ocidental, o que preparou o caminho para desencavar um maravilhoso livro antigo que não era visto havia muito tempo. Esse livro era o Novo Testamento em grego. A republicação do Novo Testamento em grego, feita por Erasmo em 1516, foi seguida de imediato pelo maior período de difusão do Evangelho desde os dias dos apóstolos.

Estamos convencidos de que a renovação genuína do Evangelho em nossos próprios dias espera a renovação do estudo do texto grego das Escrituras. No passado não muito distante, os cristãos em geral, e os ministros em particular, eram estudantes competentes das Escrituras em grego e em hebraico. Hoje, no entanto, a maior parte dos ministros não estuda grego e hebraico. Muitos seminários nem sequer exigem o estudo das línguas bíblicas para a graduação. Alguns seminários evangélicos não oferecem cursos de instrução nas línguas

bíblicas. Se, por acaso, um ministro aprende essas línguas, ainda que um pouco, não raro ele não continua os estudos nelas. Em vez disso, ele se apoia nos mesmos manuais auxiliares em sua língua, como todos fazem. Com efeito, uma piada comum nos *campi* dos seminários é: "Quem será o primeiro a se esquecer destas línguas?", o que ilustra o quão seriamente muitos alunos levam os estudos de línguas bíblicas.

A grande quantidade de versões bíblicas em nossos dias nunca teria visto a luz do dia se mais cristãos conhecessem o texto grego das Escrituras. A verdade das Escrituras esteve outrora escondida na língua dos eruditos, e a verdade estava em grande parte perdida para o povo. Hoje, tememos que a verdade esteja perdida em uma multidão de traduções — incluindo-se as mais populares — do tipo "isto significa aquilo".

Menos de cem anos atrás, a maior parte dos egressos do ensino médio nos Estados Unidos estudava grego. Na verdade, nenhum seminário bíblico dos EUA oferecia cursos de grego. Os alunos deveriam dominar o idioma antes de entrar no seminário. No século passado, os cristãos perderam em grande parte as ferramentas com as quais se examinava pessoalmente a verdadeira Palavra de Deus. Nós nos tornamos dependentes mais uma vez, e de forma gradual, do sacerdócio da elite, eruditos e especialistas, a maior parte dos quais — falando muito francamente — são infiéis. A influência sutil que a filosofia cética confere aos estudos bíblicos é cumulativa e nociva aos fundamentos da fé bíblica.

Em abril de 1997, estávamos em uma velha livraria em Fresno, Califórnia, e pedimos ao proprietário que nos levasse à seção de línguas. Ele disse: "Ela se tornou a seção mais popular da minha livraria. Pessoas envolvidas com bruxaria e ocultismo querem ler sua literatura nas línguas originais". Que comentário revelador! Pessoas envolvidas com o ocultismo entendem o poder de estudar sua literatura nas línguas originais, mas nós cristãos vamos a galope atrás da mais recente tradução, como se fosse de certa forma uma versão melhor. O fato é que a maior parte das novas versões injeta uma

grande quantidade de interpretações não percebidas no texto. Quando lemos a tradução de um romance, podemos apreciar a necessidade de certa liberdade na interpretação. Mas se estamos lendo a tradução de um documento legal, desejamos ser capazes de identificar o que o texto diz em sentido literal, e o que é mera interpretação do texto. As Escrituras são documentos legais, o mais legal de todos os documentos: o registro inspirado e infalível das alianças de Deus, perante as quais todos nós somos responsáveis. As Escrituras requerem certa interpretação, mas ninguém deve identificar sua interpretação com a verdadeira Palavra de Deus.

Como devemos educar nossos filhos na Palavra de Deus, a fim de prepará-los para viver sob a perspectiva cristã, então devemos considerar as línguas bíblicas fundamentais e práticas para o resto da vida. Elas são fundamentais porque nada é mais fundamental para a educação cristã que o estudo das Escrituras.

> Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra (2 Timóteo 3.16-17).

E são práticas porque nada preparará melhor o aluno para o serviço ao Senhor que o estudo cuidadoso das palavras de Deus na língua original.

> Quando vieres traze a capa que deixei em Trôade, em casa de Carpo, e os livros, especialmente os pergaminhos (2 Timóteo 4.13). (O texto hebraico das Escrituras foi escrito em pergaminhos.)

Quem aspira ao estudo do grego do Novo Testamento se tornará vaso de Deus para o restabelecimento da verdade.

Mais argumentos para o estudo do grego

1. *Alfabetização cultural*. Consideramos o grego uma língua estrangeira escrita em um alfabeto estrangeiro. No entanto, nós falamos e escrevemos o grego todos os dias sem percebermos. Nosso alfabeto vem do grego. Nosso

vocabulário está repleto de grego. Muito se pode dizer do amplo entendimento de línguas e da cultura que podem ser obtidos mediante o estudo do grego. Mas, sinceramente, esses pensamentos não motivam a maior parte das pessoas a estudar grego.

2. *Disciplina mental*. O estudo do grego exige esforço mental. Ele treina a mente na observação dos detalhes, no reconhecimento de padrões e na tomada de decisões. Conforme se estuda a etimologia de uma palavra, ou se medita no significado de uma preposição, ou se analisa um verbo, são desenvolvidas as capacidades da mente.

A disciplina mental é importante para o serviço do Senhor. Devemos cingir nosso entendimento (1 Pedro 1.13) por meio da pesquisa diligente das Escrituras. A pesquisa diligente requer as ferramentas próprias. Quanto melhor a ferramenta, melhor a pesquisa, e uma das melhores ferramentas é o conhecimento da língua das Escrituras, o grego.

Embora estas razões ofereçam mais motivação para o estudo do grego, para a maior parte de nós, no entanto, elas não são suficientes.

3. *O serviço do Senhor*. Não existe razão mais importante para o estudo do grego que sua utilidade na compreensão da Palavra de Deus. Deus escolheu registrar as palavras e os atos de Nosso Senhor e de seus apóstolos na língua grega. A habilidade de ler o Novo Testamento em grego aumenta nossa capacidade de aprender da Palavra de Deus com uma precisão e autoridade que não podem ser obtidas por meio de uma tradução.

Vejamos somente dois exemplos.

Lê-se em Gálatas 1.6-7 na versão *Almeida Revista e Atualizada*: "Estou admirado de que tão depressa estejais desertando daquele que vos chamou na graça de Cristo, para OUTRO evangelho, o qual não é OUTRO". A palavra *outro* é usada duas vezes em português. Contudo, no texto grego há duas palavras muito diferentes. O primeiro *outro* (ἕτερος, *heteros*) significa *de outro tipo ou qualidade*. O segundo *outro* (ἄλλος, *allos*) significa *do mesmo tipo, mas*

numericamente distinto. Em outras palavras, Paulo está declarando com ênfase a existência de apenas um Evangelho. Esse outro evangelho "*hetero*doxo" (*heteros*) não é de forma alguma um *aliado* (*allos*) do único Evangelho verdadeiro. Na verdade, ele não é, de forma alguma, considerado evangelho! A versão *Almeida Revista e Atualizada* não deixa o texto claro. O grego o deixa inevitavelmente claro.

Em Gálatas 6.2, 5, lê-se: "Levai as CARGAS uns dos outros [...] porque cada qual levará o seu próprio FARDO". A primeira *carga* (*βάρη*, *barē*) se refere ao que nos sobrecarrega ou oprime, em especial a tristeza e o sofrimento penoso. A segunda palavra, *fardo* (*φορτίον*, *fortion*) se refere a um peso — de modo geral, o equipamento de um soldado, ou às vezes se refere a uma tarefa que o soldado deve realizar. Logo, todos precisamos compartilhar as muitas dificuldades da vida, mas cada um deve executar por si só a tarefa particular que o Senhor colocou em seus ombros.

Jim Elliot, o mártir do Equador, escreveu em seu diário que, embora o texto de João 19 lhe fosse bastante conhecido em inglês, quando o lia em grego, parecia fazê-lo pela primeira vez, tão mais vívido era o texto que qualquer tradução inglesa. Quando são aprendidos os detalhes do vocabulário e da gramática grega, Deus falará com você por meio do Novo Testamento com mais exatidão e autoridade, e você falará com os outros com maior certeza e precisão.

Talvez você diga: "Tudo bem, mas acho que eu preciso de um incentivo a mais para ficar motivado". Certo, vamos levar isso em consideração.

4. *Preparação para o avivamento*. O grande avivamento começa com o exame mais cuidadoso, feito mais de perto, da Palavra de Deus. O grande avivamento hebraico no reinado de Josias ocorreu quando Hilquias, o sacerdote, descobriu o livro da lei.

> Então, disse o sumo sacerdote Hilquias ao escrivão Safã: Achei o Livro da Lei na Casa do SENHOR. Hilquias entregou o livro a Safã, e este o leu. [...] Relatou mais o escrivão

> Safã ao rei, dizendo: O sacerdote Hilquias me entregou um livro. E Safã o leu diante do rei. Tendo o rei ouvido as palavras do Livro da Lei, rasgou as suas vestes (2 Reis 22.8,10-11). (Compare com 2 Crônicas 34.14-19.)

A restauração de Israel sob Esdras e Neemias envolveu do mesmo modo a redescoberta do livro da lei.

> Esdras, o sacerdote, trouxe a Lei perante a congregação, tanto de homens como de mulheres e de todos os que eram capazes de entender o que ouviam. Era o primeiro dia do sétimo mês. [...] perante homens e mulheres e os que podiam entender; e todo o povo tinha os ouvidos atentos ao Livro da Lei. [...]Esdras bendisse ao SENHOR, o grande Deus; e todo o povo respondeu: Amém! Amém! E, levantando as mãos; inclinaram-se e adoraram o SENHOR, com o rosto em terra. [...] e os levitas ensinavam o povo na lei [...]Leram no livro, na Lei de Deus, claramente, dando explicações, de maneira que entendessem o que se lia. Neemias [...] e Esdras [...]e os levitas que ensinavam todo o povo lhe disseram: Este dia é consagrado ao SENHOR, vosso Deus, pelo que não pranteeis, nem choreis. Porque todo o povo chorava, ouvindo as palavras da Lei. (Neemias 8.2-3; 6-9).

Mencionamos antes como o texto grego do Novo Testamento foi redescoberto e se tornou o texto básico dos reformadores do século XVI. Da mesma forma, mais avivamentos locais também podem estar vinculados ao estudo do texto grego do Novo Testamento, como os declínios podem estar vinculados à negligência do estudo.

Embora o conhecimento da língua grega fosse considerado antes parte indispensável da boa educação, no século passado os valores se deterioram de tal modo que o grego não mais é considerado parte de nenhuma educação, mesmo da educação teológica. Nossa cultura está tão rebaixada que perdemos as ferramentas básicas da erudição bíblica. Permitimos mais uma vez que as Escrituras gregas fossem cobertas com especulações de homens.

Ao empreender a tarefa de aprender a língua da Palavra de Deus, os pais que aplicam o ensino doméstico aos filhos estabelecem as bases de um grande avivamento.

Mais argumentos para o estudo do hebraico

1. *A chave cultural*. Argumentamos que a língua é o veículo da cultura. A nação hebraica foi formada e transformada por mais de um milênio de revelação divina direta. Suas instituições culturais básicas foram reveladas por Deus.

> Eis que vos tenho ensinado estatutos e juízos, como me mandou o SENHOR, meu Deus, para que assim façais no meio da terra que passais a possuir. Guardai-os, pois, e cumpri-os, porque isto será a vossa sabedoria e o vosso entendimento perante os olhos dos povos que, ouvindo todos estes estatutos, dirão: Certamente, este grande povo é gente sábia e inteligente. Pois que grande nação *há* que *tenha* deuses tão chegados a si como o SENHOR, nosso Deus, *todas as vezes* que o invocamos? E que grande nação *há* que tenha estatutos e juízos tão justos como toda esta lei que eu hoje vos proponho? [...] Agora, pois, pergunta aos tempos passados, que te precederam, desde o dia em que Deus criou o homem sobre a terra, desde uma extremidade do céu até à outra, se sucedeu jamais *coisa tamanha como esta* ou se se ouviu coisa como esta; ou se *algum* povo ouviu falar a voz de algum deus do meio do fogo, como tu a ouviste, ficando vivo; ou se um deus intentou ir tomar para si um povo do meio de *outro* povo, com provas, e com sinais, e com milagres, e com peleja, e com mão poderosa, e com braço estendido, e com grandes espantos, segundo tudo quanto o SENHOR, vosso Deus, vos fez no Egito, aos vossos olhos (Deuteronômio 4.5-8,32-34).

> Mostra a sua palavra a Jacó, as suas leis e os seus *preceitos*, a Israel. Não fez assim a nenhuma outra nação; todas ignoram *os seus preceitos*. Aleluia! (Salmos 147.19-20).

> Qual é, pois, a vantagem do judeu? Ou qual a utilidade da circuncisão? Muita, sob todos os aspectos. Principalmente porque aos judeus foram confiados os oráculos de Deus (Romanos 3.1-2).

Com o advento do Novo Testamento, a força das Escrituras do Antigo Testamento é alterada, mas sua autoridade como revelação permanece inalterada. Suas verdades reveladas são fundamentais para o entendimento de todas as coisas. Por exemplo, nós não conseguimos entender a natureza do mundo sem o relato de Gênesis.

> Pois tudo quanto, outrora, foi escrito para o nosso ensino foi escrito, a fim de que, pela paciência e pela consolação das Escrituras, tenhamos esperança (Romanos 15.4).
>
> Estas coisas lhes sobrevieram como exemplos e foram escritas para advertência nossa, de nós outros sobre quem os fins dos séculos têm chegado (1 Coríntios 10.11).
>
> Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra (2 Timóteo 3.16-17).

Os princípios revelados da lei justa e da ordem divina são exemplos para nós de como devemos formar as leis e estabelecer a ordem para nossa cultura. Se quisermos aplicá-las fielmente a nossos tempos — e na verdade devemos fazê-lo — precisaremos estudá-las na forma que Deus as revelou: em hebraico.

2. *A língua original*. Alguns acreditam que o hebraico é um representante vivo da língua original — *lashon haqodesh*, a língua santa.

> Ora, em toda a terra havia apenas uma linguagem e uma só maneira de falar (Gênesis 11.1).

O pai de Noé teria conhecido Adão, e Noé e seus filhos teriam conhecido Éber, de quem a língua hebraica recebe o nome. "Éber" significa "a região que está além", e "hebreu" significa "[o que é] do outro lado". Por isso se supõe que o hebraico seja a língua sobrevivente ao Dilúvio e à torre de Babel. A etimologia dos nomes Adão, Eva, Caim, Noé etc. é hebraica. Deus concedeu a revelação direta do Antigo Testamento na língua hebraica. Que todos nós falaremos hebraico no céu é discutível, mas parece muito provável que o hebraico esteja relacionado com a língua falada por Adão, a língua revelada por Deus a Adão. Isso faria do hebraico a mais natural das línguas, separada da confusão de Babel. E também faria do hebraico a língua mais pura para a expressão do pensamento. As formas de uma língua refletem a maneira de pensar da cultura à qual está atrelada. Portanto, o hebraico pode ser um modo

de reordenar e purificar nossa forma de pensar. Esta pode não ser a razão mais forte para o estudo do hebraico, mas é a mais interessante.

3. *Herança cristã*. O Novo Testamento está escrito em grego coiné, a língua comum da época; no entanto, o vocabulário — e mesmo a gramática — está marcado pelo caráter distintamente cristão. As palavras são usadas e as frases são construídas de modo adaptado muitas vezes ao significado hebraico. (A versão grega do Antigo Testamento já havia estabelecido algo desse "hebraico-grego". Joseph Yahuda escreveu um livro, *Hebrew is Greek* [*Hebraico é grego*], que mostra a raiz profunda entre as línguas grega e hebraica.) O Espírito Santo trabalhou providencialmente para moldar a língua grega do século I para receber a revelação divina, mas ao fazê-lo, ele infundiu nela muitas expressões hebraicas: nomes pessoais, topônimos, palavras hebraicas (aba, aleluia, amém, hosana, messias, rabino, sábado etc.) e ideias hebraicas expressas em palavras gregas (abominação, poderoso, anjo, batismo, Cristo, aliança, demônio, glória, cabeça, ídolo, pecado, verdade etc.) Assim, mesmo o texto grego do Novo Testamento é de muitas formas um livro hebraico.

Os primeiros cristãos reconheciam o valor do hebraico. Mas por volta de um século após o aparecimento da tradução de Jerônimo da Bíblia para o latim (a *Vulgata* em 404) até pouco depois da primeira gramática hebraica de Johannes Reuchlin (*De rudimentis hebraicis* em 1505), a *Vulgata* se tornou o texto padrão da Bíblia, e os textos originais em hebraico e em grego passaram a ser ignorados. Em outras palavras, por cerca de mil anos as Escrituras gregas e hebraicas estavam em grande parte perdidas para os cristãos.

Sem o estudo do idioma, não pode haver entendimento da Escritura, pois o Novo Testamento, embora escrito em grego, está repleto de hebraísmos. É correto dizer que os hebreus bebem das fontes; os gregos, dos riachos; os latinos, das poças.

4. *Acesso direto*. As traduções podem ser traiçoeiras. Elas são fontes secundárias e, por isso, subjetivas em muitos trechos. Há coisas relativas às

nuanças e conotações, como cor e ênfase, que estão no original, mas que não são passadas pela tradução. Estas mesmas coisas também aparecem na tradução, embora não sejam do original. Assim, o acesso direto ao texto original deveria ter alta prioridade para os cristãos a fim de serem capazes de discernir o original, o que se perde na tradução e o que é acrescido a ela.

Muitos consideram o estudo do hebraico muito difícil ou irrelevante para seus objetivos. Com certeza, o nível de prioridade para aprender hebraico será determinado pelas necessidades, pelos recursos, valores e objetivos. No que se refere ao aprendizado da língua em si, o principal obstáculo é o primeiro: dominar o sistema incomum de símbolos da língua (o alfabeto). Ademais, o hebraico moderno não é idêntico ao hebraico bíblico. A forma moderna da língua foi bastante simplificada, e o contexto cultural, obviamente, mudou muito.

Mais argumentos para o estudo do latim

Além do grego e do hebraico, é importante o latim. A Escritura prescreve que façamos o melhor uso de nosso tempo.

> Remindo o tempo, porque os dias são maus (Efésios 5.16).
>
> Portai-vos com sabedoria para com os que são de fora; aproveitai as oportunidades (Colossenses 4.5).

Os dias são maus e consumirão nosso tempo. Podemos desperdiçar nosso tempo com facilidade seguindo a agenda de alguém de fora. Precisamos aplicar a sabedoria para readquirir algo do tempo para o uso do Senhor.

Acreditamos que o estudo do latim pode ter um bom uso para o tempo. Consideremos algumas das seguintes vantagens do estudo de latim. A maior parte das razões também se aplica, em certa medida, ao estudo do grego como língua clássica (não só como língua bíblica).

1. *O latim é básico para nós*. A maior parte do nosso vocabulário provém do latim. Por exemplo, a maior parte de nossos prefixos (como *mono*cromo,

*monó*logo, *monó*tono) tem origem latina e grega. O estudo do latim desenvolve o vocabulário, a gramática e até melhora a pronúncia.

Alunos que tiveram aulas de latim tendem a ter pontuação maior em testes de referência do que outros grupos de alunos. Apresentamos a pontuação média dos alunos que fizeram a prova SAT. (Atenção: as pontuações de 1996 em diante são menos exigentes.)

Pontuações do SAT para alunos que estudam idiomas

	Todos os alunos	**Espanhol**	**Alemão**	**Francês**	**Hebraico**	**Latim**
1991	422	497	548	544	545	571
1992	423	497	540	544	545	574
1993	424	499	541	548	560	576
1994	428	502	540	549	552	579
1995	504	501	545	553	551	579
1996*	505	576	625	625	622	648
1997	505	581	624	623	629	647
1998	505	583	617	627	634	654
1999	505	590	623	632	636	662
2000	505	589	621	636	623	665

* As pontuações do SAT foram recentralizadas em 1996.

Estatísticas fornecidas pela editora Bolchazy-Carducci de *Alunos do terceiro ano do ensino médio — um perfil dos que fazem a prova do programa SAT*.

FIGURA 5A

Os alunos de latim marcaram entre 144 e 160 pontos acima da média de todos os alunos, e entre 18 e 29 pontos acima das segundas maiores pontuações. Os alunos de latim estão 33% acima da média. Não usamos um argumento do tipo *post hoc ergo propter hoc* (uma expressão latina que significa "aconteceu depois disso, logo aconteceu por causa disso"). Não afirmamos que o fato de terem estudado latim necessariamente fez com que suas pontuações fossem mais altas. Podemos conceder prontamente que quase sempre ocorre o oposto: os melhores alunos, com pontuação mais

elevada, preferem o latim a outras línguas. Suspeitamos que as duas vias sejam verdadeiras: os melhores alunos escolhem o latim e os alunos de latim se tornam os melhores alunos, de modo que uma via fortalece a outra.

2. *O latim é um trampolim para o domínio de outras línguas flexionais, como o grego ou o alemão*. Ele amplia nossa compreensão da estrutura de outras línguas. Se quiséssemos aprender alguma língua românica (espanhol, francês, italiano, romeno etc.), descobriríamos que 80 por cento do vocabulário de cada uma dessas línguas é derivado do latim! É como ter uma passagem para a Europa ou para a América do Sul com um desconto de 80 por cento no preço.

3. *O estudo do latim aguça os processos mentais*. O latim exige esforço mental. Portanto, ele desenvolve o vigor mental e a atenção. A atividade de buscar palavras e estruturas da nossa língua para compará-las com as de outra desenvolve e exercita as habilidades de observar com precisão e analisar de forma lógica.

> Até agora não se encontrou em nenhum lugar exercício melhor para o aparato intelectual dos jovens que o estudo do latim e do grego (Dr. Victor C. Vaughan, ex-presidente da Associação Médica Americana).

4. *Toda a cultura está embebida da língua*. Quando se estuda o latim, estuda-se também a história e a cultura latinas, das quais há coisas que, com certeza, sobrevivem em nossa cultura. Coisas como governo, religião, arte, literatura, costumes econômicos, ideias e valores têm raízes na cultura e na história latinas.

> Direi de uma vez e com bastante firmeza: a melhor base para a educação é a gramática latina. Digo isto não porque o latim é tradicional e medieval, mas pelo fato de que mesmo o conhecimento rudimentar do latim reduz as dificuldades do aprendizado de quase qualquer outra matéria em pelo menos cinquenta por cento. Trata-se da chave para o vocabulário e a estrutura de todas as línguas românicas, e para a estrutura de todas as línguas teutônicas, bem como para o vocabulário técnico de todas as ciências

> e para a literatura de toda a civilização mediterrânea com todos os seus documentos históricos (Dorothy Sayers).

5. *A linguagem técnica é latina*. Os termos médicos, científicos e legais são todos latinos e gregos. Visto que boa parte desses estudos tem relação com a terminologia, se conhecermos a terminologia dessas três disciplinas teremos uma vantagem vitalícia em relação aos outros.

> Em minha opinião o latim e o grego (em especial) são as matérias mais importantes do currículo da faculdade. [...] Pessoalmente, aceitaria sem hesitar como aluno de medicina alguém que tivesse muito conhecimento da cultura clássica, em especial da grega, e pouco de ciências (Fred C. Zappfe, secretário da Associação Americana de Faculdades de Medicina).

6. *O latim também é importante para os estudos mais aprofundados de todas as disciplinas*. Uma vez que o latim está arraigado na cultura ocidental, de modo especial na terminologia profissional, o estudo do latim é também importante no estudo de história, teologia, literatura, artes, arquitetura, *ad infinitum*. (*Ad infinitum* é uma expressão latina!)

7. *O latim é útil para nós*. Muitos de nós aprendemos um pouco de espanhol, de alemão ou de francês no ensino médio ou na faculdade. Quanto usamos do que aprendemos? Muito pouco, caso usemos algo. A seguinte regra se aplica bem às línguas: "Se não usarmos, então perderemos". Assim, para muitos de nós, a maior parte do esforço foi perdido. Poderíamos ter usado o tempo de modo muito mais sábio estudando latim, pois todo o mundo que aprende o vocabulário e a gramática desse idioma os usará com frequência, mesmo que continue os estudos só em nossa língua.

Por milênios, as línguas clássicas foram consideradas parte essencial da educação. Por quê? Por causa de todos os benefícios do seu aprendizado. Muitos desses benefícios sobrevivem até hoje com intensidade variada.

Vejamos algumas citações interessantes sobre o estudo das línguas clássicas.

> Convenci-me de que de tudo que a linguagem humana já produziu de verdadeira e simplesmente belo, eu não conheceria antes de ter aprendido o grego. [...] Sem o conhecimento do grego, não há educação (Liev Tolstoi, romancista russo, autor de *Guerra e paz* – ele aprendeu grego aos 42 anos de idade).

> Comecei a perceber, à medida que lia os clássicos gregos, que eu não conseguia realmente fazer inferências válidas das traduções. Assim, comecei a estudar o grego. Está sendo maravilhoso! Não tenho a intenção de ir muito longe, mas quanto mais longe vou, mais encantador é (Isidor F. Stone, jornalista, escritor, erudito distinto em residência na American University – aprendeu grego sozinho aos 70 anos, começando uma nova carreira).

> "Eu faria todo o mundo aprender inglês; em seguida, eu deixaria os mais inteligentes aprenderem latim como uma honraria e grego como um presente" (Sir Winston Churchill, escritor e primeiro-ministro da Inglaterra).

Nossa conclusão é: em linhas gerais, utiliza-se melhor o tempo aprendendo latim, grego e hebraico. Latim pela utilidade para estudos mais aprofundados do nosso idioma e também de outras línguas. Grego, pelas mesmas razões e pela utilidade maior para a compreensão das Escrituras. Hebraico pelo caráter mais proveitoso para a compreensão das Escrituras e da cultura bíblica.

O conhecimento das três línguas dará ao aluno um conjunto de ferramentas vasto e útil para todos os seus estudos. Buscaremos agora apresentar algumas informações práticas para o ensino de línguas.

PRINCÍPIOS PARA O APRENDIZADO DE IDIOMAS

Que línguas estudar?

De todas as línguas clássicas, acreditamos que o grego, o latim e o hebraico devam ser consideradas em primeiro lugar. Essas três línguas contam com mais utilidade prática para os cristãos.

No entanto, falando de modo realista, alguns alunos — ou famílias — não conseguirão se dedicar às línguas clássicas de modo tão enérgico quanto outros. Você é o melhor juiz dos próprios recursos, das circunstâncias e da direção especial do Senhor para sua família. Você pode ter razões especiais para se dedicar a outras línguas além de alguma, ou das três línguas clássicas, que recomendamos. Talvez você esteja certo de que vai passar alguns anos na Alemanha. Assim, você teria uma razão especial para dar prioridade ao estudo do alemão. Você pode estar no processo de adoção de uma criança russa. Logo, você dará prioridade para o ganho de algum conhecimento e domínio do russo.

Sabemos que Deus chama cada um de nós para locais específicos e não temos autoridade para fomentar um currículo do tipo "tamanho único" para todas as famílias. Cada família deve determinar os próprios objetivos. Alguns "esnobes" clássicos podem olhar com desdém para a decisão de retirar uma ou mais dentre as línguas clássicas. Isso é problema deles, não necessariamente seu. Nesta seção, queremos lhe dar alguns critérios para determinar suas prioridades no estudo das línguas clássicas.

Sendo uma só língua, então o grego

Se você escolher se dedicar a uma língua, recomendamos o *grego coiné* (também chamado *grego helenístico*), a língua do Novo Testamento. Recomendamos essa língua por causa do valor no estudo bíblico. Não só o Novo Testamento está escrito nela, mas há também uma versão em grego

coiné do Antigo Testamento. Os primeiros pais da igreja também escreveram em grego coiné, bem como o historiador judeu Josefo. Ele não é idêntico ao grego clássico, mas a ponte entre os dois é curta, de modo que todos podem atravessá-la.

Se duas línguas, então latim e grego

Se você optar por se dedicar a duas línguas, recomendamos em primeiro lugar o latim, e em seguida o grego. O latim usa o mesmo alfabeto que nosso idioma, com a pronúncia levemente diferente. Só o estudo do vocabulário latino já se mostrará muito importante em outros estudos, sejam da nossa língua ou de estudos especializados em ciências, medicina, direito e outras disciplinas. Pelo fato de a maior parte da estrutura e algo do vocabulário do latim ser semelhante ao grego, o estudo do latim o preparará também para o estudo do grego. Dessa forma, o latim funcionará como uma ponte para tornar a jornada pelo grego um pouco mais fácil.

Se três línguas, então que tal latim, grego e hebraico?

Nós admitimos que se trata de um programa ambicioso, especialmente para quem foi educado (ou não educado!) nos últimos cinquenta anos. Se o latim está um passo distante do português e o grego dois passos distantes da nossa língua, então o hebraico está três passos distantes do português. Seu alfabeto é muito diferente, o vocabulário difere bastante e a gramática destoa do português, latim e grego. No entanto, o hebraico é a língua do Antigo Testamento, e assim se mostrará importante para o entendimento da Bíblia.

O idioma e a cultura estão inextricavelmente interconectados. No Renascimento, quando a cultura do mundo clássico era avivada, as línguas clássicas também foram avivadas por uma questão de necessidade. A primeira geração restaurou o latim da forma degenerada. A segunda geração redescobriu o grego clássico e o coiné (bíblico). A terceira geração redescobriu o hebraico clássico (bíblico). Talvez o renascimento do ensino

doméstico na educação, se não for esmagado pela imposição do socialismo, seguirá um modelo semelhante.

O tempo empregado no aprendizado de idiomas obterá como fruto, ao longo da vida, uma recompensa mais que compensadora. Consideremos uma única recompensa: acesso aos documentos originais. Sem certo conhecimento das línguas originais, devemos nos contentar com traduções e explicações de trechos. Não teremos as ferramentas com as quais poderemos investigar e comparar a tradução ou a explicação do trecho com o original. Em outras palavras, sempre dependeremos de outras pessoas para interpretar o trecho para nós, pois não teremos nenhuma capacidade real para verificar a obra e considerar a seriedade dos exegetas. Isso é importante em relação a todos os tipos de literatura, mas é de especial importância em relação às Escrituras. Em nossa opinião, a diminuição do conhecimento das línguas originas desde o início do século passado levou à enxurrada de traduções novas da Bíblia para nossa língua. Encontramo-nos em um *self-service* de traduções: podemos pegar a que quisermos para preencher nosso prato e saciar o apetite, como se o grego coiné fosse tão expressivo a ponto de se tornar completamente incerto e ambíguo. Quais as consequências disso para a autoridade das Escrituras?

Níveis de proficiência

O objetivo do aprendizado de idiomas é adquirir o conhecimento e a habilidade em relação a uma língua em um dos três seguintes níveis:

1. *Habilidade léxica*. Quando chegamos a esse nível, desenvolvemos o conhecimento operativo dos elementos básicos da língua, de modo que podemos ler palavras, pronunciá-las e encontrá-las no dicionário.

2. *Habilidade gramatical*. Quando chegamos a esse nível, desenvolvemos o entendimento operativo na estrutura conectiva da língua, de modo que podemos usar o dicionário e a gramática para ler literatura nessa língua.

3. *Fluência.* Quando chegamos a esse nível, desenvolvemos a sabedoria operativa no fluxo de significados da língua, de modo que temos confiança para ler e traduzir a língua com pouca dependência do dicionário ou da gramática.

Devemos determinar o nível de proficiência desejado. Por exemplo, se nosso objetivo é o estudo bíblico, precisaremos de fluência em grego e, ao menos, da habilidade gramatical em hebraico. Se nosso objetivo é o estudo da literatura e da filosofia antigas, precisaremos de fluência em latim e em grego.

O que não se usa, se perde. Os três níveis de habilidade funcionam como umbrais. Quando tivermos começado a tarefa de adquirir certo nível de habilidade, devemos permanecer nele até que o tenhamos alcançado; caso contrário, é provável que caiamos no nível mais baixo. Por exemplo, suponha que tenhamos alcançado a habilidade léxica em hebraico e que aspiramos à habilidade gramatical. Que acontecerá se tivermos feito só metade do trabalho para a aquisição da habilidade gramatical e depois a abandonarmos? Por não completarmos o nível, não gostaremos de trabalhar nele e ficaremos frustrados pela falta de proficiência. O resultado será muito provavelmente que não o utilizaremos muito da porção completada — ou talvez não a utilizemos. No entanto, nós nos apoiaremos na habilidade léxica dominada e que, por isso, gostamos de usar. O esforço dispendido no nível incompleto pode, assim, ser perdido por falta de uso. Portanto, quando tivermos feito um avanço razoável em um nível novo, devemos permanecer nele até completá-lo. Ainda que precisemos reduzir o ritmo e dar passos menores, não devemos abandonar nossos esforços.

Por onde devemos começar?

Que têm em comum o latim, o grego e o hebraico? Todos são línguas mortas! Sim, o latim tem muitos descendentes modernos, o grego tem um descendente moderno e o hebraico foi "recriado" para o uso moderno. Mas não existe nenhuma cultura no mundo que fale a forma clássica dessas

línguas. A forma clássica deve ser aprendida do zero, o que representa um problema considerável para o aprendizado do idioma.

A parte *falada* de uma língua é mais bem aprendida quanto mais jovem for uma pessoa, quando os ouvidos e a língua podem ser mais bem treinados para os sons especiais. Aprendemos nosso idioma com o ouvido (escuta) e a língua (fala) antes de passarmos para os olhos (leitura) e as mãos (escrita). Quando a criança se sente confiante do domínio da linguagem falada, ela pode passar com mais facilidade para a linguagem escrita. Assim, a parte escrita de um idioma é mais bem aprendida quando a criança está preparada em relação ao desenvolvimento, em algum ponto, entre os 5 e os 9 anos (sem que haja relação necessária entre a inteligência e a precocidade com que a criança aprende a ler). O fato de conhecer a língua escrita prepara o aluno para a gramática formal. Por volta dos 10 anos (dos 9 aos 11), as habilidades abstratas do cérebro infantil devem ser desenvolvidas bem o bastante para lidar com a gramática formal no nível elementar.

Aprendemos a ler e a escrever depois de já conhecermos o idioma falado. Estudamos a gramática e a redação depois de já conhecermos a língua escrita. Quanto mais conhecermos o idioma, mais fáceis se tornam nossos estudos. Assim, falando de modo ideal, o aprendizado de qualquer língua deve começar com o ouvido e a língua, e o exercício deles deve começar o mais cedo possível. Como fazemos isso com uma língua morta que ninguém fala? "Aí está a dificuldade", como diria Shakespeare. Talvez na segunda ou na terceira geração de pessoas educadas pelo ensino doméstico, teremos famílias poliglotas, proficientes o bastante para que falem em grego, latim ou hebraico. Então as crianças crescerão com algum conhecimento e habilidade com a fala e a escrita nessas línguas antes do aprendizado da gramática formal dessas línguas. Mas até que cheguemos a esse tempo, precisaremos nos ajustar às circunstâncias com algumas medidas substitutivas.

O CAMINHO GERAL DOS ESTUDOS

Agora explicaremos alguns modos práticos de aplicar os princípios que acabamos de discutir. Nossos exemplos se referirão ao aprendizado das três línguas clássicas:

Latim clássico

Grego clássico e coiné (bíblico)

Hebraico clássico (bíblico)

Nível um: foco na habilidade léxica — o aprendizado dos aspectos e dos sons da língua

Infelizmente, a maior parte de nós não tem o luxo de aprender a falar com fluência as línguas antigas antes de aprender a lê-las e a escrevê-las. Esperamos que a próxima geração de adeptos do ensino doméstico esteja mais bem preparada para a jornada que nós, os desbravadores. Entrementes, na emergência cultural presente, precisamos criar alguns substitutos artificiais.

Antes de estudar a gramática dessas línguas, devemos ser instruídos, em primeiro lugar, a respeito do alfabeto e do seu sistema fonético. Deve-se aprender a ler e a pronunciar as letras do alfabeto, em seguida a ler e a pronunciar as combinações de letras, depois as sílabas, e em seguida as palavras. Quando uma criança é capaz de fazer isso em português, ela é capaz de fazê-lo em outras línguas também.

Não estamos falando sobre ler com compreensão total. Quando aprendemos a ler, também compreendíamos muito do que líamos porque já falávamos o idioma, por isso possuíamos um vasto vocabulário no nível auditivo. Mas esse não é o caso das línguas antigas. Quando começarmos a lê-las, muito pouco nos parecerá conhecido. Com o latim e o grego, partes do vocabulário parecerão conhecidas. Mas não estaremos acostumados com a

estrutura das palavras e das frases. Assim, teremos pouca compreensão quando começarmos com a língua escrita.

Além de realmente falar a língua com fluência em casa, o que está além das capacidades da maior parte da primeira geração de adeptos do ensino doméstico, a única maneira de fornecer alguma compreensão no primeiro nível é memorizar as passagens em português e na língua que você está estudando. Com certeza, você precisará dominar a pronúncia do alfabeto antes de poder fazê-lo.

Introdução aos alfabetos antigos

Os antigos começariam o processo de aprendizado da língua literária pela memorização do alfabeto todo — primeiro de frente para trás, depois de trás para frente — aprendendo os sons de cada letra. Em outras palavras, eles acreditavam na fonética. Sem dúvida, os alfabetos antigos eram mais estritamente fonéticos — um símbolo para um som. (Mas não menospreze nosso idioma. Ele incorporou muitas palavras de outras línguas a ponto de comportar um fardo léxico enorme, tudo em um simples alfabeto designado apenas a pequena língua conhecida como latim.) Vamos dar uma olhada nos três alfabetos antigos.

Alfabeto latino e letras correspondentes do inglês

Alfabeto latino	A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V - X Y Z a b c d e f g h i j k l m n o p q r s t u v - x y z
Letras do inglês	A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z a b c d e f g h i j k l m n o p q r s t u v w x y z

FIGURA 5B

Como você pode perceber, todas as letras latinas correspondem às letras do português, com exceção do w, que não corresponde a nenhuma letra latina. (Na verdade, o dábliu significa “duplo u”, está relacionado com o “u” e o “v”.) (Ademais, o “k”, o “x”, o “y”, e o “z” eram usados raramente, e o “”j e o “v” são invenções modernas que tomaram o lugar do uso consonantal do “i” e

do “u”.) A maior parte das consoantes são pronunciadas do mesmo modo nas duas línguas, com a exceção de que o latim conta com um só som para cada consoante (o “c”, “d”, “g”, “r”, “t ” têm cada um somente um som). Os sons das vogais em latim são idênticos aos correspondentes em português. Cada vogal latina somente um som básico, mas duas durações: uma breve e outra longa. Nas gramáticas latinas modernas, colocam-se mácrons (linhas horizontais) acima das vogais longas ā ē ī ō ū. (Explicaremos as vogais com maiores detalhes no Apêndice 1, Artigo 8: Comparação entre os alfabetos antigos.) Assim, em relação ao latim, não precisaremos aprender um novo alfabeto; só precisaremos aprender algumas pronúncias diferentes.

Nossos comentários se baseiam no sistema *clássico restaurado* da pronúncia do latim. Trata-se da tentativa razoável de restaurar o modo que os antigos pronunciavam o idioma. A menos que você tenha alguma razão especial para adotar o sistema *eclesiástico* de pronúncia (ou italiano), usado na Igreja Católica Romana, ou outro sistema moderno, recomendamos a pronúncia restaurada por duas razões simples: 1) em longo termo, será menos confusa; 2) a maior parte da literatura nova se baseia nela.

Alfabeto grego e letras correspondentes

Alfabeto grego	Α α	Β β		Γ γ	Δ δ	Ε ε		Ζ ζ	Η η	Θ θ	Ι ι		Κ κ	Λ λ	Μ μ
Nosso alfabeto	A a	B b	C c	G g	D d	E e	F f	Z z	H h		I i	J j	K k	L l	M m

Continuação

Alfabeto grego	Ν ν	Ξ ξ	Ο ο	Π π		Ρ ρ	Σ σ	Τ τ	Υ υ	Φ φ	Χ χ	Ψ ψ	Ω ω			
Nosso alfabeto	N n	X x	O o	P p	Q q	R r	S s	T t	U u					V v	W w	Y y

FIGURA 5C

As letras estão listadas na ordem alfabética grega, que, como se pode perceber, não concorda de modo necessário com a ordem do alfabeto latino. Por exemplo, as letras gregas Γ, Z e Ξ correspondem às letras “g”, “z” e “x”, mas estão fora da nossa ordem. Muitas letras gregas se parecem com letras latinas: A B E Z H I K M N O P T Υ X. Mas elas não correspondem necessariamente às letras latinas com as quais se parecem. O que parece um P é na verdade um “r”. O que parece um Y é na verdade um “u”. E as letras que se parecem com as nossas não necessariamente têm o mesmo som. Por exemplo, a letra grega H tem o som de um “e” longo. A letra grega X tem o som de “rr” (como em c*arr*o). Há sete vogais gregas, A E H I O Υ Ω, que soam como as vogais latinas. Nenhuma letra do nosso alfabeto corresponde diretamente às letras gregas Θ X Ψ, e nenhuma letra grega corresponde diretamente às letras C J Q V W Y. Assim o alfabeto grego é um pouco diferente do nosso. O sistema de pronúncia também é diferente. E o pior: se pegarmos dez gramáticas gregas da estante, vamos encontrar dez sistemas diferentes de pronúncia. Embora o grego antigo fosse pronunciado de modo diferente em diferentes épocas e lugares, há um modo de organizar as pronúncias e chegar a um sistema consistente. Recomendamos um sistema coerente e que se acomode bem com o latim antigo. (Explicaremos o sistema de pronúncia com mais detalhes no Apêndice 1, Artigo 8, Comparação entre os alfabetos antigos.)

Alfabeto hebraico e letras correspondentes do inglês

Alfabeto hebraico	נ	מ	ל	כ	י	ה	ז	פ	ד	ג	ב
Alfabeto do inglês	N	M	L	K	J I	H	Z	F	E	D	G	C	B

Continuação

Alfabeto hebraico	ו	פ	ק	ר	ש	ת	ו	ו	ו
Alfabeto do inglês	O	P	Q	R	S	T	U	V	W	X	Y	A

FIGURA 5D

Se você acha o grego muito diferente do português, que tal o hebraico? As letras hebraicas têm só um tamanho (não há maiúsculas e minúsculas) e elas são escritas da direita para a esquerda. Algumas letras do hebraico são parecidas com outras, de modo que o olho acostumado com o nosso alfabeto mal distingue umas das outras:

Letras semelhantes do hebraico

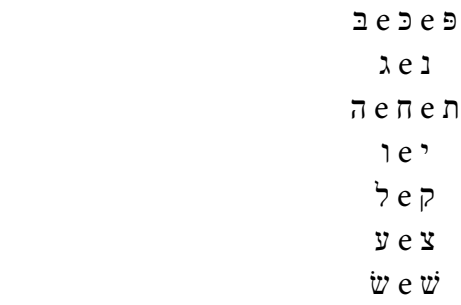


FIGURA 5E

Sem exercitar bastante a imaginação, nenhuma letra hebraica tem uma forma que guarde qualquer relação reconhecível com as nossas letras. Além disso, nenhuma letra do nosso alfabeto tem correspondência direta com as letras hebraicas צ שׁ, e nenhuma letra hebraica corresponde às letras C J W X.

As consoantes hebraicas mantêm uma relação mais próxima com o grego. (Os dois alfabetos se desenvolveram a partir da escrita fenícia.) Muitos nomes são semelhantes:

Nomes de letras gregas e hebraicas

Grego	**Hebraico**
Alfa	Alef
Beta	Bet
Gamma	Gimel
Delta	Dalet
Epsilon	He
Zeta	Zayin
Eta	Het
Theta	Tet
Iota	Yod
Kappa	Kaf

Lambda	Lamed
Lambda	Lamed
Mu	Mem
Nu	Nun
Xi	Samekh
Omikron	Ayin
Pi	Pe
Rho	Resh
Sigma	Sin
Tau	Tav

FIGURA 5F

Originariamente, não havia vogais no hebraico. Assim, as vogais eram interpoladas, um modo elegante de dizer que eram inseridas pela melhor intuição do leitor, com base no contexto. Mais tarde, escribas hebreus inventaram os pontos vocálicos que deveriam ser colocados abaixo e acima das consoantes para preencher a pronúncia.

Texto hebraico com pontos e sem pontos

Com pontos	Sem pontos
אַבְרָהָם ʻaV-RaHaM	אברהם ʻVRHM

FIGURA 5G

O latim, o grego e também o hebraico possuem mais de um sistema de pronúncia. Algumas gramáticas adotam o sistema do hebraico moderno, elaborado a partir da simplificação do hebraico antigo. A menos que você tenha alguma razão especial para adotar o sistema moderno de pronúncia usado no Estado de Israel hoje, recomendamos a pronúncia clássica por duas razões: 1) em longo termo, será menos confusa; 2) a maior parte da literatura se baseia nela. (Explicamos o sistema de pronúncia com mais detalhes no Apêndice 1, Artigo 8, Comparação entre os alfabetos antigos.)

Quando se estuda o grego ou o hebraico, a primeira coisa que se deve aprender é o alfabeto. Deve-se passar um tempo aprendendo todos os símbolos dos alfabetos e os sons que esses símbolos representam de maneira detalhada. Só depois do domínio dos alfabetos os estudantes estarão preparados para começar o estudo das respectivas gramáticas. Com o latim, a preparação relativa ao alfabeto não é tão difícil. Tão logo se tenha conhecimento dos símbolos, será preciso aprender algumas mudanças nos sons.

Além do alfabeto

Depois do desenvolver o conhecimento fundamental do alfabeto e da fonética, pode-se passar para o domínio dessa habilidade. Isso só pode ser feito por meio da leitura. Lembre-se de que o caminho *natural* para aprender uma língua é falá-la desde a tenra idade. Nós não contamos com essa vantagem, assim devemos encontrar um meio para, pelo menos, nos aproximar dessa habilidade.

1. *Sistema de sílabas*. Depois de dominar o alfabeto, o próximo passo para as línguas antigas é o sistema de sílabas para praticar a pronúncia. Temos algo semelhante em nossas cartilhas antigas. Por exemplo:

ba be bi bo bu

a babá e o bebê

o bebê e a babá

2. *Interlinear* etc. O próximo passo depois do sistema de sílabas é ler um texto *interlinear, intercolunar* ou *interfoliado*. Um texto interlinear coloca a tradução abaixo de cada linha do texto escrito na língua antiga.

Interlinear Latim-Português

In principio erat Verbum, *Em* [*o*] *princípio era o Verbo* et Verbum erat apud Deum,

e [*o*] *Verbo estava com Deus,*

et Deus erat Verbum.
e Deus era [*o*] *Verbo*

FIGURA 5H

Interlinear Grego-Português

Ἐν ἀρχῇ ἦν ὁ λόγος,
Em [*o*] *princípio era o Verbo*

καὶ ὁ λόγος ἦν πρὸς τὸν θεόν,
e o Verbo estava com o Deus,

καὶ θεὸς ἦν ὁ λόγος
e Deus era o Verbo

FIGURA 5I

Interlinear Heraico-Português

הַדָּבָר הָיָה בְּרֵאשִׁית
o verbo era No princípio

הָאֱלֹהִים אֵת הָיָה וְהַדָּבָר
Deus com estava e o verbo

הַדָּבָר הָיָה וְהָאֱלֹהִים
o Verbo era E Deus

FIGURA 5J

Cubra a página com um pedaço de papel, e deslize o papel para baixo para expor uma linha do texto latino, grego ou hebraico; leia o texto em voz alta, e em seguida deslize mais para baixo o papel e exponha a linha do texto em português e leia a tradução em voz alta. Depois dessa prática por algum tempo, não conheceremos a língua bem o bastante para entendê-la ou traduzi-la por nós mesmos, mas sem dúvida reconheceremos o som, a forma e um pouco do vocabulário da língua. (Para versões interlineares, veja nossa lista de recursos no Apêndice 2.)

Um texto intercolunar, ou interfoliado, coloca a tradução ao lado do texto da língua antiga, em uma coluna adjacente seja na página ao lado. Vejamos uma forma de usar o texto interfoliado: acostume-se com o conteúdo de um trecho fazendo a leitura em português. Em seguida, leia a mesma passagem na língua clássica:

Texto Intercolunar ou Interfoliado Latim-Português

No princípio era o Verbo, *e o Verbo estava com Deus,* *e o Verbo era Deus.*	In principio erat Verbum, et verbum erat apud Deus, et Deus erat Verbum.

FIGURA 5K

Texto Intercolunar ou Interfoliado Grego-Português

No princípio era o Verbo, *e o Verbo estava com Deus,* *e o Verbo era Deus.*	Ἐν ἀρχῇ ἦν ὁ λόγος, καὶ ὁ λόγος ἦν πρὸς τὸν θεόν, καὶ θεὸς ἦν ὁ λόγος.

FIGURA 5L

Texto Intercolunar ou Interfoliado Hebraico-Português

No princípio era o Verbo, *e o Verbo estava com Deus,* *e o Verbo era Deus.*	הַדָּבָר הָיָה בְּרֵאשִׁית הָאֱלֹהִים אֵת הָיָה וְהַדָּבָר הַדָּבָר הָיָה וְהָאֱלֹהִים

FIGURA 5M

Ler um texto interlinear ou interfoliado ajudará o aluno a desenvolver o "senso" da língua. Embora haja uma grande quantidade de palavras novas e inflexões com as quais é preciso se acostumar, a leitura em voz alta do português seguida da leitura em voz alta da língua clássica será muito útil. (Para versões intercolunares e interfoliadas, veja nossa lista de recursos no Apêndice 2.

Alguns professores universitários e de seminários franzem as sobrancelhas diante da abordagem interlinear. Mas se lhes perguntamos quantos alunos já se habituaram o suficiente com a língua para lê-la de maneira fluente todos os dias, os professores respondem com o silêncio. Sejamos justos: os professores temem que os alunos adultos usem o texto interlinear como uma espécie de bengala que os impeça de desenvolver a habilidade real em relação ao vocabulário, à gramática e sintaxe da língua. Compare isso com o ato de dar uma calculadora à criança, que acaba se tornando dependente da calculadora e, assim, jamais desenvolve a habilidade real para trabalhar com números. Bem, que tal dar à criança a calculadora de modo que ela introduza os números e aprenda as somas: 4 + 4 = 8; 4 + 5 = 9 etc.? Quando ela aprender as somas, você não mais a deixará usar a calculadora para nada, exceto para praticar as somas. Do mesmo modo, quando o aluno se acostuma o suficiente com o idioma para pronunciá-lo com facilidade e fluência, então ele estará preparado para passar para a gramática formal. Ele pode reservar o texto interlinear com o objetivo de usá-lo na manutenção da fluência na leitura do idioma.

3. *Crestomatia*. Outra ferramenta comum no passado, mas pouco vista na atualidade, é a crestomatia. A palavra crestomatia provém de *χρηστός* (útil) e *μάθεια* (aprendizado). Crestomatia é a coleção de passagens exemplares escolhidas e usadas no estudo de uma língua clássica.

4. *Memorização e produção de cópias*. A memorização e as produções de cópias podem mostrar-se úteis para desenvolver o hábito e a habilidade com essas línguas. Se você memorizar e recitar passagens escritas em mais de uma língua, ou ler e copiar um texto interlinear escrito em mais de uma língua, sua mente começará a se encher de exemplos da língua. Você pode, por exemplo, copiar e memorizar passagens bíblicas importantes em português, grego, latim e hebraico. À medida que os membros da família memorizam pequenos trechos de uma língua, podem fazer pequenas substituições na fala diária usando as expressões estrangeiras.

5. *Estudos de vocabulário*. Por fim, os estudos de vocabulário ensinam o latim e o grego que já sabe, ou seja, identificam o vocabulário latino e grego que também aparece em português. Visto que uma quantidade considerável do vocabulário português tem raízes latinas e gregas, estudar as derivações portuguesas dessas línguas consiste em uma preparação apropriada para o estudo formal delas. Mesmo quem, por diversas razões, não pode seguir o curso formal nessas línguas se beneficiará desses estudos. Abaixo temos um exemplo. Se você conhecer a palavra latina ou grega na coluna da esquerda, reconhecerá sua relação com as palavras portuguesas na coluna da direita?

Estudos de Vocabulário

Palavra clássica	**Derivado português**
aqua = água	*aquático* (algo que tem que ver com água) *aquário* (recinto para animais aquáticos) *aqueduto* (canal para conduzir água por longas distâncias) *aquoso* (relativo à água)
manus = mão	*manicure* (literalmente: cuidado das mãos) *manual* (relativo à mão) *manufatura* (literalmente: fazer com a mão, por isso produzir de uma maneira mecânica) *manuscrito* (algo escrito com a mão)
ὕδωρ hydor (hydro-) = água	*hidrante* (saída de água) *hidráulica* (o movimento do fluido, em especial da água, sob pressão em um tubo) *hidrelétrica* (geração de eletricidade com água) *hidrogênio* (elemento que gera água quando oxidado) *hidrofobia* (medo de água, uma característica da doença chamada “raiva”)
χείρ kheir (khiro-) = mão	*quiralgia* (dor nas mãos) *quirografia* (escrita com a mão = caligrafia) *quiróptero* (uma classe de animais com mãos para asas, como os morcegos)

FIGURA 5N

Esses estudos podem se mostrar importantes na preparação para o estudo da gramática formal do latim e do grego. Você pode avaliar se seu tempo é

mais bem empregado nos estudos de vocabulário ou em outra coisa. (Para estudos de vocabulário, veja nossa lista de recursos no Apêndice 2.)

Nível dois: foco na habilidade gramática — o aprendizado da gramática e da sintaxe da língua

Em algum momento, talvez enquanto ainda esteja se habituando com as formas falada e escrita da língua, você avançará para o estudo formal de seu vocabulário, gramática e sintaxe.

Estamos convencidos de que o melhor é começar o estudo formal da gramática por volta dos 10 anos (entre 9 e 11 anos). Vejamos um bom teste para saber se o cérebro de seu filho está desenvolvido o suficiente para lidar com a gramática formal. Ele é capaz de identificar *com facilidade* as diferentes partes do discurso? Por exemplo, ele é capaz de dizer como a palavra *mostra* é usada de modo diferente nestas duas frases:

Ele *mostra* o quadro para João.

Ele aponta o quadro para João na *mostra*.

Na primeira frase, *mostra* é um *verbo,* ou seja, descreve um modo de ação, uma mudança de condição, um estado de existência, uma ação mental. Na segunda, *mostra* é um *substantivo*, ou seja, dá nome a uma pessoa, lugar, coisa, qualidade ou ideia. Quando seu filho entender *com facilidade* essa distinção, ele estará pronto para aprender a gramática formal da língua.

Queremos evitar abarrotar as gavetas de arquivos mentais de nossos filhos com gramática antes de estarem preparados para recebê-la. Se nós lhes ensinarmos gramática muito cedo, eles receberão a informação e a armazenarão no cérebro de maneira diferente da que fariam se a aprendessem mais tarde, ou seja, depois que as conexões do cérebro estivessem mais plenamente desenvolvidas. O processo pode ser comparado com o ato de inserir informações em um sistema de preenchimento linear como algo distinto do ato de inserir informações em um banco de dados multidimensional e complexo. O mundo que a criança menor compreende é,

em grande parte, o mundo de ideias concretas. Ela está preparada em sentido físico para lidar em primeiro lugar com a comunicação verbal e depois com a escrita; contudo, na maioria das vezes, com um vocabulário concreto. Sem dúvida ela desenvolverá um pouco mais as compreensões abstratas, mas até cerca dos 10 anos, estará bastante limitada a respeito da compreensão. A habilidade para lidar com um grande número de ideias abstratas e complexas é bastante limitada, a menos que ela reduza as ideias a uma versão linear. Você pode perguntar: "Que há de tão ruim em armazenar a informação de modo diferente?". Bem, isso torna a informação menos acessível depois que o cérebro estiver plenamente desenvolvido. Na verdade, há evidência de que isso pode inclusive causar dano físico ao cérebro. (Veja nosso artigo "História e pesquisa do ensino de matemática", que se encontra no Apêndice 1, Artigo 11.) Deficiências físicas reais de aprendizado podem se desenvolver. Mas ainda que consideremos bobagem a conversa sobre o desenvolvimento físico do cérebro, não há nenhuma vantagem particular em ensinar gramática formal de modo precoce. Perceba que não estamos dizendo que há vantagem em ensinar em a *língua* precocemente. Há muitas vantagens nisso. Estamos nos referindo só ao ensino precoce da *gramática formal*. Em vez de consumir o tempo com o ensino da gramática formal, você poderia usá-lo melhor e com mais eficiência com outras coisas. Quando seu filho estiver preparado, ele aprenderá a gramática formal de maneira mais fácil e evitará os possíveis danos causados ao cérebro por forçá-lo além dos limites de sua capacidade. Algumas crianças podem estar preparadas em idade mais precoce, e se isso ocorrer, você o perceberá. Mas não force a questão com quem, do ponto de vista do desenvolvimento, não está preparado fisicamente.

Se você estudar algo dos fundamentos da gramática portuguesa antes de passar para a gramática latina, grega ou hebraica, o costume e a habilidade com os conceitos da gramática lhe darão as bases para a comparação com outras línguas.

A gramática latina formal poderia começar por volta dos 9 aos 11 anos; a decisão é sua, com base no desenvolvimento da criança e em suas prioridades. O estudo da gramática grega formal poderia começar por volta dos 13 anos ou algum tempo depois. Mais uma vez, você decide. Hebraico? Bem, a menos que você tenha prioridades extraordinárias, espere até que seu filho tenha dominado um pouco de grego.

Comparação entre gramáticas

Em uma oração ativa portuguesa simples, identificamos o sujeito, o verbo e o objeto direto pela observação da ordem das palavras na oração. O sujeito vem na primeira posição, depois o verbo e, por fim, o objeto direto. Portanto, estas duas orações dizem coisas diferentes.

O caçador mata o leão.

O leão mata o caçador.

Mas nas línguas clássicas, a ordem das palavras não identifica de modo necessário o sujeito, o verbo e o objeto direto. Em vez disso, a forma — o modo real de escrever — da palavra muda para mostrar sua função na oração ou sua relação com outras palavras. Em latim, por exemplo, determina-se a função do substantivo pela terminação, independentemente da posição na frase. Abaixo, vemos um exemplo simplificado:

Paradigma de um Substantivo Latino

Caso	**Função**	**Singular**	**Plural**
Nominativo	*Sujeito*	canis	canēs
Acusativo	*Objeto direto*	canem	canēs
Ablativo	*Objeto de preposição*	cane	canibus
Dativo	*Objeto indireto*	canī	canibus
Genitivo	*Possessivo*	canis	canum

FIGURA 5O

A mudança na forma da palavra é chamada *inflexão*. Todas as línguas antigas são bastante flexionadas. O português moderno tem certa inflexão, mas não é uma língua muito flexionada. Por exemplo, um substantivo no singular em português é, geralmente, colocado no plural mediante o acréscimo de um *s* ou *es*, ou por uma mudança sutil na terminação ou mantendo a forma singular (livro, livros; peixe, peixes; afazer, afazeres; bar, bares; lápis, lápis; ônibus, ônibus; limão, limões; pão, pães). O possessivo do substantivo é criado com o acréscimo da preposição *de* (do livro, do peixe, do afazer, dos bares, dos lápis, dos ônibus, do limão). O pronome pessoal do português é quase a única coisa que permanece bastante flexionada.

Eu, me, mim, meu; nós, nos, nosso.

Tu, te, ti, teu; vós, vos, vosso.

Ele, o, lhe, seu; ela, a, lhe, seu; eles, os, lhes, seu; elas, as, lhes, seu.

Nas línguas antigas, substantivos, verbos, pronomes, adjetivos e outras palavras são flexionados em quase todas as funções — incluindo algumas sobre as quais nem pensamos em português. Uma vez que a ordem das palavras desempenha uma função menos gramatical nas línguas antigas, ela é livre para desempenhar a função de ênfase — de desempenho mais difícil em línguas como o português e o inglês.

Assim, não só os símbolos e os sons das línguas antigas diferem dos do português, mas a estrutura das palavras e frases também não é igual. A estrutura gramatical do latim é muito diferente do português, a estrutura do grego é muito semelhante à do latim, e a estrutura do hebraico é muito diferente da do português, latim ou grego.

Como você pode perceber agora, estudar uma língua flexionada força o aluno a pensar em diferentes categorias além das que fazem parte do seu mundo.

1. Método tradicional ou dedutivo

O primeiro método básico do aprendizado de idiomas é o tradicional ou

dedutivo. Nele, os fatos básicos e regras fundamentais da língua são ensinados de maneira lógica e sistemática. Aprende-se o vocabulário, os substantivos e os paradigmas verbais, regras de gramática e sintaxe, e assim por diante. O aluno memoriza os fatos e as regras, e é testado com exercícios. Ele aprende os detalhes fundamentais da língua antes de tentar ler peças mais longas. Assemelha-se ao aprendizado de piano: aprende-se de início a ler a música e a dedilhar notas e acordes, depois se pratica a técnica e a expressão em peças breves. Peças longas só surgem depois do domínio dos fundamentos. Do mesmo modo, o estudante de idiomas não pode ler de forma extensiva na língua até o domínio, em primeiro lugar, dos fundamentos da língua.

Sabe-se que o método dedutivo funciona, pois foi utilizado por, pelo menos, dois mil anos. O manual mais antigo de gramática de que se tem notícia intitulava-se *Τέχνη γραμματική* (*tekhnē grammatikē* = artes gramáticas). Foi escrito por Dionísio, o Trácio, por volta de 100 a.C. e foi usado como manual até o século XVIII da nosso era. (Os direitos autorais da época deveriam ser excelentes!)

O método dedutivo é eficiente pela clareza, abrangência e digestibilidade. Infelizmente, o método se tornou menos digerível para os produtos da cultura moderna, sem treinamento para pensar de forma dedutiva e sistemática; carentes de autodisciplina, acham difícil manter o interesse em algo sem o estímulo do entretenimento e da recompensa imediata. Os estudos se tornarão entediantes, penosos e enfadonhos para o aluno se não houver belas imagens coloridas e um cardápio de atividades para estimular o interesse do aluno.

Não nos opomos ao método dedutivo quando dizemos essas coisas. Apenas nos postamos contra a degeneração da cultura. A cultura em geral rebaixou todas as pessoas a tal ponto que as realizações alcançadas antes com esforço moderado agora só podem se realizar com grande esforço.

O latim está morto, tão morto quanto se pode estar;

primeiro matou os romanos, agora quer me matar.

Com o método dedutivo, a maior parte dos alunos precisará de um professor experiente que conheça a língua, possa explicar cada lição, dizer ao aluno o que fazer e seja capaz de verificar a tarefa com competência.

Gramática Tradicional ou Dedutiva,
Paradigma de um Substantivo Latino

Caso	**Número**	
	Singular	*Plural*
Nominativo	mundus = *mundo*	mundī = *os mundos*
Acusativo	mundum = *mundo*	mundōs = *os mundos*
Ablativo	mundō = *pelo mundo, com o mundo*	mundīs = *pelos mundos, com os mundos*
Dativo	mundō = *para o mundo*	mundīs = *para os mundos*
Genitivo	mundī = *do mundo*	mundōrum = *dos mundos*

FIGURA 5P

Há vários currículos dedutivos para o ensino de latim, grego e hebraico. No manual comum de gramática dedutiva, os primeiros dois capítulos podem cobrir a primeira declinação, o nominativo, o genitivo, o ablativo, a primeira conjugação, o objeto direto, o ablativo de companhia e o aposto. Em outras palavras, vê-se muita gramática em um curto espaço. A boa compreensão da gramática portuguesa ajuda muito no uso da gramática dedutiva. Algumas gramáticas dedutivas ajudam bastante, outras menos, mas todas exigem um grau considerável de automotivação por parte do aluno para completar o curso de forma bem-sucedida. Sem um professor experiente para auxiliá-lo, a taxa de sucesso cai de forma abrupta. Por isso, gramáticas puramente dedutivas são usadas nas escolas regulares com professores experientes.

Pergunta: O método dedutivo não é a abordagem clássica? Portanto, não devemos usar esse método?

Resposta: O método dedutivo é a abordagem clássica para descrever a gramática formal. Dionísio, o Trácio, compôs uma gramática dedutiva. Nós

apoiamos o método dedutivo para descrever a gramática, pois, pela própria natureza, a gramática é dedutiva e sistemática. Mas o estilo de composição da gramática formal não é idêntico à forma utilizada para ensiná-la. Para começar, as pessoas das eras passadas já estavam acostumadas com essas línguas antes do aprendizado da gramática formal. Os gregos conheciam o grego antes de estudar gramática. Os latinos falavam o latim antes de estudar a gramática. (E os lusófonos conhecem o português antes de estudar a gramática da língua.) Os elementos fundamentais das expressões já eram conhecidos pelos alunos. A gramática descrita em detalhes, de modo sistemático, já era praticada pelos alunos. Assim, o método de instrução seguiria o curso dedutivo. Os alunos antigos devem, sem dúvida, ser diferenciados dos alunos da atualidade que estudam a língua que lhes é bastante diferente. O método pode ainda seguir o curso dedutivo, mas precisará empregar várias técnicas — desnecessárias aos antigos — que criarão no aluno a habituação com a língua. Portanto, dizer que algo é dedutivo não significa afirmar sua efetividade necessária. Isso pode ocorrer, mas dependerá do uso.

2. O método natural ou indutivo

O segundo método básico do aprendizado é o natural ou indutivo. Alguém teve a ideia de aprender novos idiomas da maneira que aprendemos nossa língua, por tentativa e erro. A abordagem natural no ensino de idiomas consiste em apresentar uma frase ou um parágrafo na língua de estudo e em seguida complementar a leitura com auxílios relativos à pronúncia, vocabulário, gramática e sintaxe. É como jogar alguém no meio de uma piscina para ensiná-la a nadar e depois gritar as instruções da borda. O interesse é mantido porque a informação é sempre útil.

O método indutivo sempre funcionou com crianças no aprendizado da língua materna. No entanto, com crianças mais velhas e adultos, ele obteve níveis variados de sucesso. Foi muito bem-sucedido no ensino de línguas

estrangeiras modernas — espanhol, francês, alemão — e em nível de conversação. Foi menos bem-sucedido para estabelecer o domínio profundo e firme de todas as complexidades das línguas estrangeiras. Foi o menos eficiente no ensino de línguas clássicas.

Por quê? Pelo fato de os objetivos do curso de conversação em uma língua nacional serem diferentes dos objetivos do curso de línguas clássicas. O objetivo do curso de conversação é produzir resultados rápidos: compreensão imediata — não o entendimento completo; e expressão rápida — não completa. Aprendemos como manter diálogos funcionais da cultura falante da língua. Por exemplo, podemos aprender a pedir o jantar em francês ou em italiano. (Com sorte, aprenderemos a pagar a conta também.)

Com as línguas clássicas, no entanto, encontramo-nos no polo receptor. Não vamos falar ou escrever cartas para pessoas que morreram há milênios. Os autores clássicos não escreveram para a compreensão do nível de conversação. Eles escreveram para a compreensão total. Assim, o objetivo principal do curso de línguas clássicas não é a leitura rápida, mas a compreensão total. Em vez de focar em dizer algo na língua clássica, foca-se no que o autor quis dizer de forma exata. O método indutivo nem sempre tem êxito quando a compreensão total é seu objetivo.

Com o método indutivo — como ocorre com o dedutivo — a maior parte dos alunos precisará de um professor experiente que conheça a língua, explique cada lição, diga ao aluno o que fazer, e possa verificar cada tarefa com competência.

Gramática Natural ou Indutiva, Parágrafo Latino

et pastores erant in regione eadem vigilantes et custodientes vigilias noctis supra gregem suum. et ecce angelus Domini stetit iuxta illos et claritas Dei circumfulsit illos et timuerunt timore magno. et dixit illis angelus, nolite timere: ecce enim evangelizo vobis gaudium magnum quod erit omni

populo: quia natus est vobis hodie salvator, qui est Christus Dominus in civitate David. et hoc vobis signum invenietis infantem pannis involutum et positum in praesepio. et subito facta est cum angelo multitudo militiae caelestis laudantium Deum et dicentium. gloria in altissimis Deo et in terra pax in hominibus bonae voluntatis.

FIGURA 5Q

Há poucos currículos indutivos para o ensino do latim, grego ou hebraico. No manual típico de gramática indutiva, o primeiro capítulo pode começar com um curto parágrafo em latim, como o que se encontra acima (Lucas 2.8-14). O estudante deve traduzir o trecho usando as palavras do vocabulário fornecido e algumas dicas gramaticais. O parágrafo é a piscina; o vocabulário e as dicas são as instruções dadas da borda. Mais uma vez, sem o professor experiente para ajudar, a abordagem indutiva exige um grau considerável de motivação pessoal da parte do aluno para completar o curso de modo bem-sucedido. Gramáticas apenas indutivas são bastante usadas nas escolas regulares com professores experientes.

Pergunta: Se quisermos alcançar a compreensão natural da língua, não devemos seguir o método indutivo?

Resposta: Isso pode soar bem na teoria, mas, na verdade, nenhum programa indutivo ensina uma língua morta em uma cultura viva. Sem dúvida, ela faz o melhor que pode para "induzir" artificialmente essa cultura, mas tudo é muito forçado. Não seremos jogados de forma repentina na Atenas de 400 a.C. ou na Roma de 100 a.C. Não se deve esperar que saibamos nos localizar nela com segurança e sem um guia! Os programas indutivos, sob a direção de um bom tutor, podem criar certa intimidade com a língua. No entanto, é menos provável que se desenvolva grande precisão na compreensão do idioma. A gramática, pela própria natureza, é dedutiva e sistemática, de modo que recomendamos aos seguidores da abordagem indutiva que também mantenham um caderno dedutivo sistemático de tudo

que aprendem. A tarefa envolvida na manutenção do caderno exigirá o pensamento categórico disciplinado, que faz tanto ou mais pelo aluno quanto a própria língua.

3. O método interativo programado

O terceiro método básico do aprendizado de idiomas se chama interativo programado.

Tanto o indutivo quanto o dedutivo têm suas vantagens e desvantagens. A vantagem do método dedutivo é que ele segue o progresso natural do aprendizado, ao descrever em primeiro lugar os elementos simples, mostrando em seguida como eles são reunidos, e depois como as construções são usadas. A vantagem do método indutivo é produzir resultados mais rápidos — o aluno passa a usar a língua quase de imediato. No entanto, a principal razão da falha dos dois métodos — em particular com as línguas clássicas — é porque, à medida que o cérebro se desenvolve, ele estabelece vias por meio de ligações sinápticas que só se alteram por métodos dolorosos. (Não usem o choque elétrico!) Não perca tempo comprando livros intitulados "*Agora é fácil* aprender hebraico clássico, grego ou latim". Podemos compará-los com o título "Aprenda neurocirurgia por correspondência em três lições fáceis". A menos que se tenha aptidão natural para o aprendizado de idiomas, eles nunca serão fáceis para nós.

Entretanto, o método interativo programado se mostrou o menos doloroso e o mais efetivo. "Programado" significa que o texto é organizado de modo a conduzir o aluno passo a passo ao longo do processo normal de aprendizado, apresentando as informações, e explicando em seguida como elas se encaixam, depois de lhes mostrar como usar a informação. (Esse é o método do *trivium*, caso não tenha percebido.) "Interativo" significa que o texto foi escrito de forma a simular o professor que interage de modo contínuo com o aluno, fazendo perguntas e depois confirmando ou corrigindo as respostas. Isso fortalece de pronto a capacidade de analisar (separar as informações) e

sintetizar (reunir as informações). O processo é repetido em pequenos passos e o aluno aprende no próprio ritmo. Por fim, os fatos e as habilidades são dominados. O resultado: "Agora é *mais* fácil aprender hebraico clássico, grego ou latim".

O método interativo programado incorporará a abordagem dedutiva e a indutiva, mas de maneira mais efetiva. Com o método interativo programado, não é preciso conhecer a língua para ensiná-la, nem precisamos do professor para ensiná-la, pois o texto *é* o professor. O texto explica cada lição, diz ao aluno o que fazer e verifica o trabalho de modo competente.

Gramática Interativa Programada, Gramática Grega

Que é um substantivo?
O nome de tudo que tem um nome.
Diga em voz alta e escreva todas as formas do nominativo e do acusativo do texto em grego, e também os números e os três gêneros.
Nominativo singular: ὁ, ἡ, τό; Nominativo plural: οἱ, αἱ, τά Acusativo singular: τόν, τήν, τό; Nomintaivo plural: τούς, τάς, τά
Traduza a frase: Πέτρος βλέπει τὴν ἔρημος.
Pedro vê o deserto.

FIGURA 5R

Existem poucos currículos interativos programados para o ensino de latim ou de grego. Em um manual típico de gramática interativa programada, o material a ser aprendido é dividido em pequenas partes (chamadas estruturas) e apresentado em sequência; ele exige respostas contínuas e ativas do aluno; e cada resposta é verificada de imediato antes de permitir que o aluno prossiga. O aluno progride no próprio ritmo. Aprender outra língua exige certo grau de motivação pessoal da maior parte de nós, mas o programa interativo fornece, no próprio programa, um professor experiente para completar o curso de forma satisfatória.

Pergunta: O aprendizado programado não é o mesmo que a psicologia behaviorista? Devemos usar técnicas de comportamento animal em nossos filhos?

Resposta: Os psicólogos behavioristas empregam o treinamento do tipo estímulo e resposta. Inicialmente, eles observam como as técnicas de estímulo e resposta funcionam no treinamento de animais. Os pressupostos evolucionistas os levam a tratar as pessoas como animais. Assim, eles empregam as mesmas técnicas de estímulo e resposta nas pessoas. Por haver bastante similaridade entre o projeto natural de pessoas e animais, não raro as mesmas técnicas funcionam — em diversos níveis — em pessoas. Mas há aqui o envolvimento de uma questão moral. Os psicólogos behavioristas são ateus. Tratam as pessoas como meros animais, sem intelecto ou espírito. Na verdade, seu método de uso das técnicas pode fazer as pessoas serem guiadas mais pela natureza animal que pelo intelecto e espírito.

Bem, quando a mão do Robertinho for pega brincando com os botões do fogão a gás ou fazendo expedições não solicitadas de pescaria no pote de biscoitos, se nós aplicarmos um estímulo negativo em seu bumbum, também poderemos ser acusados do uso de psicologia behaviorista. Também poderemos ser acusados de aplicar um estímulo um pouquinho positivo quando o louvamos por cumprir bem suas tarefas. Pode haver o uso legítimo de treinamento behaviorista em situações médicas limitadas para o tratamento de algumas deficiências físicas. Mas há um abismo imenso entre esses usos e a filosofia dos psicólogos behavioristas. Pode-se dizer que esses psicólogos tomaram uma técnica — muito natural, perfeitamente legítima nos parâmetros adequados e usada há milênios de modo eficiente — e a refinaram e aperfeiçoaram, mas também a perverteram para que servisse a seus fins filosóficos nefandos.

De que modo o aprendizado interativo programado se assemelha a esse treinamento de estímulo e resposta? Bem, um programa é planejado passo a passo para o alcance de um fim particular. Os passos envolvem interação —

pesquisa e resposta — a fim de testar o sucesso do aprendizado em cada passo, corrigir erros e reforçar o aprendizado correto. Na verdade, não é exatamente assim que aprendemos tudo? Claro que sim, em especial idiomas. É exatamente essa a metodologia do professor particular. Nós não aprendemos melhor quando lemos de modo passivo ou tentamos memorizar para depois fazer uma série de exercícios. Mas aprendemos muito mais quando damos respostas às perguntas do professor, tornando-nos responsáveis no processo de ensino por meio de respostas contínuas e a confirmação ou correção imediatas dessas respostas. Quanto mais aperfeiçoarmos a técnica, mais seremos capazes de aprender melhor.

Este método é similar ao estilo de Sócrates — duas ou mais pessoas mantêm um debate, por meio de perguntas e respostas, para alcançar o entendimento melhor de algum assunto. Ela estimula o raciocínio desafiando-o constantemente de diversas formas e em situações variadas. Se o aprendizado interativo programado ignorasse o raciocínio e tentasse alcançar a resposta apenas *animal*, ele seria, na verdade, nefando. Embora os programas se diferenciem quanto ao grau de trabalho das habilidades de raciocínio, não conhecemos nenhum programa que ignore o raciocínio e que vise à resposta animal, como o adestrador de animais em lugar do tutor pessoal. Com efeito, acreditamos que alguns programas examinados são bastante envolventes e desafiadores. Ao desenvolver currículos interativos programados, selecionam-se as partes úteis do aparato da psicologia behaviorista. A filosofia abominável não foi utilizada, mas sim algumas coisas úteis da técnica. O programa interativo pode ser comparado à educação clássica cristã, que não faz uso da filosofia pagã dos antigos, apenas das partes úteis da técnica do *trivium*. Devemos, sem dúvida, sempre manter os olhos abertos para o modo com que uma coisa em particular é utilizada em determinada situação e devemos fazer os ajustes quando necessário.

> Todas as coisas me são lícitas, mas nem todas convêm. Todas as coisas me são lícitas, mas eu não me deixarei dominar por nenhuma delas. [...] Todas as coisas são lícitas,

> mas nem todas convêm; todas são lícitas, mas nem todas edificam (1 Coríntios 6.12; 10.23).

Algumas dicas e auxílios

Se você estiver habituado com uma das línguas clássicas e for capaz de explicar bem a gramática para seu filho, poderá achar útil algum desses métodos do ensino da língua. Mas se você não conhecer nenhuma delas, é bastante provável que uma gramática interativa e autodidata funcione melhor para você. Em língua portuguesa, boas opções são: *Gramática Latina*, de Napoleão Mendes de Almeida, *Gradus primus* e *Gradus secundus*, de Paulo Rónai, *Programa de Latim* (Volumes I e II), de Júlio Comba, *Aprendendo latim*, de Peter Jones. Para quem já tem conhecimento do idioma, as melhores opções são as obras *Familia romana*, *Exercitia Latina I* e *Colloquia personarum*, de Hans Orberg.

Depois da escolha da gramática, o texto em si deverá fornecer a você a forma e a substância para começar os estudos formais. Mas há algumas ideias que se podem mostrar úteis.

1. Alfabeto e fonética

Por alguma razão misteriosa, a maior parte dos materiais de idiomas é muito fraca na característica mais fundamental da língua escrita: os símbolos das letras e os sons. Em uma pesquisa aleatória em vinte gramáticas de grego de nossa biblioteca, do total de mais de quarenta, encontramos o seguinte número de páginas dedicadas ao ensino do sistema alfabético e fonético (em ordem crescente) 1, 1, 2, 2, 3, 3, 3, 3, 3, 3, 4, 4, 4, 4, 5, 6, 5, 8, 9, 10. (É claro que não levamos em consideração aqui o tamanho da impressão, da página e os espaços em branco.) Em nossa opinião, as gramáticas com 8, 9 e 10 páginas se aproximavam do ideal. Ora, o fato de uma gramática dedicar pouco tempo e espaço ao domínio de um dos fundamentos da língua — o alfabeto — não significa que ela seja ruim em relação ao restante. Mas ao escolher uma

gramática assim, você deverá complementar essa debilidade com outro material.

2. Leitura nessa língua

As gramáticas dedutivas elementares de modo geral se atêm mais ao estudo da mecânica da língua, ao passo que ignoram a atividade de leitura nesse idioma. Alguns exercícios de tradução podem se basear em frases da literatura real, mas não se fornece a prática regular para a leitura real. Você pode entrar no processo de estudo da gramática acreditando que aprenderá todo o necessário, mas quando chegar ao fim do processo, poderá se perguntar sobre o que fazer com o pouco retido. Se lesse o tempo todo, teria aplicado as lições ao que lia e teria se acostumado de uma forma impossível a outro método. Assim, caso você escolha uma gramática descuidada da leitura, complemente essa debilidade com outro material.

3. Caderno de idiomas

Não importa o método escolhido por você para estudar a gramática, recomendamos que crie e mantenha um caderno de idiomas organizado e sistemático. O aluno deve ter um caderno para cada idioma estudado. Ele será seu caderno perpétuo de grego, latim ou hebraico. Um fichário de tamanho médio com divisórias e folhas pautadas também ajudará. Divida o caderno em seções. Segue-se uma sugestão de seções:

a) *Sons e símbolos da língua* (incluindo os nomes das letras do alfabeto e como pronunciá-las, bem como regras especiais de acento, pontuação etc.).

b) *Termos técnicos e definições* (incluindo declinações, conjugações, elipses, pronomes, antecedentes, tempos verbais etc.).

c) *Sintaxe dos substantivos* (incluindo o uso de substantivos e palavras que funcionam como substantivos: modelos de declinação de substantivos, regras de concordância etc.).

d) *Sintaxe verbal* (que inclui o uso de verbos e de palavras que funcionam como verbos: modelos de conjugação de verbos, explicação de tempos verbais etc.).

e) *Vocabulário* (incluindo substantivos, adjetivos e modelos verbais etc.).

f) *Exercícios de tradução e de memorização* (frases ou expressões etc.).

g) *Testes*.

Uma vez que tudo — folhas de teste, exercícios de tradução, palavras de vocabulário etc. — estará em um só lugar, o estudo da língua será simplificado.

O que for registrado no caderno precisa estar limpo, organizado e sistematizado. Na medida do aprendizado da gramática pelo aluno, ele precisará acrescentar, mudar e reorganizar as divisões no caderno, e poderá recolocar as páginas em outra ordem (melhor). O exercício de reescrever o caderno tem a vantagem de forçar o estudante a repensar o conhecimento de latim, grego ou hebraico de maneira organizada, imprimindo na mente dele a ordem gramatical. Isso ensinará o aluno a ser limpo, sistemático e organizado. Damos um exemplo de um caderno de latim no Capítulo 12, Seção 6.

4. Cartões de vocabulário

Para cada palavra inserida no caderno de idiomas, copia-se a mesma informação em um cartão de 3 cm x 5 cm. Coloca-se o vocábulo na língua originária (latim, grego ou hebraico) em uma face do cartão e a tradução em português na outra. Pronunciamos as palavras dos dois lados em voz alta enquanto passamos os cartões de nosso monte. No início, o monte talvez seja pequeno, e assim podemos recitar o monte inteiro todos os dias. Quando ele aumentar, talvez precisemos de vários dias para recitar todos os cartões. Podemos também pedir que alguém nos leia uma face de cada cartão e de pronto respondemos com o que nos lembramos da outra face. Enquanto fazemos esse exercício, o companheiro pode nos dar algumas indicações ou

corrigir. Em seguida, podemos trocar de posição com o companheiro. Exercícios desse tipo nos ajudam a construir o vocabulário e facilitam o aprendizado de outras partes da língua.

5. Leitura e memorização

Continue com a leitura e a memorização na língua. Quanto mais habituado você estiver com a língua, mais fácil será a gramática.

6. Ritmo do aluno

Alunos mais jovens levam cerca de dois anos para completar o estudo de uma gramática de tamanho normal. Alunos mais velhos podem completá-la em um ano. Alunos diligentes e talentosos podem aprendê-la em um semestre ou menos. O objetivo é dominar o material, não terminá-lo o mais rapidamente possível.

7. Gramática de referência

Por vezes, você poderá ter dificuldade em entender um conceito. Pode ser-lhe útil fazer uma comparação com outra gramática que explique o conceito de outro modo. Independentemente de qual das três diferentes abordagens ao estudo da gramática é usada pela gramática de sua escolha, a comparação com outra gramática será frequentemente útil. Assim, obtenha um segundo livro — um livro dedutivo — com o propósito de tê-lo como referência e como elemento de comparação quanto ao tratamento e às explicações dos diversos tópicos. (Para informações sobre gramáticas, léxicos e outros auxiliares, veja nossa lista de recursos.)

8. Prática, repetição e trabalho duro: o clássico

Diz o velho adágio: "Só se colhe o que se planta". Permanecendo inalterados os outros fatores, a medida do benefício obtido dos estudos é proporcional à medida do esforço empregado neles. Os materiais didáticos sobre idiomas podem ser classificados pela escala contínua de *mais fácil* a

mais difícil, de *colher de chá* a *exasperante.* Mas em última análise, dependerá do que você fizer deles. É possível avançar com rapidez e facilidade através de um currículo fácil e barato, mas seus resultados serão de pouco valor. Ou você pode acrescentar valor ao programa adicionando repetições e práticas, e seus resultados serão valiosos. Também é possível cortar as beiradas na jornada em meio a um currículo difícil, mas você acabará com menos de um pedaço inteiro de torta. Ou você pode acrescentar um pouco de açúcar e um pouco de óleo para suavizar a fricção entre algumas partes, e aí contará com um pedaço de torta doce e suave para comer.

Nível três: foco na fluência — aprender a traduzir e a interpretar a língua

Em algum momento, talvez enquanto você ainda obtém algumas habilidades vocabulares, gramaticais e sintáticas, você passará para o uso prático do conhecimento de tradução e interpretação da língua clássica. Não faz sentido aprender um idioma e depois de anos de desuso perder o que obteve. Quem aprende a ler com fluência na língua é quem mais provavelmente manterá a proficiência. Assim, tão logo você tenha adquirido certa proficiência em gramática, uma boa opção é esforçar-se para alcançar o nível adequado de fluência para ler com compreensão. Com *fluência na leitura*, queremos dizer que você é capaz de passar mais tempo lendo e menos tempo consultando o dicionário ou a gramática. Por *compreensão*, queremos dizer ler com confiança, de modo que você entenda o que lê. O objetivo último do programa de línguas clássicas é aprender a entender e traduzir com precisão quase qualquer passagem sem consultar de modo contínuo o vocabulário e a gramática.

Se você buscar esse objetivo com diligência, ele poderá ser alcançado, em pelo menos um idioma, por volta dos 18 anos. Alguns alunos ambiciosos podem alcançar a fluência em menos tempo, talvez depois de uns cinco anos. Dependendo dos objetivos estabelecidos, alguns alunos podem alcançar a fluência em mais de uma língua nesse período. Para muitas famílias, isso pode

ser ambicioso demais. À medida que a proficiência nessas línguas for recuperada na cultura do ensino doméstico, a tarefa se tornará mais fácil em cada geração. Com certeza, quem começar o programa na fase adulta poderá precisar de muito mais tempo.

Você encontrará mais detalhes sobre o estudo de idiomas na seção prática do livro.

Capítulo Seis



Ensino de lógica

... mentira alguma jamais procede da verdade
— 1 João 2.21

O ARGUMENTO PARA O ENSINO DA LÓGICA

A segunda parte do *trivium* é a lógica. Cada matéria conta com a *lógica* própria — a ordem e a relação entre todas as partes. A lógica é o modo pelo qual as coisas se encaixam, ou ao menos o modo pelo qual devem se encaixar. Queremos descrever a matéria que chamamos *lógica*, porque todo o nosso entendimento de cada uma das outras matérias é construído sobre a estrutura da lógica.

Que é lógica?

A lógica é a mais simples e elementar de todas as ciências. É a ciência do raciocínio correto. Cada ciência se ocupa em detectar e descrever as leis necessárias e inalteráveis que regem um campo particular de conhecimento. Considerada ciência, a lógica detecta e descreve as leis necessárias e inalteráveis do raciocínio correto.

O aparato que raciocina — ou realiza a lógica — é a mente. A lógica é, em sentido estrito, uma ciência mental. Um indivíduo é tão incapaz de análise lógica e de conclusão, quanto é *irracional*, ou seja, não utiliza as potências da mente.

Algumas pessoas desejam realizar a divisão absoluta entre as potências da alma e as coisas espirituais. Mas os poderes da mente são poderes do espírito.

> E vos renoveis no espírito do vosso entendimento (Efésios 4.23).
>
> Porque Deus não nos tem dado espírito de covardia, mas [...] de moderação [de uma mente sã] (2 Timóteo 1.7).

O que afeta a mente também influi no espírito; e o que afeta o espírito, também influi na mente. Assim, a lógica é um poder espiritual. Sem o poder espiritual chamado *lógica* somos incapazes de discernir a verdade do erro. Voltaremos ao poder da lógica um pouco mais à frente.

Palavras, frases e significados

A mente humana não se encontra vazia no nascimento. Bem antes de nascermos, enquanto ainda estamos na barriga de nossa mãe, Deus nos concede a mente com o poder de avaliar todas as experiências sensoriais segundo a lógica sistemática já estruturada e programada em nossa mente por ele. Essa lógica natural é, assim, uma faculdade inata para o julgamento inteligente e para a inferência. Mas como qualquer outra faculdade inata, sua capacidade pode ser desenvolvida pelo uso, o poder fortalecido pelo treinamento e a precisão aguçada por meio de provas.

Enquanto crianças, quando começamos a aprender o idioma, atribuímos significados a palavras segundo nossa análise lógica da observação do uso das palavras em frases. Assim, falemos um pouco sobre palavras e frases.

Completamente isoladas, as palavras têm um significado. Por exemplo, aqui está uma palavra:

Cavalo.

Ela tem mais significado em uma frase. Vejamos a mesma palavra usada em frases:

Adoraria cavalgar em um cavalo palomino.

Gosto de observar um cavalo Clydesdale trabalhar.

Entretanto, quando as palavras são combinadas em uma frase sem lógica, elas perdem o sentido. Por exemplo, observe a frase:

Desenhe um círculo quadrado.

A frase está correta em sentido gramatical. Isoladas, as palavras “quadrado” e “círculo” fazem sentido. Mas quando combinadas, como nessa frase, não fazem sentido. A frase é ilógica. Por definição, algo circular não pode ser também quadrado. Chamamos isso de oximoro, ou contradição nos termos.

Por vezes somos confrontados com uma contradição de termos, mas não a reconhecemos. Por exemplo, alguém pode perguntar: "Deus pode criar uma pedra pesada demais para ele carregar?". A ideia é absurda. Podemos também perguntar se Deus é capaz de criar um deus maior que ele próprio, de modo que deva se inclinar diante do deus que ele próprio criou. Isso não é possível devido à natureza das coisas.

No entanto, somos cercados de tentativas de impor esses absurdos a nós. Feminismo, homossexualismo, multiculturalismo — essas ideias são absurdos lógicos, contradições de termos que nos querem fazer absorver em nosso pensamento. (Feminismo? — Fazer uma mulher se tornar homem seria masculinismo. Homossexual? Sexo significa que os indivíduos envolvidos são diferentes, não iguais. Multiculturalismo? Muitas culturas podem estar em contato entre si e se afetar em sentido mútuo, mas não podem abranger a mesma população, algo deve ceder.) Essas ideias obnubilam a mente para corromper nosso pensamento e nos levar ao mundo dos absurdos. Nossa cultura está se enchendo desses absurdos de linguagem.

Por exemplo, penso em um homem que acreditava poder voar. Assim, ele pulou do alto da Sears Tower. Como esperado, ele estava voando. À medida que passava pelos andares na queda, ele gritava para quem olhava pelas janelas: "Até agora, tudo certo. Até agora, tudo certo". Tudo parecia ir muito bem. Ele ganhava velocidade enquanto voava. Havia provado a capacidade de voar. No entanto, quando se aproximava do chão, lá embaixo, de repente ele percebeu que se esquecera de perguntar se poderia aterrissar.

Qual era o problema do homem? Ele conhecia o significado de "voar" e o significado de "homem", mas fez uma conexão entre os vocábulos contrária à natureza das coisas. Mas não era tão ruim como no momento em que tentou colocar a conexão em prática. Por um momento, a lei da gravidade pareceu favorecê-lo. Mas assim que encontrou o chão, a lei da inércia se cumpriu. De repente, ele teve uma compreensão concreta do assunto.

Feminismo, homossexualismo e multiculturalismo, *ad nauseam*, podem

parecer voar: “Até agora, tudo bem”. E algumas coisas podem parecer favorecê-los, mas no fim, serão parados pelas leis da natureza e do Deus da natureza, o Criador, a quem deverão inevitavelmente responder. São absurdos que contradizem a lógica da realidade.

Assim, as palavras podem ter significados, mas a verdade não está no significado das palavras. A verdade está no significado das frases. Um lógico diria deste modo: “A verdade não está nos termos. A verdade está nas proposições”. A palavra ou o termo em si mesmo não é verdadeiro nem falso. Por exemplo, a palavra *brócolis* tem um significado, mas por si mesma não é verdadeira nem falsa. No entanto, a frase ou a proposição sobre o *brócolis*, como “brócolis é comestível”, é verdadeira ou falsa. (Todos temos opinião própria sobre essa proposição, não é mesmo?) A verdade não está nas *palavras*, ou nos *termos*, mas nas *frases* ou *proposições* que dizem algo sobre esses termos.

Por que é importante estudar lógica?

Pensemos na lei mais básica da lógica, chamada de lei da contradição. (Alguns preferem chamá-la lei da não contradição.) Aristóteles a expressava assim:

> O mesmo atributo não pode ao mesmo tempo pertencer e não pertencer ao mesmo sujeito e sob o mesmo aspecto.

Os filósofos sempre falam com esse tipo de linguagem clara, não é mesmo? Talvez possamos deixar a afirmação mais clara com uma ilustração simples.

Uma vela pode estar acesa ou apagada, mas não ao mesmo tempo, nem sob o mesmo aspecto. Ela pode estar acesa à noite, mas apagada durante o dia. Ou ela pode estar acesa em uma extremidade, mas apagada na outra. Ou ela pode estar acesa em ambas as extremidades, mas apagada no meio. Mas onde quer que esteja acesa ou não, ela não pode estar *acesa* e *apagada* na mesma *extremidade* e ao *mesmo tempo*, pois o que seria isso? Uma *contradição*.

Um pombo não pode ter todas as penas brancas e todas as penas pretas ao mesmo tempo. Uma pessoa não pode estar completamente morta e totalmente viva ao mesmo tempo ou, pelo menos, sob o mesmo aspecto.

Sem a lei da não contradição, as palavras ou os termos não mais teriam significado específico. Se um atributo pode ao mesmo tempo pertencer e não pertencer à mesma palavra e sob o mesmo aspecto, então a palavra pode ser distorcida para significar qualquer coisa. (Podemos contar com os políticos para nos fornecer exemplos suficientes desse fenômeno. Por exemplo, o orçamento excedente é na realidade a redução da taxa de despesa deficitária.)

Se desconsiderarmos essa regra básica da lógica — que a palavra não pode ter significados contraditórios ao mesmo tempo — as distinções entre preto e branco, certo e errado, bom e mau, ser e não ser, se tornarão paulatinamente confusas e podem, no fim, dissolver-se por completo.

> Ai dos que ao mal chamam bem e ao bem, mal; que fazem da escuridade luz e da luz, escuridade; põem o amargo por doce e o doce, por amargo! (Isaías 5.20).
>
> O que justifica o perverso e o que condena o justo abomináveis são para o SENHOR, tanto um como o outro (Provérbios 17.15).
>
> Portanto, caso a luz que em ti há sejam trevas, que grandes trevas serão! (Mateus 6.23).

Onde não há lógica, não podem existir padrões absolutos, apenas valores relativos pessoais. Se a verdade se torna relativa em nosso pensamento, segue-se que a moral deve também se tornar relativa no pensamento. Nossos valores precisam, portanto, ser esclarecidos a partir da perspectiva da escolha pessoal em vez da perspectiva do Verbo de Deus. Seu Logos, sua lógica, é a lógica da realidade, a única lógica que realmente importa. A ética deve, assim, ser determinada pela situação e não pelo padrão absoluto e revelado da lei de Deus.

Polilogismo

Em nossa cultura, chegamos à filosofia do polilogismo, isto é, de muitas lógicas. Somos ensinados da inexistência da chamada verdade absoluta. Toda verdade é relativa. Não há lógica singular; há muitas lógicas diferentes, e *todas* são *igualmente* válidas. Isso significa que a *não* lógica é *de fato* válida. Contradições aparentes entre as diferentes lógicas devem ser resolvidas, assim dizem, por alguma força que não seja a razão, pois a razão em si é a causa das contradições. Seremos todos como deuses, decidindo por nós mesmos — individual ou coletivamente — o que é bom e mau. De onde vem esse ensinamento? (Gênesis 3). Em vez disso, devemos refinar nossas ferramentas de raciocínio para podermos discernir as contradições aparentes das reais.

O polilogismo é o tipo de bobagem absurda que está sendo ensinada nas escolas públicas de hoje. Antes, ela estava confinada em grande parte à universidade, agora escolas primárias estão se enchendo dessa tolice. O polilogismo forma a base do pensamento moderno. Com ele, a verdade absoluta é descartada por completo. A única maneira de estabelecer uma verdade é decretá-la. A verdade é qualquer coisa que decidirmos. A evolução é um fato, se assim o decidirmos. Pouco importa que isso acarrete um dano irreparável à palavra "fato". O que nós *quisermos* que seja verdade será o nosso padrão da verdade. Se estiver de acordo com nossas preferências, diremos: "Que assim seja!", e assim será. E tarde e manhã não foram, de forma alguma, dia, pois a luz que havia nelas era escuridão total.

Lógica e moral

A rejeição do raciocínio lógico leva inevitavelmente ao abandono da moral genuína, que será substituída — não pela *i*moralidade, pois sempre houve muito disso, mas pela *a*moralidade. A amoralidade é o conceito de que não há certo ou errado; existem apenas escolhas pessoais. Por quê? Por não haver nenhum padrão lógico para julgar algo. Como a serpente no jardim, a amoralidade afirma que determinaremos por nós mesmos o bem e o mal. É exatamente a esse ponto que chegamos nesta cultura: ao relativismo moral.

Não há certo e errado, só escolhas pessoais. "Nada é inerentemente bom ou mau, isso tudo se encontra em nossa maneira de pensar". Não há padrão absoluto e externo. Nós definimos o certo e o errado apenas para nós mesmos. Nossos códigos morais foram personalizados e privatizados. O código moral de toda a sociedade é inteiramente arbitrário e negociável. Qualquer coisa serve, a menos que alguém crie uma força para detê-la.

> ... era continuamente mau todo desígnio do seu coração (Gênesis 6.5).

O único pecado público é violar o código do politicamente correto. A política transformou-se na ferramenta da vez para impor a todos as opções pessoais de alguns, sejam eles muitos ou poucos.

Quando se removem os verdadeiros padrões, alguma outra coisa tomar seu lugar para preencher o vazio. Quando isso acontece, no entanto, surgem necessariamente outros vazios e desequilíbrios. Por fim, tudo deve desabar sobre si mesmo, pois não se sustenta em nada. A única ordem que restará no final é a ordem existente desde o princípio: a verdadeira ordem estabelecida pelos padrões de Deus.

Lógica e amoralidade

A última "moralidade" da nossa cultura é o *direito de escolha*. Ele não se limita ao chamado direito de escolher o aborto. Não. Agora se tem o direito de escolher a própria preferência sexual, ou o próprio estilo de família, ou os padrões próprios de moral privada, *ad nauseam*.

Os argumentos lógicos a favor da vida constituem um ataque à última moralidade — o "direito de escolha", porque nós, cristãos, buscamos definir o termo *vida* de acordo como a lógica da lei da não contradição. O bebê no ventre não pode estar vivo e não vivo ao mesmo tempo e sob o mesmo aspecto. Quando propomos o caráter lógico de que o "direito de escolha" da mulher termina onde outra vida começa, estamos atacando a moral do nosso tempo, a moral da amoralidade. Não conseguimos vencer o debate a menos

que forcemos o oponente a reconhecer *em primeiro lugar* a existência de absolutos morais, e *em segundo lugar* a possibilidade do raciocínio lógico a partir desses absolutos morais.

Nossa cultura abandonou a lógica. Se a verdade para nós não consiste na escolha pessoal da verdade para outras pessoas, logo o que é moral para nós pode não ser a escolha moral pessoal de outros indivíduos. Se não mantivermos em primeiro lugar um padrão de *lógica*, jamais seremos capazes de manter um padrão de *moral*.

Você entende agora o que é o politicamente correto e a linguagem ambígua? Se a lógica das palavras e das frases pode ser corrompida, então a língua e a cultura podem ser corrompidas.

> Todos os dias torcem as minhas palavras (Salmos 56.5*a*).

Isto é uma questão de lógica: torcer as palavras.

> Os seus pensamentos são todos contra mim para o mal (Salmos 56.5*b*).

Isso é uma questão moral: a intenção do coração.

Quando nos dizem para não lhes impor a *moral* "cristã", estão, na verdade, dizendo para não lhes impormos a *lógica* cristã. Eles preferem permanecer *insensatos*. Não desejam usar a mente. Escolhem, em vez disso, seguir a multidão insensata. Mas Deus nos ordena, em sua palavra, seguir um padrão diferente:

> Não seguirás a multidão para fazeres mal (Êxodo 23.2).

E isso é o bastante em relação à pressão do grupo e à democracia social.

O poder espiritual da lógica

Como dissemos antes, a lógica é um poder espiritual e, pelo poder espiritual da lógica, discernimos a verdade do erro.

Em 2 Pedro 3.16, somos alertados em relação aos "ignorantes e instáveis" e que "deturpam", ou "torcem", as Escrituras "para a própria destruição deles". Esse *torcer* se refere à tortura infligida a uma testemunha a fim de extrair dela uma confissão (falsa). Torcer o significado de uma palavra envolve erros em lógica.

Em 2 Timóteo 3.7, lemos sobre os que "aprendem sempre", e, no entanto, "jamais podem chegar ao conhecimento da verdade". Não conseguem separar a verdade do erro. São incapazes da análise lógica. Não temos a intenção de diminuir o elemento espiritual no discernimento da verdade. Temos apenas a intenção de afirmar que a lógica jamais deve se divorciar do elemento espiritual.

O texto de 2 Timóteo 4.4 descreve os que "se recusarão a dar ouvidos à verdade", e, não tendo para onde se voltar, afirma que eles acabam "entregando-se às fábulas". A teoria da evolução é o exemplo de uma fábula à qual as pessoas se entregam pela recusa em se considerarem responsáveis diante do Criador.

Qual é nossa responsabilidade?

Como cristãos, recebemos a importante responsabilidade de manter o padrão da lógica. Qual é nossa responsabilidade?

> Porque, *embora* andando *na* carne, não militamos segundo *a* carne. Porque as armas da nossa milícia *não são* carnais, e sim poderosas em Deus, para destruir *fortalezas*, anulando nós sofismas [argumentos lógicos] e toda *altivez* que se levante contra o conhecimento de Deus, e levando cativo todo pensamento [todo intelecto] à obediência de Cristo (2 Coríntios 10.3-5).

As armas da guerra cristã não são as tomadas por forças militares. Nossas armas derrotam os falsos raciocínios, expõem os falsos deuses e capturam os pensamentos e o intelecto para o serviço de Cristo.

Por que os cristãos não estão vencendo a guerra cultural? Pelo fato de não usarmos as armas projetadas por Deus de forma específica para nossa guerra.

Nós recuamos. Deveríamos enfrentar a cultura de modo ativo — desbancando falsas palavras e argumentos com lógica, e derrubando falsas ideias e filosofias com a verdade. Em vez disso, distribuímos panfletinhos fracos, cheios de argumentos emocionais a respeito de um evangelho barato que requer trabalhos psicológicos em vez da graça espiritual da fé. Não devemos jogar a mente fora quando nos tornamos cristãos. Na verdade, é exatamente nesse momento que devemos começar a usá-la de verdade!

As Escrituras repetidas vezes ordenam que raciocinemos e debatamos a partir delas com argumentos lógicos persuasivos e convincentes. Ordenam que provemos nossas doutrinas. O texto de Romanos 12.1 diz literalmente que nosso serviço a Deus deve ser lógico ou racional (*λογικὴν*, *logikēn*). Precisamos estar preparados para sempre responder a quem nos pedir a razão — literalmente: a defesa lógica — da esperança que está em nós (1 Pedro 3.15). O melhor exemplo disso é o próprio Jesus, que empreendia com argumentos lógicos a partir das Escrituras. O Evangelho de Mateus sozinho (capítulos 12, 19, 21, 22 e 23) contém um pequeno manual de argumentação lógica.

Para que serve a lógica?

A lógica é útil para o entendimento das ciências. Todas as ciências — química, física, geografia, história ou teologia — são (ou ao menos deveriam ser) a aplicação da ciência da lógica às observações feitas nesse campo particular do conhecimento. Por isso o estudo da ciência exata da lógica é fundamental para o estudo de qualquer outra matéria. Os antigos chamavam a lógica de *organon*, o instrumento pressuposto para qualquer outra ciência. O estudo da lógica deveria ser considerado, portanto, parte fundamental e indispensável de todo o currículo educacional. E no passado, ela era.

A lógica é útil para discernir a verdade. No passado, a lógica era o primeiro curso exigido para todos os calouros universitários. Por quê? Porque a lógica é o meio para chegar à verdade das proposições, à validade dos argumentos e

à possibilidade ou plausibilidade das asserções. Como poderíamos chegar a conclusões acertadas sobre o que Deus ordena se não tivéssemos nenhuma habilidade para raciocinar de forma lógica a partir da Bíblia? Nosso grau de obediência e de serviço a Deus é uma função direta da habilidade de raciocinar a partir de sua Palavra. Como poderíamos detectar argumentos ilógicos que nos podem afastar da verdade? Como poderíamos julgar o raciocínio de outros homens acerca das coisas neste mundo? Sem a habilidade na lógica, somos

> [...] como meninos, agitados de um lado para outro e levados ao redor por todo vento de doutrina, pela artimanha dos homens, pela astúcia com que induzem ao erro (Efésios 4.14).

Em dúvida, se rejeitamos a noção da existência da verdade que deve ser alcançada, então o interesse em alcançá-la desaparece com bastante rapidez. Se rejeitamos o conceito da revelação divina, então rejeitamos necessariamente o conceito da verdade absoluta. Assim, a lógica se torna, no fim, desnecessária.

A lógica é útil no desenvolvimento adequado do cérebro. O cérebro pode ser comparado a um músculo nesse aspecto: sem dor, sem vitória. Um comentarista de rádio gosta de descrever as crianças em idade escolar como "crânios cheios de mingau". Presumimos que ele esteja assinalando a falta de desenvolvimento intelectual devido à dieta inadequada (inserção de conhecimento), à falta de exercício (processamento do entendimento) e de atividade extracurricular (saída de sabedoria). Sem dúvida, a mente deve ter algo bom para refletir e deve ter uma razão para refletir. Por ora, estamos falando sobre o ato de ruminar: a lógica.

Quando interrompemos o progresso natural de aprendizagem do *trivium*, deixando de fora uma das etapas, criamos uma disfunção no aprendizado. Esta é a era das disfunções no aprendizado. Por exemplo, quando omitimos o aprendizado de princípios básicos do método fônico, interrompemos o

desenvolvimento natural do aprendizado da linguagem fônica escrita, e, assim, criamos uma disfunção no aprendizado chamada *dislexia*, a incapacidade de ler. Ora, se omitirmos o ensino dos princípios básicos da lógica, criaremos a disfunção que se pode chamar *dislogia*, a incapacidade de pensar! Junte a dislexia e dislogia, e o que ocorrerá? Um desastre.

A rejeição da lógica leva à rejeição de Deus

A lógica é dispensada por completo nos currículos modernos, exceto como ferramenta para a manipulação. Habilidades sociais nebulosas são consideradas mais importantes que as habilidades do pensamento preciso. O sentimento é mais valorizado que o discernimento. E onde se ensina alguma forma de pensamento, trata-se do pensamento programado, não do pensamento crítico genuíno. A criança é treinada para pensar com o rebanho, como um animal, e em seguida é socializada para correr com a manada. Fique atento à boiada, conhecida hoje como "consenso de grupo". "Não seguirás a multidão (insensata) para fazeres o mal" (Êxodo 23.2).

A criança é programada para não questionar certos conceitos, exatamente porque não podem ser provados. Eles são passados pelos deuses do politicamente correto por meio de uma revelação infalível, e ninguém pode ousar explorar em profundidade o raciocínio deles.

Mediante certa forma de estudo lógico nos capacitamos para discernir a verdade do erro, e, assim, o bem e o mal, o certo e o errado (Hebreus 5.14). Não podemos obedecer à verdade antes de a conhecermos (Salmos 143.8; João 8.32). Não se pode conhecer a verdade separada da lógica (1 João 2.21, a lei da não contradição). Rejeitar a lógica significa rejeitar a verdade, e rejeitar a verdade é rejeitar Deus. A educação moderna trata disso: a rejeição do modelo da lógica, da verdade absoluta e do Deus soberano. No coração de tudo está a rejeição de Deus, e sem o conhecimento e o temor dele não há educação.

> Eis que o temor do SENHOR é a sabedoria, e o apartar-se do mal *é* o entendimento (Jó 28.28).
>
> O temor do SENHOR é o princípio da sabedoria; revelam prudência todos os que o praticam (Salmos 111.10).
>
> O temor do SENHOR é o princípio do saber, mas os loucos desprezam a sabedoria e o ensino (Provérbios 1.7).
>
> O temor do SENHOR é o princípio sabedoria; e o conhecimento do Santo é prudência (Provérbios 9.10).

(Para mais argumentos da perspectiva cristã para o estudo da lógica, veja o artigo "O uso cristão da lógica", que se encontra no Apêndice 1, Artigo 10.)

PRINCÍPIOS DO APRENDIZADO DE LÓGICA

Definição e descrição da lógica

O estudo da lógica se divide em duas partes: *lógica formal* e *lógica informal*. Não nos referimos à lógica formal do tipo *smoking* e à lógica informal do tipo *calças jeans*. As palavras formal e informal são usadas aqui como termos técnicos.

Lógica formal é o estudo da forma sistemática ou da estrutura do argumento, como os silogismos. Ela inclui regras abstratas de raciocínio lógico que os lógicos reduziram a um sistema de fórmulas nos moldes da matemática. A lógica formal é a base de todo o raciocínio e, portanto, também consiste na base da chamada lógica *in*formal.

A *lógica informal* inclui o que não se classifica nos estreitos limites da *lógica formal*. Assim, *informal*, nessas circunstâncias, significa apenas *não* formal. O termo *in*formal não significa a ausência de forma ou sistema, mas apenas que ela lida mais com a substância do argumento que com sua formulação sistemática. Pode-se dizer que ela é menos teórica e mais prática. A matéria chamada lógica informal inclui falácias lógicas e propaganda. Encontramos argumentos verbais ruins todos os dias (em especial se escutamos os políticos) e a lógica informal se ocupa do desenvolvimento de métodos para detectar esses argumentos e lidar com eles.

Nesta seção, conheceremos um pouco de lógica e algumas ideias práticas sobre o ensino da matéria.

Lógica formal

A lógica formal se divide em dois modos de raciocinar essencialmente distintos: o *dedutivo* e o *indutivo*.

1. *Raciocínio dedutivo* é o tipo de lógica que prova as coisas com certeza. Ela descreve as leis da inferência necessária. Com o raciocínio dedutivo,

começamos por algumas afirmações consideradas verdadeiras (por uma questão de argumentação), e a partir delas construímos um argumento que sabemos (por causa da forma) chegar a uma conclusão verdadeira. O argumento que não tem forma correta é necessariamente inválido e não se pode confiar na conclusão dele.

O raciocínio dedutivo inclui a lógica categórica e a proposicional.

A *lógica categórica*, desenvolvida por Aristóteles e outros, abrange afirmações com termos quantificados: "todos", "alguns" ou "nenhum". Isso inclui silogismos como:

Todos os homens são mortais [Todo M é P]

Sócrates é homem [Todo S é M]

Logo, Sócrates é mortal [∴ Todo S é P]

Os silogismos também podem ser representados por círculos de Euler, diagramas representativos de várias quantidades e suas relações.

A *lógica proposicional,* desenvolvida por Gottfried Leibniz e outros, traduz o raciocínio ordinário em símbolos. Ela abrange afirmações não quantificadas que relatam duas possibilidades: "e" ou "se… então" ou "se, e somente se". Isso inclui formas simbólicas, como:

p ⊃ q [Se p é verdadeiro, então q é verdadeiro]

p [p é verdadeiro]

∴ q [Então, q é verdadeiro]

Pode parecer que não há muito para estudar aqui, mas quando nos dedicarmos à matéria, descobriremos que ela pode ser bastante intrincada. A programação de computadores é uma aplicação desse tipo de lógica simbólica.

2. *Raciocínio indutivo* é o tipo de lógica que descreve as leis de possibilidade e probabilidade, mas não prova nada com certeza. Com o raciocínio indutivo, começamos com muitos fatos observáveis e, a partir

deles, especulamos as causas possíveis e seus efeitos. Nenhum argumento indutivo é considerado necessariamente verdadeiro a menos que dê conta de todos os fatos possíveis, o que, normalmente, não é possível. Por exemplo:

Dez mil cachorros foram examinados.

Todos os dez mil cachorros tinham pulgas.

Então, é possível que todos os cachorros tenham pulgas.

Tudo o que se sabe com certeza é que alguns cachorros têm pulgas. Talvez só os dez mil cachorros examinados tivessem pulgas, e nenhum outro. Talvez o próximo cachorro de número dez mil e um não tenha pulgas. O único modo de provar que todos os cachorros têm pulgas é examinando todos os cachorros de forma absoluta, um esforço dos mais improváveis. No entanto, a generalização de que talvez todos os cachorros, ou de que ao menos a maioria dos cachorros, tenham pulgas pode se mostrar muito útil para as pessoas alérgicas a picadas de pulgas.

O método científico experimental e a probabilidade estatística são algumas das aplicações práticas do raciocínio indutivo.

Lógica informal

A *lógica informal* abrange o raciocínio cotidiano e talvez possa ser classificada em sete categorias:

1. Classificação

A classificação é a análise das relações entre as coisas a fim de organizá-las em classes de acordo com suas similaridades ou diferenças.

2. Definição

Definição é a explicação das propriedades essenciais de algo. Os elementos da definição são: a) *gênero*: identifica a classe geral à qual a coisa definida pertence. b) *espécie* (ou diferença): descreve as características específicas que distinguem a coisa de outras na mesma classe geral.

Exemplo de uma definição ruim:

Uma bicicleta é algo que as crianças usam para ir à escola.

Essa definição apresenta a classe geral (o gênero), mas não as características de distinção (a espécie). Poderia se tratar de um ônibus escolar, trem, cavalo etc.

Exemplo de definição ruim:

Uma bicicleta tem duas rodas e um guidão, e é acionada por pedaladas.

Essa definição não fornece nenhuma classe geral com que distinguir essas características. Poderia ser um jogo, um aparelho de ginástica ou um gerador de energia.

Exemplo de uma definição melhor:

Uma bicicleta é algo que as crianças usam para ir à escola e que tem duas rodas e um guidão, e é acionada por pedaladas.

(Crianças ensinadas em casa, de modo geral, não usam bicicletas para ir à escola.)

3. Argumento

Um argumento pode ser dividido em:

a) *Reconhecimento* — identificação do argumento; distinção das partes.

b) *Diagramação* — exposição do raciocínio de maneira visual.

c) *Avaliação* — análise da verdade, validade e solidez do que está sendo dito.

d) *Argumentação* — construção de argumentos lógicos, efetivos de modo eficiente.

4. Resolução de problemas

A resolução de problemas é o método para resolver enigmas complexos.

5. Falácias lógicas formais

As falácias lógicas formais são erros comuns que cometemos ao raciocinar. (As falácias informais podem ser distinguidas das *falácias formais*, que são violações das regras dos silogismos.) Embora as falácias informais abranjam o raciocínio falho, elas não raro são bastante persuasivas. Aqui temos uma amostra de falácias lógicas selecionadas que você, sem dúvida, reconhecerá:

1) Argumento contra o homem (argumentum ad hominem)

Este argumento apela para a personalidade, o caráter ou as características pessoais em vez de tratar das próprias questões.

a) Favorável: Devemos eleger Jack presidente, pois ele parece muito compassivo. (Não interessa aonde suas propostas políticas conduzirão.)

b) Desfavorável: Jovem, você está preso por se parecer com alguém que poderia ter cometido este crime. (Você está preso por parecer culpado.)

2) Falácia da generalização apressada (indutiva)

Argumento baseado na amostra inadequada de exemplos. É também chamado "conclusão precipitada".

a) Certa vez comprei um pneu Goodstone e ele se estragou. Nunca mais comprarei outro pneu Goodstone.

b) Conheci um aluno de ensino doméstico e a gramática dele era ruim. O ensino doméstico é ruim.

c) Conheci um aluno de ensino doméstico que havia memorizado Shakespeare. O ensino doméstico é excelente.

3) Falácia do falso dilema

Este é um argumento que limita a questão a apenas duas possibilidades, quando, na verdade, existem outras possibilidades. (É o chamado raciocínio "ou… ou".)

a) Se você não gosta da escola pública, então terá que enviar seus filhos para uma escola particular distante. (Já ouviu falar de ensino doméstico?)

b) "Dize-nos, pois: que te parece? É lícito pagar tributo a César ou não?" (Mateus 22.17) (Há outra opção: "... Dai, pois, a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus". Mateus 22.21)

4) Falácia da causa falsa (Post hoc ergo propter hoc — literalmente, depois disso, então por causa disso)

a) O galo cacareja toda manhã. Depois o sol nasce. Agora você entende por que os galos são tão importantes?

b) Comi cenouras e cebolas, cenouras e alho, e cenouras e cebolinha. Todos me dizem que tenho mau hálito. Nunca mais comerei cenouras!

5) Falácia do equívoco

Este é o argumento construído a partir do significado ambíguo das palavras.

a) De todas as criaturas na terra, só os homens são racionais. Portanto, as mulheres não são racionais. (A expressão "homens" é genérica, e de modo geral inclui homens e mulheres, a menos que o contexto separe os gêneros. Mas a consciência de gênero desordenada pode tomar a palavra "homens" de modo específico em que esta interpretação é completamente injustificada.)

b) Dê-me uma arma e eu cuidarei de você. (Ele quer dizer: "Protegerei você", ou "Pá! Aí está, já cuidei de você".)

6) Falácia da bagatela

Este é um argumento que evita o sentido óbvio de uma palavra, frase ou detalhe. É o caso dos advogados que levantam objeções sobre coisas de pouca

importância para o assunto em pauta. Alguns a chamam “papo de advogado” ou “ninharia”.

a) Deus ajuda quem serve os outros. Assim, sirva-me um pedaço daquela torta, por favor.

b) Eu não menti quando disse estar sozinho ao pegar a torta. Isso depende do que você quer dizer com “estava” e “sozinho”.

7) Falácia da petição de princípio (Petitio principii)

Este argumento pressupõe a própria coisa que prova ostensivamente. É também chamado “raciocínio circular”.

a) O presidente é inocente porque não é culpado.

b) Pergunta: Como vocês datam os fósseis? Resposta: Os fósseis são datados pelas rochas em que são encontrados. Pergunta: E como vocês datam as rochas? Resposta: As rochas são datadas pelos fósseis nelas contidos.

8) Falácia da composição ou divisão

Argumento baseado na falsa suposição de que as características das partes individuais devem ser também as características do todo e vice-versa:

a) O sódio é um veneno. O cloro é um veneno. Portanto, o cloreto de sódio (sal de cozinha) é um veneno duas vezes mais poderoso.

b) O cloreto de sódio é um sal de cozinha comum e inofensivo. Portanto, o sódio é inofensivo e o cloro é inofensivo.

9) Falácia da pergunta oculta

Argumento que solicita de alguém uma única resposta ao total de duas perguntas: uma pergunta expressa e a outra não expressa. (O argumento também é chamado “pergunta carregada” ou “pergunta complexa”.)

a) Onde você escondeu todos os biscoitos que roubou? (Se respondermos: “Em lugar nenhum”, então damos a entender que

comemos todos. A pergunta separada é: "Você roubou os biscoitos?".)

b) O que acha que a Bíblia ensina acerca dos pires voadores? (A pergunta oculta é: "Você acredita que a Bíblia ensina algo sobre pires voadores?".)

10) Falácia do desvio de atenção

Este argumento nos leva para longe do assunto da discussão original. Em língua inglesa ele é chamado com frequência de "arenque vermelho" — um peixe malcheiroso que leva o predador para o caminho errado.

a) Não posso concordar com sua solução porque jamais concordo com nada do que você diz.

b) Por que eu deveria ler a Bíblia? Eu não quero me tornar um pregador.

11) Apelo à piedade (Argumentum ad misericordiam)

Argumento que apela ao poder do argumentador de suscitar simpatia para manipular outra pessoa.

a) Se você não se casar comigo, vou ficar com o coração partido e me matar.

b) Abortar fetos não desejados é melhor que deixá-los nascer em uma vida não desejada de miséria. (Esta é também a falácia do falso dilema e da questão oculta.)

12) "Prova" pela falha em encontrar evidência contrária.

Trata-se de quando se acredita na veracidade de algo por não encontrar o contra-argumento. É uma forma de apelo à ignorância. Se o argumento deve ser provado, então ele deve ser provado em outras instâncias.

a) Claro que as mulheres podem abortar, pois você não é capaz de achar um só trecho da Bíblia que diga explicitamente que elas não podem.

b) Claro que as mulheres não podem abortar, pois você não é capaz de achar um só trecho da Bíblia que diga que elas podem.

O estudo das falácias é apenas uma parte do estudo da lógica informal, mas quem as manusear bem terá uma vantagem prática, tanto no ensino doméstico quanto na vida após o ensino doméstico.

6. Técnicas de propaganda

Técnicas de propaganda como: "Glória Cinemastarr só usa este perfume, portanto você também deve usá-lo".

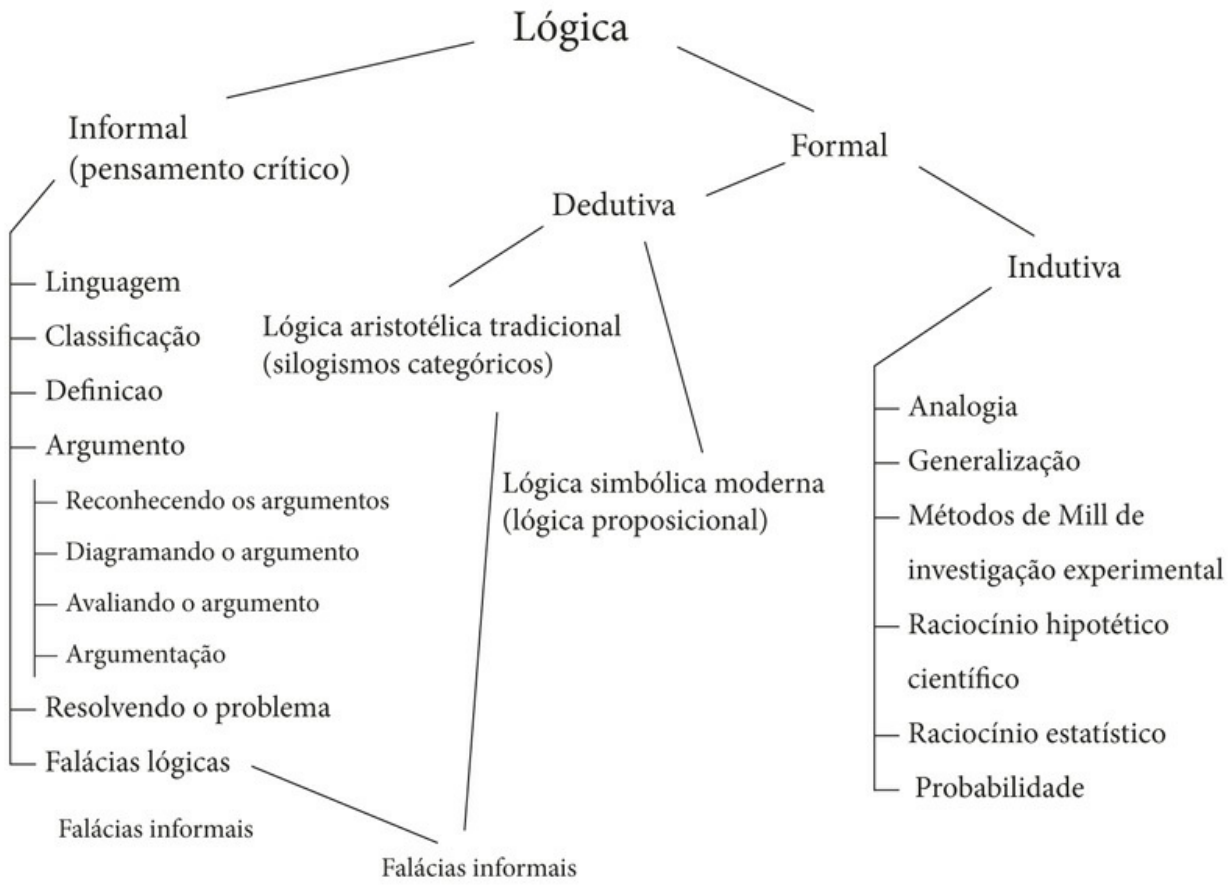
7. Métodos de manipulação

Métodos de manipulação como a diapráxis ou técnica Delphi são vistas na televisão e ouvidas de políticos todos os dias.

Aprender a identificar erros de lógica, como falácias lógicas informais, técnicas de propaganda e métodos de manipulação, muitas vezes se mostram úteis quando avaliamos palavras de políticos, teólogos, encanadores e vizinhos.

A lógica informal se mostrará bastante útil na retórica. Embora a distinção entre a lógica informal e a retórica possa por vezes parecer confusa, o melhor ainda é ensinar os ramos da lógica informal de modo separado.

Ramos da lógica



Sou devedor a James B. Nance por parte desse diagrama.

FIGURA 6A

OBSERVAÇÕES GERAIS PARA O APRENDIZADO DE LÓGICA

Materiais de lógica

O livro perfeito de lógica não foi escrito, mas muitos úteis o foram, e o melhor para um aluno pode não ser para outro. O currículo mais útil de lógica que poderíamos reunir para estudantes do ensino doméstico seguiria a seguinte descrição:

1) Alcança todos os ramos da lógica.
2) É autodidata e contém todas as informações necessárias para o domínio da matéria.
3) É distintivamente cristão, tanto na filosofia quanto nos exemplos.
4) Caminha regularmente para o uso prático das coisas.

Uma vez que nenhum currículo disponível faça tudo isso, devemos combinar o que temos da melhor forma possível.

Orgulho, sarcasmo, cinismo e lógica

Não se estuda lógica para rebaixar outras pessoas e fazê-las se sentirem pequenas. Aprende-se lógica para glorificar a Deus mediante nossas obras. Mostrar aos outros como raciocinar a respeito de determinado assunto ou apontar um erro no raciocínio de alguém são habilidades que ultrapassam a simples mecânica do raciocínio lógico. O currículo de moral deve acompanhar o currículo de lógica. Quem exibe a lógica como um ornamento de orgulho é carnal e não age "a fim de ornarem, em todas as coisas, a doutrina de Deus, nosso Salvador" (Tito 2.10). Essa pessoa é como um anel de ouro no focinho de um porco.

O termo sarcasmo significa literalmente "rasgar a carne", e a lógica aplicada com orgulho tende a fazer exatamente isso. Quando empregamos o sarcasmo debochado na refutação do que supomos serem erros, muitas vezes

provocamos a reação errada nos outros. Na verdade, atacamos com violência a natureza carnal deles e, assim, convidamos sua resposta carnal. Incitamos os outros ao pecado. Há um uso santo do sarcasmo jactancioso (por exemplo, 1 Coríntios 4.8-14; 2 Coríntios 11.1—12.11), mas ele é raro e deve ser manejado com cuidado. Desenvolver um espírito de sarcasmo é em si mesmo uma busca carnal. Quando feito no espírito certo, o estudo da lógica engendra um espírito humilde, e não um orgulhoso.

> Antes da ruína, gaba-se o coração do homem, e diante da honra vai a humildade. Responder antes de ouvir é estultícia e vergonha. [...] O que começa o pleito *parece* justo, até que vem o outro e o examina. [...] não te apresses a litigar, pois, ao fim, que farás, quando o teu próximo te puser em apuros? (Provérbios 18.12,13,17; 25.8).

Recomendamos de coração um estudo da sabedoria de Provérbios, com a memorização apropriada de versículos selecionados como acompanhamento de qualquer estudo de lógica.

À medida que desenvolvemos a habilidade na lógica, vemos o mundo com olhos mais críticos. Não nos satisfaremos mais com o raciocínio superficial. Os argumentos teológicos ou políticos, que antes nos pareciam convincentes, não mais nos satisfarão; na verdade, muitas vezes se mostrarão superficiais. Se formos tentados ao cinismo, devemos refletir no fato humilde de que, no íntimo, não nos encontramos menos propensos ao erro que outras pessoas. Devemos pedir a Deus que nos use para elevar o nível de raciocínio na cultura.

Cadernos de lógica

Todos os alunos deveriam começar um *caderno perpétuo de lógica* no primeiro ano de estudos formais da matéria. O caderno pode incluir coisas como:

a) Regras e as fórmulas aprendidas.

b) Termos técnicos com suas definições.

c) Respostas de testes, problemas, exercícios e provas.

d) Esquemas ou resumos do capítulo de cada livro estudado.

O caderno ajudará os alunos a organizar e reafirmar as informações aprendidas. Anos mais tarde, o caderno servirá como ferramenta prática de referência.

Estudar lógica em conjunto

Embora os alunos possam estudar os materiais sozinhos, acreditamos que seja de grande valia o estabelecimento de um horário regular para que o pai ou a mãe se encontre com o estudante para responder os testes e discutir problemas. Lições em vídeo ou áudio são de mais proveito quando pais e filhos estão reunidos. Três coisas devem ser consideradas:

1) As crianças se sentirão desmotivadas quando encontrarem problemas que não conseguem resolver por si mesmas.
2) Os pais precisam aprender lógica tanto quanto os filhos.
3) Os pais não querem que seus filhos estejam muito mais avançados que eles próprios na matéria.

Assim, os pais podem desejar se envolver nas lições de acordo com a razoabilidade. (Um trocadilho?)

Antes dos 13 anos — foco nas habilidades com a lógica elementar

O homem é um ser lógico, separado de todas as outras criaturas terrenas por sua capacidade de lógica dedutiva. Embora o homem utilize a capacidade para a lógica desde o nascimento, ela se desenvolve lentamente e em etapas. As crianças gozam de habilidades lógicas elementares como reunir coisas, separá-las e colocá-las em ordem. Por volta dos 10 anos, o cérebro começa a desenvolver mais conexões complexas para realizar operações lógicas e esta capacidade continua a se desenvolver até por volta dos 13 anos, quando a criança está no nível de entendimento pleno (ou etapa lógica). Assim, entre os 10 e os 13 anos, os materiais de lógica elementar podem ser usados para

exercitar, desenvolver e aguçar as ferramentas inatas do pensamento da criança. Ela exercita e desenvolve as habilidades de escrita à mão antes de praticar e desenvolver as habilidades de redação. Podemos chamar *habilidades elementares de redação* à escrita a mão e à produção de cópias. Do mesmo modo, ela desenvolve algumas habilidades com a lógica antes de se aprimorar com o raciocínio lógico formal. Nós as chamamos *habilidades de lógica elementar*.

No passado, as habilidades com lógica elementar estavam satisfatoriamente desenvolvidas no ambiente natural do lar. Jogos comuns e atividades cotidianas instigavam a capacidade dos filhos ao pensamento. Damas, xadrez, dominó, jogos de cartas, jogos de formar palavras e de estratégia fortalecem a mente. Ouvir uma conversa instigadora ao pensamento entre adultos não faz menos para ajudar a mente a amadurecer. (Assim, da próxima vez que tiver uma visita, deixe seu filho por perto, em vez de mandá-lo brincar lá fora.) Ler e ouvir boa literatura, não lixo literário, dá à criança uma perspectiva mais ampla e profunda sobre o mundo ao redor. A memorização e narração também exercitam e constroem a mente. (Veja *Dez coisas a fazer antes dos 10 anos*, no Capítulo 11.)

Infelizmente, a suposta cultura da *educação enriquecida* é, na verdade, de baixo nível e a cada dia se torna mais absurda. As coisas que usamos para desenvolver a mente — livros e jogos — foram substituídas por televisão e computador. Nas primeiras fases do desenvolvimento, a imagem opaca bidimensional na superfície de um tubo de raios catódicos não ajuda a desenvolver o cérebro com adequação. Em vez de desenvolver as habilidades lógicas, isso pode atuar de modo bastante oposto, em especial nos primeiros anos. Não somos contra computadores. Escrevemos este livro em um computador. Mas acreditamos que a exposição a computadores e à televisão nos primeiros anos pode ser contraproducente. (Veja o Capítulo 11.)

Algumas coisas devem ter precedência em relação a outras e o tempo de um dia é limitado, de modo que devemos compreender que enquanto nossos

filhos estiverem envolvidos em atividades como selecionar, conectar e ordenar — em nível físico e verbal — eles se desenvolverão de maneira adequada. Em outras palavras, na maioria dos casos, as atividades especiais de formação da habilidade lógica são boas, mas opcionais. No Capítulo 12, discutiremos currículos específicos de lógica elementar e como utilizá-los.

Aos 13 anos e depois

Por volta dos 13 anos (às vezes mais cedo), a criança passa por uma "*espichada*" na capacidade lógica. Trata-se do nível de entendimento pleno (ou etapa lógica). Nos primeiros anos, eles nos impressionavam com as coisas de que se lembravam (e de que nós nos esquecíamos). Agora, eles nos impressionam com as coisas que concluem (e que nós deixamos passar). Esta é a época para mais treinamento formal em lógica. Assim, agarre o momento oportuno para ensinar os adolescentes a pensar. Mas tenha cuidado: eles podem aprender a superá-lo. Portanto, tenha certeza de inculcar nos filhos a polidez e a gentileza, e uma atitude humilde e respeitosa, especialmente em relação às pessoas mais velhas e autoridades.

Roteiro geral de estudo

Currículo de três etapas

O currículo da lógica deveria se estender por vários anos, de forma bastante semelhante com o que acontece com o currículo de matemática. Daremos aqui a descrição breve de um roteiro de estudos para a lógica. Talvez você queira modificá-lo e adequá-lo a seus horários, prioridades e necessidades. Dividimos o roteiro de estudos em três etapas. As divisões das idades são arbitrárias. Pelo fato de a maior parte dos materiais para lógica serem escritos para o ensino superior e pós-graduação, a estratégia aqui é encontrar os materiais mais simples e torná-los mais úteis. Nos Capítulos 13 e 14, discutiremos currículos específicos de lógica e como usá-los.

Primeira etapa: por volta dos 13 anos — foco na lógica informal

Quando o aluno começa os estudos formais da disciplina de lógica, o foco deve estar no entendimento e na avaliação de como nós expressamos a lógica com o vocabulário e a gramática da língua portuguesa. Sugerimos o estudo dos usos lógicos de palavras e expressões, definições e suposições, fatos e opiniões, possibilidades e probabilidades. Ele deve ser acompanhado da pesquisa das características e dos métodos de argumentação, das falácias informais, das técnicas de propaganda e dos esquemas de anúncios.

Todos os tópicos listados até agora são classificados como lógica informal. Embora não recomendemos um curso completo de lógica formal nessa etapa, você pode incluir a introdução elementar aos tópicos selecionados de lógica formal. Apresente, de forma simplificada, a dedução, incluindo o *raciocínio "e, ou, se… então, se, e somente se*" (lógica proposicional) e o *raciocínio silogístico* (lógica categórica). Isso estimulará o apetite do estudante e o preparará para o tópico mais abrangente do raciocínio dedutivo. Pode-se usar também a técnica científica para apresentar ao aluno uma forma simplificada da lógica indutiva.

Embora tudo isso possa ser comprimido em dois anos, é mais confortável estender o período para três anos. (Veja o Capítulo 13 com recomendações mais específicas e a discussão sobre o uso de certos materiais.)

Segunda etapa: por volta dos 15 anos ou depois — foco na prática da lógica.

Uma vez que o aluno tenha se habituado com os ramos da lógica, ele pode se concentrar em ramos específicos. Sugerimos o tratamento cristão completo dos valores e dos usos da lógica, o tratamento completo das falácias lógicas e o tratamento completo da argumentação. Esta pode ser a época para análises específicas sobre a aplicação da lógica a outras disciplinas. Embora a teologia e a filosofia cristãs sejam discutidas nas devoções familiares e na assembleia reunida, o aluno pode se preparar para a pesquisa mais sistemática de alguns ramos dessas disciplinas (por exemplo, epistemologia, hermenêutica, teologia, apologética). Os currículos que aplicam a lógica à história, música ou ao

debate são úteis. Esta etapa pode durar dois anos ou talvez menos. (Veja o Capítulo 14 para recomendações mais específicas e a discussão do uso de certos materiais.)

Terceira etapa: por volta dos 16 anos ou depois — foco nos detalhes mais sutis da lógica.

Depois que o aluno estiver bem embasado nos fundamentos da disciplina lógica e na aplicação da lógica a outras disciplinas, ele pode polir seu entendimento de lógica com o estudo completo da lógica formal (raciocínio dedutivo e indutivo) e a revisão completa da lógica informal. Recomendamos o estudo completo dos silogismos categóricos, o estudo completo da lógica proposicional e a pesquisa completa dos ramos do raciocínio indutivo. Pode-se usar um texto (ou textos) de lógica com um nível mais avançado que faça a revisão completa do campo da lógica e que cubra matérias específicas com mais detalhes. Estudos mais extensivos em teologia e filosofia cristãs podem acompanhar o estudo. Com efeito, ele pode durar dois ou três anos. (Veja o Capítulo 14 para recomendações mais específicas e a discussão do uso de certos materiais.)

ALGUMAS PERGUNTAS

Perguntas: O estudo formal da lógica está ao alcance de pessoas comuns?

Resposta: Usamos a língua todos os dias, mas o estudo da gramática aguça e expande as habilidades de discurso e escrita. Usamos os números todos os dias, mas o estudo da matemática aguça e expande o uso dos números. O raciocínio simples e comum é básico à língua e gramática, básico aos números e à matemática. Usamos o raciocínio todos os dias, mas o estudo da lógica aguça e expande o uso do raciocínio e, portanto, o uso das habilidades de discursar e escrever, bem como o uso dos números. Nessa cultura, uma coisa que nos fará passar de pessoas comuns a extraordinárias é o estudo da lógica. Assim, a resposta à pergunta é: "Sim, a lógica está ao alcance das pessoas comuns". No entanto, uma vez que a alcancem, elas não mais serão comuns. Se não aceitarmos o desafio, não receberemos a recompensa.

Pergunta: Nós não desenvolvemos naturalmente a habilidade de pensar?

Resposta: Desenvolvemos de forma natural as habilidades linguísticas e a habilidade de trabalhar com números, mas algumas pessoas parecem ter mais talento natural nessas habilidades, de modo que se fossem deixadas por conta própria provavelmente as desenvolveriam mais que outros indivíduos. No entanto, o estudo formal tende a tornar as habilidades dos homens mais iguais, conduzindo as pessoas com menos talento natural mais longe que seus talentos as levariam de outra forma. Se tivéssemos de parar o estudar de línguas ou números e deixá-los só para o desenvolvimento natural, deixaríamos de ser uma civilização e nos tornaríamos simples selvagens vivendo nas matas. (Mas isso não duraria por muito tempo. Os selvagens inteligentes construiriam uma civilização em torno de si e de seus talentos superiores, e provavelmente escravizariam quem não estudasse lógica. Talvez isso já tenha acontecido.) O que é verdade para as habilidades da linguagem e dos números também o é para as habilidades da lógica. O aperfeiçoamento dos talentos naturais é parte da cultura. O Senhor Jesus quer que nos

aperfeiçoemos nas graças do espírito e nos talentos da carne, e nós o menosprezamos se negligenciarmos o aperfeiçoamento que ele nos concedeu (Mateus 25.14-20).

Pergunta: Não aprendemos a raciocinar bem lendo apenas livros excelentes escritos por homens excelentes?

Resposta: Os homens excelentes recomendam o estudo da lógica. Seus livros excelentes podem ser mais bem avaliados e seus erros expostos — pois homens excelentes cometem muitos erros — apenas por meio da análise cuidadosa de sua lógica. A lógica desenvolve as ferramentas com as quais se podem analisar as obras de todos os homens, excelentes ou não.

Pergunta: A lógica não foi inventada por um filósofo pagão antigo chamado Aristóteles? Devemos seguir os pagãos?

Reposta: A lâmpada foi inventada por um pagão chamado Edison. Não aceitamos sua filosofia, mas aceitamos a lâmpada como aplicação útil das leis reais do universo de Deus, leis não inventadas por Edison. Do mesmo modo, não aceitamos a filosofia de Aristóteles, mas aceitamos sua ciência descritiva do raciocínio como formulação útil das leis reais do universo de Deus, leis que Aristóteles não inventou. Resgatamos o que for útil em Aristóteles para o serviço de Cristo. No universo de Deus, ele usa pagãos para que, de modo inconsciente, sirvam o povo de Deus.

Pergunta: Quem deve estudar lógica com as crianças: pais ou mães?

Resposta: Pais e mães podem ensinar lógica e eles devem aprendê-la até certo ponto, ainda que não a ensinem. No entanto, o pai é normalmente mais bem equipado com talentos naturais para o ensino da lógica, e no ensino da lógica, seus talentos naturais serão melhorados para o benefício de toda a família. Por fim, a lógica se tornará parte da cultura familiar — todos na casa raciocinarão de modo mais preciso e aplicarão as habilidades de raciocínio de forma contínua — habilidades que adquirirão informalmente antes mesmo do estudar forma de lógica. Quando a lógica em família contagiar os filhos

mais novos, eles serão capazes de aprender com mais facilidade, não só lógica, mas todas as matérias. Contudo, quando você estiver começando, provavelmente o melhor seja colocar a matéria nas mãos de quem tiver mais talento graças a um dom natural. Se o pai não estudou lógica formal antes, ela fará dele um homem, marido e pai melhor; um cidadão, santo e idoso melhor; um trabalhador, chefe e comerciante melhor; e assim por diante.

Capítulo Sete



Ensino de retórica

… homem eloquente e poderoso nas Escrituras [...] porque, com grande poder, convencia publicamente os judeus, provando, por meio das Escrituras, que o Cristo é Jesus.

— Atos 18.24,28

ARGUMENTO PARA O ENSINO DE RETÓRICA

Cada matéria conta com "retórica" própria — a expressão criativa de conclusões bem fundamentadas. Há também uma matéria formal que chamamos *retórica*, que inclui coisas como redação persuasiva e oratória.

Há alguns anos, havia um comercial no rádio para um produto chamado *Verbal Advantage*. Era mais ou menos assim:

> As pessoas julgam você pelas palavras que usa. Para causar uma impressão poderosa, você precisará de um vocabulário poderoso. Você precisa de *Verbal Advantage*.

Bem, essa é uma aplicação oportuna da retórica:

A escolha eficaz das palavras.

O domínio da língua.

A habilidade na elaboração de frases.

Ser claro e preciso na expressão.

Ser ao mesmo tempo certeiro e interessante.

E às vezes:

Ser eloquente, impactante e persuasivo no discurso.

(Quer dizer, tipo, na boa, cara. Tipo, cê sabe.)

Quão importante é a habilidade de se comunicar com eficiência? Sem a comunicação eficaz, nossos princípios culturais, valores e objetivos não seriam transmitidos de uma geração a outra e nossa cultura entraria em colapso. Talvez essa seja uma das razões para as famílias estarem se desintegrando e de a cultura entrar em colapso.

No entanto, esta não é a era da comunicação? Sim, mas o que está sendo comunicado? Esta é a era da comunicação de *massa* e da comunicação *interpessoal*, mas não é a era da comunicação *coerente* das coisas importantes para manter a cultura viva.

A comunicação eficaz é também a ferramenta com que se pode transformar a sociedade e a cultura. No século I, a pregação do Evangelho, acompanhada da graça de Deus, colocou o mundo no rumo certo. No século atual, a pregação da mídia moderna, sob o encanto do demônio, está mais uma vez colocando o mundo de cabeça para baixo. Por que você acha que os comunicadores eficazes de valores tradicionais, conservadores ou cristãos são silenciados na sociedade? Por que se lhes nega audiência? Dizem que são "extremistas perigosos de direita", partícipes de uma "vasta conspiração de direita". Afirmam que não devemos ouvi-los. Por quê? Porque os homens na mídia compreendem o poder da comunicação eficaz. Se dermos ouvidos aos chamados "extremistas", talvez seja interrompida a programação de nossa mente agendada pela mídia. Se começássemos a pensar por nós mesmos, seria perigoso para quem quer pensar por nós.

Se tudo que se tem consiste na gramática e lógica, os propósitos serão frustrados, pois a gramática e a lógica não são objetivas. O mesmo ocorre com o computador: podemos alimentá-lo com dados e processar os dados, mas se eles não saem, não se obtém nada.

No texto sobre as *The Lost Tools of Learning* [*Ferramentas perdidas do aprendizado*], Dorothy Sayers escreveu: "É difícil mapear o programa geral para o estudo da retórica". Estamos plenamente de acordo. No entanto, tentaremos apresentar algumas informações sobre o ensino da retórica.

PRINCÍPIOS PARA O APRENDIZADO DE RETÓRICA

Definição e descrição da retórica

Que é *retórica*? O termo é usado muitas vezes como sinônimo aproximado de sofisma, propaganda, disputa por ninharias ou demagogia, para descrever o discurso político ou o escrito que argumenta de modo admirável ou persuasivo, porém sem sinceridade. Esse raramente é o uso próprio da retórica. (Veja, no entanto, 2 Samuel 15.31,34; 17.5-14.) As palavras gregas *ῥητορικὸς τέχνη* [*rhētorikos tekhnē*] significam literalmente *a arte da oratória*, ou *a habilidade de falar em público* com o escopo de divulgar uma ideia ou causa ao público. Nos tempos antigos, a comunicação efetiva se dava sobretudo por meio do discurso, não da escrita. Quando a invenção da imprensa tornou possível a existência do público mais amplo para a palavra escrita, esta foi alçada ao meio principal de comunicação efetiva. A invenção do rádio, do cinema, da televisão e das gravações de áudio e vídeo aumentou a audiência do discurso em público. No entanto, a escrita permanece a base invisível para a maior parte do discurso público. Com efeito, a escrita pode ser considerada a transcrição do que em outras circunstâncias seria falado. Assim, enquanto a definição clássica da retórica se limitava à *habilidade de falar em público*, a definição moderna é mais inclusiva: *retórica é a arte da comunicação eficaz, da redação competente e convincente, e da apresentação da expressão oral, visual ou escrita*. Isso inclui o estudo de todos os elementos da literatura e do discurso em público, como conteúdo, estrutura, estilo e apresentação. A retórica ensina a compor textos, resenhas e prosa, preparar e fazer discursos, e construir argumentos para participar de debates.

A matéria formal do que chamamos *gramática* envolve a análise de palavras e frases (substantivo, verbo, objeto direto etc.) a fim de que se leia e escreva de modo tecnicamente adequado. A matéria formal, chamada *lógica*, envolve a reunião de palavras em afirmações que tenham sentido lógico para

construir frases com boa forma lógica. A matéria formal do que chamamos *retórica* envolve fazer essas frases assumirem forma clara, atrativa e convincente para que se escreva, fale e argumente de modo incisivo, eloquente e eficaz.

A retórica é de certo modo uma arte. Há princípios que governam o intento de desenhar rascunhos ou fazer pinturas, mas há uma ampla variedade na forma de aplicação desses princípios. O mesmo vale para a retórica. Algumas pessoas têm talentos e dons especiais para o desenho e para a pintura, oratória e escrita, mas quase todas as pessoas podem aprender o suficiente desses princípios básicos para realizar um esforço identificável ou registrar uma mensagem compreensível. Nem todos são chamados a demonstrar alguma habilidade em fazer desenhos, mas todos são chamados a demonstrar alguma habilidade em se expressar, e quanto mais eficiência demonstrar — bem, isso é retórica.

As cinco partes da retórica clássica

Historicamente, o estudo clássico da retórica se divide em cinco partes:

1. *Inventio* — Determinação dos tópicos e argumentos para o discurso e a redação.
2. *Dispositio* — Organização dos tópicos e argumentos.
3. *Elocutio* — Preparação do discurso ou da redação no estilo mais apropriado, atrativo e convincente.
4. *Memoria* — Memorização dos discursos.
5. *Pronuntiatio* — Uso da voz e dos gestos quando se discursa.

Pelos cinco pontos listados acima, podemos ver que a retórica é uma matéria *baseada na saída de informação*. Pelo fato de não negligenciarmos a entrada (gramática) e o processamento (lógica), reunimos, assim, todas as partes necessárias para gerar a saída (retórica). E deve haver muita saída de informação. Ninguém aprende a se expressar por meio da leitura e escrita de resumos de livros. Como a fé sem obras é morta, também o mero

conhecimento teórico, sem a prática real, serve para pouco mais que nada. Espera-se que as árvores plantadas e nutridas por você nos anos anteriores produzam frutos nesses anos de retórica.

As partes da retórica chamadas *inventio, dispositio* e, ao menos em partes, *elocutio* são abordadas em currículos padrões para a escrita de redações. Muitos livros do tipo "Como escrever" podem servir de suplemento para ajudar a aprimorar certos detalhes da redação.

A retórica, porém, vai além da mera escrita. Todo currículo de retórica deve incluir o discurso em público. Aqui, *elocutio, memoria* e *pronuntiatio* se apresentam com papéis importantes. A família e os amigos podem ser o único público disponível, embora um público mais objetivo seja um teste melhor para que se saiba como as habilidades do aluno estão se desenvolvendo.

Algumas observações gerais para o aprendizado da retórica

Seguem-se algumas observações gerais acerca do ensino e aprendizado da retórica. Do Capítulo 11 ao 14 são feitas recomendações e aplicações mais específicas.

1. O desabrochar precoce

Não espere que uma criança na etapa da gramática exiba habilidades da etapa da retórica. Pode haver certo desabrochar precoce nessa fase que demonstre alguma habilidade avançada, mas é comum a desaceleração posterior. Ademais, a última coisa que queremos é desenvolver um prodígio precoce pedante. Habilidades especiais demandam humildades especiais para que o talento não destrua o talentoso. O simples fato de um garoto ser capaz de falar como um homem não significa que ele seja um homem. A maturidade demanda a experiência do tempo. Não foque no desenvolvimento de um único talento especial como se ele justificasse todos os outros desequilíbrios.

> A soberba *precede* a ruína, e a altivez de espírito, a queda (Provérbios 16.18).

> E, para que não me ensoberbecesse com a grandeza das revelações, foi-me posto um espinho na carne, mensageiro de Satanás, para me esbofetear, a fim de que não me exalte (2 Coríntios 12.7).
>
> Não seja neófito, para não suceder que se ensoberbeça e incorra na condenação do diabo (1 Timóteo 3.6).
>
> Pois quem é que te faz sobressair? E que tens tu que não tenhas recebido? E, se o recebeste, por que te vanglorias, como se o não tiveras recebido? (1 Coríntios 4.7).

2. O desabrochar posterior

Os pais devem desenvolver as habilidades retóricas da criança sem exasperá-la. A criança com idade entre 10 e 12 anos pode não demonstrar nenhuma habilidade apreciável para escrever, mas isso não quer dizer que ela não escreverá bem quando tiver 15 ou 17 anos. Acontece — com frequência — o desabrochar posterior. Procure o suficiente para cobrá-lo, mas não para esmagá-lo. Os primeiros anos exigem paciência e confiança, acompanhadas de firmeza e cobrança constante. Escritores relutantes precisam mais de cutucadas e estímulos que de controle e exigências, mas os pais são os melhores juízes para manter o equilíbrio.

3. Preparação dos futuros alunos de retórica.

Eis alguns princípios para preparar os alunos nos primeiros anos para a retórica nos anos posteriores:

a) A criança precisa ter bons fundamentos nos elementos da língua antes de poder utilizá-los de maneira eficiente. Habilidades insuficientes em leitura, escrita e gramática serão estorvos e tirarão o ânimo de escrever. Assim, a base deve estar bem estabelecida no sistema fônico intensivo, na ortografia e na gramática inglesa.

b) O amor ao aprendizado e o sentido de criatividade, desenvolvidos nas etapas do conhecimento (gramática) e do entendimento (lógica) darão os melhores frutos na etapa da sabedoria (retórica). A mente da criança absorve boas habilidades na escrita e na linguagem oral

por meio da exposição regular a elas. O que a criança lê e o que se lê para ela em voz alta, e o que ela vê e ouve, determinarão o que ela escreve e como fala. O que entra na mente dela é, em geral, o que veio do lápis há não muito tempo. Não converse com linguagem infantil. Leia em um nível que esteja um grau acima da plena compreensão da criança. Assista a vídeos e ouça gravações que deem bons exemplos. Desenvolver os interesses especiais do aluno frequentemente alimenta essas qualidades, embora os pais devam procurar o equilíbrio entre os interesses da criança e as habilidades essenciais. Ler boa literatura em voz alta para crianças e limitar a exposição a gravuras — em especial imagens que se movem em tela bidimensional — estimulará "a vantagem verbal" ao mesmo tempo em que repele o apodrecimento do cérebro.

c) Exercício de cópia, ditado, esquematização simples, resumo e narração escrita: todas essas coisas preparam a criança para aprender a escrever com criatividade. Como? Pelo fato de encherem a mente da criança com bons exemplos. Na narração escrita, o aluno lê um parágrafo ou um trecho, em seguida tenta reescrevê-lo com as próprias palavras. Na escrita de resumos, o aluno lê uma passagem e depois tenta tomar nota, de modo breve e conciso, dos principais argumentos do autor. Todas essas atividades buscam treinar pequenas habilidades motoras. Conforme a criança cresce, informe a ela que você espera mais, esquemas mais complexos e detalhados, resumos mais extensos com títulos e subtítulos etc. (Discutiremos essas coisas com mais profundidade no Capítulo 11.)

d) A narração oral, a recitação de cor e a interpretação oral ajudarão no desenvolvimento e aperfeiçoamento da mente e da voz. Na interpretação oral, o aluno aprende a pronunciar as palavras de modo claro e audível, a usar a inflexão e a ênfase corretas e a recitar confortavelmente diante do público, ainda que seja apenas a família.

Esse é um passo elementar para falar em público. (Discutiremos essas coisas com mais profundidade no Capítulo 12.)

e) Escrever cartas e diários é o primeiro passo na redação. Alguns pais não terão nenhum problema em ensinar habilidades elementares de redação, ao passo que outros se sentirão mais confortáveis com o currículo estruturado. Por fim, a criança deve enviar artigos e editoriais para informativos e jornais; inscrever-se em concursos de redação; dar início a um informativo.

f) Apresente ao aluno discursos ao vivo, concursos de retórica, competições de oratória, *toastmasters*,[1] torneios de oratória e debates para alunos de ensino doméstico, e faça com que se acostume com eles. Ensine a ele os modelos pelos quais distinguirá o bom do mau discurso. Na modalidade escrita, por meio da leitura e da produção de cópias, exponha o aluno a discursos clássicos (*A primeira filípica*, de Demóstenes; o *Panegírico*, de Isócrates, *O discurso fúnebre*, de Péricles etc.) e modernos (*A guerra é inevitável*, de Patrick Henry; *O discurso de despedida*, de George Washington, *A cruz de ouro,* de Jennings Bryan. Veja o Capítulo 9 para mais nomes dos discursos antigos.) Alguns discursos modernos estão disponíveis em gravações de áudio e vídeo. Quando tiver estabelecido certa confiança, o aluno abrirá um clube de oratória e de debates ou se juntará a um, entrará em competições de oratória e, mais tarde, de debates.

g) Não o apresente à digitação até que tenha dominado a habilidade de escrever à mão. O processador de texto se tornará, no fim, uma ferramenta inestimável, mas se for apresentado muito cedo, habilidades importantes e necessárias serão subaproveitadas e a ausência delas pode retardar o aprendizado e até mesmo prejudicá-lo seriamente.

h) Enquanto você ajudar seu filho a acumular as ferramentas de que ele precisará para obter boas habilidades retóricas, não negligencie a

lógica. Estimule de forma contínua a aplicação da lógica aprendida a todos os outros estudos e às situações da vida. Se ele analisar, observar ângulos diferentes e ponderar com cuidado sobre as coisas, perceberá que os pensamentos fluem de modo mais fácil, facilitando a expressão dos pensamentos.

4. Aprendizado de retórica pela prática

A etapa da retórica é repleta de produção. O aprendizado é cheio de prática. De muitos modos, a retórica é mais intuída que ensinada. O método de retórica orientado por um projeto pode ser o mais eficiente. O aluno não pode apenas ler um livro e fazer uma prova. Ele deve encontrar vias para a produção frutífera. Pode ser encorajado a entrar em competições de oratória e de redação, em feiras de história, em debates e em coisas do tipo.

5. O trabalho duro trará rendimento no final.

Para algumas pessoas, reunir as palavras com elegância e eficiência demanda pouco esforço, parece-lhes algo tão natural quanto respirar. Para os demais, trata-se de uma habilidade aprendida após repetitivos ensaios e práticas. Os alunos com alguma vantagem natural devem, ainda assim, estudar e treinar para desenvolver a habilidade até o nível de excelência. Os alunos sem a vantagem natural precisarão estudar e treinar com mais intensidade. Mas no final, quem tiver feito todo o trabalho obterá a vantagem real, independentemente de talento natural. Muitos dos mais elegantes escritores e oradores lhe dirão que, quando começaram a escrever ou a falar, suas obras eram uma bagunça lamentável de resmungos sem sentido. Geralmente são necessários muitos anos para o desenvolvimento da habilidade real, da marca e do estilo de expressão, e quem aparenta ser prodigioso na retórica, caso confie apenas no talento natural, acabará sendo ultrapassado por quem, de modo paulatino e constante, se aperfeiçoou enquanto caminhava com lentidão e segurança ao longo do trajeto. Quem caminha devagar e sempre vence a corrida.

6. Princípios bíblicos da retórica

Todos falam, escrevem e argumentam; portanto, bem ou mal, todos fazem uso das habilidades retóricas. O quão bem você fala, escreve e argumenta é a medida externa da habilidade de pensar. Você pode pensar que algumas pessoas pensam melhor do que se expressam, e que outras se expressam melhor do que pensam, mas em última análise, em condições normais, o pensar e o expressar-se se equilibram. Em outras palavras, dedique-se a uma expressão eficiente e você melhorará sua inteligência.

> O sábio de coração é chamado prudente; e a doçura no falar aumenta o saber (Provérbios 16.21).

Dedique-se à inteligência e você melhorará sua expressão.

> O coração do sábio é mestre de sua boca e aumenta a persuasão nos seus lábios (Provérbios 16.23).

Dedique-se a ambas e você se sobressairá.

> Inclina o ouvido, e ouve as palavras dos sábios, e aplica o coração ao meu conhecimento. Porque é coisa agradável os guardares no teu coração e os aplicares todos aos teus lábios (Provérbios 22.17-18).

Não se dedique a nenhuma delas, e ambas decairão.

> Nas palavras do sábio há favor, mas ao tolo os seus lábios devoram (Eclesiastes 10.12).

Alguns podem se sobressair mais na escrita que na fala.

> As cartas, com efeito, dizem, são graves e fortes; mas a presença pessoal dele é fraca, e a palavra, desprezível (2 Coríntios 10.10).

E, com certeza, não devemos colocar a confiança só na habilidade técnica de falar e escrever, mas no Senhor.

> Eu, irmãos, quando fui ter convosco, anunciando-vos o testemunho de Deus, não o fiz com ostentação de linguagem ou de sabedoria. Porque decidi nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo e este crucificado. E foi em fraqueza, temor e grande tremor que eu estive entre vós. A minha palavra e a minha pregação não consistiram em linguagem persuasiva de sabedoria, mas em demonstração do Espírito e de poder (1 Coríntios 2.1-4).

7. Chamado à comunicação

Os cristãos receberam o chamado especial para se comunicar.

> A vossa palavra seja sempre com graça, temperada com sal, para saberdes como deveis responder a cada um (Colossenses 4.6).
>
> Antes, santificai a Cristo, como Senhor, em vosso coração, estando sempre preparados para *responder* a todo aquele que vos pedir razão da esperança que há em vós (1 Pedro 3.15).
>
> Torna-te, pessoalmente, padrão de boas obras. No ensino, *mostra* integridade, reverência, linguagem sadia e irrepreensível, para que o adversário seja envergonhado, não tendo indignidade nenhuma que dizer a nosso respeito (Tito 2.7-8).

Por que os cristãos não se interessariam pela retórica? Temos o mandamento externo e a coerção interna para comunicar a verdade bíblica a todas as áreas da vida. Não devemos depender apenas de nossas habilidades, precisamos fazer bom uso de tudo que nosso Senhor nos dá para promover seus interesses.

8. Estabelecimento de padrões elevados de gramática e lógica

A ciência formal da retórica está fundamentada nas ciências formais da gramática e da lógica.

a) A gramática descobre os fatos e as regras para o uso correto da língua.
b) A lógica descobre os fatos e as regras para o uso correto do raciocínio.

c) A retórica descobre os fatos e as regras para o uso correto da expressão.

Por *uso correto*, queremos dizer *aplicação de acordo com o padrão aceito*. Devemos estabelecer padrões elevados, e depois conformar nosso currículo a esses padrões. E o primeiro padrão do currículo de retórica deve consistir em padrões elevados na gramática e na lógica, pois sem padrões elevados no uso do idioma e do raciocínio, o aluno não terá as ferramentas necessárias para cumprir os padrões elevados da retórica.

9. Padrões para a retórica

Os currículos disponíveis de retórica variam bastante, especialmente em relação à quantidade de conteúdo abordado. Alguns abrangem só a escrita, mas não a oratória. Outros lidam com redação, mas não reveem pontos gramaticais importantes. Assim, você pode precisar complementar seu currículo.

Sugerimos os seguintes modelos:

a) *Precisão nos detalhes*. Na atividade escrita, ou na escrita feita em processador de texto, os erros de ortografia, gramática e pontuação devem ser reescritos até que tudo esteja perfeito. A disciplina em uma área promove a disciplina em outras áreas, ao passo que o desleixo promove o desleixo.

b) *Boa forma*. Estabeleça uma forma — uma maneira de apresentação — que seja a esperada para todo trabalho e a cumpra. A criatividade deve ser sempre demarcada por limites e um deles é a forma. Se o aluno crê poder alterar a forma para um propósito particular, ele deve ter sua permissão.

c) *Pontualidade*. Estabeleça prazos razoáveis e aceite prorrogações apenas por razões extraordinárias. A vida está cheia de prazos e a retórica não deve ser exceção. Punições pelo atraso devem ser estabelecidas de antemão.

d) *Aperfeiçoamento*. Não se pode insistir em fazer que todos os alunos atendam ao mesmo nível elevado de padrões, mas pode sempre insistir no aperfeiçoamento de cada aluno de modo independente do nível em que estejam. Em cada trabalho, diga especificamente onde você espera que o aluno melhore e não fique satisfeito com menos. Vence-se a guerra por meio de uma série de batalhas.

e) *Nada de lógica preguiçosa*. Nunca deixe passar o pensamento vago, a terminologia politicamente correta ou o raciocínio não bíblico. Sempre insista em fazer o aluno refletir nas implicações das afirmações feitas. Quanto mais ele for obrigado a reescrever, mais refletirá com cuidado para evitar reescrever. Não afrouxe nesse ponto.

f) *Crítica*. Sempre que possível, empregue, como juízes independentes, pelo menos o pai e a mãe, talvez os irmãos mais velhos, e outros de fora do círculo familiar imediato. Mesmo os pais habilidosos nas artes e nas precisões da retórica podem se tornar melhores em sendo juízes mais objetivos.

g) *Recompensa*. Escrever bem é uma recompensa em si, que cria satisfação e autoconfiança no aluno. (Veja, não dissemos *autoestima*.) Para o aluno que chegou ao nível de excelência, o louvor dos outros é um estímulo; e também para o professor e para todos os participantes do processo. Assim, você deve encontrar um meio de expor o trabalho excelente de modo que outros possam contribuir para o encorajamento da excelência.

10. Meninos e meninas

A habilidade de falar em público deve ser considerada um objetivo valioso para os alunos, sejam meninos ou meninas. As Escrituras mostram de forma clara e explícita que há situações em que ninguém, homem ou mulher, tem autoridade para falar.

> Foi arrebatado ao paraíso e ouviu palavras inefáveis, as quais não é lícito ao homem referir (2 Coríntios 12.4).

E há situações em que a mulher não tem autoridade para falar.

> Conservem-se as mulheres caladas nas igrejas, porque não lhes é permitido falar; mas estejam *submissas* como também a lei o determina. Se, porém, querem aprender alguma coisa, interroguem, em casa, a seu próprio marido; porque para a mulher é vergonhoso falar na igreja (1 Coríntios 14.34-35).

> A mulher aprenda em silêncio, com toda a submissão. E não permito que a mulher ensine, nem exerça autoridade de homem; esteja, porém, em silêncio (1 Timóteo 2.11-12).

No entanto, há outras situações em que as mulheres são livres — e até mesmo chamadas — para falar.

> E acontecerá nos últimos dias, diz o Senhor, que derramarei do meu Espírito sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos jovens terão visões, e sonharão vossos velhos (Atos 2.17).

> Ele, pois, começou a falar ousadamente na sinagoga. Ouvindo-o, porém, Priscila e Áqüila, tomaram-no consigo e, com mais exatidão, lhe expuseram o caminho de Deus (Atos 18.26).

> Tinha este quatro filhas donzelas, que profetizavam (Atos 21.9).

> Toda mulher, porém, que ora ou profetiza com a cabeça sem véu desonra a sua própria cabeça, porque é como se a tivesse rapada (1 Coríntios 11.5).

Há mesmo situações especiais em que a mulher deve falar:

> Quanto às mulheres idosas, semelhantemente, que sejam sérias em seu proceder, não caluniadoras, não escravizadas a muito vinho; sejam mestras do bem, a fim de instruírem as jovens recém-casadas a amarem ao marido e a seus filhos, a serem sensatas, honestas, boas donas de casa, bondosas, sujeitas ao marido, para que a palavra de Deus não seja difamada (Tito 2.3-5).

Com efeito, o papel materno de principal educadora dos filhos praticamente exige o desenvolvimento de suas habilidades de comunicação.

> Quero, portanto, que as viúvas mais novas se casem, criem filhos, sejam boas donas de casa e não dêem ao adversário ocasião favorável de maledicência (1 Timóteo 5.14).

Escrevemos isso a fim de contestar a ideia de que as meninas não precisam estudar retórica. Embora não sejamos defensores do tipo de cristianismo feminista, somos, contudo, defensores de Cristo e de seu Reino ordenado, e seu Reino é bem servido por mães, esposas e testemunhas bem preparadas para Cristo.

Ditas estas coisas, é necessário notar que, especialmente no discurso, pode ser inapropriado misturar meninos e meninas, exceto no caso de irmãos. Não somos os juízes da questão e cada situação tem circunstâncias especiais, mas Deus honra quem o honra em tudo, e uma maneira de honrá-lo é honrar a ordem por ele estabelecida. Os pais devem ser os melhores juízes do que seria apropriado.

Curso geral de estudos

Discutiremos aqui o curso de estudos de modo genérico. É tarefa de um texto ou currículo de retórica apresentar e explicar as partes da matéria. Discutiremos currículos específicos do Capítulo 11 ao 14.

Antes dos 10 anos — foco no vocabulário

Não há dúvida de que a leitura e a escrita têm importância fundamental, e elas aparecerão na hora certa. A ortografia e a gramática também são fundamentais e precisarão de desenvolvimento contínuo. Mas o vocabulário deve ser enfatizado nos primeiros anos. Ele será o guia da leitura e escrita, ortografia e gramática. Não estamos falando de uma lista abstrata de palavras a serem memorizadas. As crianças desenvolvem um vocabulário ativo vasto e rico do que elas ouvem, em um contexto, depois o repetem na própria conversação. Sim, você pode reforçar isso com exercícios e exemplos, mas a

força dos exercícios não é a mesma do uso regular. De onde obterão o vocabulário? Sobretudo das leituras que você fizer a elas, mas também da escuta de conversas entre adultos, de adultos ensinando na igreja, de fitas de áudio, da recitação de prosa e poesia. Se você puder ensinar uma criança a falar, ler e escrever em uma língua estrangeira (não estamos falando aqui de gramática formal), isso também ajudará muito na construção do vocabulário em português. Daremos mais recomendações específicas e discutiremos essas questões com mais detalhes no Capítulo 11.

Dos 10 aos 12 anos — foco na ortografia e na gramática

Se você tiver construído um bom vocabulário antes dos 10 anos, daí em diante o vocabulário deve tomar conta de si mesmo. (Se você tiver alguma dúvida, tome as medidas adequadas.) Agora o foco deve se voltar para o aprimoramento das ferramentas técnicas de expressão: ortografia e gramática. Se você iniciar a gramática de uma língua estrangeira (como o latim), o vocabulário, a ortografia e a gramática farão progressos imediatos. O aluno deve avançar da recitação de prosa e poesia para sua interpretação oral. Habilidades de digitação devem ser estabelecidas aqui. Assim que o aluno se acostumar com o uso do processador de texto, ele poderá incorporá-lo como uma de suas ferramentas de escrita. Cuide para que ele não utilize o corretor ortográfico para evitar habilidades de ortografia. Ele pode ser utilizado como auxiliar, mas o aluno não deve ser estimulado a confiar plenamente nele. Daremos mais recomendações específicas e discutiremos essas questões com mais detalhes no Capítulo 12.

Dos 13 aos 15 anos — foco na redação, argumentação e discurso.

A ortografia e a gramática devem estar bem controladas e os próprios cadernos dos alunos devem estar repletos de exercícios. No entanto, tenha à mão um bom manual de português e certifique-se de que o aluno saiba utilizá-lo. Seu filho já deve ter feito todos os tipos de pequenos projetos de escrita — talvez alguns maiores, se você o julgou capaz ou se ele, por conta

própria, se sentiu motivado a fazê-los. Mas agora é o momento de começar a exigir projetos regulares de escrita que gradualmente se tornem mais complexos e variados. O discurso formal também deve ser iniciado nessa etapa. Daremos mais recomendações específicas e discutiremos essas questões com mais detalhes no Capítulo 13.

Dos 16 aos 18 anos — foco na pesquisa e no debate

As habilidades de redigir, argumentar e discursar devem estar bem desenvolvidas nessa idade. O aluno já fez todo o tipo de pesquisas, mas agora é o momento de exigir grandes projetos e muito mais produção. Se você decidir alcançar o debate, isso será por si só um grande projeto. (Veja o Apêndice 1, Artigo 15, *Começando um clube de ensino doméstico para o discurso e o debate*.)

Se o aluno tiver estudado gramática a fundo, não haverá a necessidade de gramática formal, a menos que alguma debilidade ainda persista. Entretanto, há certo benefício em ler livros que foquem na correção de erros específicos e comuns — ou de inadequações na expressão — e na formação do estilo de expressão.

O aluno deve começar a ler um manual de retórica e escrever um resumo esquemático de cada capítulo. Você deve estabelecer projetos que correspondam ao material usado.

Na fase do entendimento (ou etapa da lógica), o aluno estudou matérias separadas com o foco em sua lógica. Por exemplo, ele estudou história com foco nas explicações dos acontecimentos e nas relações entre eles. Nessa fase, ele pode escrever um boletim sobre um fato histórico com ênfase na cronologia e geografia. Na fase da sabedoria (ou etapa da retórica), o aluno foca na comunicação e na aplicação prática do que aprende. Por exemplo, ele pode fazer um trabalho de pesquisa sobre história, reorganizando o que aprendeu em uma nova tese e relacioná-la com suas implicações práticas. Ele pode trabalhar de novo o material anterior, criando um documento de

pesquisa sobre as circunstâncias políticas e econômicas que criaram as tensões que culminaram no ocorrido.

A cada ano na retórica, o aluno organizará todo o seu aprendizado — em ciências, lógica, história ou literatura — em vários projetos pequenos e em alguns projetos maiores, desenvolvendo e demonstrando sua capacidade de expressão. O aluno poderia produzir dois ou mais longos trabalhos em diferentes áreas de estudo, ou poderia substituir o debate — ou talvez um concurso mais importante — por um documento de pesquisa. Daremos mais recomendações específicas e discutiremos essas questões com mais detalhes no Capítulo 13.

UMA PALAVRA SOBRE O POLITICAMENTE CORRETO

A guerra cultural de nossos dias está sendo travada também no campo da linguagem. Um dos modos pelo qual isso acontece é o ataque à raça, ao gênero e à condição econômica em nome da defesa da raça, do gênero e da condição econômica. Poucos percebem o poder sutil, porém enorme, do ataque. Quem define os termos vence a discussão. Os inimigos da verdade estão ocupados em redefinir os termos, em construir um muro, e os cristãos estão dormindo no ponto enquanto são levados diretamente à colisão contra o muro. Se permitirmos a redefinição da língua, perderemos. Devemos usar a retórica para sustentar e defender tenazmente a definição cristã de palavras e expressões.

Um exemplo da guerra cultural é o ataque à linguagem de gênero. A invenção monstruosa de termos como *chairperson* e *gingerbread person*[2] é um ataque à mulher em nome de sua defesa. Adão, no estado de pureza, declarou: "Ela será chamada *varoa* (em hebraico, *ishah*) porquanto do varão (em hebraico, *ish*) foi tomada" (Gênesis 2.23). O termo hebraico para mulher (*ishah*) corresponde ao termo hebraico para homem *(ish*) como o português *varoa* corresponde ao termo *varão*. Deus vê a *mulher* no *homem* e criada a partir do *homem*, mas nunca separada do *homem*. Tampouco está o *homem* separado da *mulher*, mas vem à existência por meio da *mulher* (1 Coríntios 11.11,12). O termo hebraico para homem (*ish*, *adam*, *enosh*, *enash*) se refere de forma genérica a qualquer membro da espécie, homem ou mulher (*ish* Gênesis 9.5; *adam* 1.26,27; 2.5; *enosh* 17.23; *enash* Esdras 6.11), a menos que o contexto distinga o masculino (*zakhar*, *zakhur*) do feminino (*ishah*, *neqevah*, *nashim*) (Gênesis 2.23,24; 3.6 etc.). Do mesmo modo, o termo grego para homem (*anthrōpos*) refere-se genericamente a qualquer membro da espécie (Atos 17.30) a menos que o contexto distinga o masculino (*anēr*, *arēn*) do feminino (*gunē, thēlus*) (Mateus 19.5; 1 Coríntios 7.1 etc.).

Sempre que alguém contradiz a verdade, acabará por entrar em contradição. As feministas querem, em um momento, separar os sexos completamente e, no momento seguinte, querem acabar com qualquer distinção entre eles. E por que desejam remover a inclusão da palavra *mulher* do uso genérico da palavra *homem*, mas não dizem nada sobre remover a inclusão do masculino *touro* do uso genérico da palavra *vaca*?

A reconstrução feminista da gramática é uma rebelião contra a gramática de Deus. Embora Deus, de modo bastante claro, movesse profetas e apóstolos para que reinventassem a língua e criassem novas distinções de significado, ele nunca os moveu para reinventarem a língua a fim de distinguir os gêneros do modo feito em nossos dias. A menos que haja, dentro do contexto, a clara diferenciação entre o masculino e o feminino, a palavra "homem" e os pronomes "ele, o" e a contração "dele" são inclusivas do masculino e do feminino e toda mulher deveria se consolar com essa capa protetora. A invenção da chamada linguagem específica de gênero é um ataque às mulheres e deve encontrar resistência em cada confronto. A atenção indevida ao gênero (ou raça e condição econômica) é uma corrupção que cria desarmonia, inveja, rixa e divisão — coisas reprovadas na Palavra de Deus.

> Se, pelo contrário, tendes em vosso coração inveja amargurada e sentimento faccioso, nem vos glorieis disso, nem mintais contra a verdade. Esta não é a sabedoria que desce lá do alto; antes, é terrena, animal e demoníaca. Pois, onde há inveja e sentimento faccioso, aí há confusão e toda espécie de coisas ruins (Tiago 3.14-16).

> Se alguém ensina outra doutrina e não concorda com as sãs palavras de nosso Senhor Jesus Cristo e com o ensino segundo a piedade, é enfatuado, nada entende, mas tem mania por questões e contendas de palavras, de que nascem inveja, provocação, difamações, suspeitas malignas, altercações sem fim, por homens cuja mente é pervertida e privados da verdade, supondo que a piedade é fonte de lucro. De fato, grande fonte de lucro é a piedade com o contentamento (1 Timóteo 6.3-6).

Assim, julgamos que os cristãos não tenham que compactuar com essas criações monstruosas.

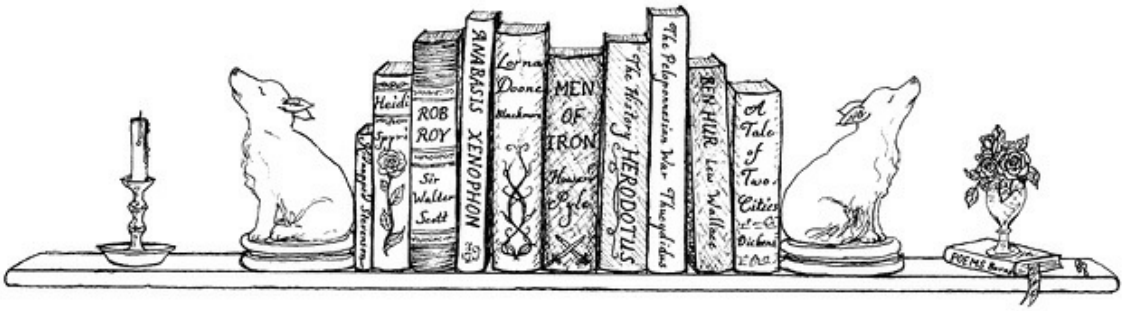
Quando estereótipos são usados de modo apropriado, eles são perfeitamente aceitáveis. Jesus chamava os escribas e fariseus de "hipócritas" (Mateus 23.13 etc.) e Paulo confirmava a opinião comum de que os "cretenses são sempre mentirosos" (Tito 1.12). Enquanto o chamado multiculturalismo (um oximoro) vitupera o humor com estereótipos, ele não tem o menor escrúpulo em estereotipar os cristãos. Assim, ele revela o programa real, e este não é o multiculturalismo. O "confucionismo cultural" (esse é o verdadeiro multiculturalismo) consiste apenas no meio empregado para atingir um fim. O meio é reunir pessoas diferentes em grupos de oposição em relação a certos interesses específicos para depois atiçar um grupo contra o outro — cidadãos mais velhos contra os jovens, minorias contra brancos, trabalhadores contra empregadores. O fim é dividir a sociedade com o escopo de desintegrar a cultura e preparar o caminho para a nova cultura. Assim, quando você for atacado em um manual ou texto de retórica no que se refere à "linguagem estereotipada" e "sexismo" e coisas do tipo, por favor reconheça que essas transformações na linguagem não são impotentes. A própria oposição alega combater o tremendo poder do que chamam linguagem "preconceituosa". Essa nova linguagem altera a estrutura da sociedade e este é um propósito afirmado abertamente que acabará se cumprindo caso permaneça. Temos de levar cativo todo pensamento (2 Coríntios 10.5), assim devemos levar cativa cada palavra que representa muitos pensamentos.

Não devemos permitir a intimidação pelas manipulações linguísticas sutis da guerra cultural. Na verdade, estamos sendo torturados pela distorção das palavras até a própria destruição. A "guerra das palavras" é a guerra das ideias. Devemos reconhecer os falsos conceitos e as razões perversas por trás da escolha das palavras. Precisamos levar cativo todo pensamento à obediência de Cristo. Enquanto eles advogam a corrupção do discurso, devemos recomendar seu aperfeiçoamento. No fim, a guerra cultural será vencida com palavras.

1 Organização internacional organizada em forma de clubes espalhados por vários países que se dedica ao aperfeiçoamento da arte de comunicar-se e de falar em público. [N. do T.]

2 As palavras originais eram *chairman* e *gingerbread man*, compostas com *man*, que significa "homem" em inglês. *Chairman* significa *presidente* e *gingerbread man* é um biscoito com a forma de um homenzinho. Em nome do politicamente correto, substituíram o *man* das palavras por *person*, que significa "pessoa" em inglês, desvinculando-as de qualquer gênero. [N. do T.]

Capítulo Oito



Princípios para o estudo da literatura

Não há limites para fazer livros
— Eclesiastes 12.12

INTRODUÇÃO

Devemos estudar os antigos autores clássicos? Alguns respondem: "Nunca"; outros: "Sempre". As duas respostas estão certas? Se sim, como devemos empreender a tarefa? Antes que possamos responder a essas questões, devemos determinar nossos princípios, valores e objetivos.

Princípios culturais

Que é *cultura*? Cultura é o produto do trabalho e do pensamento de certa comunidade, transmitido ao longo das gerações. Ela inclui costumes, hábitos, tradições, língua, literatura, artes, habilidades, tecnologias, benefícios, filosofias, governos, leis, instituições e que o mais caracterizar as atividades humanas.

O *veículo* principal para a transmissão da cultura é a *língua*. Quando a cultura atinge certo nível de complexidade a ponto de requerer uma *literatura* para se transmitir, podemos classificá-la como *civilização*. O "selvagem" é literalmente *quem vive na selva.* Os que vivem encravados nas selvas, afastados de outras famílias, devem ter certa cultura apenas para sobreviver, porém não precisam da literatura para transmitir sua cultura. Por não dependerem da cultura e das invenções de outros para sobreviver, possuem modos frequentemente mais simples. Podem ser refinados de um modo próprio, mas não são civilizados em sentido cultural.

A principal *instituição* para transmitir a cultura é a *família*. A família transmite os princípios elementares e fundamentais do governo, da religião e da economia para a cultura. Quem educa faz o papel da família.

Quando se mudam os costumes da língua e a natureza da família, altera-se a fundação da cultura. Seus costumes, artes, filosofias, leis e outros terão a essência transformada com a mudança. Portanto, do ponto de vista da transmissão da cultura, deve-se prestar a maior atenção à família e língua.

Alguns argumentam do seguinte modo: “Por sabermos mais que as pessoas do passado, por que devemos perder tempo estudando as coisas do passado?”. Essa é uma perspectiva unidimensional da história. A perspectiva do progresso incendeia as pontes históricas que as sustentam. Elas deixam de ser necessárias.

O argumento carece de amplitude e profundidade. O conhecimento do presente é construído sobre o do passado. Se removermos de todo o passado, retiramos as bases sobre as quais construímos. Se, de certo modo, não *conhecermos* em primeiro lugar os escritores do passado, isto é, suas ideias, não seremos capazes de conhecer *mais* que eles, não teremos como construir sobre as ideias deles. Quando deixamos de conhecê-los, deixamos de conhecer mais do que eles. Não podemos nos elevar acima de seus ombros se não estivermos apoiados neles. Apoiar-se nos ombros deles significa beneficiar-se da cultura, ou seja, beneficiar-se da transferência de conhecimentos acumulados de geração em geração. A cultura civilizada é a cultura construída sobre a literatura.

O homem desprovido de cultura civilizada não tem passado sobre o qual construir. Ele começa do zero. Conta apenas com o presente. Ficou encalhado na selva cultural. É um homem sem civilização. Devido ao fato de ter apagado o passado sobre o qual poderia construir, tornou-se um selvagem, que deve reinventar tudo.

O homem sem cultura não conta com materiais para construir um futuro. Não há progresso sem cultura. É a cultura que nos arrasta. Como a cultura egípcia da época do Êxodo que “não conhecia José”, décadas de educação socialista também varreram nossa cultura e erodiram os fundamentos de muitos absolutos culturais, de modo que se tem hoje uma cultura que *desconhece a realidade*, um sistema político que *desconhece a Constituição*, um sistema econômico que *desconhece o dinheiro real*. Tem-se um cristianismo — ainda que fundamentado na Bíblia — que *desconhece as Escrituras*. E temos famílias que *desconhecem as bases da educação*. A

burocracia e a tecnologia mantêm nossa cultura unida, a única parte que permanece civilizada. Vivemos apenas para servir a nós mesmos. Damos as costas a nossos progenitores e à nossa posteridade. Vivemos só para o presente e, por isso, somos presas culturais de qualquer ave voraz.

O cristianismo bíblico produz a *única* cultura civilizada transmitida por meio de um registro escrito infalível, legado e vivido pelas famílias. É a única cultura que constrói sobre o passado verdadeiro e em direção ao futuro verdadeiro. É a única cultura que serve a Deus com todo o coração, alma e força. Todas as outras culturas falham por se firmarem sobre a areia movediça.

Valores culturais

De modo geral, quanto mais experiências, mais refinados se tornam nosso conhecimento e entendimento. Mas refinar-se não significa necessariamente algo bom. As pessoas podem progredir na justiça e na maldade, e às vezes parece difícil dizer a diferença. Percebe-se com facilidade que o homem que se aperfeiçoa em blasfemar — ou roubar, ou defraudar — progride na maldade. Mas o homem que se aperfeiçoa em mentir, enganar e ser hipócrita ocorre o seguinte: quanto mais progresso na maldade, mais difícil a detecção. O mesmo é verdade em relação às culturas. A cultura que se degenera em idolatria e libertinagem se encontra reconhecidamente em declínio. A cultura que aprimora o engano monetário e a fraude intelectual também declina, mas o declínio só é identificado por pessoas com padrões culturais absolutos pelos quais fazem a medição.

De onde vêm esses padrões culturais absolutos? O humanismo considera o homem a medida de todas as coisas. Mas a Escritura declara que o Senhor, o Criador do homem, revela os padrões para medir o homem e a cultura. Não existe terreno passivo, objetivo ou neutro.

> Quem não é por mim é contra mim; e quem comigo não ajunta espalha (Mateus 12.30).

Também não existe terreno comum:

> Ninguém pode servir dois senhores (Lucas 16.13).

O conceito da existência de terreno comum entre crentes e incrédulos é mentiroso. Graças à providência do Senhor, os incrédulos partilham muitas coisas boas com os crentes.

> ...porque ele faz nascer o seu sol sobre maus e bons e vir chuvas sobre justos e injustos (Mateus 5.45 – compare com Lucas 6.35; Salmos 145.9)

> O qual, nas gerações passadas, permitiu que todos os povos andassem nos seus próprios caminhos; contudo, não se deixou ficar sem testemunho de si mesmo, fazendo o bem, dando-vos do céu chuvas e estações frutíferas, enchendo o vosso coração de fartura e de alegria (Atos 14.16-17).

Todavia, o incrédulo recebe os dons que o Senhor lhe concede e os emoldura na falsa filosofia, na visão de mundo errônea, que deixa o Deus vivo e verdadeiro fora de cena. Seus fatos não são os mesmos que os do homem de fé. Eles podem parecer idênticos na superfície, mas têm significados completamente diferentes, pois são interpretados a partir de estruturas completamente distintas. Não importam as semelhanças superficiais existentes entre eles, lá no fundo a filosofia dos incrédulos os conduz a todas as direções, exceto ao único Deus verdadeiro e vivo. Eles não o amam com todo o coração, alma e força. Sua mente carnal é inimizade (não está *em* inimizade, *é* inimizade) contra Deus e não são capazes de se sujeitarem de verdade à lei divina (Romanos 8.7). Conforme continuam a interpretar suas experiências com base em seus pressupostos — incrédulos, céticos e humanistas — eles se tornam, na verdade, cada vez mais ignorantes — ou seja, constroem cada vez mais interpretações falsas da realidade sobre as quais tropeçam como cegos. Progridem na construção da falsa cultura. Mas quem avalia suas experiências com base nos pressupostos verdadeiros — extraídos da Bíblia — corrige o próprio entendimento cada vez mais para que fiquem

em conformidade com a verdade revelada. Este progride na construção da cultura verdadeira.

Assim, não existe modo lícito de utilizar as obras dos incrédulos? Com certeza existe. Mas o que é comum e impuro deve ser testado e purgado, em primeiro lugar, com fogo e ser purificado com a água purificadora (Números 31.23; Salmos 66.12) antes de ser separado para o uso lícito. Deve primeiramente ser lavado e remodelado para o uso do Mestre antes de ser utilizado "em casa", ou seja, entre cristãos, ou antes de ser usado "fora de casa", ou seja, no evangelismo apologético, convocando o povo do Senhor para sair do mundo.

Objetivos culturais

Não podemos nos comunicar com os mortos, mas eles podem se comunicar conosco.

> Por meio dela, também mesmo depois de morto, ainda fala (Hebreus 11.4).

Quando estudamos a língua e os escritos de quem já morreu, entreouvimos suas conversas e aprendemos a entender seus pensamentos. A cultura civilizada é o corpo de conhecimento, entendimento e sabedoria acumulado e difundido de geração em geração como pressupostos. Esse corpo de conhecimento reunido constitui o tecido da cultura. As práticas dos membros de uma sociedade são determinadas pela cultura. Quanto mais comunicarmos o conhecimento e os pressupostos da Escritura, mais nossa sociedade estará permeada de ideias bíblicas e mais unida por seu intermédio. Quanto mais os cristãos falharem em comunicá-los, mais ela perderá o sal do seu sabor e deixará de ser útil para algo além da sua rejeição e pisoteio pelos pés dos homens.

Quando Israel falhou em transmitir a cultura que lhe havia sido revelada por Moisés, o Senhor os mandou para o cativeiro. Seguindo-se ao decréscimo do conhecimento das Escrituras nos Estados Unidos, os valores de outras

culturas — em particular os da cultura humanista — preencheram o vácuo, esmagaram a cultura cristã e passaram a residir temporariamente sobre seu túmulo.

Que restou da tradição cristã? Não nos devemos comprometer apenas com a tradição. Nunca se deve permitir que a tradição se sustente pela própria autoridade. A cultura que se mantém unida apenas pela tradição — mesmo que a tradição reflita as Escrituras — está condenada a desabar. A cultura deve ser continuamente formada pela autoridade das Escrituras ou, no fim, morrerá e se tornará um fóssil ou vai apodrecer e se desintegrar. Muitas instituições nos Estados Unidos, como as igrejas, antes formadas e corrigidas pelas Escrituras, afastaram-se da autoridade delas, transformaram suas tradições bem cuidadas em fósseis ou apodreceram devido à corrupção interna.

A tradição é o veículo que nos trouxe ao longo do tempo até onde nos encontramos. No entanto, nossa filosofia não deve ser: "Isso parecia funcionar no passado, então vamos voltar a ele". Não precisamos lançar fora a tradição, precisamos testá-la continuamente pelas Escrituras. Podemos ganhar muito quando revisamos as tradições do passado cultural, mas só se formos capazes de discernir os princípios testados e verdadeiros representados na cultura. Quando esses princípios são aplicados de forma adequada, consistente e vigorosa ao longo do tempo, eles podem criar uma força contrária irresistível.

E em relação à tradição literária? Nossa literatura é nossa história, mas só se a lermos. Se deixarmos de lê-la, deixamos de pertencer a ela. A geração atual foi cortada da história ao ser privada da literatura. Esta geração não consegue lê-la porque não consegue ler nada, pois foi tirada das prateleiras e porque o conhecimento geral de sua existência foi retirado da cultura. Ou pior ainda, a história que lhe é ensinada consiste no produto da imaginação de engenheiros sociais. Podemos rir dos mitos não históricos dos antigos, mas nossa cultura órfã inventou e ensinou a si mesma seus próprios mitos não

históricos. Roma contava com o panteão de deuses e religiões autorizadas, mas nós temos nosso panteão da evolução e dos professores autorizados. A única maneira de nutrir a realidade histórica é se alimentar do registro do passado, mas é preciso lidar com o passado da maneira certa.

Devemos deixar que os mortos falem conosco. Eles têm lições valiosas para nos passar, basta que queiramos escutá-los. Contudo, as palavras deles devem ser testadas diante do tribunal da Palavra de Deus. Devemos respeitar nossos ancestrais, mas não devemos adorá-los. Podemos ouvir a tradição, mas não se deve canonizá-la. Se utilizarmos bem as palavras deles, se as purificarmos e lhes dermos o uso lícito, poderemos construir a civilização que honra nosso Senhor. Mas não devemos ousar utilizar as palavras deles fora do juízo e da purificação feitos pela Palavra.

Como devemos lidar com outras culturas?

Se o cristianismo bíblico é a única cultura verdadeira, como devemos lidar com outras culturas a serem encontradas na literatura? Nas Escrituras, há muitos exemplos de encontros cristãos com a cultura grega. Talvez o mais notável seja o do apóstolo Paulo na cidade de Atenas, registrado em Atos 17.16-34. Examinemos esse registro com cuidado e vejamos que lições podemos extrair dele.

PAULO EM ATENAS

> [17.16-17] Enquanto Paulo os [Silas e Timóteo] esperava em Atenas, o seu espírito se revoltava em face da idolatria dominante na cidade. Por isso, dissertava na sinagoga entre os judeus e os gentios piedosos; também na praça, todos os dias, entre os que se encontravam ali.

Atenas era o centro intelectual e religioso do mundo antigo. Petrônio, um contemporâneo de Paulo, notou com um gracejo: "Nosso país está tão repleto de divindades, que é possível alguém se encontrar mais frequentemente com um deus que com um homem" (*Sátira,* 17). Pausânias disse: "Não havia outro lugar em que se pudesse ver tantos deuses" (*In Attica*, 17.24). (Compare com Cícero, *De Responsis Aruspicum*; Xenofonte, *De Athen. Polit.*) Atenas era o ápice da cultura humana. Com efeito, todo o mundo civilizado falava a língua de Atenas: o grego. Se o homem, por meio da sabedoria, pudesse encontrar a Deus, não há dúvidas de que o teria feito em Atenas.

Paulo foi deixado sozinho em Atenas. Ao ver a graça magnífica e a bela forma da arte exibida por toda a cidade — estátuas, altares, santuários e templos — Paulo foi movido a desenvolver uma profunda e completa apreciação pela mais alta cultura grega? De modo algum. Em vez disso, seu espírito se agitou muito dentro dele — ele sentiu-se muito provocado — contra a representação dessas coisas: blasfêmia idolátrica, ignorância sem fim, deformidade intelectual e depravação moral. Idolatria é a devoção a qualquer coisa que ultrapasse a devoção exclusiva ao único Deus vivo e verdadeiro. E a idolatria leva inevitavelmente à distorção e degradação. O lugar correto da arte é servir ao verdadeiro Deus e purificar a natureza humana.

A primeira reação de Paulo a essa idolatria foi entrar no discurso racional (διαλέγομαι: experiente habilidade na arte do diálogo que tira respostas de um oponente a fim de provar uma conclusão). Ele debateu com judeus no sábado e com os gentios na praça do mercado nos outros seis dias. Assim, ele confrontou a idolatria mais bruta dos gentios, que adoravam ídolos, e a

idolatria mais refinada dos judeus, que estavam curados dos ídolos, mas adoravam sua nacionalidade — o ser judeu —, sua tradição.

> [17.18] E alguns dos filósofos epicureus e estóicos contendiam com ele, havendo quem perguntasse: Que quer dizer esse tagarela? E outros: Parece pregador de estranhos deuses; pois pregava a Jesus e a ressurreição.

Paulo precisava confrontar mais um tipo de idolatria: a da filosofia — o culto ao homem, em nível individual e coletivo. Os *epicureus* (seguidores de Epicuro, 341-270 a.C.) diziam que os deuses existiam só nominalmente, mas negavam-lhes o exercício de algum poder no mundo. Negavam a ressurreição e a imortalidade da alma e afirmavam que o bem principal da vida era satisfazer os apetites dos sentidos. Os *estoicos* (seguidores de Zenão, 334-262 a.C.) afirmavam que todas as questões humanas eram determinadas pelo fado, acreditavam em um deus criador, não negavam a existência dos deuses, mas não acreditavam que os homens recebessem algum benefício deles. O bom homem era tão bom quanto qualquer deus. A virtude consistia em sua própria recompensa. Também negavam a ressurreição, mas defendiam a imortalidade da alma. Muito provavelmente os *acadêmicos* (seguidores de Sócrates e Platão) e os *peripatéticos* (seguidores de Aristóteles) também estavam presentes, mas os epicureus e os estoicos eram os mais numerosos e suas filosofias, as mais opostas ao Evangelho. Eram os saduceus e fariseus do mundo grego.

Quando epicureus e estoicos confrontaram (συμβάλλω: fizeram guerra com, Lucas 14.31) Paulo na praça do mercado de Atenas, chamaram-no desdenhosamente de *spermologos* (σπερμολόγος: coletor de sementes). *Spermologos* era o nome de um pequeno pássaro, parecido com um corvo ou uma gralha, conhecido pelo grasnado incessante e que sobrevivia catando sementes pelos caminhos. Esse nome era dado a pessoas que, sem ordem ou método, coletavam os ditos de outros e os repetiam a terceiros do mesmo modo que os haviam colhido, sem ordem ou método. Aparentemente, os

argumentos de Paulo careciam tanto da arte grega da retórica que soaram uma mistura desordenada aos filósofos. Em si, isso não era nenhum crime. Na verdade, os atenienses gostavam muito de novas histórias. Entretanto, a lei romana proibia estritamente a proclamação de divindades estrangeiras sem a licença do senado por decreto: *religio licita*. (Compare Atos 16.21; Tertuliano, *Apologia*, 5: "... ninguém deveria ser consagrado deus por um imperador até ser aprovado pelo senado". Eusébio, *História Eclesiástica*, livro 2, seção 2: "... ninguém poderia ser considerado deus pelos romanos senão por voto e decreto do senado". Cícero, *De legibus*, livro 2, capítulo 8: "Ninguém deve ter deuses próprios ou novos a menos que sejam publicamente permitidos".)

Theos (θέος: deus) se referia a um deus por natureza. *Daimonion* (δαιμόνιον: demônio) se referia a um homem deificado. "Rômulo, pai Baco, com Castor e Pólux, por seus serviços eminentes, foram recebidos nos templos dos deuses". (Horácio, *Segunda Epístola*, 1.5) Pelo fato de Paulo lhes proclamar o Evangelho de Jesus, um homem ressurreto e elevado ao trono de Deus, os filósofos acusaram Paulo de introduzir "demônios" estrangeiros. Para o grego isso soava como a deificação do herói, o "demônio" novo e estrangeiro. Estranhamente, Paulo recebeu oposição por seu *a*teísmo mais tarde em Éfeso (Atos 19.26); aqui a oposição foi pelo *neo*teísmo.

Paulo deve ter ouvido com cuidado os argumentos de epicureus e estoicos, pois o argumento que estava prestes a dar diante do tribunal ateniense contradizia as filosofias deles. Com efeito, usava os ídolos e poetas deles para lhes provar seus argumentos.

> [17.19, 20 Então, tomando-o consigo, o levaram ao Areópago, dizendo: Poderemos saber que nova doutrina é essa que ensinas? Posto que nos trazes aos ouvidos coisas estranhas, queremos saber o que vem a ser isso.

Paulo foi agarrado e conduzido ao Areópago, o supremo tribunal de Atenas. O tribunal se reunia oficialmente à noite para não se perturbar com a visão do acusado. Era estritamente proibido aos defensores qualquer discurso

que movesse os membros do Areópago à piedade ou paixão; estavam restritos a apresentar os fatos e suas relações. As partes se encontravam sob juramento de dizer a verdade, invocando imprecações horríveis sobre si mesmas e sobre as próprias famílias caso cometessem perjúrio, invocando as fúrias para que fossem testemunhas. Os juízes expressavam as decisões lançando pedrinhas nas mesas, uma para absolvição, outra para condenação. A justiça era tão estrita e imparcial que o acusador e o réu nunca ousavam questioná-la. Aparentemente, foi concedida a Paulo a "audição" para determinar se alguma acusação formal seria feita contra ele.

> [17.21] Pois todos os de Atenas e os estrangeiros residentes de outra coisa não cuidavam senão dizer ou ouvir as últimas novidades.

Os atenienses mostravam um grau notável de atitude cosmopolita pelo fato de quererem saber de todas as novidades que apareciam. Quem está bem fundado na verdade não tem esse tipo de preocupação, pela simples razão de saber que não há nada novo, apenas novas versões das coisas antigas (Eclesiastes 1.9; 3.15; 7.10), e seus passatempos são melhores.

> Portanto, vede prudentemente como andais, não como néscios, e sim como sábios, remindo o tempo, porque os dias são maus (Efésios 5.15-16).

Os dias maus vão consumi-lo se não os aproveitar bem. Você pode ser consumido pelas novidades, ou, de modo semelhante, pelas velharias que lhe pareçam novas.

> [17.22, 23] Então, Paulo, levantando-se no meio do Areópago, disse: Senhores atenienses! Em tudo vos vejo acentuadamente religiosos; porque, passando e observando os objetos de vosso culto, encontrei também um altar no qual está inscrito: AO DEUS DESCONHECIDO. Pois esse que adorais sem conhecer é precisamente aquele que eu vos anuncio.

Paulo parece cumprimentá-los de certa forma pela religiosidade.

Ecumênio indica que a inscrição completa no altar poderia ter sido:

θεοῖς Ἀσίας καὶ Ἐυροώπης καὶ Λιβύς, θεῷ ἀγνώστῳ καὶ ξένῳ.

Aos deuses da Ásia, da Europa e da África: ao deus desconhecido e estrangeiro.

Apolônio de Tiana, contemporâneo de Paulo, tomou notas dos altares que traziam a inscrição:

ἀγνώστοις θεοῖς.

deuses desconhecidos

Luciano usa este juramento:

νὴ τὸν ἀγνώστον τὸν ἐν Ἀθῆναις.

Eu juro pelo (deus) desconhecido em Atenas.

E declara:

ὑμεῖς δὲ τὸν ἐν Ἀθῆναις ἀγνώστον ἐφευρόντες καὶ προσκυνή σαντες, χεῖρας εἰς οὐρανὸν ἐκτείναντες.

Nós encontramos o deus desconhecido em Atenas e o adoramos com nossas mãos estendidas ao céu.

(*Philopatris*, 13.769; 29.180.) (Os altares também são mencionados por Filóstrato, *Apollon.* 6.3; Pausânias, *Attica* 1.4; Minúcio Félix; Tertuliano.) Epimênides sugeriu aos atenienses a construção de estátuas a "deuses desconhecidos".

Os judeus consideravam o nome de Deus inefável — seu nome não deveria ser conhecido e nem pronunciado. Os gentios chamavam o Deus dos judeus de πάγνκρυφος, "o totalmente oculto".

Era uma ofensa capital apresentar uma divindade nova. O argumento de Paulo é um elegante aspecto legal: não se tratava de nenhum Deus novo. Eles já o reconheciam entre seus altares, pelo menos de modo formal. Mas era um

Deus ainda desconhecido para os atenienses. Em breve eles receberiam o conhecimento, por meio de Paulo, e pelo qual se tornariam responsáveis.

> [17.24-25] O Deus que fez o mundo e tudo o que nele existe, sendo ele Senhor do céu e da terra, não habita em santuários feitos por mãos humanas. Nem é servido por mãos humanas, como se de alguma coisa precisasse; pois ele mesmo é quem a todos dá vida, respiração e tudo mais.

Ao proclamar o Deus que fez todas as coisas, Paulo contradisse os epicureus, crentes que o mundo havia evoluído a partir da combinação aleatória de átomos. Ao alegar existir um só Deus eterno, Senhor de todas as coisas, Paulo contradisse o politeísmo. Ao alegar que o Criador não habita em santuários sagrados como os que os circundavam Atenas, Paulo contradisse a idolatria. Ao afirmar que o verdadeiro Deus era soberanamente independente e não precisava de nada dos homens, Paulo contradisse as falsas formas de adoração. Por fim, ao alegar que Deus concedeu vida a todos, Paulo contradisse as falsas filosofias da independência humana de Deus.

> [17.26] de um só fez toda a raça humana para habitar sobre toda a face da terra, havendo fixado os tempos previamente estabelecidos e os limites da sua habitação.

Ao alegar que todas as nações provêm de uma única linhagem, Paulo contradisse o conceito ateniense de que eles consistiam em uma raça de homens separada e que deviam tudo a si próprios. Deus não só fez todas as nações, como também predeterminou onde e quando deveriam existir (Gênesis 9.25—11.9). Portanto, o rechaço da conquista persa pelos gregos, a conquista grega do mundo e a conquista romana sobre os gregos: tudo havia sido predeterminado pelo Deus de Paulo.

> Quando o Altíssimo distribuía as heranças às nações, quando separava os filhos dos homens uns dos outros, fixou os limites dos povos, segundo o número dos filhos de Israel (Deuteronômio 32.8).

Em outras palavras, o Deus de Paulo está no controle de todos os aspectos, desde o menor — a vida e o respirar de cada homem — até o maior — impérios mundiais. Este é o único Deus Criador, soberano e onipotente, possuidor de todas as coisas e, portanto, a quem todas as coisas são devidas. Deus, não o homem, é a medida de tudo. Paulo argumenta contra o fado estoico e o acaso epicureu, e a favor da total responsabilidade humana.

> [17.27] Para buscarem a Deus se, porventura, tateando, o possam achar, bem que não está longe de cada um de nós.

Paulo diz que, embora Deus esteja ali, os sábios atenienses, que o chamam "Deus desconhecido", tropeçam eternamente na escuridão, tateando em busca do que são incapazes de encontrar.

> O caminho dos perversos é como a escuridão; nem sabem eles em que tropeçam (Provérbios 4.19).

Eles estavam procurando em todos os lugares errados. Eles conheciam Deus, mas não o conheciam *como* Deus.

> Porquanto, tendo conhecimento de Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças; antes, se tornaram nulos em seus próprios raciocínios, obscurecendo-se-lhes o coração insensato. Inculcando-se por sábios, tornaram-se loucos e mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível, bem como de aves, quadrúpedes e répteis (Romanos 1.21-23).

Ademais, sem a Revelação de Deus, nunca serão capazes de encontrá-lo.

> Mas, se andar de noite, tropeça, porque nele não há luz (João 11.10).

Por fim, o Deus de Paulo assinala o tempo e o momento para que todos verdadeiramente o busquem e encontrem.

> Desvendando-nos o mistério da sua vontade, segundo o seu beneplácito que propusera em Cristo, de fazer convergir nele, na dispensação da plenitude dos tempos, todas as coisas, tanto as do céu, como as da terra; nele, digo, no qual fomos

> também feitos herança, predestinados segundo o propósito daquele que faz todas as coisas conforme o conselho da sua vontade (Efésios 1.9-11).

A afirmação de que Deus é uma Pessoa separada da criação, embora intimamente em contato com ela, contradizia o panteísmo dos estoicos.

Embora Deus não esteja muito distante de cada homem, as coisas criadas constituem tudo que o homem é e possui, e Deus não se tenha deixado sem testemunho de si mesmo para eles (Atos 14.15-17), os pagãos nunca podem encontrá-lo. Eles carecem da revelação interna e externa (2 Coríntios 4.6; Efésios 5.8; 1 Pedro 2.9).

> [17.28] Pois nele vivemos, e nos movemos, e existimos, como alguns dos vossos poetas têm dito: Porque dele também somos geração.

Os estoicos eram panteístas, acreditavam que Deus era tudo em tudo. Paulo contradisse isso ao afirmar que Deus criou tudo de forma separada de si mesmo e que tudo estava nele. A existência de tudo dependia de Deus e se ele cessasse de comunicar a existência, todas as coisas deixariam de existir. Paulo usou os poetas religiosos deles para sustentar sua afirmação.

Alguns afirmam que a expressão "Porque nele vivemos, e nos movemos, e existimos" é uma citação poética de Epimênides (acerca do qual discutiremos mais adiante). Não nos chegou nenhum manuscrito de um poeta grego que tenha dito isso, a afirmação não segue a forma poética grega, e a conexão com Epimênides é bastante conjectural. Talvez nas discussões na praça do mercado de Atenas, ou em observações feitas anteriormente por outros no Areópago, Paulo tenha ouvido uma expressão similar. Talvez ela pertencesse a um poeta grego. Talvez ele a tenha reformulado aqui para servir a seus propósitos. Talvez.

Paulo não esmagou os gregos com o conhecimento da filosofia deles, mas sabia o suficiente para se dirigir a eles com o que precisavam ouvir do modo

que precisavam ouvi-lo. Paulo parece ter citado seus interrogadores quando declarou: “Como também alguns dos vossos poetas têm dito”.

τοῦ γὰρ καὶ γένος ἐσμέν

pois nós também somos do meio de sua descendência.

Essa frase corresponde, palavra por palavra, à primeira metade do quinto verso de um *hemiepes* chamado “Hino a Zeus (Júpiter)” encontrado em Τα Φαινόμενα (5), poema astronômico escrito por volta de 270 a.C. por Arato, nativo de Solis, cidade da Cilícia — não distante de Tarso, onde nasceu Paulo. Expressão semelhante (ἐκ σοῦ γὰρ γένος ἐσμέν) é atribuída ao “Hino a Jove (Júpiter)” (5), escrito por Cleantes de Assos (300-220 a.C.), que ensinava em Atenas e sucessor de Zenão, fundador dos estoicos. Expressão semelhante é encontrada em Arato, o Astrônomo, no poeta Homero e em outros textos. Nós, na verdade, enfaticamente *não* somos da descendência de Júpiter, como Arato e outros afirmavam. Paulo não atribuiu nenhuma autoridade à citação em si, mas a reformulou para que servisse a seu propósito. É exatamente isso que os cristãos devem fazer com tudo que usam do mundo: devemos reformular de acordo com a visão de mundo cristã para servir a nossos propósitos. O propósito de Paulo era apontar para o sentimento — existente até mesmo entre os pagãos — de que todos nós estamos ligados à divindade por meio da criação. Neste incidente, foi útil ao propósito de Paulo fazer uma citação fora do contexto.

Há outra passagem em que Paulo afirma citar um autor grego. Em Tito 1.12, ele aparentemente citou o poema intitulado “Κρητικά”, “*Quanto aos oráculos*”, escrito por volta de 500 a.C. pelo profeta pagão e adivinho Epimênides, por nascimento um cretense da cidade de Cnossos. É um verso hexâmetro citado por Calímaco no “Hino a Zeus” (5.8) e em outros textos.

εἶπέν τις ἐξ ἴδιος αὐτῶν προφήτης

> Κρῆτες ἀεὶ ψεῦσται, κακὰ θηρία, γαστέρες ἀργαί. — Tito 1.12
>
> Certo alguém dentre eles, um profeta deles próprios, disse,
>
> Cretenses são sempre mentirosos, feras más, glutões preguiçosos.

Esta era a reputação de Creta em todos os lugares, de modo que "κρητίζειν", "agir como um cretense", significava mentir. Esse dito se tornou um enigma silogístico muito comum chamado "Os mentirosos".

> Epimênides disse: "Todos os cretenses são sempre mentirosos".
>
> Epimênides é cretense.
>
> Portanto, Epimênides afirma sempre mentir.

Se nós acreditamos no que Epimênides diz sobre o fato de os cretenses serem mentirosos, então não devemos acreditar no que Epimênides alega sobre o fato de os cretenses mentirem.

Mas se não acreditamos no que Epimênides diz sobre o fato de os cretenses mentirem, então devemos acreditar no que Epimênides alega sobre o fato de os cretenses serem mentirosos.

Paulo solucionou o enigma do único modo possível, ou seja, não declarando a honestidade de Epimênides, apenas que "esse testemunho é verdadeiro", mudando o foco para o dito e não para o mensageiro. Os cristãos devem sempre fazer isso com todas as informações emitidas por visões de mundo não cristãs. Elas são todas, quanto ao caráter, mentirosas e o que dizem é mentira por sua conexão com a cosmovisão falsa, mas podemos convertê-las em verdade colocando-as no devido lugar de acordo com nossa visão de mundo — a realidade. Em outras palavras, a estrutura dá a cada palavra, fato ou mensagem o valor absoluto de verdade. O fato de cachorros abanarem o rabo é uma mentira em qualquer estrutura de interpretação que não a cristã. A estrutura cristã diz que os cães foram criados para agir assim

para a glória de Deus (entre outras coisas). A estrutura naturalista alega que eles evoluíram até esse ponto devido ao acaso e são quimicamente determinados para agir dessa maneira sem qualquer relação com um fim último. A estrutura agnóstica diz que nós não sabemos como isso acontece nem o motivo: apenas acontece. Assim, como o incrédulo diz que o cachorro abana o rabo, nós o interpretamos com base em nossa estrutura e concordamos formalmente com sua verdade. Mas quando nós colocamos a declaração na estrutura do incrédulo, ela se torna, com efeito, uma mentira. Não existe evolução do abano do rabo do cachorro por determinação química, nem abano do rabo do cachorro por razões completamente inexplicáveis. Há apenas o cachorro criado por Deus e que abana o rabo. Tudo que não é compreendido na relação com Deus é mentira. O ensino de qualquer coisa — independentemente de quão inofensivo possa parecer — caso exclua a relação com Deus é mentira. A composição de um livro sobre educação clássica que exclui a relação com Deus, é mentira.

Partindo da cosmovisão cristã, quando o cretense Epimênides afirmou que os cretenses são mentirosos, ele apontou para a contradição inerente em qualquer visão de mundo não cristã. No entanto, quando reinterpretados segundo a cosmovisão cristã, Epimênides e os cretenses são mentirosos e, com efeito, todos os homens na condição caída são sempre mentirosos que caminham nas trevas (Salmos 58.3; 62.9; 116.11; Romanos 3.4; 1 João 1.6).

A sofisticação é apenas uma falha para criar essa distinção por meio da criação da chamada zona neutra de providências compartilhadas e de fatos "não interpretados". Mas, na verdade, os fatos são interpretados como neutros! A mentira é não haver diferença entre um fato na cosmovisão cristã e em qualquer outra visão de mundo, como se tudo fosse relativo. Não. Qualquer forma de conhecimento do incrédulo em relação a Deus é suprimida (Romanos 1.18,19). Há uma perspectiva absoluta, e Deus comunica sua perspectiva absoluta conosco por meio da Palavra, e nós

passamos a vida interpretando o mundo de acordo com a perspectiva da Palavra, não de acordo com a perspectiva da palavra de outra pessoa.

"Cretenses, sempre mentirosos" (Tito 1.12) é a única passagem em que Paulo identifica suas palavras como citação de um poeta ou profeta pagão. "Pois dele também somos geração" (Atos 17.28) é, com maior probabilidade, uma citação que Paulo faz de seus interrogadores, embora isso seja discutível. Há outra passagem (1 Coríntios 15.33) que muitos acreditam ser Paulo citando um poeta grego.

> Φθείρουσιν ἤθη χρηστὰ ὁμιλίαι κακαί — 1 Coríntios 15.33
>
> Más companhias corrompem os bons costumes.

Essa parece uma citação de Menandro, o poeta cômico, que provavelmente extraiu a expressão de Eurípedes.

Há algumas outras passagens que por vezes são consideradas citações ou alusões feitas por Paulo:

- *De autores gregos* (1 Coríntios 9.16 — Sócrates; 12 — Menênio Agripa; 1 Timóteo 6.10 — Bíon, Demócrito ou Diógenes o Cínico etc.)
- *De apócrifos judaico-gregos* (1 Coríntios 6.2; Efésios 6.11.13; Romanos 9.21 — Sabedoria de Salomão 3.8; 5.17; 15.7).
- *De pseudepígrafos judaicos* (Gálatas 5.6; 6.15; 1 Coríntios 7.19 — Revelação de Moisés).

Alguns até mesmo alegam que Jesus era um erudito de tragédias gregas ("recalcitrar contra o aguilhão" Atos 9.5; 26.14 — Ésquilo *Agamenon*, 1624). Ora, deve-se admitir que o Jesus ressurreto, em sua onipotência divina, conhece todas as coisas, incluindo os escritos de Ésquilo. Mas Jesus não atribuiu nenhuma autoridade a Ésquilo. Esta e todas as outras supostas citações ou alusões eram apenas expressões bem conhecidas e costumeiras: eram passadas como moeda corrente e não temos noção se o autor a quem a citação foi originariamente atribuída de fato foi o primeiro a usá-la ou não.

Quantas expressões pagãs como essa tinham origem hebraica, em Noé ou em Adão? Não é impossível que a expressão tenha sido cunhada de forma independente mais de uma vez. Tudo que sabemos é que alguém, em algum lugar, parece ter dito algo semelhante.

Será que o apóstolo Paulo cita os pagãos para exibir sua grande erudição? De modo algum. Com efeito, ele esperava que seus ouvintes e leitores as reconhecessem de pronto; as citações devem ter sido bastante comuns entre as expressões usadas pelos homens. Elas eram citadas com frequência na literatura antes e durante a vida de Paulo.

Se disséssemos as palavras "governo do povo, pelo povo, para o povo", isso significaria que estudamos com profundidade a literatura da chamada era da Guerra Civil, ou ao menos a vida e as obras de Lincoln? Ou isso significaria apenas que esse trecho do discurso de Gettysburg é uma expressão comum? (Ademais, foi o próprio Lincoln que criou a expressão? Ou ele a escutou por acaso de uma fonte desconhecida? Ou ele a tomou emprestada de John Wyclife, que havia usado uma expressão idêntica a essa cinco séculos antes?)

Paulo não tentou impressionar o público com sua erudição pagã nem com a autoridade de autores pagãos que citava. Ele só tomou uma expressão comum do contexto pagão e a utilizou do jeito que quis. Na verdade, pode dizer-se que o vocabulário grego do Novo Testamento foi confiscado dos pagãos para o uso cristão. (Alguns chegaram a argumentar que Paulo tomou seu vocabulário de filósofos gregos.) Nós também nos apropriamos do vocabulário do nosso idioma para o uso cristão; aliás, estamos fazendo isso exatamente agora. Se Paulo fosse um erudito da literatura grega, o que precisa ser explicado de verdade é o motivo de ele citar pouquíssimas expressões gregas que talvez todos fossem capazes de reconhecer e compreender.

Em alguns momentos, Paulo retomava a "retórica clássica" elementar, como testemunha sua afeição por figuras de linguagem da retórica grega, como: aliteração, antítese, assíndeto, quiasmo, clímax, eufemismo, hipérbato, litote, oximoro, paradoxo, paronomásia, zeugma etc.

Paulo também adotava temas da vida pagã para ilustrar a verdade cristã.

Teatro grego — 1 Coríntios 4.9;7.31; Hebreus 10.33

Atletismo grego — 1 Coríntios 9.24-27; Filipenses 3.12-14; 1 Tessalonicenses 2.19; 1 Timóteo 6.12; 2 Timóteo 2.5; 4.8.

Lei romana — Gálatas 3.15-18; 4.1-5; Efésios 1.5; Romanos 7.2.

Triunfo militar romano — 2 Coríntios 2.14-16.

Mas nada disso evidencia que Paulo fosse um erudito formal de literatura, história ou filosofia, grega ou romana. Ele apenas tirava vantagem de tudo que havia aprendido ao viver na cultura greco-romana.

> [17.29] Sendo, pois, geração de Deus, não devemos pensar que a divindade é semelhante ao ouro, à prata ou à pedra, trabalhados pela arte e imaginação do homem.

A lógica funciona assim: se somos descendência de Deus, então Deus é muito maior que nós. Uma vez que somos maiores que os mais engenhosos entalhes dos homens, então como podemos supor que Deus, nosso Pai e Criador, seja de certa forma como um entalhe? Como o progenitor pode ser infinitamente inferior à sua descendência? (Compare com Isaías 44.9,10).

> [17.30-31] Ora, não levou Deus em conta os tempos da ignorância; agora, porém, notifica aos homens que todos, em toda parte, se arrependam; porquanto estabeleceu um dia em que há de julgar o mundo com justiça, por meio de um varão que destinou e acreditou diante de todos, ressuscitando-o dentre os mortos.

O Criador de todas as coisas tem todo o direito de estar ofendido por sua descendência tê-lo ignorado e degradado, desonrando, assim, a si mesma. Paulo rejeita isso tudo como "essa ignorância" e diz que Deus "olhou além" do longo período em que eles o ignoravam, exatamente como o homem que olha além de outro homem que lhe é uma ofensa, ignorando-o, agindo como se o ofensor não merecesse estar em sua presença ou sequer existir.

> ...ao Deus vivo, que fez o céu, a terra, o mar e tudo o que há neles; o qual, nas gerações passadas, permitiu que todos os povos andassem nos seus próprios caminhos; contudo, não se deixou ficar sem testemunho de si mesmo, fazendo o bem, dando-vos do céu chuvas e estações frutíferas, enchendo o vosso coração de fartura e de alegria (Atos 14.15-17).

Paulo declara: Deus agora ordena que os homens se arrependam de sua ignorância. Ele abriu uma oportunidade — uma luz que brilha em lugar escuro — para que se libertassem de sua ignorância. Ele agora ordena que todos os homens em todos os lugares se arrependam (μετανοέω: *metanoeō*; lit., mudem a mente, alterem o intelecto e redirecionem o pensamento). A mente de cada um deles se direcionava a todas as direções imagináveis, exceto para Deus. Todas as chamadas "grandes" realizações da cultura grega — a mais elevada de todas as culturas humanas para a mente ateniense (e para a mente de muitos ainda hoje) — serviam para a glória de tudo, exceto para a glória do verdadeiro Deus que fez todas as coisas.

Mas vem o Dia do Juízo. Todas as culturas serão julgadas. Caso tenham alguma dúvida, o próprio Juiz ressuscitou dos mortos, provando deter poder sobre vida e morte (Mateus 26,24; João 5.27; Atos 2.22; 10.40-42).

> [17.32-34] Quando ouviram falar de ressurreição de mortos, uns escarneceram, e outros disseram: A respeito disso te ouviremos noutra ocasião. A essa altura, Paulo se retirou do meio deles. Houve, porém, alguns homens que se agregaram a ele e creram; entre eles estava Dionísio, o areopagita, uma mulher chamada Dâmaris e, com eles, outros mais.

Paulo observou com cuidado a regra do Areópago contrária à excitação de paixões no discurso. Ele apenas afirmou a doutrina e a ela vinculou a lógica. (Contraste com seus discursos em Atos 24.10-25; 26.1-29.) Entretanto, sua doutrina pura e lógica clara levaram o público no fim a interromper o discurso. Os epicureus provavelmente estavam entre os que ridicularizaram qualquer estado futuro depois da morte. Os estoicos podem ter sido menos céticos, acreditando em um estado futuro depois da morte, mas muito

provavelmente as suas palavras, “te ouviremos ainda outra vez”, eram como as de Félix, que disse a Paulo as mesmas palavras, mas não tornou a ouvi-lo (Atos 24.25). O desacordo aparentemente acabou com o processo. Paulo, portanto, foi absolvido de forma educada. Não podiam condená-lo por um crime sem que também se condenassem. Em outra passagem, Paulo usou um método similar par dividir fariseus e saduceus (Atos 23.6).

O areopagita era membro vitalício desse tribunal. Ninguém se tornava membro do tribunal sem ter sido antes um arconte, governante de Atenas. Por conseguinte, um renomado oficial do governo da mais alta reputação por inteligência e conduta, Dionísio, converteu-se, e com ele outros se converteram, talvez com a família e amigos. Também uma mulher chamada Dâmaris se converteu, e com ela outros se converteram.

Atenas estava tão cheia de filosofia e idolatria que atraía à cidade todos os tipos de mentalidades vis. Embora Deus tenha poder para converter quem ele escolher, é verdade, no entanto, que ele não chama muitos sábios deste mundo (1 Coríntios 1.26). Em Atenas, a sinagoga e o tribunal gentio estavam muito desinteressados em perseguir Paulo. Sua pregação nem sequer suscitou a cidade conta ele. As mentes de Atenas estavam tão corrompidas que a pregação de Paulo despertou um interesse momentâneo. Assim, o evangelismo de Paulo surtiu pouco efeito, e ele ficou muito impressionado com incredulidade dos ouvintes, à semelhança de Jesus (Marcos 6.6). Mas o efeito duradouro da pregação de Paulo não pode ser verdadeiramente mensurado a menos que tracemos o que se tornaram Dionísio e Dâmaris. Poucas sementes podem fazer crescer grandes colheitas com o tempo.

Lições de Paulo em Atenas

Embora a passagem contenha muitas lições valiosas, queremos destacar só as quatro seguintes:

1. Para servir a seus propósitos, Paulo fez bom uso do que escolheu das trevas da cultura ateniense. Entretanto, ele precisava dar um novo significado

ao que havia de fato bem utilizado, pois o velho significado estava determinado fora da realidade da cosmovisão cristã. Isso é verdade para todas as coisas no mundo. Tudo — pedras, amor, lâmpadas, governo — tem um significado diferente no mundo do incrédulo e do crente.

2. O conhecimento de Paulo sobre a tradição grega era do tipo mais elementar, ou seja, apreendido casualmente do contato com a própria cultura. Seu conhecimento de Cristo era do tipo mais avançado, que o habilitava a apreender e escolher entre as sobras dos gregos algo para servir a seus propósitos. Ele não precisava conhecer as profundas trevas da filosofia grega, as profundezas de Satanás, para pregar o ápice de Cristo. Com um pouco de gramática, lógica e retórica se chega longe.

3. Alguns lugares atraem pessoas que amam as trevas, e muitas vezes elas são as mais "religiosas" e "filosóficas". Jerusalém dispunha de saduceus e fariseus. Atenas contava com estoicos e epicureus. Na capital nacional existem pessoas de direita e esquerda. Os argumentos de Paulo não impressionam o que pertence ao mundo. Alguns homens há que amam de tal modo suas mentiras — suas cosmovisões — que se tornam incapazes de vir à luz.

4. As coisas do mundo consumirão nosso tempo. Os atenienses passavam o tempo coletando novas informações. Em outras palavras, embora acusassem Paulo de ser um coletor de sementes, eles eram coletores de sementes e carniceiros que buscavam algo novo com que se alimentar. (Quem acusa o inocente é normalmente culpado dos crimes que projeta nos outros.) Não devemos ficar presos na busca interminável do mundo por algo novo. Devemos nos contentar em seguir o nosso chamado do Senhor, e limitar a busca ao que se encontra no nosso chamado e em depender de Deus para trazer as outras coisas de que precisaremos na caminhada. Não devemos seguir o conhecimento variado e sem valor por amor ao conhecimento em si.

QUE SÃO OS CLÁSSICOS?

Em sentido estrito, o termo "clássico" pode se referir a obras e autores célebres da literatura das antigas Grécia e Roma. Falando de forma rigorosa, trata-se dos "clássicos humanistas". Mas nós usamos o termo "clássicos" em sentido mais amplo que quer dizer *aquilo que é de boa forma e valor duradouro* — independentemente da época. Há clássicos gregos e romanos, medievais e renascentistas, reformados e modernos. Uma vez que os dois critérios — *boa forma* e *valor duradouro* — são subjetivos, sempre haverá divergência quanto aos livros que satisfazem esses critérios. Alguém pode questionar a forma de uma obra da literatura; outro, o seu valor. Você precisará solucionar essas questões por si mesmo, mas nós lhe daremos algumas sugestões antes do fim do capítulo.

Encontram-se numerosas listas de clássicos, de livros excelentes, de leituras recomendadas, de leituras desejadas para a faculdade, de leituras requeridas para a aquisição de cultura literária e assim por diante. Desabaríamos em uma falência financeira e emocional se lêssemos todos os livros dessas listas. Alguns sugerem que devemos pelo menos conhecer o essencial — enredos, personagens, temas e conteúdos — de todos os livros dessas listas. À comum não é possível fazê-lo e ao mesmo tempo ter vida própria.

Quem espera que saibamos de tudo? Quem nos vincula a essas listas? Queremos seguir listas de homens? Ou precisamos planejar listas próprias? Dizem eles: "Quando estiver em Roma, faça como os romanos". A pergunta é: queremos ir a Roma ou para Sião? No fim, deveremos trazer todos os *clássicos* à obediência a Cristo, caso contrário eles serão inúteis. Se não pudermos utilizá-los para promover o padrão bíblico da cosmovisão bíblica, não poderemos utilizá-los.

COMO CLASSIFICAR A LITERATURA

Quatro categorias de literatura

Podemos dividir a literatura em quatro categorias distintas: fé, fato, ficção e fantasia.

1. *Fé* — O registro de Deus nas Escrituras. Ele é um fato, mas é um registro perfeito do fato. Encontra-se em uma categoria própria e deve ser assim tratado. Sim, há problemas de texto, tradução e interpretação, mas eles foram criados pelos homens, não são problemas inerentes às Escrituras. Para lidar com esses problemas, devemos olhar para as Escrituras, não para teorias humanas.

As Escrituras se dividem em Antigo Testamento e Novo Testamento. Os hebreus dividiam o Antigo Testamento em 23 livros:

a) Cinco livros da *Lei* (Torá): de Gênesis a Deuteronômio;

b) Sete livros dos *Profetas* (*Neviʼim*), incluindo os três primeiros profetas: Josué, Juízes, Samuel com Reis (quatro considerados um só livro); os três profetas posteriores: Isaías, Jeremias, Ezequiel; e os doze profetas menores: de Oseias a Malaquias (considerados um só livro);

c) Onze livros dos *Escritos* (*Ketuvim*): Salmos, Provérbios, Jó, Cântico dos Cânticos, Rute, Lamentações, Eclesiastes, Ester, Daniel, Esdras com Neemias (os dois considerados um só livro), Crônicas (os dois considerados um só livro).

A divisão grega mais comum do Antigo Testamento reordena o mesmo material em 39 livros:

a) Cinco *livros de Moisés* (Pentateuco): de Gênesis a Deuteronômio;

b) Doze *livros históricos*: de Josué a Ester;

c) Cinco *livros poéticos*: de Jó a Cântico dos Cânticos;

d) Dezessete *livros proféticos*, incluindo os cinco profetas principais, de Isaías a Daniel, e os doze profetas menores, de Oseias a Malaquias.

O Novo Testamento é dividido em:

a) Cinco *livros históricos*: incluindo os quatro Evangelhos, de Mateus a João, e os Atos dos Apóstolos.

b) Vinte e uma *epístolas doutrinais e práticas*: incluindo as catorze epístolas de Paulo, de Romanos a Hebreus, e as sete epístolas gerais, de Tiago a Judas.

c) Um *livro profético*: Apocalipse.

2. *Fato* — o registro humano da compreensão da realidade. Todos os registros do fato são necessariamente seletivos; a perspectiva do autor seleciona e organiza os fatos. Por causa das trevas do pecado, o que se apresenta pelos homens como factual nunca é exatamente a realidade, pois de certa forma está sempre colorido e matizado por nossa falsa interpretação. Devemos sempre procurar o fato. Há erros honestos, que pessoas de boa fé cometem o tempo todo, e há erros desonestos, introduzidos com deliberação no registro a fim de enganar. Os dois tipos devem ser detectados e corrigidos.

Os tipos de literaturas factuais incluem: cartas, ensaios, discursos, periódicos, livros, enciclopédias.

Os temas da literatura factual incluem:

- *Filosofia* — metafísica, lógica, ética, psicologia etc.
- *Religião* — igrejas e seitas, teologia, outras religiões etc.
- *Ciências sociais* — política, economia, lei, educação etc.
- *Linguagem* — linguística, línguas antigas e modernas etc.
- *Ciência pura* — matemáticas, ciências da terra, física, astronomia, química, biologia, zoologia, antropologia, paleontologia etc.
- *Tecnologia* — engenharia, construção, manufatura, agricultura, economia doméstica, negócios, ciências médicas etc.

- *Artes* — música, desenho e pintura, escultura e impressão, decoração, fotografia, arquitetura e paisagismo etc.
- *Literatura* — literatura antiga, literatura estrangeira, literatura nacional etc.
- *História* — história antiga, história geral, história moderna, biografia, geografias etc.

3. *Ficção* — invenção dos homens, mas baseada na realidade. Se a ficção fosse necessariamente má, as parábolas de Jesus provariam que Ele era pecador. Estamos continuamente inventando o que diremos, e a escrita da ficção é uma extensão disso. Ela está sujeita às mesmas falhas do fato, mas tem a dimensão adicional de que muita coisa dela não pode ser confrontada com outros registros do fato.

As variedades da literatura de ficção incluem: histórias, parábolas, poesia, teatro, ensaios, humor, sátira etc.

4. *Fantasia* — imaginação humana, não baseada na realidade. Como as Escrituras são um fato, mas não uma classe especial de fato, também a fantasia é ficção, mas uma classe especial de ficção. A fantasia é a ficção que atravessou a fronteira para um mundo que funciona de modo distinto da realidade. Devemos discernir o caráter desse mundo. Se for baseado em princípios reais e paralelos reais, poderá servir como um propósito real. Fábulas de animais com algumas características animais, mas também com traços de personalidade humana, podem ser comparadas com o provérbio de Salomão que compara os homens com algumas características dos animais ("vai ter com a formiga"). Mas devemos ser muito cuidados com qualquer fantasia que distorça e perverta as relações ou que invente forças sobrenaturais ou que mude as consequências morais da ação humana. Poderíamos inventar uma fantasia desse tipo para mostrar o quão contraditório e autodestrutivo seria o mundo assim, a fim de contrastá-lo com a maravilha da ordem divina. Mas o propósito de muitas fantasias é

inventar um mundo separado de Deus. Essa é a primeira fase da falsa religião e da mitologia (como a evolução). É a invenção da nova fé que compete com a verdadeira — a das Escrituras, nossa primeira categoria de literatura. Visto que a fé verdadeira e a nova fé mítica não podem permanecer unidas, a nova fé mítica deve necessariamente tratar temas da realidade como se fossem mitos, quer o diga de fato, quer não. Muitas crianças se envolveram de tal modo com essa vida mitológica e fantástica que perderam o contato com as consequências morais verdadeiras de suas ações.

Evidentemente, as linhas entre essas quatro categorias de literatura não são absolutas ou sempre nítidas. Por exemplo, um poema pode ser fato, ficção ou fantasia, ou ainda os três. Sem dúvida é verdade que muitas coisas na filosofia e na ciência podem ser mais bem classificadas como ficção ou mesmo fantasia. Dizemos isso com certo humor, mas também com muita seriedade.

A ESCOLHA DO QUE LER

Queimar ou não queimar?

Quando os israelitas entraram na Terra Prometida, receberam a ordem de erradicar toda a literatura cananita.

> ... Quando houverdes passado o Jordão para a terra de Canaã, desapossareis de diante de vós todos os moradores da terra, destruireis todas as pedras com figura e também todas as suas imagens fundidas e deitareis abaixo todos os seus ídolos (Números 33.51-52). (Compare com Êxodo 23.24,32,33; 34.12-17; Deuteronômio 7.2-5,25,26; 12.2,3,30,31; 20.16-18; Josué 23.7; Juízes 2.2.)

No Novo Testamento, os efésios, arrependidos, queimaram seus livros de bruxaria.

> Também muitos dos que haviam praticado artes mágicas, reunindo os seus livros, os queimaram diante de *todos*. Calculados os seus preços, achou-se que montavam a cinqüenta mil denários (Atos 19.19).

Isso não quer dizer que queimaram todos os livros que havia; no entanto, alguns livros, apesar do valor mundano, deveriam ser queimados. Do mesmo modo, pode haver algumas coisas que o mundo considere de "valor literário", mas que, devido à habilidade de fazer os pequenos tropeçar, é melhor que as deixemos de lado até a idade mais madura, ou, em alguns casos, que os deixemos completamente de lado.

> Se o teu olho direito te faz tropeçar, arranca-o e lança-o de ti; pois te convém que se perca um dos teus membros, e não seja todo o teu corpo lançado no inferno. E, se a tua mão direita te faz tropeçar, corta-a e lança-a de ti; pois te convém que se perca um dos teus membros, e não vá todo o teu corpo para o inferno (Mateus 5.29-30).

Devemos nos dispor a abandonar o mundo todo antes de sermos capazes de obter proveito de alguma coisa para o uso do Senhor.

> Assim, pois, todo aquele que dentre vós não renuncia a tudo quanto tem não pode ser meu discípulo (Lucas 14.33).

Os valores do mundo não podem ser os nossos.

Dez princípios para a escolha do que ler

Eis alguns dos princípios que desenvolvemos para nossa família a fim de discernir qual literatura "aproveitar" e "queimar".

1. Faça o que é agradável ao Senhor

> A fim de viverdes de modo digno do Senhor, para o seu inteiro agrado, frutificando em toda boa obra e crescendo no pleno conhecimento de Deus (Colossenses 1.10).
>
> De fato, sem fé *é* impossível agradar *a Deus* (Hebreus 11.6).

Se você vai a lugares aos quais não deveria ir, vê coisas que não deveria ver e ouve coisas que não deveria ouvir, acabará por fazer coisas que não deveria fazer. Podemos ouvir alguém dizer: "Bem, a Bíblia está cheia de descrições de obras perversas dos homens". É verdade. Mas a Bíblia também nos diz sobre o que devemos pensar de toda essa perversidade. Embora a Bíblia não seja particularmente ilustrativa na descrição da depravação, há certas passagens dela que não lemos para crianças de tenra idade. Os hebreus não permitiam que jovenzinhos lessem o Cântico dos Cânticos de Salomão, não porque seja um livro perverso, mas porque certos temas são inapropriados para a idade. Não devemos fazer que os pequenos tropecem.

> Qualquer, porém, que fizer tropeçar a um destes pequeninos que crêem em mim, melhor lhe fora que se lhe pendurasse ao pescoço uma grande pedra de moinho, e fosse afogado na profundeza do mar. Ai do mundo, por causa dos escândalos; porque é inevitável que venham escândalos, mas ai do homem pelo qual vem o escândalo! (Mateus 18.6-7).

2. Não siga o mundo

> E não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus (Romanos 12.2).

Não precisamos adotar valores e padrões do mundo a fim de nos adaptarmos a eles e provarmos ao mundo nossa igualdade. Não buscamos amizade ou aprovação do mundo. Não permita que o mundo o defina. Se você é cristão, permita que o Senhor o defina, bem como tudo que você fizer enquanto busca agradá-lo. Não se recuse a definir todas as coisas sob a perspectiva cristã.

A sofisticação nasce da falta de separação madura do mundo. Não estamos dizendo: "Seja amish!" — na verdade, os amish têm uma forma peculiar de sofisticação em seu mundinho peculiar. O Antigo Testamento continha regras para crianças — não toque, não ponha na boca, não lide com isso — adequadas à cultura primitiva composta por princípios elementares do mundo. (Colossenses 2.20.21; Gálatas 4.3). O Novo Testamento exige maturidade; não regras infantis, mas pleno entendimento. Com o Evangelho, todas as coisas são lícitas quando usadas com correção, mas a liberdade do Evangelho é a lei de maturidade (Tiago 1.25) para fazer coisas para a glória de Deus, não para satisfazer a carne.

3. Não permita que o mundo o siga

> A religião pura e sem mácula, para com o nosso Deus e Pai, é esta: visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações e a si mesmo guardar-se incontaminado do mundo (Tiago 1.27).

> Sobre tudo o que se deve guardar, guarda o coração, porque dele procedem as fontes da vida (Provérbios 4.23).

O mundo quer ser seu amigo, mas só de acordo com as condições dele. Não há neutralidade. Se uma obra literária não puder ser usada para a construção da cultura cristã em nossos filhos, independentemente de sua

aparente neutralidade, ela será usada para a construção de algo culturalmente anticristão em nossos filhos. O mundo nos sujará e manchará com incredulidade e apetites mundanos. As comédias de Aristófanes, por exemplo, estão repletas de tópicos perversos que poluem a imaginação e a consciência. Mesmo o pagão Plutarco criticava as peças de Aristófanes, chamando-as repugnantes e degradantes (*Obras Morais*, X, 1.467 e 4.471-473). Aonde iremos a fim de resgatar nossa pureza?

4. O dia só tem 24 horas

> Portai-vos com sabedoria para com os que são de fora; aproveitai as oportunidades (Colossenses 4.5).

Há muitas coisas que podemos fazer, mas como usar o tempo da melhor maneira? A perda de tempo é algo anticristão.

5. Mais velho não significa necessariamente melhor

> Cuidado que ninguém vos venha a enredar com sua filosofia e vãs sutilezas, conforme a tradição dos homens, conforme os rudimentos do mundo e não segundo Cristo (Colossenses 2.8).

As melhores coisas são geralmente as mais velhas, mas "velho" não significa bom.

Você já leu alguma obra de John Bunyan? Você já leu *Robinson Crusoé*? São obras maravilhosas de literatura e você vai querer que seus filhos as leiam repetidas vezes.

Os historiadores gregos, como Xenofonte ou Tucídides, podem se mostrar úteis no estudo da História, embora devamos compreender que escrevem com base na perspectiva incrédula e são meros homens registrando as mentiras e distorções de si mesmos e de outros.

A obra *Os contos de Cantuária* está cheia de palavreado de mau gosto e profano, inadequado para olhinhos e orelhinhas, e qualquer coisa que se

possa perder por não a ler será compensada pelo que se obterá pela leitura de outra coisa. Há trechos que demonstram certo valor, mas temos como usar melhor nosso tempo do que calçar botas e caminhar pela lama atrás de um punhado de grãos de milho.

Você tem uma cópia de *Metamorfoses* de Ovídio? Sugerimos que a coloque em uma prateleira bem alta.

Fizemos nossos filhos ler o texto integral de *Beowulf* e depois fazer uma redação sobre ele. A redação de Hans era intitulada *Beer-wulf: uma história de como Deus usou um monstro para livrar a terra de Beer Halls.*[1] Isso é o bastante.

6. É proveitoso?

Todas as coisas são lícitas para nós enquanto cristãos, mas só na medida em que as usamos licitamente.

> Todas as coisas me são lícitas, mas nem todas as coisas convêm (1 Coríntios 6.12*a*).

Todas as coisas são lícitas para nós enquanto cristãos, mas apenas se as usarmos de modo lícito, segundo o uso correto.

> Sabemos, porém, que a lei *é* boa, se alguém dela se utiliza de modo legítimo (1 Timóteo 1.8).

> Os alimentos são para o estômago, e o estômago, para os alimentos; mas Deus destruirá tanto estes como aquele. Porém o corpo não é para a impureza, mas, para o Senhor, e o Senhor, para o corpo (1 Coríntios 6.13).

Não podemos abusar das coisas de modo que contradiga a lei de Deus.

Paulo estreita o campo de usos àquelas coisas que verdadeiramente trazem benefícios. A palavra traduzida como *convêm* literalmente significa *reunir as coisas* de modo a dar uma contribuição útil. O que usamos deve reunir as coisas para nós de modo útil e proveitoso. Pitágoras e Euclides podem ter desenvolvido uma geometria útil, mas a filosofia deles era insensata. Ela seria

útil apenas como o estudo da mente especulativa carnal, com aplicação bem mais limitada que a geometria. Todas as coisas devem feitas para servir ao Senhor Jesus, do contrário não terão nenhum propósito bom. Para que você não pense que defendemos uma filosofia do uso extremamente estreita e estrita, bem, não o estamos; quem o faz é Jesus. Não somos juízes dos usos de outros homens. Eles poderão responder por si mesmos. Há coisas que eles podem usar, mas nós não podemos, e vice-versa, apenas por conta das diferenças de constituição, habilidades e experiências.

7. Isto promove bons hábitos?

> Todas as coisas me são lícitas, mas eu não me deixarei dominar por nenhuma delas (1 Coríntios 6.12*b*).

O que estudamos não pode nos controlar, como um vício, uma obsessão ou um hábito dominador — que nos impõe exigências que retiram o controle dos caminhos divinos. Não devemos nos tornar servos da incredulidade. Não devemos equiparar o que é clássico e o que é bíblico. Isso constitui jugo desigual e o clássico sempre emergirá como dominante. Devemos fazer todas as coisas servirem ao que é bíblico. Não devemos nunca fazer do servo o mestre.

8. Esta leitura beneficiará minha educação?

> ...[todas as coisas] são lícitas, mas nem todas edificam (1 Coríntios 10.23*b*).

Edificar significa levantar uma estrutura, promover o crescimento adequado. Algumas coisas não promovem o crescimento saudável, e sim um crescimento perverso. Estar consciente, na idade madura, de que algumas perversões existem pode servir a alguns propósitos edificantes, mas nunca é edificante ficar obcecado com a depravação nem explorar suas profundezas. Nunca.

> Não entres na vereda dos perversos, nem sigas pelo caminho dos *maus*. Evita-o; não passes por ele; desvia-te dele e passa de largo (Provérbios 4.14-15).

> E não sejais cúmplices nas obras infrutíferas das trevas; antes, porém, reprovai-as. Porque o que eles fazem em oculto, o só referir é vergonha (Efésios 5.11-12).

Há algumas obras que, se forem ser lidas, em particular por crianças, devem ser expurgadas. Por "expurgadas" queremos dizer depuradas das obscenidades, seja no texto em si, seja na leitura em voz alta feita pelos pais. Embora alguns historiadores gregos e romanos bem como biógrafos (como Heródoto, Lívio, Plutarco e Diógenes Laércio) devam ser lidos se você quiser ter alguma ideia da história antiga, de vez em quando, você encontrará trechos que vão ruborizá-lo.

9. Este material tem valor duradouro?

> E os que se utilizam do mundo, como se dele não usassem; porque a aparência deste mundo passa (1 Coríntios 7.31).

Só as coisas do Senhor possuem valor duradouro. Tudo o mais passa. Se algo não pode ser aproveitado para Deus, isso é inútil. Se não pode servir a propósitos bíblicos, então trabalhará necessariamente para minar os fundamentos bíblicos, buscando objetivos mundanos. Alguns discursos de Péricles, Isócrates e Demóstenes são exemplos significativos de conteúdo histórico, político e retórico, mas na exata medida em que são proveitosos para o uso do Mestre.

10. Na dúvida, deixe de lado

> ...e tudo o que não provém de fé é pecado (Romanos 14.23).

Como se faz com o que está na geladeira há muito tempo e que não tem bom aspecto ou não cheira bem: "Na dúvida, jogue fora". A vida é muito curta e as coisas são muito numerosas para que alguém se preocupe com algo

que, se percebermos de fato importantes, podem ser retomadas em tempos de mais maturidade. Nunca devemos chegar a ponto de dizer: "Não há nada para fazer". Há muitíssimas coisas para fazer e quase saboreamos a oportunidade de eliminar algo.

Quer concorde ou não com nossa compreensão, você deve consentir com o valor de estabelecer princípios. Também os pais estão sujeitos à pressão do grupo, mesmo à pressão de grupos no ambiente do ensino doméstico clássico. Se alguém compartilhar uma lista de clássicos que os filhos estão lendo, não duvide dela nem se preocupe com ela logo de início, mas dê uma olhada em sua lista de princípios e atenha-se a eles.

Tempos atrás nós seguíamos listas. Usávamos um currículo que continha a leitura da mitologia grega. Nossos filhos observaram que ela estava cheia de imoralidade e consideraram que não deveriam lê-la. Nunca a tínhamos lido, mas confiamos no currículo e suspeitamos de que estavam querendo, na verdade, fugir do trabalho... até que a lemos! Arrependemo-nos. O currículo não estava de acordo com os nossos princípios de avaliação da literatura.

Peça a seu filho para ler obras clássicas em conformidade com os princípios de sua família e se esqueça do resto. Há um grande número de obras clássicas boas para ler. Ademais, o dia só tem 24 horas.

Onde demarcar o limite

Todos reconhecemos a necessidade de demarcar o limite em algum ponto, mas às vezes pode ser difícil perceber onde o limite deve ser demarcado. Não existe regulamento que apresente princípios exaustivos. Situações diferentes exigem avaliações diferentes e elas devem ser feitas com maturidade pela aplicação de princípios sensatos. Eis alguns limites:

1. Entre o *sagrado* e o *profano*. Não devemos tratar a Bíblia como apenas mais um livro. Todas as obras humanas são profanas. A Bíblia é sagrada, e embora homens tenham, por cópias defeituosas, introduzido erros incidentais no texto, ela não teve seus

fundamentos prejudicados pelos erros deles. Ela foi preservada ao longo das épocas como o guia infalível a toda a verdade. Assim, não submetemos a Bíblia, a Palavra de Deus, ao mesmo tipo de crítica feita à palavra humana.

2. Entre o *piedoso* e o *ímpio*. Embora John Bunyan e Esopo sejam apenas homens, *O peregrino* e *Fábulas de Esopo* se encontram em patamares diferentes. Não fazem parte do mesmo nível. O primeiro livro foi escrito por um homem que conheceu a luz e caminhou nela; o outro é de um cego que tropeçava na escuridão. O primeiro pode ser aperfeiçoado; o segundo dever ser redimido e transformado sob a luz.
3. Entre o *decente* e o *indecente* — vulgar, grosseiro, lascivo, obsceno, pornográfico, ultrajante, imoral, amoral, corrupto e inescrupuloso — bem, você entendeu a ideia. Os escritos de Sófocles, um dos grandes dramaturgos gregos da tragédia, refletem a vida de perversidade e imoralidade sexual do autor. Sigmund Freud se apropriou do enredo de uma de suas peças, *Édipo Rei*, para apoiar suas perversas teorias sobre a sexualidade.
4. Entre *o apropriado para crianças* e o *tolerável aos adultos*. Crianças não devem ser expostas a indecências. Isso se aplica mesmo a algumas passagens da Bíblia. Embora os adultos sejam capazes de limpar as indecências incidentais, nenhum adulto pode resistir ao fluxo contínuo de indecências.
5. Entre o *que vale a pena* e o *que não vale*. O mundo está cheio de coisas "decentes", mas que não valem a pena. O demônio não precisa nos manter ocupados com a busca do mal. Enquanto ele nos puder manter afastados da busca pelo que vale a pena, ele já cumpriu seu propósito. Concentre-se na leitura de *O peregrino* antes de sonhar com algum romance estúpido ou uma história policial.

6. Entre o *bom* e o *melhor*. A vida é curta e o dia tem apenas 24 horas. Como podemos aproveitar o tempo da melhor forma? São decisões difíceis de serem tomadas e isso é algo que podemos aprender só com a experiência. Ademais, nunca o aprendizado será perfeito.
7. Entre o *melhor* e o *melhor*. Por fim, você perceberá que Deus o está chamando em certa direção na vida. Quando confrontado com muitas das melhores escolhas, você aprenderá, no fim, a escolher muitas coisas de acordo com a literatura que melhor se adapta a seu chamado.

Essas regras devem se aplicar à literatura antiga e moderna. Se não devemos permitir que nossos filhos leiam *Tom Jones* ou *Heather has two mommies* [*Heather tem duas mães*], por que devemos permitir que leiam *A Ilíada* de Homero ou *As rãs* de Aristófanes?

Há certa literatura que merece ser queimada. Tudo o que fizer você tropeçar (ou seus filhos) deve ser "queimado". Não estamos sugerindo a queima de *toda* a literatura clássica de todos os tipos. Seja como for, é tarde demais para fazê-lo. Mas acreditamos que *alguns itens* dela poderiam ser queimados sem prejuízos. (Há muitas coisas nos escritos modernos do mesmo tipo sobre os quais jogaríamos com alegria um fósforo aceso.) Se, porém, queimássemos *todos*, precisaríamos reinventar algumas coisas, de forma redimida.

Idades apropriadas

Questão: Que coisas são apropriadas e quais as faixas etárias?

Resposta: As Escrituras repetidamente traçam uma linha entre a adoração do Deus verdadeiro e todas as outras religiões. Crianças de tenra idade não são responsáveis por esse tipo de conhecimento porque não podem compreendê-lo de forma plena. Os pais são responsáveis pelo que ensinam aos filhos. Fazer um pequenino tropeçar é uma ofensa grave.

> Disse Jesus a seus discípulos: É inevitável que venham escândalos, mas ai do homem pelo qual eles vêm! Melhor fora que se lhe pendurasse ao pescoço uma pedra de moinho, e fosse atirado no mar, do que fazer tropeçar a um destes pequenino (Lucas 17.1-2).

A partir das contínuas admoestações feitas a Israel para não permitir nenhum conhecimento de falsos deuses na terra, devemos entender que não se trata de algo de pouca importância aos olhos de Deus. Devemos entender o princípio e aplicá-lo com cuidado.

Não há como partir de uma regra do tipo "tamanho único". As diferentes famílias, que se encontram em níveis diferentes de maturidade cultural, lidarão com coisas diferentes de modo diverso. Por causa do ambiente cultural, algumas famílias são atacadas com mais frequência com pontos de vista ofensivos. Portanto, elas podem ser forçadas a ensinar sobre esses ataques mais a fundo. Entretanto, deve haver algumas linhas comuns de demarcação.

1. Níveis diferentes de idade podem lidar com materiais diferentes;
2. Crianças diferentes podem lidar com materiais diferentes;
3. Nada deve gerar o apetite impróprio ou ímpio;
4. Deve-se omitir a descrição explícita de atos de depravação degenerada.

Com crianças de tenra idade devemos proceder com base no lema "é preciso saber". Isso é verdade mesmo com as Escrituras. Quando lemos sobre o falso deus Baal, as crianças não precisam saber os detalhes da depravação degenerada à qual os homens se entregavam ao adorar esse falso deus. Uma maneira de lidar com as referências à mitologia greco-romana usada nos currículos ou em estudos de vocabulário é explicar o significado das palavras e o que elas descrevem; em seguida, aplica-se a perspectiva cristã. Desse modo, ídolos e falsos deuses não serão glorificados, tornando seu estudo demasiadamente interessante e divertido. Considere com cuidado as seguintes observações relacionadas à exposição a ensinamentos pagãos:

1. Crianças muito pequenas podem ficar confusas. A criança pode considerar-se capaz de dizer a diferença entre os milagres bíblicos, anjos e deuses e seus equivalentes pagãos; mas esses equivalentes foram inventados por demônios exatamente para confundir os adultos, quanto mais crianças! Não importa se nossos filhos "acreditam" nos mitos; o que importa é que eles deixam uma impressão nas crianças. (Muitos pagãos não acreditavam nos mitos, no entanto insistiam em seu valor. Mesmo os incrédulos que consideram a Bíblia um mito usam-na para deixar impressões "morais".) Não importa que você distinga entre mitos pagãos "fictícios" e história bíblica "real". As crianças serão confrontadas com as similaridades. Satanás "inspirou" sua similaridade. Uma nota falsa não vai muito longe se tiver a aparência de uma personagem de desenho animado. Os contrastes percebidos pelo adulto podem não ser tão óbvios para os jovens, independentemente da habilidade em repetir a existência de diferenças. A criança muito nova tem dificuldade de dizer a diferença entre dinheiro de brinquedo e de verdade, falso e verdadeiro, fotocópia e dinheiro legítimo.

2. A criança pode se tornar insensível à imoralidade. Argumenta-se que muitas crianças se tornaram insensíveis à violência e assassinato por causa da exposição na televisão. A exposição à imoralidade da literatura pagã pode também criar calos de indiferença.

> Serão envergonhados, porque cometem abominação sem sentir por isso vergonha; nem sabem que coisa é envergonhar-se (Jeremias 6.15; 8.12).

Todos devem encontrar o equilíbrio correto entre o conhecimento da verdade e das corrupções no mundo, mas os mais jovens devem ter mais da verdade e nunca permitir que o conhecimento das corrupções ocupe a posição dominante. O conhecimento profundo da verdade ajudará os filhos a se darem conta do erro quando o encontrarem. No entanto, a dieta regular de erros sem crítica bíblica é perigosa.

> Tomará alguém fogo no seio, sem que as suas vestes se incendeiem? Ou andará alguém sobre brasas, sem que se queimem os seus pés? (Provérbios 6.27-28).

Portanto, como a criança na idade facilmente influenciável pode ler algo sobre imoralidades e não ser afetada? Uma coisa é alguém cair acidentalmente de um penhasco e pedir socorro ao Senhor. Outra coisa bem diferente é pular do penhasco e esperar socorro da parte dele.

3. A criança pode não conseguir distinguir o sagrado do comum. Lamentavelmente nós, adultos, parecemos ter menos noção disso; desse modo, falhamos no ensino de nossos filhos. Quando o povo de Deus se congrega para adorar, tratamos a congregação como o santuário interior do templo do Deus vivo? (1 Coríntios 3.16.17; 6.19; 2 Coríntios 6.16; Efésios 2.21.22; Hebreus 3.6; 1 Pedro 2.5). Ou a tratamos como qualquer outra reunião pública? Nós mesmos devemos resgatar a distinção e ensiná-la aos filhos. Eles jamais aprenderão a dizer a diferença entre o puro e o impuro, o comum e o sagrado, se não formos cuidadosos, não só em lhes mostrar isso, mas em vivenciá-la para eles. Não devemos tratar as Escrituras e o que elas ensinam do mesmo modo que tratamos as demais literaturas.

> Os seus sacerdotes transgridem a minha lei e profanam as minhas coisas santas; entre o santo e o profano, não fazem diferença, nem discernem o imundo do limpo e dos meus sábados escondem os olhos; e, assim, sou profanado no meio deles (Ezequiel 22.26).

Ler de forma crítica

Que significa apreciação literária? Isso não significa necessariamente gostar de literatura. Mas significa, sim, interpretar e avaliar a literatura, determinando seu real valor. Com certeza, a literatura incrédula não tem valor a não ser que seja usada para servir a Deus.

Enquanto estiver lendo a literatura, certifique-se de:

1. Compilar *seu conhecimento* — os fatos da literatura. Para verificar seu conhecimento, utilize uma narrativa oral ou uma atividade do tipo

pergunta e resposta (em particular ou em grupo, quando estiver lendo com outras pessoas);

2. Construir *seu entendimento* — o raciocínio da literatura. Que conexões estão sendo feitas? Por que estão sendo feitas?;
3. Desenvolver *sua sabedoria* — o propósito, direcionamento, objetivo ou efeito da literatura. Em que direção isso tudo está levando e como o autor o faz?

Cada família desenvolverá critérios distintivos próprios para avaliar a literatura, mas para ajudá-lo a começar, eis alguns cuja inclusão incentivamos:

1. Quais as intenções do autor ao escrever e como elas são mostradas?

a. Qual é a visão de mundo do autor e como ele a apresenta na obra?

— Partindo desse ponto de vista, como a realidade é construída? O que é o comportamento correto? Qual é a fonte da verdade?

— Em que princípios ele acredita? Que coisas ele valoriza? Que objetivos persegue?

b. Ele é franco e aberto ao expressar suas intenções ou elas são sutis ou estão ocultas?

2. Como o Senhor usa essa literatura para servir a si mesmo, de forma independente das intenções do autor?

a. Para formar habilidades de comunicação boas ou más no justo ou no ímpio.

b. Para corromper a mentes dos homens e amadurecê-los para o julgamento ou para edificar a mente e equipá-la para servir ao Senhor.

c. Para informar e advertir justos e injustos do fruto de seus caminhos.

3. Como podemos redimir essa literatura e usá-la intencionalmente para servir ao Senhor?

a. Aplicar a crítica como lição para detectar e compreender a impiedade.

— A principal filosofia ímpia que impregna quase toda a literatura, antiga ou moderna, é a ausência em falar das coisas — objetos, pensamentos, emoções, ações — com referência a Deus.

— Filosofias ímpias que particularmente preenchem as obras modernas incluem o foco no que é terreno, a ênfase na autoestima, nas emoções efusivas e melancólicas, no feminismo e na busca da diversão.

b. Mostrar os bons e maus exemplos de comunicação literária — figuras de linguagem, escolha de palavras, estilo, estrutura da obra.

c. Avaliar as informações contidas nela e seu valor a serviço do Senhor.

Cada leitor deve tomar cuidado para não se embeber do espírito venenoso da literatura incrédula — ou dos meios e noções provenientes da incredulidade que aparecem na literatura chamada cristã. Um meio de fortalecer seu zelo é desenvolver o espírito de avaliação e crítica de modo contínuo de tudo que você ler (ouvir ou assistir). Ponha um cão de guarda na porta e quando ele latir, vá e descubra o motivo.

PERGUNTAS

No restante deste capítulo, vamos interagir com algumas perguntas colocadas sob os seguintes tópicos:

1. Os homens piedosos na Bíblia não buscavam a sabedoria do mundo?
2. Não precisamos ser instruídos em relação à cultura?
3. Como devemos lidar com a literatura clássica?
4. Como podemos manter a separação adequada?

1. Os homens piedosos na Bíblia não buscavam a sabedoria do mundo?

Exemplos ou exceção?

Pergunta: Não aprenderam Moisés e outros grandes homens as maneiras dos pagãos?

Resposta: Exceções não fazem regras.

> E Moisés foi educado em toda a ciência dos egípcios e era poderoso em palavras e obras (Atos 7.22).

Moisés passou quarenta anos *sendo programado* no Egito, depois quarenta anos *sendo desprogramado* no meio do deserto na companhia de Jetro, sacerdote de Deus em Midiã, e mais quarenta anos *reprogramando* Israel no deserto. No sistema público de ensino nós fomos treinados na cultura do ateísmo naturalista. O Senhor nos salvou dessas mentiras, mas ainda não nos recuperamos plenamente de sua influência. Não fomos reprogramados por tanto tempo quanto Moisés. Nunca recomendamos que os pais cristãos criem os filhos do modo que foram educados. Ensinamos nossos filhos sobre ateísmo e naturalismo bem como suas implicações, mas não os afogamos nessas coisas.

Daniel, Hananias, Misael e Azarias eram:

> Jovens sem nenhum defeito, de boa aparência, instruídos em toda a sabedoria, doutos em ciência, versados no conhecimento e que fossem competentes para assistirem no palácio do rei e lhes ensinasse a cultura e a língua dos caldeus. [...] Em toda matéria de sabedoria e de inteligência sobre que o rei lhes fez perguntas, os achou dez vezes mais doutos do que todos os magos e encantadores que havia em todo o seu reino (Daniel 1.4,20).

Quase quinze anos antes de Daniel e seus companheiros serem levados ao cativeiro, nos dias de Josias, rei de Judá, o sacerdote Hilquias encontrou o livro da lei na casa do Senhor. Segundo a providência divina, Daniel e seus companheiros tiveram quase quinze anos para estudar a lei divina e obter conhecimento, entendimento e sabedoria extraordinários. Quando foram levados ao cativeiro, contavam cerca de 20 anos. Esses jovens estabeleceram o propósito de não se macularem com a mesa do rei, o que demonstra serem pessoas de princípios no comportamento e no cuidado em traçar uma linha de separação entre o sagrado e o profano. Quem, entre todos os jovens, estava mais bem preparado que eles? Ora, os caminhos do Senhor lhes foram ensinados antes de aprenderem os caminhos dos pagãos! Nesse sentido, estavam muito mais preparados que Moisés. Queira Deus que eduquemos jovens tão notáveis nestes tempos.

O exemplo de Paulo

Pergunta: Vocês estão errados. Paulo não era um grande erudito dos gregos? Ele não declara ser um exemplo que se deve seguir?

Resposta: Consintamos, por um momento, com a premissa de que Paulo era de fato um erudito da literatura e filosofia gregas. Que isso provaria? Isso provaria que podemos ou devemos fazer a mesma coisa? Ora, Paulo foi educado como fariseu, e com frequência ele fazia uso do vasto conhecimento do farisaísmo. Isso prova que devemos nos tornar fariseus? Isso tudo prova que, quando necessário, Paulo usava a seu favor o conhecimento possuído, independentemente de sua origem. Ele expunha os erros dos fariseus com o propósito de mostrar a verdade. Não o encontramos defendendo a tese da

educação de crianças cristãs nos caminhos dos fariseus, mas sim no caminho de Cristo.

> Sede meus imitadores, como também eu *sou* de Cristo (1 Coríntios 11.1).

Mas, na realidade, nós não concordamos com a afirmação de que Paulo era um erudito nos assuntos dos gregos. Como argumentamos na exposição de Atos 17, Paulo demonstra insuficiência nesse aprendizado.

> A ideia de que ele [Paulo] fosse um perfeito erudito clássico é, com efeito, como já demonstramos, uma simples ilusão; a ausência em suas epístolas de qualquer referência histórica prova que, como a grande maioria de seus compatriotas, ele era indiferente à história dos pagãos, embora fosse profundamente versado na história de Israel (F. W. Farrar. *The Life and Work of St. Paul*, p. 296).

As citações e alusões de Paulo são tão comuns quanto nossa habilidade de citar o provérbio: "Um centavo guardado é um centavo ganho". Isso prova que somos versados na literatura dos pais fundadores americanos? (Mesmo isso toma por certo que Benjamin Franklin deu origem a essa expressão, o que é em si duvidoso.) Quando um escritor faz uma "alusão literária" — ele espera que seu público a reconheça e a compreenda, a menos que esteja se esforçando para ser obscuro e espere ser compreendido só por iniciados em algum mistério esotérico. Se um escritor suspeita que seu público não o compreende, ele acrescenta uma pequena explicação. Ou seja, a menos que seu propósito consista em exibir seu domínio em um aprendizado obscuro. Não atribuímos esses propósitos a Paulo. Quando Paulo escreve coisas "difíceis de entender" (2 Pedro 3.16), a dificuldade não residia nas alusões literárias, mas na natureza do assunto tratado. Isso é o bastante para aqueles que concederam a Paulo um "doutorado" em literatura e filosofia clássicas. Não há evidência de que os escritores do Novo Testamento fossem versados nos autores gregos. Se o fossem, não se sentiriam incomodados em demonstrá-lo. O fardo deles era diferente.

> Porque decidi nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo e este crucificado (1 Coríntios 2.2).
>
> Ninguém se engane a si mesmo: se alguém dentre vós se tem por sábio neste século, faça-se estulto para se tornar sábio. Porque a sabedoria deste mundo é loucura diante de Deus; porquanto está escrito: Ele apanha os sábios na própria astúcia deles. E outra vez: O Senhor conhece os pensamentos dos sábios, que são pensamentos vãos (1 Coríntios 3.18-20).

2. Não precisamos ser instruídos em relação à cultura?

Resposta cultural

Pergunta: Não precisamos conhecer nossa cultura para trabalhar dentro dela e responder a ela?

Resposta: Vamos conquistar a cultura para Cristo ou permitir que ela nos conquiste? Embora tiremos benefícios do estudo do que nos *formou*, obteremos mais benefícios do que nos *deveria* ter formado. Fomos chamados para propagar a causa de Cristo, e não a cultura ocidental. Nossa cultura ocidental é um amálgama. Ela pode conter muitas influências cristãs, mas elas são impuras e evanescentes. Não se deve adorar a cultura ocidental, mas ela é algo que deve ser redimido. Queremos a religião verdadeira, não uma tradição. A fonte real de toda a bondade não se encontra nos gregos ou romanos, medievais ou renascentistas, na Reforma ou no iluminismo, mas na Bíblia. Por que beber de um riacho poluído quando podemos beber da fonte pura? Os antigos, os medievais e os modernos podem ter muitas coisas de valor relativo, dependendo de como são usadas, mas não têm nada de valor absoluto — sem o qual não podemos ficar. Se toda a cultura e a civilização ocidental fosse de algum modo varrida da face da terra e da mente humana, o que precisaríamos restaurar dela a fim de estabelecer a cultura cristã? É isso que devemos nos perguntar antes de defender as tradições da cultura ocidental.

> Algo curioso da civilização é que nos satisfazemos ao defender a educação liberal para literaturas que, em sentido moral, estão no polo oposto ao nosso; literaturas nas quais o tom mais exaltado é não raro a apoteose [deificação] da sensualidade, da degradação da divindade, não só no nível humano, mas no nível mais baixo da humanidade. A temperança é nosso problema social mais difícil, e estudamos em grego a glorificação da intoxicação. Na vida madura ocupamo-nos em levar a lei aos cantos mais remotos [com a esperança de justiça], na escola somos a favor do impulso literário da poesia que dramatiza o fardo do destino desesperador. Nossas políticas mais elevadas objetivam conservar as artes da paz; nossas lições de poesia são como a *Ilíada* que não pode ser apreciada sem a alegria sanguinária da morte. Buscamos formar o caráter em que a delicadeza e a reserva sejam aspectos supremos e, ao mesmo tempo, treinamos nosso apetite em literaturas que, se publicadas como livros ingleses, seriam apreendidas pela polícia (Richard G. Moulton, *The Literary Study of the Bible*, p. xii).

Pensamos que alguém possa nos acusar de trabalhar para reinventar a roda. De modo algum. Não afirmamos que deveríamos jogar tudo fora, mas sim que não precisamos usar todas as rodas encontradas para fazer o vagão andar. Algumas rodas precisam de certo polimento; quanto a outras, não vale a pena consertá-las; e outras não se encaixam. Não entenda mal. Deus, em sua providência, deixou coisas no mundo decaído para recolhermos e utilizarmos ao longo do caminho. Mas de que fonte recebemos a impressão de que deveríamos nos ocupar constantemente em recolher sementes de pensamento do meio de um monte de poeira quando os grãos puros e nutritivos da verdade estão todos recolhidos no campo para que os colhamos? Não há experiência, nem filosofia, nem emoção humana, nem verdade de que o homem necessite que não esteja registrada de alguma forma nas sagradas Escrituras. Assim, não dizemos: "Jogue tudo fora". Dizemos: "Rejeite as obras que não podem ser aproveitadas e tire proveito das outras". Nenhuma literatura tem valor intrínseco. Ele advém da utilidade para Cristo. Portanto, reunamos as coisas de valor que os clássicos — obras de primeira classe — apresentam e demos a elas utilização prática à medida que progredimos no trabalho de construção da cultura cristã. Não fiquemos presos às coisas que não podemos usar como se fossem relíquias preciosas, deixemos que caiam

pelo caminho como peso que nos cria dificuldade na tarefa. O demônio se deleita em nos manter ocupados com tarefas aparentemente boas, mas na verdade bastante inúteis.

Literatura e história

Pergunta: Não precisamos entender todos os tipos de literatura para que compreender a história?

Resposta: Defendemos o estudo cuidadoso e crítico da história, mas devemos reconhecer que, fora das Escrituras, a história é a palavra de homens. Toda tentativa de compreender o passado inclui interpretação e especulação. Não estamos sugerindo que um dia descobriremos que Alexandre, o Grande, na verdade não conquistou o mundo mediterrâneo, mas sim seu irmão gêmeo — que de outra ficaria desconhecido — Frederico, a Fraude. Mas lembre-se de quem escreve a história e verá o que queremos dizer. Alguns chamam Heródoto de pai da história. Outros o chamam pai das mentiras. Mark Twain dizia que a história é a mentira com a qual os homens concordam. (E lá vamos nós, citando outro pagão, mas para nosso propósito.) Estamos dizendo que existem muitas opiniões diferentes em relação à história. Todas elas perecerão, não possuem significado duradouro.

Ditas essas coisas, continua verdade que, para compreendermos alguém plenamente, devemos entender de onde a pessoa vem. Se estudarmos os gregos, precisaremos conhecer suas crenças, leis, família, língua e história, ainda que o registro dessas coisas não seja completamente confiável. Tente conciliar as duas citações seguintes:

> Os que não podem relembrar o passado estão condenados a repeti-lo (George Santayana, *A life of reason, book one: reason & common sense*, 1916).

> Quem controla o passado, controla o futuro; quem controla o presente, controla o passado (George Orwell, *1984*).

George Santayana parece afirmar que as pessoas que não aprendem as lições necessárias do passado estão mais propensas a repeti-las. Já George Orwell parece dizer que quem controla o presente é capaz de manipular o registro do passado para fazê-lo apoiar sua filosofia, e controlará o modo de as pessoas perceberem o mundo, e o modo de agirem no futuro. Aceitando a precisão geral da afirmação de George Santayana, desejaríamos que a história de George Orwell controlasse as pessoas que mantêm a cosmovisão bíblica que as informa sobre como entender e registrar a história. Assim, quereríamos que os cristãos agissem sistematicamente com base na visão de mundo correta e dominassem o estudo da história. Caso contrário, teríamos uma história menos confiável, sobre cujos fundamentos pudéssemos construir nosso entendimento e aprender nossas lições, de modo a evitar a repetição dos erros da história. A história registrada por marxistas é muito pouco confiável. Seja como for, devemos reconhecer que as Escrituras são o único registro histórico plenamente confiável e, no fim, a única história de fato importante quando tudo o mais falhar.

Conhecimento cultural

Pergunta: Não precisamos estar completamente habituados com autores, poesias, peças teatrais e mitos antigos para reconhecê-los e compreendê-los quando forem citados e discutidos na literatura e na vida cotidiana?

Resposta: Estudar volumes de materiais antigos para não deixar passar uma referência pouco frequente a algo? Não é o uso muito bom do tempo. Devemos conhecer todas as bandas de rock das décadas de 1950 e 1960 e suas músicas mais famosas para reconhecê-las e compreendê-las quando forem tocadas? Seria um uso pouco produtivo de nossos recursos. E dos seus?

Não se trata de um argumento para que o cristão nunca estude essas coisas; não nos valemos desse tipo de argumento ou asserção. Frisamos apenas que, para a maior parte das pessoas, esse estudo não é necessário, não

representa um bom uso dos recursos, tem potencial para o mal e há maneiras muito melhores de passar o tempo.

Mais do que conhecer todos os filósofos, deve-se conhecer a verdadeira filosofia e como caminhar no reconhecimento e na refutação de quaisquer filosofias que a contradigam. Vamos contar-lhe um segredo: na verdade, existem poucas mentiras — com uma enorme quantidade de variações; e, na verdade, há umas poucas refutações — com uma enorme quantidade de variações. Assim, você não precisa aprender um pouco sobre tudo. A vida é curta. Aprenda o que lhe for útil e dê a isso uma boa aplicação. Você nunca esgotará as boas aplicações. Se você precisar saber algo mais sobre uma forma particular de mentira, você conhece o *trivium*: reúna os fatos, analise as relações e dê uma boa forma aos argumentos. Isso funciona.

Mitologias, antigas e modernas

Pergunta: Não há um valor educacional nos mitos pagãos antigos?

Resposta: Vamos analisar a mitologia moderna e, depois, aplicaremos o princípio retroativamente para a mitologia antiga. A evolução é, com efeito, um mito moderno disfarçado de ciência. Podemos visitar um museu ou um parque e ser confrontados com mitos geológicos que supõem milhões e bilhões de anos. Os autores desses mitos negam a Palavra de nosso Senhor no tocante à perfeição da criação original, a entrada da maldição da morte pela queda de Adão e a destruição da superfície terrestre no Dilúvio nos dias de Noé. Devido ao fato de ignorarem a verdade revelada e especularem com o objetivo de se esquivarem da responsabilidade diante de Deus, produzem teorias absurdas e ignoram, escondem, manipulam ou destroem a quantidade gigantesca de evidências contrárias, ao mesmo tempo em que inventam — e mesmo falsificam — as próprias evidências. Na cultura moderna, como somos constantemente confrontados com o mito da evolução, é necessário ensinar a evolução a nossos filhos em contraste com a verdade revelada da criação de Deus. No entanto, não ensinamos às crianças as noções e pretextos

mais degenerados da evolução. Elas aprenderão ou descobrirão isso muito em breve, sem serem confrontadas com eles na infância.

Os mitos modernos, como a evolução, explicam algo da cultura moderna, ao passo que os mitos antigos explicam a cultura antiga. Não podemos evitar os mitos antigos sem evitar a história com que se relacionam. Assim, parte do processo do ensino de história é transmitir os mitos. No entanto, como somos seletivos no ensino da história, devemos ser seletivos no ensino dos elementos mais degenerados, depravados ou corruptos, em especial, dos mitos. Não queremos agitar a lama do fundo do lago com a obsessão pelos mitos pagãos. Devemos mantê-los em uma redoma de museu e exibi-los quando servirem ao propósito de explicar algo, como exemplo prático que contrasta a cosmovisão bíblica.

Devemos focar no ensino do conjunto coeso de conhecimentos inseparáveis compreendidos com lógica e aplicados com sabedoria. Um deus mitológico qualquer pode ter uma parte integral na explicação de um conjunto de conhecimentos e é nele que se deve encaixar. Lembre-se: embora as Escrituras notem que as pragas do Êxodo foram lançadas contra os deuses egípcios, elas não dão detalhes desses deuses.

Portanto, não será necessário identificar os deuses pagãos dos quais os meses e dias da semana recebem seus nomes. Essas trivialidades podem parecer interessantes e podem se mostrar importantes para alguém, em algum lugar, algum dia. Mas há milhões de outras coisas que podem parecer assim. Não podemos saber tudo. Cuidemos de saber as coisas mais importantes. Ainda estamos por ouvir alguém dizer no último suspiro: “Queria ter tido mais conhecimento de mitologia”.

3. Como devemos lidar com a literatura clássica?

Saqueadores de artes perdidas

Pergunta: Não deveríamos "saquear" os tesouros dos egípcios e de outros pagãos?

Resposta: Sem dúvida, concordamos com o princípio:

> Eis qual será da parte de Deus a porção do perverso [...] Se o perverso amontoar prata como pó e acumular vestes como barro, ele os acumulará, mas o justo é que os vestirá, e o inocente repartirá a prata (Jó 27.13,16,17).
>
> ...mas a riqueza do pecador é reservada para o justo (Provérbios 13.22).

Deus, em sua providência, faz o perverso trabalhar e acumular, e depois entrega tudo ao justo. Isso ocorre com indivíduos e também com nações. A nação de Israel foi para a Terra Prometida e se apoderou da civilização dos cananeus.

> ... te daria, grandes e boas cidades, que tu não edificaste; e casas cheias de tudo o que é bom, casas que não encheste; e poços abertos, que não abriste; vinhais e olivais, que não plantaste... (Deuteronômio 6.10-11).

É importante perceber, entretanto, que quando tomaram posse da terra, foram ordenados a fazer uma limpeza.

> Desapossareis de diante de vós todos os moradores da terra, destruireis todas as pedras com figura e também todas as suas imagens fundidas e deitareis abaixo todos os seus ídolos (Números 33.52).

Os israelitas deviam provocar uma ruptura profunda com a civilização egípcia da qual vieram e se manterem limpos da civilização dos cananeus que começavam a invadir. Não deviam mencionar os nomes dos deuses deles; deviam remover os altares, imagens e lugares de culto; não deviam tomar prata nem ouro deles; e não deviam fazer alianças, pactos ou casar-se com eles para que essas coisas não se tornassem um emaranhado de armadilhas.

Em outras palavras, os israelitas deviam manter certos itens úteis da cultura física — cidades construídas, casas cheias, poços abertos, vinhas e

pomares plantados; mas deviam manter uma clara separação da cultura intelectual deles — matérias de culto, ídolos feitos de metais preciosos e relações familiares.

Agostinho de Hipona disse:

> Se os chamados filósofos, em especial os platônicos, disseram algo verdadeiro e em harmonia com nossa fé, devemos não retroceder do que disseram, mas também reivindicar a afirmação, para nosso próprio uso, das mãos de quem não a possui legitimamente (*De doctrina christiana*, 40).

Embora concordemos com Agostinho de que toda verdade é nossa posse legítima, devemos tomar cuidado com o que reivindicamos. Os incrédulos nunca dizem algo que soe verdadeiro para nós a menos que o tomem emprestado, em primeiro lugar, de nossa realidade. Tudo o que podemos encontrar nos filósofos pagãos que nos pareça verdade foi antes roubado da realidade e depois adaptado pelo filósofo à sua visão de mundo irracional que se transformou em falsidade. Esses bens roubados nunca se tornarão verdade de novo, a não ser que primeiramente sejam removidos da cosmovisão ímpia do filósofo e colocados de novo no lugar, dentro da realidade, que é a cosmovisão cristã.

Não devemos amar a literatura pagã por sua beleza, pois a beleza dela aparece apenas contra sua "luz" própria — a escuridão. Só é verdadeiramente belo o que é bem utilizado e mostrado sob a luz cristã.

Não estamos dizendo que devemos evitar toda a literatura greco-romana. Afirmamos apenas que se formos saquear o Egito, devemos fazer somente isso. Não devemos vasculhar o Egito atrás da última migalha, mas ir embora com os metais e as joias preciosos. Nem todos estabelecerão o limite no mesmo ponto, mas alguns princípios que nos ajudam a reconhecer onde estabelecê-lo.

1. Uso da Nova Aliança

Muitas coisas da Antiga Aliança consistiam na aplicação de princípios morais a uma nação na infância. Regras do tipo "não toque nisso, não experimente aquilo, não brinque com isso" podem ser comparadas com o que dizemos às criancinhas: "Não toque no fogão, não experimente vinho, não brinque com os cristais". Essas regras as mantêm seguras no período em que não conseguem entender os princípios para usar essas coisas da maneira correta. Sob a lei da Antiga Aliança, a literatura pagã estava totalmente banida. Esse banimento não era em si uma *lei* moral absoluta, mas a aplicação "infantil" do *princípio* moral absoluto de que devemos nos separar das culturas erigidas sobre pressupostos pagãos. A Nova Aliança é a era da maturidade, onde o remanescente crente é removido da escravidão de filhos e passa para a liberdade de filhos maduros de Deus. Se ficássemos presos aos odres das aplicações infantis da Antiga Aliança, as restrições infantis se romperiam quando fossem preenchidas com o vinho da liberdade madura da Nova Aliança. Assim, qual seria a maneira madura e adulta da Nova Aliança de aplicar o mesmo princípio?

> Anulando nós sofismas e toda altivez que se levante contra o conhecimento de Deus, e levando cativo todo pensamento à obediência de Cristo (2 Coríntios 10.5).

Todo pensamento de origem pagã se encontra no âmbito da cosmovisão errada; ele é um inimigo que deve ser levado cativo e posto sob a obediência de Cristo. Em outras palavras, todo pensamento deve estar polido e brilhante sob a luz da glória de Cristo, caso contrário deve ser arremessado na pilha de lixo cheia de exemplos de vaidade da impiedade e iniquidade de homens que suprimem a verdade na injustiça.

2. Uso prático

Algumas obras pagãs, quando bem utilizadas e santificadas, têm uso lícito e extremamente prático no serviço de Cristo. Devemos transformá-las em escravas de Cristo. Por exemplo, os incrédulos, como Aristóteles, que se esforçaram para desenvolver a ciência do raciocínio, são nossos servos,

dando-nos essa ferramenta técnica para o discernimento da verdade. Devemos sempre ser cuidadosos, no entanto, de modo a não permitir que eles nos enganem com mentiras ou ciladas, ou que trapaceiem apresentando-nos um uso ilícito dessas ferramentas.

3. Uso apologético

A lógica é também uma arma valiosa do nosso arsenal e ficamos contentes em ter a ajuda de nossos inimigos no desenvolvimento de nosso armamento — a ser usado contra eles. Podemos usar a lógica de modo lícito quando alegamos que seu mundo de incredulidade discorda da realidade. Quando destacamos as contradições sobejantes nas palavras deles, o Senhor pode usar isso como meio muito eficiente de levá-los à conversão ou, ao menos, fechar-lhes a boca para que os outros nos ouçam.

4. Uso educacional

Algumas verdades são mais bem compreendidas quando contrastadas com um erro oposto. A oposição ao erro, ponto por ponto, com a verdade mostrará a beleza lógica da verdade e glorificará a Deus. Bom exemplo disso é o contraste entre o velho mito da evolução com todas as suas implicações, antigas e modernas, com o relato da criação nas Escrituras.

Devemos ser os verdadeiros "saqueadores das artes perdidas", resgatando o possível, ao mesmo tempo em que não se leva o que merece ser esquecido. Lembre-se da queda do rei Saul.

> Veio, pois, Samuel a Saul, e este lhe disse: Bendito sejas tu do SENHOR; executei as palavras do SENHOR. Então, disse Samuel: Que balido, pois, de ovelhas é este nos meus ouvidos e o mugido de bois que ouço? [...] o SENHOR [...] disse: Vai, e destrói totalmente estes pecadores, os amalequitas, e peleja contra eles, até exterminá-los. Por que, pois, não atentaste à voz do SENHOR, mas te lançaste ao despojo e fizeste o que era mau aos olhos do SENHOR? Então, disse Saul a Samuel: Pelo contrário [...], os amalequitas, os destruí totalmente; mas o povo tomou do despojo ovelhas e bois, o melhor do designado à destruição para oferecer ao SENHOR, teu Deus, em Gilgal (1 Samuel 15.13,14,18-21).

O erro de Saul foi não obedecer ao mandamento do Senhor e destruir tudo. Podemos não ter recebido o mandamento de destruir tudo, mas ao reter o que alguns podem considerar melhor, condescendendo com algumas noções carnais e mundanas sobre o bem, podemos cair no mesmo erro de Saul, não destruindo o que deveríamos destruir.

Lembre-se: algumas coisas da cultura pagã podem ser úteis, talvez muito úteis, mas nada da cultura pagã é absolutamente necessário. Nada. Assim, se houver alguma reserva quanto à utilidade de algo, "na dúvida, jogue fora".

> Ora, sem fé *é* impossível agradar a Deus (Hebreus 11.6).
>
> ... e tudo o que não *provém* de fé é pecado (Romanos 14.23).

Tertuliano (c.160/170 — c.215/220) era considerado um brilhante defensor da fé cristã, um retórico cristão do mais alto nível. Ele escreveu:

> Com efeito, que Atenas tem que ver com Jerusalém? Que acordo há entre a Academia [a filosofia de Platão] e a Igreja? [...] Fora todas as tentativas de produzir um cristianismo mosqueado de composição estoica, platônica e dialética! (Tertuliano, *De Praescriptione* 7).
>
> Que semelhança há entre o filósofo e o cristão, o discípulo da Grécia e o discípulo dos céus, o que trata de reputação e o que trata de salvação, o executor de palavras e o operário de ações, o construtor e o destruidor de coisas, o amigo e o inimigo do erro, o corruptor e o restaurador e expoente da verdade, seu ladrão e seu guardião? (Tertuliano, *Apologeticum* 46).

Tertuliano não foi o único a ter essa opinião. Essa era a opinião comum na época. No entanto, Tertuliano e Justino Mártir, Taciano e Aristides, Atenágoras e Lactâncio, e muitos outros apologistas não tinham receio de citar os filósofos e poetas ou de fazer alusão a eles. Com efeito, os apologistas cristãos eram bem educados em retórica e direito como qualquer homem do Império Romano. Porém, eram cuidadosos ao fazer uso dessas coisas.

Em uma análise final, preferimos deixar que outros, não nossos filhos, trilhem o chiqueiro da literatura clássica, se embaralhem no esterco da razão e da prática pervertidas e tragam de volta os poucos grãos de milho ou pérolas de sabedoria que podem ser encontrados ali. Perceba que não estamos dizendo que ninguém tem nada a fazer no chiqueiro. Alguns poucos receberam a vocação especial para trabalhar com essas coisas. O que há de valioso foi salvo, reunido e, na maior parte dos casos, aperfeiçoado, e nós todos apreciamos as pérolas que encontraram. Podemos mostrar essas pérolas a nossos filhos sob a luz brilhante do Evangelho. Mas não precisamos mandar nossos filhos para o chiqueiro da depravação humana para que trabalhem como catadores, e as encontrem por si mesmos. Utilizamos melhor nosso tempo com o produto já coletado e aperfeiçoado.

Aristóteles é pior que algo sem valor a menos que sua obra seja avaliada pelas Escrituras e transformada para o uso legítimo. Mesmo o marinheiro Popeye pode ter algum valor quando avaliado sob a luz das Escrituras. Assim, em vez do currículo com *os maiores livros*, recomendamos, acima de tudo, o currículo com *o maior livro* — a Bíblia. Nenhum outro livro faz sombra a ela. A Bíblia não é somente uma das muitas obras excelentes da literatura. Ela é a única grande obra da literatura. É a Palavra de Deus. Se se perdessem todas as outras literaturas, poderíamos reconstruir a mais excelente civilização apenas com o fundamento da Palavra de Deus.

4. Como podemos manter a separação adequada?

Como permanecer puros?

Pergunta: Como podemos caminhar pela cultura pagã sem que algo grude em nós?

Resposta: Ao pintar um cômodo, não importa com quanto cuidado manejamos o pincel e a tinta; de algum modo a tinta encontra um jeito de nos pegar. Assim, quando acabamos, o que fazemos? Não mergulhamos na tinta. Nós nos esfregamos na água do chuveiro e limpamos todos os contaminantes.

É impossível que o mundo — antigo, medieval ou moderno — não derrube algumas gotas de tinta em nós. No entanto, devemos nos manter "isentos da corrupção do mundo" (Tiago 1.27). Assim, precisamos nos esfregar com regularidade:

> De que maneira poderá o jovem guardar puro o seu caminho? Observando-o segundo a tua palavra (Salmos 119.9).
>
> Vós já estais limpos pela palavra que vos tenho falado (João 15.3).
>
> Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade (João 17.17).
>
> Para que a santificasse, tendo-a purificado por meio da lavagem de água pela palavra (Efésios 5.26).
>
> Tendo purificado a vossa alma, pela vossa obediência à verdade, tendo em vista o amor fraternal não fingido, amai-vos, de coração, uns aos outros ardentemente (1 Pedro 1.22).

A purificação só vem com o processo de separação, qualquer que seja: peneira, separação, queima, derretimento, desnatação, destilação, lavagem, enxague. A Palavra de Deus realiza em nós o processo de separação.

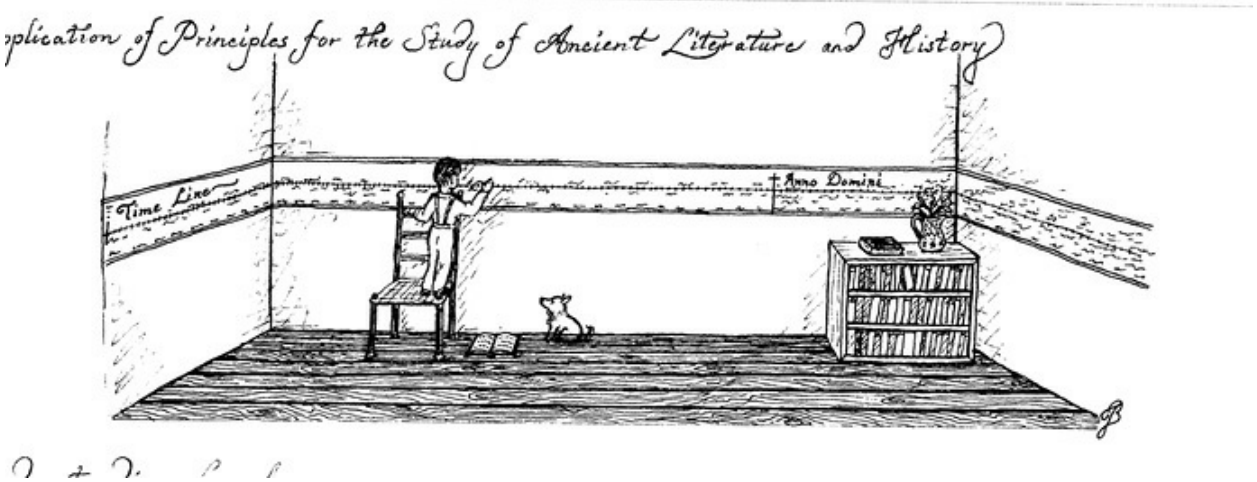
> Porque a palavra de Deus é viva, e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes, e penetra até ao ponto de dividir alma e espírito, juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e propósitos do coração (Hebreus 4.12).

O mundo tem uma mentalidade, uma forma de usar a mente, seja o mundo antigo, medieval, moderno ou qualquer submundo dentro desses mundos. Devemos ser luz do mundo e sal da terra. Devemos afetar o mundo, não ser infectados pelo mundo. O único modo pelo qual podemos afetar o mundo consiste em pregar e ensinar, viver e operar a Palavra de Deus, e o único modo pelo qual podemos nos proteger da contaminação do mundo consiste em nos lavar de maneira contínua com a mesma Palavra. Assim, deve-se evitar a imersão constante no mundo corrupto — literatura, filosofia,

hábitos — ao mesmo tempo em que se deve buscar a constante afusão da Palavra purificadora —princípios, regras e doutrinas.

1 Em inglês, “beer”, usado por Hans no título de sua redação, significa “cerveja”. [N. do T.]

Capítulo Nove



Aplicação dos princípios para o estudo da literatura histórica

O que foi é o que há de ser; e o que se fez, isso se tornará a fazer;
nada há, pois, novo debaixo do sol
— Eclesiastes 1.9

Este capítulo consiste na aplicação dos princípios discutidos no Capítulo 8. Nele discutiremos alguns princípios específicos aplicáveis ao estudo da história. Posteriormente, forneceremos uma sinopse da história geral de 753 a.C. até 323 a.C., listando os acontecimentos com as respectivas fontes literárias e históricas, e opinando a respeito das fontes de leitura importantes.

TRÊS PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS PARA O ESTUDO DA HISTÓRIA

1. Nível do conhecimento: "A história se repete".

Vamos colocar isso em termos bíblicos: Deus governa as circunstâncias de tal modo que as ações similares geram quase sempre consequências similares.

> O que foi é o que há de ser; e o que se fez, isso se tornará a fazer; *nada* há, pois, *novo* debaixo do sol (Eclesiastes 1.9).

2. Nível do entendimento: "O passado é a chave para o futuro".

Se você souber o que aconteceu para que chegássemos até o presente momento, saberá em que direção as coisas provavelmente caminham. Vamos colocar isso em termos bíblicos: dadas as circunstâncias, não podemos escapar das consequências. Quando estamos na correnteza dos eventos, o que advém dela, por fim, passará por nós.

> O que é já foi, e o que há de ser também já foi; Deus fará renovar-se o que se passou (Eclesiastes 3:15).

3. Nível de sabedoria: "Quem não estuda a história está condenado a repeti-la".

Se não estudarmos a história e não aprendermos suas lições, é menos provável que interrompamos o padrão percebido por quem estuda de verdade. Se soubermos como foi o desfecho de semelhantes coisas, e soubermos o que aconteceu para que chegássemos até o presente momento, poderemos saber intervir para mudar os eventos e romper o padrão.

> …dos filhos de Issacar, conhecedores da época, para saberem o que Israel devia fazer... (1 Crônicas 12.32).

Mas se não conhecermos essas coisas, será menos provável que reconheçamos a importância do momento e ajamos a fim de alterar o padrão.

Portanto, nós o repetiremos.

> Sabeis, na verdade, discernir o aspecto do céu e não podeis discernir os sinais dos tempos? (Mateus 16.3).

Em termos bíblicos: se Deus conceder o arrependimento, poderemos mudar as circunstâncias e os resultados.

> *No momento* em que eu falar acerca de uma nação ou de um reino para o arrancar, derribar e destruir, se a tal nação se converter da maldade contra a qual eu falei, também eu me arrependerei do mal que pensava fazer-lhe. E, *no momento* em que eu falar acerca de uma nação ou de um reino, para o edificar e plantar, se ele fizer o que é mau perante mim e não der ouvidos à minha voz, então, me arrependerei do bem que houvera dito lhe faria (Jeremias 18.7-10).

> Começou Jonas a percorrer a cidade caminho de um dia, e pregava, e dizia: Ainda quarenta dias, e Nínive será subvertida. [...] Quem sabe *se* voltará Deus, e se arrependerá, e se apartará do furor da sua ira, de sorte que não pereçamos? Viu Deus o que fizeram, como se converteram do seu mau caminho; e Deus se arrependeu do mal que tinha dito lhes faria e *não* o fez (Jonas 3.4,9,10).

INTRODUÇÃO PARA O ESTUDO DA HISTÓRIA

A história conta relatos. Trata-se da narração de acontecimentos na ordem de sua ocorrência e da tentativa de explicar suas causas e efeitos. Excetuando-se o registro histórico revelado nas Escrituras, a história é uma ciência inexata. As atividades do passado só podem ser reconstruídas a partir de seus fragmentos — fontes históricas em qualquer estado de preservação. Portanto, a história depende do desenvolvimento de outras ciências para aperfeiçoar sua precisão.

Deve-se distinguir com clareza *o fato histórico* do *registro histórico*. O fato histórico representa o que realmente aconteceu. O registro histórico do fato consiste no que alguém acredita ter ocorrido a partir da sua perspectiva limitada. (O registro histórico da apresentação de um mágico pode ser bastante diferente do fato histórico.) Inicialmente, acontece um evento histórico objetivo. Em seguida, o evento é registrado de modo subjetivo de uma ou mais formas a partir de uma ou mais perspectivas. Ignorância, parcialidade, paixão e truques da mente e da memória se tornam parte do registro junto com quaisquer defeitos físicos atuantes sobre a preservação do registro. Mesmo que o registro seja relativamente objetivo, ele sempre permanece incompleto — o evento não pode ser recriado com perfeição a partir do registro. O historiador coleta os fragmentos físicos do evento e o registro de suas descrições, e tenta interpretar essas fontes. Isso acrescenta mais uma camada de subjetividade à história. Por causa desse elemento interpretativo, a certeza absoluta do fato histórico é impossível, exceto no caso da revelação direta de Deus.

O único grande livro de história é a Bíblia. Ela é a âncora em meio aos registros históricos conflitantes dos seres humanos. A Bíblia ensina fatos históricos — como a origem de todas as coisas, a divisão das raças e as causas dos juízos divinos sobre homens e as nações — que formam os

princípios aplicáveis aos acontecimentos históricos para que se perceba a verdade de um assunto.

Um método de estudo da história compreende como as filosofias humanas se tornaram ações. A crença dos homens acaba se manifestando no que fazem. Se distinguirmos a filosofia prevalente em certa época, poderemos observar seus frutos nessa época. O passo seguinte é estudar a filosofia de Deus e as ações que explicam a filosofia e os atos humanos. Só a Bíblia é capaz de explicar a história universal, pois ela é a palavra do Deus do universo.

GUIA PARA AVALIAÇÃO DE DOCUMENTOS HISTÓRICOS

O valor das fontes primárias

Talvez a parte mais importante para determinar a confiabilidade de um relato histórico consiste em saber quão distante do evento se encontrava o escritor ou historiador. Em outras palavras, trata-se de uma fonte primária ou secundária? Como diria Ken Ham: "Você estava lá?". As fontes primárias são a base da dieta do historiador. Ele obtém as informações essenciais dali.

Que é fonte primária?

Fonte *primária* é a ligação direta entre quem toma conhecimento do relato e alguém ou algo que estava realmente presente quando o evento estudado ocorreu. Relatos de testemunhas oculares, documentos originais, objetos remanescentes, fotografias, registros em áudio ou vídeo são exemplos de fontes primárias.

Que é importante na fonte primária?

Fontes primárias são valiosas por estarem o mais próximas possível da ação. Elas não foram "manuseadas" por outros, de modo que cada um contribuísse para o registro com suas próprias interpretações e preconceitos. Portanto, uma fonte primária é geralmente um registro mais preciso do evento original conforme a testemunha ocular originalmente o vivenciou. Um relato do incêndio de Roma seria mais crível quanto aos detalhes se o autor realmente estivesse lá quando aconteceu.

Que é uma fonte secundária?

Em um tribunal, uma fonte *secundária* é chamada de "prova indireta". É uma informação dada por alguém que não estava na cena original, mas que ouviu sobre ela de terceiros, os quais, por sua vez, podem ter ouvido sobre ela de outros ainda, traçando, por fim, o caminho de volta até o evento original.

Quanto mais vezes uma história foi manuseada, em geral menos confiável se torna, pois as interpretações e preconceitos estão normalmente vinculadas a cada manuseio. Manuais de história, enciclopédias e romances históricos são todos exemplos de fontes secundárias.

Se escrevêssemos uma história da Segunda Guerra Mundial, esta seria uma fonte secundária, pois não estávamos vivos durante a Segunda Guerra Mundial e nosso registro é de "segunda mão".

Se temos somente um registro primitivo de um evento e se este é uma fonte secundária, nós o chamamos de fonte de *princípio*. Este é menos confiável do que uma fonte primária, mas é tudo o que temos. Homero não poderia ser considerado como uma fonte primária para a guerra de Troia porque ele não estava lá, mas não temos nenhum registro de alguém que esteve lá; assim, Homero é nossa fonte mais útil. Em relação à história antiga, muito da literatura que temos não é primária no sentido mais estrito, mas visto que é tudo o que temos, a maior parte dos historiadores se referem à literatura antiga como primária.

Parcialidade, interpretações e outras distorções

Ainda que comecemos com uma fonte primária, isso não garante que o registro é caracteristicamente preciso. Uma fonte secundária que tenha passado por um ou mais intermediários pode, com efeito, ser mais precisa do que uma fonte primária. Como isso é possível? Nossa fonte secundária pode ter recebido as suas informações de uma fonte primária que era menos tendenciosa do que nossa fonte primária.

Critérios para uma avaliação crítica das fontes

Eis algumas questões a considerar quando se avaliam as fontes:

1. *A testemunha tem alguma tendência peculiar ou programa*? A própria testemunha não precisa estar consciente de sua parcialidade para que ela afete o seu registro. Uma testemunha que tenha crescido no Alabama pode

expressar uma parcialidade inconsciente em seu relato da batalha de Gettysburg. Esse fato precisa ser cuidadosamente ponderado, mas também não deve ser estereotipado. ("Ele diz que o sul estava com a razão simplesmente pelo fato de que veio do interior do sul".) O fato de alguém ser do lado perdedor não significa que ele não possa dar uma informação precisa. Tampouco quer dizer que o lado vencedor seja mais preciso.

2. *A testemunha tem uma razão para mentir ou distorcer a evidência*? Alguém que estivesse presente em Lexington Green em 1775 pode ter uma razão para mentir sobre quem deu o primeiro tiro dependendo de que lado estava. Alguém que não tenha uma razão visível para distorcer um evento ou mentir sobre ele é uma testemunha mais desejável.

3. *A testemunha entendia o suficiente de um assunto de modo a ser capaz de descrevê-lo com precisão para nossos propósitos?* Um lavrador comum pode não saber o suficiente sobre embarcações para descrever uma batalha naval.

4. *A testemunha estava contando para nós o que viu* ("Os russos não riem muito") *ou o que deduziu* ("Os russos são uma raça deprimida")?

5. *A testemunha estava em uma boa posição para relatar o evento*? Ela pode não ter estado perto o suficiente ou as condições podem ter sido muito difíceis para que ele compreendesse os eventos completamente. ("Ele disse que foi uma boa peça, mas estava longe demais no balcão para vê-la bem". "Ele pode não ter estado perto o bastante para saber o porquê de o presidente ter tomado aquela decisão".) Pelas mesmas razões, mesmo gravadores, vídeo câmeras e outras evidências sólidas podem dar-nos uma evidência imprópria ou incompleta. Um artefato encontrado pode ser atípico se comparado a outros achados na mesma área.

Mais de um ponto de vista

Havia mais de uma testemunha no evento? Se sim, as testemunhas estão de acordo? Se não, a questão deve ser investigada mais profundamente. Duas pessoas podem ver o mesmo evento de ângulos diferentes e a descrição a

partir da própria perspectiva pode ser precisa, no entanto podem parecer não estar de acordo. Se observássemos um mágico atuar da perspectiva do público, veríamos uma coisa. Se estivéssemos nos bastidores ou se fôssemos uma das assistentes do mágico, teríamos uma percepção completamente diferente. O público pode ter tido uma percepção bastante precisa, porém incompleta, que, em sua mente, produziu uma ilusão contrária ao fato. Quando temos relatos aparentemente conflitantes, seria necessário desqualificar ao menos uma porção dos testemunhos — a menos que se encontre um meio de reconciliá-los. No caso do mágico, os relatos conflitantes poderiam ser reconciliados se fossem levadas em consideração as diferentes perspectivas.

Falácias históricas

Quando analisamos eventos históricos, estamos bastante propensos a cometer certos erros de raciocínio:

1. *Post hoc ergo propter hoc*. (Depois disso, portanto, por causa disso.) É o argumento de que se uma coisa ocorreu depois de outra, então a primeira coisa deve ter causado a segunda. "A Festa do Chá de Boston causou a Guerra de Independência porque aconteceu imediatamente antes da guerra".

2. *Falso cenário*. É argumentar que se algo na história não acontecesse, então todos os eventos subsequentes também nunca teriam acontecido. "Se o general MacArthur nunca tivesse nascido, todos estaríamos falando japonês agora".

3. *Falsa analogia*. É argumentar que duas coisas que são similares sob certos aspectos são virtualmente similares em todos os aspectos. "Tanto a revolução americana quanto a francesa envolviam uma população descontente que se livraram de um rei, portanto ambas as revoluções devem ter buscado os mesmos ideais".

4. *Generalização apressada*. É generalizar exageradamente sem dados suficientes. "Os cretenses são mentirosos, feras más e preguiçosos. Encontrei

vários assim".

5. *Prova pela falha de encontrar evidência contrária*. É admitir que algo foi provado como verdadeiro simplesmente porque ainda não se demonstrou que é falso. "Os cretenses são mentirosos, feras más e preguiçosos. Até hoje não encontrei nenhum que não fosse assim".

6. *Prova pela obviedade*. Alguém deve ser verdadeiro porque "todo mundo sabe" disso. "Todos sabem que todos os cretenses são mentirosos, feras más e preguiçosos".

7. *Prova pela massa.* Provar a validade de um argumento pelo simples número de argumentos ou evidências em favor dele — ainda que todos os argumentos ou evidências possam estar baseados em premissas falsas. "Verificamos literalmente centenas de documentos e todos dizem que os romanos tinham maus encanamentos".

8. *Apelo à autoridade*. É argumentar com base na opinião de pessoas que têm autoridade. "Este historiador diz que a causa da queda de Roma foi a falta de um sistema de encanamento adequado. Ele deve estar certo; afinal, ele é famoso".

9. *Falso dilema*. É apresentar uma questão como se houvesse somente umas poucas explicações possíveis, quando poderia haver mais. "A queda de Roma foi causada ou pela ausência de encanamento ou por alienígenas do espaço sideral que estavam infiltrados. Ora, Roma tinha um sistema de encanamento muito bom, logo devem ter sido os alienígenas".

10. *Ataque ad hominem*. É desacreditar o argumento de alguém desacreditando a pessoa em si, não o argumento. "Não confie no que aquele homem diz. Ele é cretense. Todos sabem que eles são todos mentirosos, feras más e preguiçosos".

Essa é somente uma lista parcial, mas todos nós entendemos o princípio de que os historiadores estão sujeitos às mesmas debilidades da falácia como todos nós.

UM MODELO PARA COMBINAR HISTÓRIA E LITERATURA: GRÉCIA ANTIGA E CIVILIZAÇÕES CONTEMPORÂNEAS

Quando nós estudamos a história, devemos considerar em primeiro lugar as fontes primárias. Pessoas que realmente testemunham um evento histórico são consideradas fontes primárias para o período de tempo do evento, e a literatura que foi escrita durante um período particular é considerada como fonte primária para aquele período. Eis um exemplo. Por volta de 472 a.C., um homem chamado Ésquilo escreveu uma peça histórica chamada *Os persas*, que apresenta de forma dramática a invasão de Xerxes (rei da Pérsia) e a derrota que sofreu dos gregos em Salamina. Essa peça é considerada uma fonte primária da mais alta qualidade por duas razões: em primeiro lugar, a peça foi escrita somente alguns anos depois da batalha de Salamina (uma literatura escrita durante um período é considerada uma fonte primária para aquele período); e em segundo lugar, Ésquilo estava realmente presente na batalha de Salamina (testemunhas oculares de um evento histórico são consideradas fontes primárias). Eis outro exemplo. Heródoto escreveu um livro chamado *A história*, que é um relato histórico das guerras que a Pérsia travou contra a Grécia desde o tempo de Ciro até cerca de 479 a.C. Heródoto também é considerado uma fonte primária, mas não de tão boa qualidade quanto nosso exemplo anterior. Heródoto nasceu por volta de 483 a.C., de modo que sequer estava vivo na maior parte do período sobre o qual escreveu. Ele não era uma testemunha ocular dos eventos que descreveu. No entanto, os historiadores preferem consider Heródoto uma fonte primária porque escreveu sua história pouco tempo depois dos eventos que ele descreveu e nós praticamente não temos outros registros dos eventos para aquele período. Assim, por ausência de alternativas, ele é uma espécie de fonte primária. Tecnicamente ele seria uma fonte de princípio, mas não uma fonte primária. Muitas coisas da literatura histórica antiga caem nesta categoria.

Para mostrar a você como estudar história pelo uso das fontes primárias e também para mostrar a você como combinar o estudo da história com o da literatura, construímos um estudo do período que vai da fundação de Roma (753 a.C.) até a morte de Alexandre o Grande (323 a.C.) - 430 anos. Cobrimos a civilização de Israel, Egito, Assíria, Babilônia, Pérsia, Grécia e Roma.

Nas tabelas das páginas seguintes, colocamos uma linha de tempo nas páginas pares, destacando os principais eventos e personalidades. Nas páginas ímpares, listamos a literatura que foi escrita pouco tempo depois daquele período, mas ainda bastante próxima para ser considerada por historiadores como fontes primárias. É um esqueleto de linha do tempo com somente os principais eventos e personalidades listados.

Listamos primeiramente a literatura bíblica. Ela deveria ser tratada como a fonte primária de mais alta qualidade, pois é o registro inspirado de Deus. Ao lado da literatura bíblica listamos a literatura secular. Algumas coisas da literatura secular que listamos podem ser lidas por estudantes do nível do conhecimento, mas a maior parte dela deveria ser deixada de lado até os níveis do entendimento e da sabedoria.

Advertência: A leitura da literatura clássica, especialmente da literatura greco-romana, pode ser perigosa. Embora tenhamos expurgado de nossas listas os piores exemplos de obscenidades e perversão, no entanto, é fato que um exemplo ocasional desse tipo de coisas é encontrado em quase toda a literatura do período. Embora demos nossa opinião acerca das obras de literatura cuja leitura pode ser benéfica, não defendemos a ideia de que cada palavra naquela literatura seja benéfica, e vocês, pai e mãe, devem proceder com toda a devida cautela e reserva.

Na lista de recursos no fim do livro, nós o direcionamos aos locais nos quais poderá encontrar cópias de todas as fontes primárias.

a.C.	***Judá***	***Israel***	***Egito***	***Assíria/Babilônia/ Pérsia***	***Grécia***	***Roma***

753	Jotão (coroado 758)	Peca (coroado 759)		Assurnirari (coroado 754) A Assíria é uma potência mundial		Fundação de Roma/Rômulo é o primeiro rei.
752 751 750 749 748 747 746						
745				Tiglate-Pileser III coroado		
744 743						
742	Acaz coroado					
741						
740		Peca assassinado/nenhum rei até 729				
739 738 737 736 735 734 733 732 731 730						
729		Oseias coroado				
728						
727				Salmanaser coroado		
726	Ezequias coroado					
725 724 723						

722						

a.C.	*Literatura bíblica*	*Literatura secular*
753	Jotão: 2 Reis 15.2; 2 Crônicas 27; Isaías 1-6; Oseias; Miqueias 1-2.	*Geografia* de Estrabão (geógrafo grego n. 66 a.C. - m. 24 d.C.) Livro 5.3 (Fundação e grandeza de Roma). "Rômulo" em *Vidas paralelas* de Plutarco (biógrafo grego n. 50 d.C. - m. 125 d.C.) *Antiguidades dos judeus* de Josefo (sacerdote judeu/historiador n. 37 d.C. - m. 95 d.C.), Livro 9, cap. 11 (Jotão, Peca) *Geografia* de Estrabão Livro 17.1.4 (O Nilo) *História* de Heródoto (historiador grego), Livro 1.1-2.98 (história egípcia) *História da guerra do Peloponeso* de Tucídides (historiador grego) Livro 1.2.-1.11 (Grécia primitiva) *História natural* de Plínio o Velho (historiador romano n. 23 d.C. - m. 79 d.C.), Livro 3.6, 3.38 — 3.42 (Roma primitiva) *Da república* de Cícero (historiador romano e orador n. 106 a.C. - m. 43 d.C.), Livro 2.5 — 2.17 (Rômulo) *Ab urbe condita* de Tito Lívio (historiador romano n. 59 a.C. - m. 17 d.C.), Livro 1 *Antiguidades romanas* de Dionísio de Halicarnasso (historiador grego e retórico n. 55 a.C. - m. 7 a.C.), Livro 1.1 — 2.56 (Roma antiga durante Rômulo)
742	Acaz: 2 Reis 16; 2 Crônicas 28; Isaías 1.7-10.17; Oseias; Miqueias.	*Antiguidades dos judeus* de Josefo, Livro 9, cap. 12 (Acaz, Peca)
729	Oseias: 2 Reis 17.18; 2 Crônicas 30.31; Isaías 28; Oseias 5-14; Miqueias.	*Antiguidades dos judeus* de Josefo Livro 9, cap. 13 (Oseias, Ezequias)
726	Ezequias: 2 Reis 18-20; 2 Crônicas 29-32; Isaías 11-16, 18-27, 29-66; Miqueias 3-7.	

a.C.	*Judá*	*Israel*	*Egito*	*Assíria/Babilônia/Pérsia*	*Grécia*	*Roma*
721		Israel é levado ao cativeiro por Sargão		Sargão coroado		
720 719						

718 717 716						
715						Governo de Numa (2º rei de Roma)
714 713 712 711 710 709 708 707 706 705						
704				Senaqueribe coroado		
703 702 701 700 699						
698	Manassés coroado					
697 696 695 694 693 692 691 690						
689				Senaqueribe destrói a Babilônia		
688 687 686						

685 684						

a.C.	*Literatura bíblica*	*Literatura secular*
721		*Antiguidades dos judeus* de Josefo, Livro 9, cap. 14
715		"Numa" em *Vidas paralelas* de Plutarco *Antiguidades Romanas* de Dionísio de Halicarnasso, Livro 2.57-2.76
713		*Antiguidades dos judeus* de Josefo, Livro 10, cap. 1-2
698	Manassés: 2 Reis 19.21; 2 Crônicas 33; Isaías 22.37, Miqueias.	*Antiguidades dos judeus* de Josefo, Livro 10, cap. 3

a.C.	*Judá*	*Israel*	*Egito*	*Assíria/Babilônia/Pérsia*	*Grécia*	*Roma*
683					Creonte, primeiro arconte de Atenas	
682						
681				Esarhadon coroado		
680 679 678 677 676 675 674 673 672 671						
670						Túlio Hostílio (3º rei de Roma) coroado
669						
668				Assurbanípal coroado		
667 666 665						

664 663 662 661 660 659 658 657 656 655 654 653 652 651 650 649 648 647 646 645 644						

a.C.	***Literatura bíblica***	***Literatura secular***
670		*Antiguidades Romanas* de Dionísio de Halicarnasso, Livro 3.1-3.35

a.C.	***Judá***	***Israel***	***Egito***	***Assíria/Babilônia/Pérsia***	***Grécia***	***Roma***
643	Amom coroado					
642						
641	Josias coroado				Nascimento de Tales (filósofo grego)	
640 639						
638						Anco Márcio (4º rei de Roma) coroado
637						

636 635 634 633 632 631 630 629 628 627 626 625						
624					Drácon (arconte grego) redige o código de leis	
623 622 621						
620					Esopo escreveu e compilou fábulas	
619 618 617 616 615						
614						Lúcio Tarquínio (5º rei de Roma) coroado
613						

a.C.	***Literatura bíblica***	***Literatura secular***
643	Amom: 2 Reis 21; 2 Crônicas 33	*Antiguidades dos judeus* de Josefo, Livro 10, cap. 4.
641	Josias: 2 Reis 22-23; 2 Crônicas 34-35; Jeremias 1-12; Naum 1-3; Habacuque; Sofonias 1-3.	"Tales" em *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres* de Diógenes Laércio.

		Antiguidades Romanas de Dionísio de Halicarnasso, Livro 3.36-3.45
		Constituição de Atenas de Aristóteles, cap. 2-4
		Fábulas de Esopo
		Antiguidades Romanas de Dionísio de Halicarnasso, Livro 3.46-3.73

a.C.	***Judá***	***Israel***	***Egito***	***Assíria/Babilônia/ Pérsia***	***Grécia***	***Roma***
612				Governo de Nabopo-lasar/Agora a Babilônia é potência mundial		
611						
610	Joacaz coroado/levado cativo para o Egito/ morte		Necho começa a governar/invade Judá			
609	Joaquim coroado					
608 607 606						
605	Joaquim se submete a Nabucodonosor			Nabuco-donosor coroado		
604 603						
602	Joaquim se rebela contra Nabucodonosor					
601						
600					Safo poetisa lírica) nasce.	
599						
	Joaquim é morto por Nabucodonosor/					

598	Jeconias coroado/ Nabucodonosor toma Jerusalém e deporta Jeconias e outros para a Babilônia.					
597	Zedequias coroado/ submetido a Nabucodonosor					
596 595						

a.C.	***Literatura bíblica***	***Literatura secular***
610	Joacaz: 2 Reis 23; 2 Crônicas 36; Jeremias 22	*Antiguidades dos judeus* de Josefo, Livro 10, cap. 5.
609	Joaquim: 2 Reis 23-24; 2 Crônicas 36; Jeremias 13-20, 22, 25-27, 35-36, 45-49, 52; Daniel 1-2; Habacuque 1-3.	
605		*Antiguidades dos judeus* de Josefo, Livro 10, cap. 6 *Geografia* de Estrabão 16.1.5 (Babilônia)
598	Joaquim: 2 Reis 24-25; 2 Crônicas 36; Jeremias 22; Ezequiel.	*Antiguidades dos judeus* de Josefo, Livro 10, cap. 7
597	Zedequias: 2 Reis 24-25; 2 Crônicas 36; Jeremias 21-24, 27-30. 31-34, 37-39, 51-52; Ezequiel 1-24, 26-31; Daniel, Obadias, Lamentações 1-5	

a.C.	***Judá***	***Israel***	***Egito***	***Assíria/Babilônia/Pérsia***	***Grécia***	***Roma***
594	Amom coroado				As reformas de Sólon (estadista grego) em Atenas; cria a democracia	

593 592 591 590						
589	Zedequias faz um acordo com o Egito.					
588	Nabucodo-nosor sitia Jerusalém					
587						
586	Nabucodo-nosor queima o templo/destrói Jerusalém/leva cativos Zedequias e outros/Zedequias morre na Babilônia			Nabucodonosor destrói o templo de Jerusalém		
585 584 583						
582					Nasce Pitágoras (filósofo grego)	
581 580 579 578 577						
576						Sérvio Túlio (6º rei) coroado
575 574 573 572 571 570 569						

a.C.	*Literatura bíblica*	*Literatura secular*
594		"Sólon" em *Vidas paralelas* de Plutarco Fragmentos da poesia de Sólon *História* de Heródoto, Livro 1.29-1.33 (Sólon) *A Constituição de Atenas* de Aristóteles, cap. 5-12 (Sólon)
586	Cativeiro sob Nabucodonosor: 2 Reis 25; Jeremias 39-44, 46, 52; Ezequiel 25, 28-30, 32-48; Daniel 3-4	*Antiguidades dos judeus* de Josefo, Livro 10, cap. 8-10
582		"*Pitágoras*" em *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres* de Diógenes Laércio. *Geografia* de Estrabão, Livro 10.3-10.10
576		*Antiguidades romanas* de Dionísio de Halicarnasso, Livro 4.1-4.40

a.C.	*Judá*	*Israel*	*Egito*	*Assíria/Babilônia/Pérsia*	*Grécia*	*Roma*
568 567 566 565 564 563						
562	Jeconias favorecido na Babilônia			Evil-Merodaque coroado		
561						
560				Neriglissar coroado	Pisístrato governa a Grécia.	
559 558 557						
556				Governo de Nabonido/ Belsazar		
555 554						

553 552 551 550 549 548 547 546 545 544 543 542 541 540						
539				Ciro derrota a Babilônia/a Pérsia é agora a potência mundial		
538 537						
536	Judá volta do cativeiro/reconstrução do templo iniciada por Zorobabel e Josué					
535 534 533						

a.C.	***Literatura bíblica***	***Literatura secular***
562	Cativeiro sob Evil-Merodaque:2 Reis 25; Jeremias 52	*Antiguidades dos judeus* de Josefo, Livro 10, cap. 11
560		*A Constituição de Atenas de Aristóteles,* cap. 14-17 "Pisístrato" (na parte final de "Sólon") em *Vidas paralelas* de Plutarco
556	Cativeiro sob Belsazar: Isaías 13; Jeremias 25, 50-51; Daniel 5, 7-8.	
539	Cativeiro sob Ciro: 2 Crônicas 36; Esdras 1-6; Neemias 7, 12; Isaías 44; Daniel 1, 6, 9-12	*A educação de Ciro* de Xenofonte. *História* de Heródoto, Livro 1.45-1.216

536		Antiguidades dos judeus de Josefo, Livro 11, cap. 1

a.C.	*Judá*	*Israel*	*Egito*	*Assíria/Babilônia/Pérsia*	*Grécia*	*Roma*
532						Tarquínio II (7º rei) coroado
531						
530				Cambises coroado		
529 528						
527			A Pérsia conquista o Egito			
526						
525					Nascimento de Ésquilo, poeta grego trágico.	
524 523						
522				Dario coroado	Nascimento de Píndaro (poeta lírico)	
521 520 519 518 517						
516	o Templo é completado					
515 514 513 512 511 510						

509						A dinastia de Tarquínio é expulsa início da República
508						Primeiro tratado entre Roma e Cartago
507 506 505 504 503 502						

a.C.	***Literatura bíblica***	***Literatura secular***
532		*Antiguidades romanas* de Dionísio de Halicarnasso, Livro 4.41-4.53
530	Cativeiro sob Cambises: Esdras 4	*História* de Heródoto, Livro 2.99-2.182 *Antiguidades dos judeus* de Josefo, Livro 11, cap. 2
527		*História* de Heródoto, Livro 3.1-3.88
525		Ésquilo escreveu seis tragédias baseadas nos mitos (não recomendadas) e uma tragédia histórica sobre a batalha de Salamina (uma valiosa fonte primária visto que Ésquilo estava presente nessa batalha).
522	Cativeiro sob Dario I: Esdras 5-6; Ageu 1-2; Zacarias 1-8.	Píndaro estava ligado ao culto de Apolo e escreveu odes vitoriosas. Não é recomendado. *História* de Heródoto, Livro 3.89-6.93 *Antiguidades dos judeus* de Josefo, Livro 11, cap. 3
516	Restauração sob Dario I: Esdras 6; Zacarias 9-14	A inscrição de Behistun do Rei Dario (gravada na rocha na Pérsia antiga) *Antiguidades dos judeus* de Josefo, Livro 11, cap. 4
509		*Ab urbe condita* de Lívio, Livro 2

		Antiguidades romanas de Dionísio de Halicarnasso, Livro 4.54.85 e Livros do 5-11
508		*Histórias* de Políbio (historiador grego n. 200 a.C. - m. 123 a.C.), Livro 3.22

a.C.	***Judá***	***Israel***	***Egito***	***Assíria/Babilônia/Pérsia***	***Grécia***	***Roma***
500					A influência de Clístenes (estadista grego) na política.	
499 498						
497					Nascimento de Sófocles (trágico grego)	
496 495 494 493 492 491						
490					Batalha de Maratona/ Governo de Temístocles	
489 488 487						
486			Xerxes coroado			
485					Nascimento de Heródoto (historiador grego)	
484 483 482						
481					Nascimento de Eurípedes (trágico grego)	
480					Batalha de Termópilas/ Nascimento de Antifonte (orador grego)	
479					Batalha de Salamina/fim das guerras com a Pérsia	

478 477 476 475 474 473 472 471						
470					Nascimento de Sócrates (filósofo grego)	
469					Péricles governa Atenas	
468 467 466						

a.C.	***Literatura bíblica***	***Literatura secular***
500		*A Constituição de Atenas* de Aristóteles, cap. 20-22
495		Sófocles escreveu 7 tragédias baseadas nos mitos. Não recomendadas.
490		*História* de Heródoto, Livro 6.94-6.140 "Temístocles" em *Vidas paralelas* de Plutarco
486	Restauração sob Xerxes: Ester	*História* de Heródoto, Livros 7-9 Antiguidades dos judeus de Josefo, Livro 11, cap. 5
481		Eurípedes escreveu 17 tragédias baseadas nos mitos. Não recomendadas.
480		Primeira e segunda Tetralogia e discursos selecionados de Antifonte.
479		*Biblioteca histórica* de Diodoro Sículo (historiador siciliano n. 90 a.C. - m. 21. a.C.), Livro 11 *Os Persas* de Ésquilo (peça de teatro histórica)
478		*História da guerra do Peloponeso* de Tucídides, Livro 1.12-1.146 (história do período entre as guerras com a Pérsia e a guerra do Peloponeso).
469		"Péricles" em *Vidas paralelas* de Plutarco *A Constituição de Atenas* de Aristóteles, cap. 24, 26-17

a.C.	***Judá***	***Israel***	***Egito***	***Assíria/Babilônia/Pérsia***	***Grécia***	***Roma***

464				Artaxerxes I coroado		
463 462 461						
460					Nascimento de Hipócrates (médico grego)	
459						
458	Retorno de Esdras do cativeiro para a Judeia					
457 456						
455					Nascimento de Tucídides (historiador grego)	
454 453 452						
451						Decênviros
450 449 448 447						
446					Nascimento de Aristófanes (poeta cômico grego)	
445	Retorno de Neemias para a Judeia					
444 443						

442 441 440 439 438 437						
436					Nascimento de Isócrates (escritor grego de discursos)	
435 434 433						

a.C.	*Literatura bíblica*	*Literatura secular*
464	Restauração sob Artaxerxes I: Esdras 7-10; Neemias 1-9, 11, 13	Antiguidades dos judeus de Josefo, Livro 11, cap. 6
460		Obras selecionadas de Hipócrates: Juramento, Da doença sagrada; Dos ares, águas e lugares; Da medicina antiga etc.
451		*Ab urbe condita* de Lívio, Livro 3
450		*Biblioteca histórica* de Diodoro Sículo, Livro 12
446		Aristófanes escreveu onze comédias. Não recomendadas.
432		"Primeira oração" de Péricles encontrado em *História da Guerra do Peloponeso* de Tucídides, Livro 1.140-1.144

a.C.	*Judá*	*Israel*	*Egito*	*Assíria/Babilônia/Pérsia*	*Grécia*	*Roma*
431					Início da guerra do Peloponeso	
430					Peste em Atenas/Nascimento de Xenofonte (historiador grego)	
429						

428					Nascimento de Platão (filósofo grego)/Governo de Alcibíades em Atenas.	
427 426 425 424						
423				Dario II coroado		
422 421 420 419 418 417 416 415 414 413 412 411 410 409 408 407 406 405						
404				Artaxerxes II coroado	Fim da guerra do Peloponeso/Queda de Atenas/Governo de Esparta	
403 402 401 400 399						
398					Agesilau governa Esparta	
397						
396						captura de Veios.

a.C.	*Literatura bíblica*	*Literatura secular*
431		"Oração fúnebre" de Péricles encontrado em *História da Guerra do Peloponeso* de Tucídides, Livro 2.34-2.36; *História da guerra do Peloponeso* de Tucídides, Livro 2
430		"*Terceira oração*" de Péricles encontrado em *História da Guerra do Peloponeso* de Tucídides, Livro 2.59-2.64
429		*Ab urbe condita* de Lívio, Livro 4
428		*História da Guerra do Peloponeso* de Tucídides, Livro 3; "Alcibíades" em *Vidas paralelas* de Plutarco.
427		"Lisandro" em *Vidas paralelas* de Plutarco.
425		*História da guerra do Peloponeso* de Tucídides, Livro 4
423	Restauração sob Darios II: Malaquias 1-4	
422		*História da guerra do Peloponeso* de Tucídides, Livro 5
415		*Biblioteca histórica* de Diodoro Sículo, Livro 13; *História da guerra do Peloponeso* de Tucídides, Livro 6-7
413		*História da guerra do Peloponeso* de Tucídides, Livro 8
411		*Helênicas* de Xenofonte, Livro 1.1.1-2.3.10
410		*A Constituição de Atenas* de Aristóteles, cap. 34-41
404		*Helênicas* de Xenofonte, Livro 2.3.11-5.1.36; *Biblioteca histórica* de Diodoro Sículo, Livro 14
401		*Anábase* de Xenofonte
400		*Críton* de Platão (sugerimos que somente cristãos amadurecidos leiam Platão)
399		*Fédon* de Platão (sugerimos que somente cristãos amadurecidos leiam Platão); *A Constituição de Atenas* de Aristóteles, cap. 42-69; *Apologia de Sócrates* de Platão (sugerimos que somente cristãos amadurecidos leiam Platão)
398		"Agesilau" em *Vidas paralelas* de Plutarco
396		*A república* de Platão (sugerimos que somente cristãos amadurecidos leiam Platão); *Ab urbe condita* de Lívio, Livro 5

a.C.	*Judá*	*Israel*	*Egito*	*Assíria/Babilônia/Pérsia*	*Grécia*	*Roma*

395 394 393 392 391						
390						Gauleses saqueiam Roma
389 388 387 386 385						
384					Nascimento de Aristóteles (filósofo grego) e de Demóstenes (orador grego)	
383 382 381 380 379 378 377 376 375 374 373 372 371 370 369 368 367						
366						primeiro cônsul plebeu de Roma
365 364 363						

362 361 360						
259				Artaxerxes III coroado		

a.C.	***Literatura bíblica***	***Literatura secular***
395		*Leis* de Platão (sugerimos que somente cristãos amadurecidos leiam Platão)
389		*Ab urbe condita de Lívio*, Livro 6
386		*Helênicas* de Xenofonte, Livro 5.2.1-fim *Biblioteca histórica* de Diodoro Sículo, Livro 15
384		"Demóstenes" em Vidas paralelas de Plutarco.
380		*Panegírico* de Isócrates
366		*Ab urbe condita* de Lívio, Livro 7 (guerras de fronteira)
360		*Biblioteca histórica* de Diodoro Sículo, Livro 16

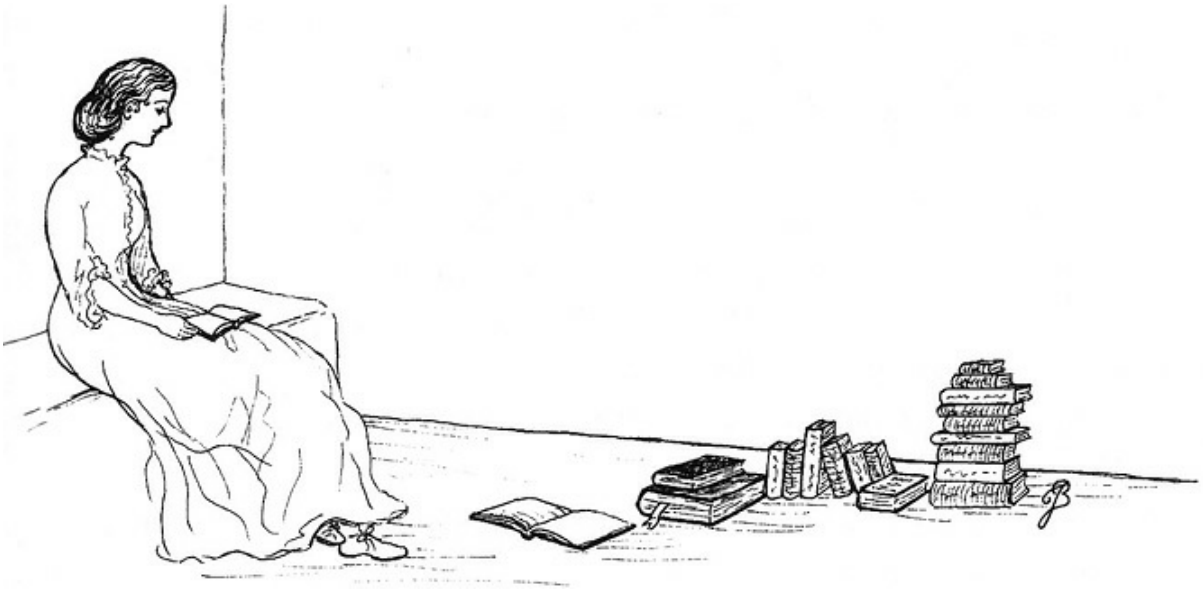
a.C.	***Judá***	***Israel***	***Egito***	***Assíria/Babilônia/Pérsia***	***Grécia***	***Roma***
358 357 356 355 354 353 352 351 350 349 348 347 346 345 344						
343					Aristóteles é tutor de Alexandre o Grande	
342					Nascimento de Epicuro (filósofo grego) e de	

					Menandro (poeta e autor cômico grego)	
341 340 339						
338					Filipe da Macedônia derrota os gregos	
337						
336					Filipe é assassinado/Alexandre o Grande coroado/Nascimento de Zenão (filósofo grego)	
335				Dario III coroado		
334					Alexandre o Grande derrota os persas	
333 332 331 330 329 328						
327					Alexandre o Grande invade a Índia	
326 325 324						

a.C.	***Literatura bíblica***	***Literatura secular***
354		*Areopagítico* de Isócrates
351		*Primeira Filípica* de Demóstenes
346		*A Filipe* de Isócrates
342		"Epicuro" em *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres* de Diógenes Laércio. *Carta a Heródoto* e *Carta a Menece*u de Epicuro (sugerimos que somente cristãos amadurecidos leiam Epicuro)
		Terceira Filípica de Demóstenes

341		*Ab urbe condita* de Lívio, Livro 8 (primeira Guerra Samnita e estabilidade do Lácio)
336		"Zenão" em *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres* de Diógenes Laércio. *Antiguidades dos judeus* de Josefo, Livro 11, cap. 8 *Geografia* de Estrabão, Livro 17.1.6-17.1.8 (descrição de Alexandria)
335		*Geografia* de Estrabão, Livro 1.4.9 (caráter de Alexandre) *Biblioteca histórica* de Diodoro Sículo, Livro 17
334		"Alexandre" em *Vidas paralelas* de Plutarco *Anábase de Alexandre* de Arriano, Livros 1-7 *Ab urbe condita* de Lívio, Livro 9
330		*A oração da coroa*, de Demóstenes
329		Obras selecionadas de Aristóteles (sugerimos que somente cristãos amadurecidos leiam as obras filosóficas de Aristóteles; as outras obras são para alunos avançados no estágio da sabedoria ou mais velhos)
323		*Biblioteca histórica* de Diodoro Sículo, Livro 18 *Histórias* de Políbio, Livro 6.2-18, 6.43-6.57

Capítulo Dez



Diferentes métodos e abordagens
na educação domiciliar à luz do trivium.

Pois quem é que te faz sobressair? E que tens tu que
não tenhas recebido? E, se o recebeste, por que
te vanglorias, como se o não tiveras recebido?
— 1 Coríntios 4.7

INTRODUÇÃO

A maior parte dos que estudam em casa está familiarizada com os diferentes métodos e abordagens na educação domiciliar e pode ser que empreguem muitos deles. Desejamos examinar essas abordagens a fim de ver que luz o *trivium* aplicado lança sobre elas. Mas antes, façamos uma revisão do modelo do *trivium* do desenvolvimento infantil. (Veja o capítulo quatro para uma explicação mais completa desse modelo.)

As crianças se desenvolvem continuamente no conhecimento, no entendimento e na sabedoria. Embora essas três capacidades se desenvolvam na criança desde antes do nascimento e sejam interdependentes, no entanto, ela passa por uma série de estágios de desenvolvimento — ou níveis de aprendizado — onde uma capacidade apresenta maior progresso que as demais:

1. Antes dos 10 anos, a criança está na *primeira fase do conhecimento (ou da gramática)*. Ela essencialmente aprende o idioma, constrói vocabulário e adquire seu entendimento básico do mundo. Essa criança precisa mais de treinamento do que de ensino. Deve ser treinada na autodisciplina e receber informações relevantes. É isso que estabelece os fundamentos adequados para mais estudos formais posteriormente.

2. Por volta dos 10 anos, a lâmpada continua acesa, e esse jovenzinho entra na *segunda fase do conhecimento (ou da gramática)*. Ele desenvolve as capacidades de pensamento mais abstrato. Pode lidar com conceitos matemáticos abstratos. Pode discernir entre um substantivo e um verbo. Dos 10 aos 12 anos, o conhecimento começa a progredir em direção ao nível abstrato, mas as habilidades de raciocínio e de comunicação ainda não se encontram plenamente desenvolvidas.

3. Jovens entre os 13 e os 15 anos estão na *fase do entendimento (ou da lógica)*. Começam a desenvolver as habilidades de raciocínio. São capazes de lidar com álgebra e geometria. Devem desenvolver o aparato crítico para o

pensamento. Devem ser mais indagadores e analíticos. A mente deve ser treinada para raciocinar corretamente sobre as coisas, para avaliar premissas e conclusões.

4. Jovens mais velhos, que estão entre os 16 e os 18 anos, estão na *fase da sabedoria (ou da retórica)*. Começam a desenvolver habilidades relacionadas à comunicação e à aplicação. Querem expressar de modo criativo e eficiente o que aprenderam e pôr tudo isso em prática.

5. Jovens adultos, que estão entre os dezenove e os 20 anos, na *última fase*. As capacidades de conhecimento, entendimento e sabedoria devem estar plenamente desenvolvidas e, durante essa fase, devem estar em uníssono com a capacidade moral de consciência conforme desenvolvem a responsabilidade bíblica descrita por Moisés — os que tinham 20 anos ou mais eram considerados responsáveis por sua decisão de não entrar em Canaã e, por conseguinte, morreram no deserto (Números 14.29 etc.)

Essas idades são meras aproximações, e o seu filho pode estar simultaneamente em duas delas. Um sumário mais exaustivo desse modelo é dado no final do capítulo quatro.

No final deste capítulo há uma tabela da *matriz do trivium* que expõe esse modelo do *trivium* para o desenvolvimento infantil de um modo que corresponde aos diferentes métodos e abordagens na educação domiciliar que discutiremos ao longo do presente capítulo.

O MÉTODO ESCOPO E SEQUÊNCIA

A maioria de nós, que estudou em salas de aula divididas por séries, está familiarizada com o *método escopo e sequência*. A primeira premissa desse método é a de que existe uma enciclopédia de informações que cada criança deve aprender. A segunda é a de que podemos dividir essa enciclopédia em pequeninas quantidades eficientes de acordo com doze séries e 180 porções diárias. A terceira é a de que cada criança deve ser capaz de digerir regularmente essas porções com outras crianças cuja idade difere em até nove meses da dela. Assim, do mesmo modo que uma linha de produção automobilística, conforme cada criança caminhe pela esteira educacional, são-lhe fixadas diversas partes ao longo do caminho e ela sai da linha de produção acadêmica na última série um produto acabado. Esse é o modelo fabril de educação. Ele negligencia uma série de coisas, como por exemplo o *treinamento* em comportamento adequado e conduta moral. Enquanto as famílias forneciam o treinamento comportamental e moral, o modelo fabril ainda era produtivo. Mas, à medida que cada vez mais produtos desse sistema foram tornando-se eles próprios pais, a família começou a deteriorar-se. Portanto, a família passou a fornecer cada vez menos do comportamento adequado e da conduta moral para manter a fábrica funcionando. Daí a linha de produção começou a produzir produtos que não funcionam direito. A fábrica em si *jamais* poderá fornecer o necessário *treinamento* para o comportamento e a moral: ela nunca poderá substituir a família.

Não há nada de errado com a noção de que existem certas coisas que cada criança deve aprender (o escopo) e de que existem diferentes fases de aprendizado (a sequência). (Perceba que não estamos dizendo que necessariamente concordamos com a ideia de alguém quanto ao que deveria ser esse escopo e sequência para cada criança.) O problema não é o modelo escopo e sequência em si, mas a maneira com que é aplicado. Não podemos espremer todas as crianças em um mesmo molde. Sendo iguais todos os

fatores (mas nunca o são), o programa escopo e consequência deve ser adaptado à criança, não a criança ao programa. Em outras palavras, devemos abandonar o modelo fabril de eficiência — que pode funcionar bem para automóveis — e adotar um modelo familiar orgânico — que funciona bem para crianças reais, vivas e em desenvolvimento. As editoras de *livros didáticos tradicionais* (A Beka, Bob Jones, Rod and Staff etc.) usam o método escopo e sequência, produzindo livros didáticos para cada matéria segundo os anos de cada série. Esses materiais foram originalmente escritos para o uso em salas de aula regulares. Algumas das escolas de ensino a distância (Christian Liberty, Seaton, Calvert etc.) reúnem manuais de diversas fontes. Para trabalhar com livros didáticos escritos para séries específicas (especialmente com as coleções desenvolvidas para séries específicas das escolas de ensino a distância, que trazem livro do professor, testes etc.), o educador domiciliar precisará adaptar o próprio método de ensino, conformando-o ao tempo e aos limites de frequência esperados pelo currículo do livro didático.

Uma forma diferente do método escopo e sequência é o *livro de atividades*. (Alpha Omega, Christian Light, School of Tomorrow etc.) As lições e os testes do aluno não estão em materiais de ensino distintos, mas incorporados no próprio livro do aluno. (O professor ainda tem as respostas dos exercícios). O texto é dividido em pequenas unidades que devem passar a ser do domínio do aluno. Visto que o aluno pode fazer quase todo o trabalho por conta própria, o livro de atividades reduz a necessidade de supervisão por um professor. Uma forma especializada de livro de atividades é o *texto interativo* (*Artes Latinae* de Waldo Sweet, *Homeschool Greek*), que conduz o aluno passo a passo através do processo normal de aprendizado (conhecimento dos fatos, entendimento de como as informações se encaixam, sabedoria em como usá-las), ao mesmo tempo em que continuamente confirma ou corrige a resposta dada. O método interativo é usado sobretudo com idiomas.

O *trivium* aplicado nos fornece um "escopo e sequência" geral do conhecimento, do entendimento e da sabedoria. Para cada matéria, os fatos (conhecimento) devem ser primeiramente bem aprendidos, em seguida a teoria (entendimento) e, por fim, a prática (sabedoria). Ademais, cada criança passa por uma primeira fase de conhecimento de desenvolvimento e treinamento (antes dos 10 anos), uma segunda fase de conhecimento (dos 10 aos 12 anos), uma fase de entendimento (dos 13 aos 15 anos), uma fase de sabedoria (dos 16 aos 17 ou 18 anos) e uma fase final em que a consciência está plenamente desenvolvida (dos 19 aos 21 anos). Todos os que ensinam em uma abordagem do *trivium* seguramente farão uso de alguns livros didáticos e livros de exercícios. No entanto, o professor irá editar e reorganizar os materiais a fim de adequá-los às fases de desenvolvimento do *trivium*. Materiais no modelo escopo e sequência são especialmente úteis para o estudo separado e mais intenso de matérias individuais. Por exemplo, textos nesse modelo frequentemente funcionam bem para Química e Física ou Geometria e Álgebra. Um livro de História no modelo escopo e consequência pode ser útil enquanto um esquema para o estudo da História.

O MÉTODO HABITUAL
"CHARLOTTE MASON"

O *método habitual* de ensino foi desenvolvido no século dezenove por Charlotte Mason. Esse método busca instilar hábitos de autodisciplina nas crianças por meio de rotina diária, concentração, honestidade, autocontrole, cooperação e altruísmo. As crianças devem ser expostas às melhores fontes de conhecimento e fazer uma narrativa oral do material para que desenvolva a atenção, a concentração e o entendimento.

A narração é uma parte essencial do método habitual de Charlotte Mason, mas também se ajusta muito bem ao *trivium* aplicado. Ela constrói e fortalece a mente, algo por que ambos os métodos se empenham. O método habitual encoraja as crianças a ter um amor pelo aprendizado que as leva à autoeducação. Novamente, essa ideia é central no *trivium* aplicado. Há uma ênfase em "livros totais" e "livros vivos" no método habitual. Nenhuma contradição aqui com o *trivium* aplicado. Charlotte Mason estimulava passeios pela natureza e a produção de cadernos sobre ela. Isso se harmoniza muito bem com a fase da gramática do *trivium* aplicado. Queremos que nossos filhos aprendam a observar e a registrar suas obervações.

Karen Andreola observou em seu artigo "De dentro para fora" em *Practical Homeschooling* (Nov/Dez, 1997) que "[...] o método de Charlotte está em desacordo com a forte ênfase de Dorothy Sayers no trabalho de memorização nas séries iniciais". "Uma verdadeira vida intelectual não é alcançada pelo exercício da mente das crianças como se não fossem nada mais do que máquinas de memória". Nós também divergimos de Dorothy Sayers nesse ponto. Embora possa haver algum valor em memorizar, em tenra idade, grupos de fatos (datas, fatos geográficos, cantos em latim etc.), há muito mais valor em memorizar trechos de literatura — tanto em prosa como em poesia — e em mais do que uma língua. Um grau precoce e elevado de domínio da língua é mais importante do que um domínio precoce dos presidentes. Além

disso, os fatos são mais bem aprendidos e menos enfadonhos quando estão em um contexto e não isolados como abstrações.

Na maior parte das vezes, o método habitual de Charlotte Mason e o *trivium* aplicado se encaixam bastante bem. Eles se complementam e se reforçam. Quando combinados, enriquecem a experiência da educação domiciliar.

O MÉTODO DE "UNSCHOOLING" AMBIENTAL

O *método unschooling*[1] (John Holt) busca fornecer um ambiente de livros e fontes que seja sem estrutura e sem diretriz. Os pais 1) fornecem um modelo de interesse no aprendizado, 2) envolvem os filhos nas próprias experiências adultas, 3) circundam-nos de um ambiente rico de recursos, 4) disponibilizam-se a responder perguntas e sugerem coisas que ajudem os filhos a explorar os próprios interesses. Eis, nas palavras dos proponentes do unschooling, as definições do termo *unschooling*:

> [...] O ponto de distinção entre os unschoolers[2] e os homeschoolers[3] é o grau de responsabilidade pela própria educação que concedemos aos filhos [...] Os *unschoolers* acreditam que a curiosidade natural de uma criança saudável, desde que haja acesso a um ambiente rico, levará a criança a aprender aquilo que ela precisa saber [...] Um aprendizado conduzido pela criança é fundamentalmente ativo. As crianças fazem coisas porque adquiriram a responsabilidade de realizar as ações necessárias para satisfazer seus desejos. O unschooling está focado na ideia de aprendizado, tendo o aluno como o centro da ação e a fonte da atividade, e não na ideia de ensino (tendo o professor como o centro da ação e a fonte da atividade) [...] A criança aprende que se ela quiser que algo aconteça, cabe a ela fazê-lo acontecer [...] As famílias que praticam o unschooling não montam salas de aula em miniatura, com horários próprios para o estudo, o pai ou a mãe fazendo o papel de professor, planos de aulas formais e currículos impostos. Além disso, diferimos quanto à quantidade de ordem que buscamos atribuir ao processo de aprendizado. Unhscoolers "radicais" impõem pouca ou nenhuma estrutura, embora haja livros disponíveis que funcionam como guias. Outros permitem que os filhos aprendam o que desejarem, mas proporcionam uma forte assistência organizacional com o objetivo de ajudar as crianças a alcançar seus objetivos. (A assistência pode ter a forma de aulas, cadernos de exercícios ou até mesmo trabalhos.) Certas famílias usam currículos para algumas matérias (geralmente Matemática), mas são mais livres que outras. A maior parte se empenha em tirar um aprendizado de atividades do cotidiano (*Unschooling Undefined* de Eric Anderson, http://www.olin.wustl.edu/Staff/bradford/unschool.html[4]).

> […] Uma melhor maneira de afirmar a posição do unschooling é que as crianças não devem ser forçadas a aprender algo contra a vontade […] Os unschoolers confiam aos

> filhos a escolha de aprender e reconhecem que o mais profundo e gratificante aprendizado surge quando se está ao menos fascinado, senão apaixonado, por um assunto […] Unschooling significa que os pais decidiram deixar de forma consciente muitas, quase todas ou todas as decisões por conta do aprendiz […] Os unschoolers acreditam que há tanta coisa que vale a pena ser aprendida e que há tantos caminhos para aprender algo que não há nenhuma boa razão para forçar alguém a aprender certos materiais em certas horas ou de certas maneiras. Além disso, os unschoolers se dinstinguem por seu alto grau de confiança de que os filhos se beneficiarão de receberem uma liberdade enorme para escolher a própria trajetória educacional (*Defining Unschooling* de Pam Sorooshian, http://www.comenius.org/chn/netnews/unschool.htm).

> Creio que a melhor forma de aprender se dá quando nós, e não outros, decidimos aquilo que tentaremos aprender, e também quando, como e por que razões ou propósitos; quando nós, e não outros, escolhemos por fim as pessoas, os materiais e as experiências com as quais aprenderemos; quando nós, e não outros, julgamos o quão facilmente ou rapidamente ou bem aprendemos e quando já aprendemos o bastante; e, acima de tudo, quando sentimos a totalidade e a imensidão do mundo em torno de nós bem como nossa liberdade, poder e competência nele. Que fazemos, assim, acerca disso? Como podemos criar ou ajudar a criar essas condições para o aprendizado? (John Holt em *What Do I Do Monday*).

A conclusão de John Holt no livro "How Children Learn" é uma boa definição de unschooling.

> Pássaros voam, peixes nadam, o homem pensa e aprende. Portanto, não precisamos, com efeito, motivar as crianças a aprender através de adulações, subornos ou intimidação. Não precisamos estar constantemente consumindo suas mentes para garantir que estão aprendendo. O que precisamos fazer — e é tudo o que precisamos fazer — é trazer o máximo possível do mundo para a escola e a sala de aula; proporcione às crianças toda a ajuda e orientação que pedirem; ouça de modo respeitoso quando tiverem vontade de falar; depois saia do caminho. Podemos confiar neles para o resto (http://www.unschooling.com).

Assim, que é unschooling? Não posso falar em nome de todas as pessoas que usam o termo, mas posso falar sobre minhas próprias experiências. Nosso filho nunca teve uma aula acadêmica; nunca lhe foi dito que devia ler ou aprender Matemática, Ciências ou História. Ninguém lhe falou de método

fonético. Nunca fez uma prova ou foi obrigado a estudar ou memorizar algo. Quando perguntam: "Que você faz?", minha resposta é que seguimos os nossos interesses — que levam inevitavelmente à ciência, à literatura, à história, à matemática e à música — todas aquelas coisas nas quais as pessoas se interessavam antes que alguém as pensasse como "matérias" - *What is Unschooling?* - de Earl Stevens

O principal pressuposto dos que advogam o unschooling é o de que se deve deixar a criança determinar a própria direção. Todo o teor das Escrituras está em desacordo com essa ideia.

> A vara e a disciplina dão sabedoria, mas a criança entregue a si mesma vem a envergonhar a sua mãe (Provérbios 29.15).

A primeira metade do versículo acima nos diz que uma criança deve ser disciplinada com a vara e repreendida por seu mau comportamento. O mau comportamento pode manifestar-se de muitos modos, inclusive intelectualmente.

> Ensina [instrui] a criança no caminho em que deve andar, e, ainda quando for velho, não se desviará dele (Provérbios 22.6).

Devemos ensinar intelectualmente nossos filhos. Não se deve deixar que determinem a própria direção.

> [...] o filho sábio alegra a seu pai, mas o filho insensato é a tristeza de sua mãe. [...] O filho estulto é tristeza para o pai, e o pai do insensato não se alegra. [...]O filho insensato é tristeza para o pai e amargura para quem o deu à luz (Provérbios 10.1; 17.21,25).

Não devemos educar estultos, e estultos são aqueles que foram abandonados a si próprios, que não foram ensinados nos caminhos do Senhor. Não devemos limitar essa sabedoria e essa estultice ao bom ou mau comportamento exterior. Inclui-se também o comportamento interior e intelectual.

Porque a boca fala do que está cheio o coração (Mateus 12.34).

Devemos focar na segunda metade de Provérbios 29.15: "... a criança entregue a si mesma envergonha a sua mãe". As crianças não devem ser deixadas "unschooled". Elas devem ser treinadas e ensinadas. Dizemos com frequência que "uma criança precisa mais de treino do que de ensino". Treino e ensino andam de mãos dadas, mas com crianças pequenas, o treino predomina, e essa necessidade de treino abre espaço aos poucos para mais ensino conforme a criança amadurece. Se tivermos tido nosso treino em tenra idade, uma criança mais velha estará preparada para muito ensino e precisará de muito pouco treino. Mas nem no treino nem no ensino defendemos abandonar a criança inteiramente a seus próprios interesses. Crianças não são pequenos adultos.

Com base nas Escrituras, rejeitamos completamente a noção de unschooling — em princípio e na prática — especialmente antes dos 10 anos. Os ensinamentos das Escrituras sobre o pecado original e da corrupção total devem sempre encerrar a discussão. Uma criança deve ser treinada no autocontrole e na autodisciplina, e deve adquirir as ferramentas e o equipamento de que precisará antes de poder embarcar em uma exploração guiada do mundo ao redor. Ela também precisa de certo treino acadêmico a fim de ser capaz de usar esses recursos da melhor maneira possível.

Depois que tivermos instilado tais disciplinas em nosso filho, proporcionar um ambiente aberto e rico de recursos pode ser a melhor coisa que podemos fazer por ele. Conforme uma criança adquire maturidade, especialmente na fase de sabedoria, deve ser-lhe gradualmente concedida mais liberdade no que ela busca. Mas mesmo os alunos que se aproximam da fase adulta — 20 anos — precisam de alguma estrutura em seu ambiente. Assim, propomos, contrastando fortemente com o unschooling, um *ambiente rico de recursos para alunos disciplinados*. Quanto mais disciplinado for o aluno, mais livre será o acesso aos recursos.

A ABORDAGEM EM UNIDADES DE ESTUDO

Estudar um tópico ou tema em particular — examinando-o da perspectiva das Ciências, das Belas Artes, da Matemática, da Língua, da História e da Literatura — recebe o nome de *unidade de estudo*.

Quando todas as matérias se encontram misturadas em torno de um tema comum, nós o chamamos de unidade de estudo *temática*. Criam-se unidades de estudo acerca de caráter pessoal (Konos, Advanced Training Institute), interesses científicos (Alta Vista) e História (Weaver).

Os pais podem também construir a própria unidade de estudo *de acordo com o interesse*, empregando todas as matérias para buscar atingir um interesse particular. No caso de uma criança que esteja menos motivada nos estudos, montar uma unidade de estudo em torno de um assunto no qual ela tenha muito interesse talvez seja útil para despertar o entusiasmo em outras matérias. Se uma criança tem um interesse particular por armas, podem planejar-se estudos em *história* das armas, em *física* e *química* das armas, em *matemática* das armas, em *língua* e *literatura* sobre armas, em *leis* relativas às armas etc.

A abordagem em unidades de estudo funciona bem na primeira e na segunda fase do conhecimento, quando se encharca a criança com informações reais. A mente tende a reter informações de modo mais preciso e abrangente quando não são mera coleção de fatos isolados, e sim parte de um todo inter-relacionado. O cérebro jovem acumula essas informações em pequenas unidades conectadas, que, por sua vez, são condutores para a produção de benéficas associações no futuro. Ainda que não usemos uma abordagem em unidades de estudo, seria mais vantajoso transformar o primeiro aprendizado em unidades de estudo em miniatura, em uma gavetinha de fatos associados.

Durante a fase do entendimento, é importante separar as disciplinas a fim de ensinar os seus conteúdos — Línguas, Lógica, Matemática, as ciências separadas etc. Ademais, essas disciplinas exigem muito tempo, o que pode limitar bastante a disponibilidade de tempo para seguir uma unidade de estudo. Redação, Literatura, História e Geografia podem ser seguidas como uma unidade de estudo, mas as demais disciplinas só podem roçar na unidade de estudo, sem deixar de seguir o próprio curso.

Essa abordagem pode funcionar bem na última etapa da fase da sabedoria, quando o aluno aproveita o seu conhecimento e entendimento para perseguir uma aplicação particular ou um projeto. Por exemplo, se estiver envolvido em um debate, seus estudos poderão ser modelados especialmente para acompanhar o tópico do debate.

A ABORDAGEM CLÁSSICA FORMAL

A *abordagem clássica formal* abrange as três disciplinas do *trivium* clássico: Gramática (latim e grego etc.), Lógica (falácias informais, lógica proposicional formal etc.) e Retórica (redação, oratória, debate etc.). Essas disciplinas fornecem ao estudante as três ferramentas formais com as quais poderão ensinar a si próprios. Os capítulos cinco, seis e sete deste livro lidam com as matérias da abordagem clássica formal. Embora as três disciplinas formais do *trivium* englobem a essência dessa abordagem, tecnicamente falando tal abordagem pode incluir também o *quadrivium* matemático bem como um currículo de grandes livros. (Nas sete artes liberais, o *quadrivium* é o complemento do *trivium*. Ele é descrito no apêndice um, artigo quatro).

O *trivium* clássico formal deve ser distinguido do *trivium* aplicado, que é um modelo educacional e um método de ensino, não um currículo de disciplinas. Está confuso? Infelizmente, a terminologia agrava a confusão. O *trivium* aplicado toma a ideia ou filosofia por trás das três disciplinas formais do *trivium* clássico e a adapta a questões de desenvolvimento infantil e de desenvolvimento da matéria. As três fases — ou níveis — do aprendizado pelas quais as crianças passam — gramática, lógica e retórica ou, como as chamamos, conhecimento, entendimento e sabedoria — são o modelo educacional do *trivium* aplicado. As três fases — ou níveis — para o ensino de uma matéria — gramática, lógica e retórica — ou os fatos, a teoria e a prática — são o método de ensino do *trivium* aplicado.

Este livro trata em sua maior parte do *trivium* aplicado, mas incorpora nele as três disciplinas formais do *trivium* clássico. Podemos dizer que o *trivium* clássico formal se encontra agora absorvido em algum lugar no interior de sua cria, o *trivium* aplicado. As vantagens do *trivium* clássico formal são debatidas nos capítulos cinco, seis e sete.

A ABORDAGEM DOS PRINCÍPIOS

A *abordagem dos princípios* começou com Rosalie Slater em 1965, quando publicou seu grande livro vermelho: *Teaching and Learning America's Christian History: The Principle Approach*. Nesse livro, ela condensou sete princípios da história e do governo americano cristão que são derivados da Bíblias.

1. *O princípio da individualidade*: Deus mantém a identidade e o papel únicos de cada coisa individual que cria. A marcha para o oeste do cristianismo expandiu a liberdade individual tanto interna como externamente por onde quer que tenha passado.

2. *O princípio da autonomia*: A lei divina é de dentro para fora. A verdadeira liberdade consiste em governar a si próprio, sem ser coagido de fora. Toda liberdade verdadeira começa com a autonomia individual, que se expande para a família, depois para a comunidade e para as instituições de uma nação — igreja, empresa, governo civil.

3. *O princípio do caráter cristão*: o caráter interno afetará o ambiente exterior. O caráter cristão da autonomia, da responsabilidade pessoal e da produtividade produz frutos que submeterão o ambiente exterior à ordem e à lei de Deus.

4. *"A consciência é a mais sagrada de todas as propriedades"* (James Madison). Cada indivíduo governa a si mesmo quando consente em fazer o bem segundo a própria consciência, que é uma propriedade que Deus nos concedeu para que a administrássemos.

5. *O princípio de uma forma bíblica de governo*. A Escritura ensina uma forma representativa de governo, sujeito a leis, com separação e equilíbrio de poderes.

6. *O princípio da autonomia local*. "A liberdade é uma responsabilidade individual [...]" (Samuel Adams). A ação do governo começa com o indivíduo

e avança para o ambiente externo. A autonomia é uma semente que deve ser plantada.

7. *O princípio da união política*. Acordos internos em princípios produzem acordos externos na prática. Todas as esferas do governo trabalharão em união quando estiverem de acordo no espírito — nas crenças, nos princípios e nos objetivos.

Os objetivos da abordagem dos princípios são: educar os filhos em uma perspectiva bíblica; desenvolver a habilidade de pensar biblicamente e de aplicar a palavra de Deus em todas as áreas da vida; criar neles autodisciplinas apropriadas, incluindo a responsabilidade pela própria educação.

Com o método da abordagem dos princípios, o estudante pesquisa uma matéria como história, governo ou literatura e concentra-se no governo de Deus no mundo. O estudante descobre:

a. A *providência* de Deus na história.

b. Os *princípios* de autonomia que protegem a liberdade.

c. As *pessoas* que preservam, conduzem, regulam ou direcionam nas áreas da vida que são tratadas pela disciplina em questão.

Esse método faz uso de um caderno organizado em torno *dos quatro erres*:

1. *Recolher informações* — identificar os princípios e os propósitos de Deus em relação a uma matéria em particular.
2. *Raciocinar* — a partir dessas verdades, determinar o significado e a importância da matéria no governo de Deus.
3. *Relacionar* — aplicar esses princípios ao caráter de cada estudante.
4. *Registrar* — escrever aplicações individuais dos princípios bíblicos para a vida.

A abordagem dos princípios pode ser entendida como uma aplicação do *trivium* natural, embora limitada ao foco do governo de Deus no mundo. O método enfatiza a reunião de fatos das fontes primárias, a análise dessas

fontes para discernir os princípios e, por fim, a aplicação deles em nossas vidas.

1. Recolher dados é reconhecer os fatos elementares — o conhecimento — da providência divina.
2. Raciocinar é procurar a teoria — o entendimento — da autonomia.
3. Relacionar e registrar é a aplicação prática — a sabedoria — do uso responsável e da extensão do governo de Deus em toda a vida.

A abordagem dos sete princípios é baseada em um estudo de história americana, mas tanto ele como o método prático de quatro fases podem ser expandidos para que incluam todas as outras disciplinas e adaptados para as diferentes fases do desenvolvimento da criança.

PRIMEIROS ESTUDOS FORMAIS VERSUS NÃO FORMAIS

Há alguns que acreditam que devemos introduzir todas as crianças na educação formal, estruturada, do tipo sala de aula o mais cedo possível, por volta dos quatro anos de idade e mesmo antes. Acreditam que é um desperdício de tempo esperarmos. Os primeiros anos são muito importantes do ponto de vista acadêmico. Outros acreditam que devemos retardar essa educação formal até os 8 ou 10 anos de idade.

Pesquise, e encontrarás

Pesquisas indicam que se começarmos a educação formal cedo demais, ela causará problemas no desenvolvimento da criança. Há uma pressão imposta aos sistemas infantis — como visão, audição, nervos e coordenação — que ainda não estão plenamente desenvolvidos. Nos primeiros anos, o cérebro ainda não está preparado para lidar com pensamentos abstratos complexos. Está mais adaptado para receber instruções lineares. Se for forçado a ir além de seu desenvolvimento, carecerá de compreensão adequada e armazenará as informações em lugares menos acessíveis do que se aprender essas mesmas coisas quando o cérebro estiver adequadamente desenvolvido e preparado para recebê-las. (Para mais discussão sobre esse tema, veja o apêndice um, artigo onze, História e pesquisa no ensino de Matemática.)

Uma base moral para os estudos

Se colocarmos uma boa base de autodisciplina e moral nos primeiros anos, a educação formal dos anos subsequentes será mais produtiva. Em vez de focar somente em questões acadêmicas nos primeiros anos, devemos também treinar nossos filhos no bom comportamento e no desenvolvimento da perspectiva moral, ensinando-lhes atividades domésticas, envolvendo-os na prestação de serviços a terceiros e levando a cabo com eles projetos que tenham por objetivo inculcar neles traços de diligência, perseverança, atenção

a detalhes e coisas do tipo. (Para mais discussão sobre esse tema, veja o capítulo onze.) Quanto mais lermos para as crianças, maior será a capacidade mental delas e também o vocabulário, os locais de categorias de pensamento e o amor em aprender. O que propomos é o oposto do "unschooling".

> Ensina [catequiza] a criança no caminho em que deve andar, e, ainda quando for velho, não se desviará dele (Provérbios 22.6).

Contra indulgências

Enquanto alguns, como nós, não defendem os estudos formais e estruturados na primeira idade, outros especulam que o que recomendamos é uma abordagem indulgente, sem exigências e mesmo negligente do ensino antes dos 10 anos. Será que alguém seria capaz de dizer que fazer coisas como ler e narrar Charles Dickens, memorizar os alfabetos grego e hebraico, memorizar e recitar trechos bíblicos e da literatura clássica, aprender a falar, ler e escrever em línguas estrangeiras antes dos 10 anos convém à categoria de indulgente ou sem exigências? De modo algum! No entanto, todas essas coisas são feitas por aqueles que assumem uma abordagem de estudos formais mais tardia. Concordamos do fundo de nosso coração que a educação na primeira idade é importante. Somente discordamos da noção de que é necessário seguir a metodologia moderna da educação formal na primeira idade. Em vez disso, defendemos o método clássico de educação que prevaleceu até o século vinte, que enfatizava a educação informal até uma idade em que a formal seja compreensível do ponto de vista do desenvolvimento. Por que tentar enfiar coisas na cabeça da criança em uma época — ou de um modo — que torna o material menos digerível?

O último século da educação tem sido um experimento crescente nos estudos formais oferecidos cada vez mais cedo ao mesmo tempo em que é acompanhado de um crescimento exponencial das "deficiências de aprendizagem" e coisas do tipo de um modo como nunca se viu antes. A evidência sugere uma relação direta entre estudos formais dados

precocemente e deficiências de aprendizagem, e isso pede bastante cuidado com a metodologia moderna. Reiteramos que recomendamos de algo mais próximo da metodologia clássica, ou seja, um retardamento dos estudos formais como regra, mas há muitas e variadas exceções, e os pais são os mais qualificados para discernir aquilo que é melhor para os filhos.

Imagine estes dois extremos: de um lado, temos um esquema de sala de aula rigoroso, tenso, engomado, rígido, formal, tipo academia militar. De outro, um esquema meio hippie, casual, relaxado, improvisado, do tipo venha-como-você-é-faça-o-que-quiser-e-saia-como-puder. Agora dizemos a você que deve escolher entre os dois esquemas acima. Que fizemos? Sugerimos que há somente duas possibilidades. Essa é a falácia do falso dilema. É como dizer: "Se você não é fascista, então é anarquista". Bem, há inúmeras possibilidades e não somente o fascismo ou o anarquismo. As pessoas que recebem educação formal na primeira infância não são necessariamente do tipo academia militar e as que recebem educação formal mais tarde não são necessariamente como o esquema meio hippie. Acreditamos que forçar as crianças em uma estrutura exageradamente rígida é contraproducente, mas muito pouca estrutura também o é. Não estamos tratando de opostos absolutos, e sim de diferentes pontos em uma escala, e o melhor deles será diferente para famílias e crianças diferentes em diferentes idades e em diferentes circunstâncias.

Exercitando o cérebro

Enfatizamos que as propriedades físicas do cérebro devem estar plenamente desenvolvidas antes de empenhar-se nas atividades que exigem mais delas. Quando se segue essa regra, o aprendizado progride de modo muito rápido e satisfatório. Se houvesse testes diagnósticos simples, porém precisos, para avaliar se a mente se encontra fisicamente preparada, poderíamos recomendá-los. Em todo caso, o melhor teste que conhecemos na praça é a avaliação dos pais — o palpite da educação doméstica — um método

cuidadosamente elaborado pelo qual o papai e a mamãe, depois de trabalhar com os filhos, chegam a um acordo: "É isso aí, ele está pronto para isso" ou "Nada disso, estamos indo rápido demais; vamos segurar um pouco aqui". Perceba, por gentileza, que os pais estão sendo treinados ao longo do processo tanto quanto a criança. Temos a suspeita de que esse era o modelo original.

Alguns pais são um tanto quanto compulsivos. Querem conduzir os filhos como escravos hebreus sem fornecer palha para os tijolos. (Seja como for, essa pode ser a impressão dos filhos.) Esses pais podem ser levados pelo desejo de exibir o progresso dos filhos ou podem ter a expectativa de que os filhos desempenhem suas atividades no nível de um adulto. Ou podem simplesmente estar tentando encontrar modos de manter os malandrinhos curiosos bastante ocupados e longe de encrencas. Mas as crianças são criaturas bastante resilientes. Desde que estejamos sintonizados com o que está acontecendo e não tentemos forçar demais as coisas antes da hora certa, um pouco a mais aqui ou ali não vai esgotar o cérebro dos pequeninos e eles progredirão em um ritmo agradável.

Há, entretanto, a dificuldade oposta de fazer muito pouco ou de ser muito relaxado. Isso pode ocorrer devido à preguiça ou ao espírito indulgente da parte dos pais. Ou pode ser o cansaço com o trabalho de criar um monte de baixinhos turbulentos. Adivinhe! As crianças têm resiliência nessa direção também. Contanto que não suavizemos demais as coisas, um pouco de frouxidão aqui ou ali não vai transformar os cérebros dos rapazinhos e das mocinhas em mingau de fubá.

Eles sobreviverão às menores enchentes ou às menores secas.

Ora, você é capaz de dizer que pais não são culpados de ambas as tendências? O que nos mantém em equilíbrio? Nosso amor por Deus e nossos filhos. O que nos deixa fora do equilíbrio? Nossos desejos mundanos e carnais. Perceba que esse problema é essencialmente espiritual. Não podemos ensinar disciplina a nossos filhos se nós mesmos não a temos. Uma das razões

pelas quais Deus nos deu filhos foi para incitar-nos à autodisciplina. Tudo depende de que desempenhemos o nosso papel de pais.

A solução de cabeça pra baixo

Nossa cultura está de ponta-cabeça. Aprendemos a acreditar que tudo depende do governo, da economia ou da igreja. Tornamo-nos dependentes das coisas que são na verdade dependentes de nós. Os que não governarem a si próprios serão governados por outros, e tratados como crianças. Uma vez que tenhamos rompido com o padrão de estar conformados com a estrutura externa que este mundo nos impõe, a estrutura e a autodisciplina internas, que foram construídas dentro de nós pela operação do Espírito de Cristo, começarão a agir fora de nós para transformar as coisas que nos circundam. Quando restaurarmos a jurisdição e a ordem cristãs na família, encontraremos pais agindo de modo muito mais responsável — como devem agir adultos maduros. Assim, a ordem progredirá exteriormente, da família para toda a sociedade. Seremos, pois, capazes de restaurar a ordem cristã e o governo da lei.

Lamentamos a decadência cultural que fez com que fosse necessário aos pais depender de estruturas externas para que mantivessem em ordem as próprias famílias — quer se trate de currículos programados rígidos, de escolas regulares ou de outra coisa. A solução para esse problema não é dar-lhes mais estrutura externa. A solução é construir a estrutura dentro deles, o que tornará a estrutura externa menos necessária. A solução é promover a autodisciplina dos pais. Em outras palavras, a solução é fazer com que os pais cresçam. Assim, a estrutura dentro dos pais gerará a estrutura exterior de que as crianças precisarão enquanto desenvolvem a própria estrutura interna sob o cuidado e a admoestação do Senhor que lhes são administrados pelos pais. Isso fará com que as crianças honrem e admirem ainda mais os seus pais, o que quer dizer que os amarão mais. A ordem correta será reestabelecida. A ordem de Deus. E Deus será glorificado.

Encher baldes versus acender fogueiras

Chris Davis, da Elijah Company, cita W.B. Yeats, "Educação não consiste em encher um balde, e sim em acender uma fogueira". (Ou talvez tenha sido Plutarco.) A lâmpada para o ensino formal não se acende até por volta dos 10 anos de idade. Antes desse tempo, podemos passar muito tempo ensinando coisas simples, frequentemente para a frustração tanto da criança quanto dos pais. Em vez de ensinar uma criança de cinco anos de idade a contar de cinco em cinco — e levar cinco dias para fazê-lo — podemos esperar até que ela tenha 9 ou 10 anos e ensiná-la em dez segundos — isso se ela mesma já não o tiver descoberto por conta própria.

Forçar a educação formal em uma idade precoce pode mais destruir promessas do que criá-las. As crianças que passaram por isso em uma idade muito precoce usualmente sofrem de um *jet lag*[5] de exaustão acadêmica em tempos posteriores. É certo que nunca devemos desestimular uma criança. Porém, tampouco devemos forçar excessivamente o ensino formal até um ponto de estresse ou frustração. Devemos exigir esforço de nossos filhos e desafiá-los a fim de que os fortaleçamos. Quando seu filho estiver preparado para aprender algo, ensine-o. Quando fizer uma pergunta, responda. Estimule questionamentos — e ensine-o as maneiras adequadas de perguntar.

Cada criança é diferente e existem pequenos prodígios que se entregam ao ensino formal e avançam mais longe e mais rapidamente do que os demais. Mas mesmo essas crianças precisam mais de *treinamento* do que de *ensino* nos primeiros anos. Uma criança brilhante que seja indisciplinada, mal educada e amoral pode vir a ser um verdadeiro desgosto, especialmente se tiver sido ensinada de modo formal. O *ensino* acadêmico formal não é equivalente ao *treinamento* infantil.

Deus inventou a família para que ela pudesse *formar do zero* e enculturar a criança com princípios, valores e objetivos piedosos. Não existe um substituto legítimo para a família. Aquilo que mais queremos fazer com os filhos durante os primeiros anos é *treiná-las* para que ajam conforme a cultura

cristã de nossa própria casa regulada pelas Escrituras, educando-as para que, por fim, assumam o próprio posto de autonomia em uma cultura piedosa. O *treinamento* infantil precoce e o desenvolvimento das faculdades físicas e mentais são uma preparação para mais ensino formal. Por volta dos 10 anos, depois que a criança tiver aprendido a ler e o seu vocabulário e categorias de pensamento estiverem bem desenvolvidos pelo ensino informal, as matérias formais do *trivium* poderão ser fácil e rapidamente aprendidas e o progresso acadêmico será uma alegria para a criança.

Assim, nosso foco antes dos 10 anos reside na construção das habilidades linguísticas — fala, leitura e escrita —, especialmente no que se refere a vocabulário. Esse é o principal sinal de inteligência ao longo de toda a vida. Faça as coisas de um modo concreto. Aos 10 anos, quando o cérebro passa por mudanças de ordem física e começa a fazer conexões complexas, começamos o aprendizado mais complexo e abstrato. Com essa ênfase nos primeiros anos, estabelecemos os fundamentos corretos para uma carga acadêmica plena posteriormente.

O ideal e o real

Em nossa opinião, o ideal seria aprender a falar e a escrever em vários idiomas e tornar-se familiarizado com uma vasta gama de literatura antes dos 10 anos, o que estabeleceria fundamentos amplos e sólidos para o ensino formal de Matemática e Gramática, que começaria em torno dos 10 anos. Tudo parece apontar para esse itinerário como sendo o melhor caminho a tomar. Mas nunca dissemos: "Nunca ensine matemática antes dos 10 anos". A ideia é tão ridícula quanto parece. Você não pode evitar de expor seus filhos a conceitos aritméticos. Eles os descobrirão por conta própria muito cedo. Ensine-os aquilo que estiverem prontos a aprender. Mas faça-o de um modo concreto, e não abstrato. É nisto que consiste o ensino formal da Matemática: permitir que a criança descubra o que quiser. Ademais, nunca dissemos: "Jamais ensine matemática formal antes dos 10 anos". Sempre dissemos que

se trata de um juízo que deve ser formulado pelos pais. Se tivermos um malandrinho precoce que queira aprender matemática e trabalhar bem com cadernos de exercícios, estaremos provavelmente equivocados se o restringirmos. Mas se o forçarmos além de suas capacidades naquela fase de desenvolvimento, estaremos mais propensos a causar anomalias no desenvolvimento da criança. Em outras palavras,

> E vós, pais, não provoqueis vossos filhos à ira, mas criai-os na disciplina e na admoestação *do* Senhor (Efésios 6.4).
>
> Pais, não irriteis [provoqueis *demais*] os vossos filhos, para que não fiquem desanimados (Colossenses 3.21).

Não traga a sala de aula para casa

O apóstolo Paulo faz esses alertas em Efésios e Colossenses justamente porque são necessários e devem ser considerados. O fato de algo poder ser caracterizado como "disciplinado" não significa que seja o mais vantajoso no final. Nós nos opomos ao rigor do tipo *caderno de exercícios formal e abstrato* por ser uma "provocação à ira" para o desenvolvimento correto da criança. Estimulamos outras vias e outros cronogramas que atingem exatamente os mesmos resultados com tanta ou mais disciplina, mas com menos comprometimento de tempo e com resultados mais satisfatórios. Em outras palavras, não traga a sala de aula para casa; em vez disso, ensine seus filhos. Isso disponibiliza tempo para outras coisas boas e importantes, como a leitura em voz alta. No entanto, como sempre o dissemos, os pais são os melhores juízes do que é o melhor para a família. Ademais, aquilo que é excessivo para uma família pode não o ser para outra. O ensino formal socialista do tipo "tamanho único" é incompatível com a educação domiciliar!

(Para mais informação sobre esse assunto, veja o Capítulo 12, subtítulo *Aritmética*).

Resumo

1. Rejeitamos completamente o unschooling na teoria e na prática. “O aprendizado negligente é um aprendizado ausente”.

2. Afirmamos o ensino disciplinado e adequado à faixa etária para todas as idades. Não, nós *insistimos* nisso. Mas disciplinado não significa necessariamente *educação formal, estrita, abstrata, baseada em cadernos de exercícios*.

3. Antes dos 10 anos, apoiamos — por via de regra — a formação das habilidades linguísticas, a cultura geral e a perspectiva concreta, bem como o treinamento do comportamento em atitudes piedosas e na disciplina pessoal. Isso estabelece uma base ampla e profunda para os estudos formais posteriores.

4. Antes dos 10 anos, não apoiamos — por via de regra, mas não como um princípio absoluto — uma carga grande de ensino formal, estrita, abstrata, baseada em cadernos de exercícios. Geralmente esse não é o melhor uso que alguém faz do tempo e tem o potencial de causar problemas em longo prazo.

5. Insistimos em dizer que os pais são os melhores juízes das necessidades da família. Não existe um plano do tipo “tamanho único”. O plano de Deus é que os pais estejam no comando.

CADA MÉTODO E ABORDAGEM
TEM O SEU LUGAR

A MATRIZ DO *TRIVIUM*

Incorporando abordagens variadas no trivium aplicado

Primeiro conhecimento *Antes dos 10 anos*	Conhecimento *Entre 10-12 anos*	Entendimento *Entre 13-15 anos*	Sabedoria *Entre 16-18 anos*	Amadurecimento da consciência *Entre 19-20 anos*

1. Método escopo e sequência *Manuais tradicionais e interativo*	
2. Método habitual *Charlotte Mason*	3. Ambiente rico em recursos *Para alunos disciplinados* *Contrário ao unschooling*
4. A abordagem em unidades de estudo *Segundo um tema.....Segundo um interesse*	
5. Abordagem clássica formal *Gramática, lógica e retórica*	
6. A abordagem dos princípios *Recolher informações, raciocinar, relacionar, registrar*	

FIGURA 10A

No quadro acima, colocamos cada método ou abordagem na coluna da idade, onde pensamos que se encaixaria melhor no *trivium* aplicado. Isso não significa que não possa ser utilizado em outras épocas, quando adequadamente adaptado. Nada é rígido e fixo nesse quadro. Evidentemente, a maioria dos métodos ou abordagens se estenderá, de algum modo e em certa medida, para a fase adulta.

A nossa posição é a seguinte: o ensino do *trivium* formal — Gramática, Lógica e Retórica — poderia ser considerado uma abordagem separada — a abordagem clássica formal (número 5 no quadro). Mas não devemos confundir o *trivium formal* com o *trivium aplicado*. O *trivium* aplicado deve ser a estrutura mais ampla ou matriz sobre a qual construímos todo o nosso

sistema educacional, simplesmente porque é desse modo que aprendemos — mesmo que nunca ensinemos de fato o *trivium* formal.

Como você pode perceber, esses métodos e abordagens não são mutuamente exclusivos. O *trivium* deve ser a matriz sobre a qual construímos o nosso próprio currículo, ao mesmo tempo em que conciliamos cada abordagem com o estilo de aprendizado de cada criança e com os recursos e limitações de nossa vida como família.

Pergunta: Quão rígidas são essas divisões para cada nível do *trivium*?

Resposta: Elas não são rígidas, mas seguem sim uma progressão regular ao longo das três fases. Pessoas diferentes as dividiram de modos diferentes e deram a elas diferentes nomes. Nós alargamos os limites de idade em um ano em relação ao modelo de Dorothy Sayers. (Veja apêndice um, artigo um, *As ferramentas perdidas do aprendizado*). Outros os reduziram em um ou dois anos em relação ao modelo de Dorothy Sayers. As diferenças se devem em grande parte às diferenças nas definições e às diferenças em como cada um avalia o progresso médio do desenvolvimento de uma criança. Quando avaliamos as diferenças, descobrimos que estamos tentando mensurar o quão amplo é o meio. Ao alargar ou estreitar a duração de cada fase (ou etapa), todos acabam mais ou menos no mesmo lugar, completando a fase da sabedoria (ou período poético, ou etapa retórica) por volta dos 17 ou 18 anos.

Podemos comparar essas diferenças com aquelas existentes entre a *Concordância* de Strong e a *Concordância* de Young: mesmo material, organização diferente. Nós simplesmente abordamos os mesmos problemas sob diversas perspectivas:

Nossas próprias divisões são baseadas sobretudo em:

1) Algumas alusões nas Escrituras.

2) Pesquisa científica — especialmente em desenvolvimento cerebral.

3) Observação pessoal — com nossos próprios filhos.

4) Evidência incidental — a observação de muitos outros.

5) Simplesmente o puro senso comum — nossas noções de ordem e proporção.

Em nossa casa, as divisões principais são:

1) 10 anos, quando o cérebro passa por uma notável mudança física.
2) Em alguma época de seu décimo terceiro ano (ele já tinha 12), Jesus foi encontrado questionando de forma independente os sábios, e isso parece marcar um ponto de desenvolvimento em Sua sabedoria (Lucas 2.41-52).
3) 20 anos, que é a idade bíblica da *plena* responsabilidade (Números 14.22-35; Deuteronômio 2.14-16; 1 Coríntios 10.5; Hebreus 3.8—4.5; Judas 5 etc.; Êxodo 30.40; Levítico 27.3,5 etc.), e é também a idade aproximada da maturidade no desenvolvimento cerebral.

Nossas divisões — 10, 13, 16, 18, 20 — devem ser compreendidas como um *limite máximo*, não *mínimo*. Em outras palavras, a criança deve estar na:

Segunda fase de conhecimento até os 10 anos;

Fase de entendimento até os 13 anos;

Fase de sabedoria até os 16 anos;

Fase de amadurecimento até os 18 ou 19 anos;

Fase adulta de plena responsabilidade até os 20 ou 21 anos.

Reiteramos: essa não é uma estrutura rígida. Pode haver pouquíssimas crianças que avançam para além dessas idades, mas a grande maioria coincidirá com elas ou as antecipará.

1 Optamos por deixar “unschooling” no original em inglês. Em português pode ser entendido como “aprendizado direcionado pela criança”. [N do T]

2 Adeptos do unschooling. [N do T]

3 Adeptos do homeschooling. [N do T]

4 Não conseguimos acessar o texto original no endereço dado pelos autores, mas encontramos a

seguinte página alternativa: http://www.midnightbeach.com/hs/UnschoolingUndefined.html#Author [N. do T.]

5 Trata-se de expressão inglesa que significa sensação de cansaço e desorientação sentida por passageiros de avião que atravessam muitos fusos horários em pouco espaço de tempo. [N. do T.]